

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação – PROPEP
Instituto de Educação – IE
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGA
Doutorado em Educação Ambiental

RENEL PROSPERE

AS MOBILIZAÇÕES COMUNITÁRIAS LOCAIS COMO ALAVANCA NO
REFLORESTAMENTO DO/NO HAITI: uma proposta de Educação Ambiental

Tese de Doutorado apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação Ambiental da Universidade
Federal de Rio Grande, como requisito
parcial à obtenção do título de Doutor em
Educação Ambiental.

Orientador: Alfredo Guillermo Martín Gentini

Rio Grande, 2015

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini (FURG) Orientador

Prof. Dr. Eder Dion de Paula Costa (FURG)

Prof. Dr. Geraldo Ceni Coelho (UFFS)

Prof. Dr. Humberto Calloni (FURG/PPGEA)

Prof. Dr. Francisco Quintanilha Veras Neto (FURG/PPGEA)

Prof^a. Dr^a. Renata de Melo Rosa (UniCEUB)

AGRADECIMENTO

Muito Obrigado

A Deus e aos Espíritos por guiarem meus passos durante esta caminhada.

Aos membros da banca de qualificação que repete neste momento final desta investigação: Prof^ª. Renata, Prof. Eder, Prof. Quintanilha, Prof. Humberto e Prof. Geraldo. Por suas preciosas contribuições que me ajudam a continuar.

Aos meus pais, Coeurcivil Prospere e Alina Charles pela compreensão diante da minha ausência e pela preocupação diante da lenta caminhada para o alcance de meus objetivos profissionais.

Aos meus irmãos e minha irmã, os quais, mesmo longe sempre me serviram de estímulo para a realização desse sonho.

A minha companheira Luana S. F. Prospere, pelo amor e estímulo durante esta caminhada.

Ao meu Prof. Orientador Alfredo Martín, pelas preciosas orientações ao longo desta caminhada. Sem o seu incentivo, o seu vasto conhecimento e a sua objetividade ao apontar os melhores caminhos, nada disso seria possível.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), pelas inigualáveis aulas e discussões promovidas, sem as quais os horizontes não teriam sido ampliados.

Ao Prof. Humberto Calloni, atual coordenador do PPGEA e à Prof^ª. Vanessa Caporlândia (ex-coordenadora) pelo apoio nas questões acadêmicas e administrativas em relação ao meu doutorado. E ao ex-secretário Gilmar e a atual secretária Daniele do PPGEA pela agilidade com as burocracias junto a secretaria do Programa.

A todos que, de qualquer forma, contribuíram para o presente trabalho. Em especial, aos membros do CTR do Haiti, a Alexandra e a Marilha pelas preciosas revisões ortográficas finais deste trabalho.

E finalmente, aos discentes do PPGEA pelos bons momentos que me proporcionaram durante a caminhada. E evidentemente, à FURG, que continua sendo um exemplo de Universidade Pública para todos.

LISTA DE FIGURAS

Fig.1 O mapa geográfico do Haiti	37
Fig.2 A imagem da matriarca na cultura haitiana	58
Fig.3 Tanque de guerra em plena circulação em Porto Príncipe	78
Fig.4 Mapa da proliferação das ONGs no Haiti.....	92
Fig.5 Trabalhadores na fábrica de “One World Apparel”, em Porto Príncipe	104
Fig.6 Trabalhadores reclamam seus direitos.	106
Fig.7 Escala de deterioração gradativa da economia haitiana	113
Fig.8 Muda de uma mangueira e as mangueiras adultas	124
Fig.9 Carregamento de carvão vegetal sendo transportado para o Porto Príncipe	127
Fig.10 O comercio de Carvão vegetal na estrada que liga o Haiti e a Rep. Dominicana	127
Fig.11 Outros meios de transporte de carvão vegetal	128
Fig.12 Produção semi-industrial de Carvão Ecológico no Haiti/Briquet	131
Fig.13 Preparação e armazenamento de cola vegetal para a produção de carvão ecológico	132
Fig.14 Fabricação de fogões adaptados aos briquetes e seu funcionamento	133
Fig. 15 Produção de carvão ecológico (tijolos) já é uma realidade	134
Fig. 16 Imagem de duas montanhas, o Haiti à esquerda e a Rep. Dominicana à direita	136
Fig. 17 Lágrimas ecológica de um país que se vai é a região Norte do Haiti visto pelo alto	137
Fig. 18 O ritmo de desmatamento no Haiti da década de 70 a 90	139
Fig. 19 Sr. Enio Nilo Schiavon, dono da propriedade ecológica do 8º Distrito de Pelotas-RS	157
Fig. 20 Aprendendo sobre agrofloresta na propriedade do Sr. Enio N. Schiavon ..	158
Fig. 21 A agrofloresta da propriedade do Sr.Enio N. Schiavon em plena extensão	159
Fig. 22 A trilha ecológica dentro da propriedade do Sr.Enio N. Schiavon	159
Fig. 23 A combinação de diferentes cultivos do Sr. Enio N. Schiavon	161
Fig. 24 As estufas e suas importâncias na referida propriedade	162
Fig. 25 Modelo de fogão eficiente	184

Fig. 26 Prática de Kombit no Haiti	203
---	-----

LISTA DE TABELAS E GRÁFICO

Tab. 1 Repartição da População por sexo, superfície e densidade (2009-2010).....	38
Tab. 2 Repartição da população por idade	38
Tab. 3 Repartição da População por Departamento em 2009, pesquisa feita em base de residência fixa, superfície e densidade.....	39
Tab. 4 Repartição da População por Departamento em 2010, pesquisa feita em base de residência fixa, superfície e densidade	39
Tab. 5 Incidência da pobreza no Haiti feita por residências	103
Tab. 6 Países dos remetentes de Transferst (envio) de dinheiro no Haiti.....	109
Tab. 7 Três tipos de fabricação do Carvão Ecológico desenvolvido no Haiti	130
Tab. 8 As espécies de árvores usadas em reflorestamento.....	146
Tab. 9 Fundamentos para agroflorestas sucessionais, a partir das bases teóricas desenvolvidas por E. Götsch.....	150
Tab. 10 Quadro comparativo entre dois (2) modelos de agricultura.....	154
Tab. 11 As plantas e árvores que podem ser usadas para reflorestar o Haiti.....	166
Tab. 12 Alguns recursos naturais pouco ou não explorados no Haiti.....	186
Tab. 13 Espécies nativas precursoras para o reflorestamento e sistemas agroflorestais no Haiti, família botânica e nomes populares no Haiti.....	232
Graf. 1 A densidade da cobertura florestal do Haiti de 1492 aos dias atuais.....	138

Resumo

A presente tese apresenta uma análise aprofundada acerca dos problemas ambientais do/no Haiti. Desde a perspectiva da educação ambiental emancipatória, a problemática questiona as causas do possível colapso ecológico haitiano; as hipóteses propõem a averiguar si o povo haitiano tem confiança suficiente em si mesmo, em sua capacidade, em sua vontade coletiva para rever os fundamentos da nação haitiana como a primeira república negra do mundo? E se eles estão dispostos a fazer os mesmos sacrifícios coletivos que os conduzem a sua independência em 1804 que são necessários, sem recorrer ao diletantismo para confrontar os verdadeiros problemas estruturais, aqueles que obstruem o caminho para o desenvolvimento social, econômico, político e ecologicamente. e como metodologia qualitativa, além da pesquisa documental, optamos por um trabalho de campo numa cooperativa de camponeses haitianos. Assim, dividimos esta investigação em quatro capítulos: O primeiro aborda aspectos históricos do Haiti e a dívida colonial, alguns indicadores demográficos, a implicação do pesquisador nesta pesquisa e a religião do Vodou no universo simbólico do ser haitiano. O segundo tange sobre as raízes da desumanização no contexto social, político e econômico do/no Haiti, a proliferação das ONGs nos últimos anos. No terceiro debruça sobre a longa história de depredação ambiental, o desmatamento acelerado e a possibilidade de uma catástrofe ecológica. E, por último terminamos com busca de alternativas, à invenção do carvão ecológico ou *Briquet écologique*, o fogão eficiente e nossa opção por propiciar concretamente algumas ações educativo-ambientais, a partir das práticas comunitárias do *Kombit* no reflorestamento para tentar diminuir gradativamente o desmatamento no Haiti.

Palavras-Chave: Haiti, Educação Ambiental, desmatamento, resistência, reflorestamento.

ABSTRACT

This thesis presents an in-depth analysis about the environmental problems in Haiti. From the perspective of environmental education emancipatory, it is questions possible causes of ecological collapse Haitian; the chance to find out whether the Haitian people has enough confidence in himself, in his capacity, in their collective will to review the fundamental of the Haitian nation as the first Black Republic in the world? And if they are willing to make the same sacrifices collectives that lead to its independence in 1804 that are required, without resorting to dilettantism to confront the real structural problems, those that obstruct the path to social development, economic, political and ecological. And how qualitative methodology, in addition to the documentary research may help this whole process. We chose a Field work in a cooperative of Haitian peasants. So, we split this investigation in four chapters: the first covers historical Haiti and the colonial debt, some demographic indicators, the involvement of the researcher in this research and the religion of Voodoo in the symbolic universe of being Haitian. The second comes on the roots of dehumanization in social, political and economic context of/in Haiti, the proliferation of NGOs in recent years. The third deals with the long history of environmental depredation, the accelerated deforestation and the possibility of an ecological disaster. And finally end with alternatives, to the invention of the ecological or coal Briquet stove efficient écologique, and our option by providing educational and environmental actions in particular, from the practices in communities in reforesting Kombit to try to decrease gradually the deforestation in Haiti.

Key words: Haiti, Environmental Education, deforestation, resistance reforestation.

RESUMÉ

Cette thèse présente une analyse approfondie sur les problèmes environnementaux en Haïti. Dans une perspective de l'éducation environnementale, on s'interroge sur les causes de l'effondrement écologique possible d'Haïti; la chance de savoir si le peuple haïtien ait, assez de confiance en lui-même, en sa qualité de première République noire indépendante au monde ? Et s'ils sont (les haïtiens) prêts à faire les mêmes sacrifices collectifs qui les a conduit à l'indépendance de 1804, qui sont nécessaires, sans avoir recours au dilettantisme à affronter les problèmes structurels qui obstruent le chemin d'accès au développement social, économique, politique et écologique. Et une méthodologie qualitative en plus de la recherche documentaire, Nous avons choisi de faire un travail de terrain dans une coopérative de paysans haïtiens. C'est ainsi que nous avons divisé cette enquête en quatre chapitres: le premier couvre les aspects historiques de Haïti et de sa dette coloniale, de quelques indicateurs démographiques, impliquant les recherches faites sur la religion vaudou en Haïti. Le second chapitre est livré sur les racines de la déshumanisation dans un contexte social, politique et économique de/en Haïti, la prolifération des ONG ces dernières années. Le troisième traite la longue histoire de déprédation environnementale, la déforestation accélérée et la possibilité d'une catastrophe écologique en Haïti. Et enfin, le quatrième chapitre termine par des solutions de rechange, à l'invention de l'écologique ou Briquet poêle écologique efficace et notre option sur le charbon en fournissant des mesures éducatives et environnementales en particulier, une campagne de sensibilisation, de pratiques dans le reboisement en vue de tenter de diminuer progressivement la déforestation en Haïti.

Mots-Clé: Haïti, l'éducation environnementale, déforestation, résistance, reboisement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Situando a Educação ambiental na pesquisa.....	19
Procedimento Metodológico da Pesquisa.....	28
1- HAITI: aspectos históricos, geográficos, culturais, religiosos e ambientais.....	31
1.1 Haiti o que é?	31
1.1.1 Alguns indicadores demográficos do Haiti.....	37
1.1.2 Situar o Haiti na pesquisa e a implicação do pesquisador na mesma.....	41
1.2 O Vodou no universo simbólico haitiano.....	46
1.2.1 O Vodou: sua origem e seu contexto histórico	47
1.2.2 O Vodou como a sinopse cultural.....	53
1.2.3 O Vodou e sua relação com outros elementos da cultura local.....	55
1.3 O Vodou como espaço religioso.....	59
1.3.1 Religião: tomando as definições em mão.....	59
1.3.2 O Vodou e sua ligação com a natureza.....	62
2- AS RAÍZES DA DESUMANIZAÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO DO/NO HAITI	67
2.1 A Esfera Social do Haiti e seus caminhos percorridos	68
2.2 A esfera política do Haiti e suas ambigüidades	82
2.2.1 A Política, em busca de uma compreensão do conceito	82
2.3 Uma mirada no Mapa das ONGs no Haiti	91
2.4 A esfera econômica do/no Haiti: uma mentalidade de assistencialismo	98
2.5 A ajuda Internacional e a diáspora haitiana na economia do País	108
3. HAITI: UMA LONGA HISTÓRIA DE DEPREDÇÃO AMBIENTAL.....	115
3.1 Haiti: uma longa história de depredação ambiental.....	115
3.2 Desmatamento acelerado pode levar o Haiti na direção de uma catástrofe ecológica	125
3.3 O que é uma floresta Tropical sua estrutura e suas relações simbióticas?	141
3.3.1 Uma área degradada o que é?.....	142
3.3.2 Reflorestamento o que é?	144
3.3.3 Agrofloresta: o que é e como se faz? Sua importância no combate à fome ..	148

3.4 Uma boa experiência no trabalho de campo realizada na Propriedade ecológica do Sr. Enio Nilo Schiavon	156
3.4.1 A agrofloresta na visão do agricultor ecológico	157
3.4.2. A agroecologia na visão de um agricultor ecológico	160
4- ALGUMAS ALTERNATIVAS EDUCATIVO-AMBIENTAIS PARA AJUDAR O HAITI DIMINUIR O DESMATAMENTO: reflorestação, carvão ecológico e fogão eficiente	164
4.1 As Alternativas educativo-ambientais para diminuir o desmatamento no Haiti..	164
4-2 Haiti e suas riquezas naturais quase não exploradas por falta de informação ou conhecimento	184
4.3 O papel estratégico e educativo das Mobilizações Comunitárias Locais (MCL) nesta investigação.....	201
CONCLUSÃO.....	209
REFERÊNCIAS	217
ANEXOS.....	228
LISTA DE ABREVIATURAS.....	233

INTRODUÇÃO

Ao penetrarmos na lógica da colonização, entenderemos a verdadeira raiz da situação atual do Haiti. É necessário afirmar que a primeira invasão da Ilha pelo Cristóvão Colombo, em 1492, deixou sequelas graves nas suas proporções e principalmente, sobre a ideia da colonização do poder. E em determinados momentos, o Haiti gozou do estatuto de país soberano e independente, em outros, passou sob a tutela direta ou indireta do imperialismo. Vale a pena lembrar as últimas três invasões e ocupações de forças estrangeiras sofridas pelo país: 1915-1934 (ocupação norte-americana) 1994-2000 (intervenções da OEA/ONU) e 2004-aos dias atuais (Missão de Estabilização da ONU liderada pelas tropas brasileiras). No entanto, seja em um contexto de ocupação direta de um país ou sob o manto dos organismos internacionais regionais ou mundiais, os prejuízos sempre tomam conta do cotidiano do cidadão, trabalhador e camponês haitiano.

Assim sendo, o colonialismo antigo oficialmente terminou para que a colonização moderna, instaurada pelos países centrais ou desenvolvidos, tomasse conta dos países da periferia em nome de “desenvolvimento”. Pode-se até falar em uma pós-colonização da Paz. De fato, em 4 de setembro de 1965, o Pontífice Paulo VI abençoou a Assembléia Geral da Organizações das Nações Unidas (ONU), o desenvolvimento como sinônimo da paz mundial.

Era o trem do desenvolvimento sendo posto em marcha, uma vez que na Resolução de 1514, a ONU está “convencida do fato de que a continuação do colonialismo impede o desenvolvimento da cooperação econômica internacional, atrapalha o desenvolvimento social, cultural, [ambiental] e econômico dos povos dependentes e milita contra o ideal de paz universal das Nações Unidas”. Porém, essa concessão de independência foi condicionada. Por exemplo, a Assembléia Geral advertiu que a “livre determinação de todos os povos”, a “promoção do progresso social” e a “ elevação do nível de vida dentro de um conceito mais amplo de liberdade” devem ocorrer “sem prejuízos às obrigações resultantes da cooperação econômica internacional baseada no princípio do proveito mútuo e do direito de suas riquezas e recursos naturais”. Óbvio é que a política de descolonização não fere as desigualdades que caracterizam essa relação internacional. Pelo contrário, chama atenção para respeitá-las. Em outras palavras: a livre determinação política deveria se operar dentro das relações econômicas internacionais desiguais. É claro, as instituições hegemônicas do mundo redirecionam as relações internacionais para o desenvolvimento como nova

estratégia de construção da paz moderna. Daí, o desenvolvimento se torna a ideologia mais difundida no mundo pós-guerra, completando-se, desse modo, o tripé Liberdade, Igualdade e Fraternidade da Revolução de 1789 (LOUIS-JUSTE, 2007, p.18).

No Haiti, tudo foi feito de maneira contrária, as Nações Unidas implantaram o projeto de “civilização desenvolvimentista” em 1948 levando técnicos estrangeiros com intenção de trazer a modernização, invadindo as terras dos camponeses haitianos com pretexto de aniquilar a produção nacional do país, convencendo o governo local que era o melhor para o país. Um ano depois, o governo continuara com este mesmo projeto, até que em 1987, a invasão e a comercialização do arroz estadunidense tomaram conta do mercado local¹, e agora o país importa quase 70% dos produtos alimentícios consumidos pela população.

Com uma produção nacional cada vez mais enfraquecida, muitas pessoas sentam-se obrigadas a buscar um meio de sobrevivência e acabam entrando na atividade do corte de madeira para fazer carvão vegetal. Tal atividade leva o Haiti a uma situação muito complexa no que diz respeito à degradação ecológica. O uso do carvão vegetal é muito marcante no Haiti, uma vez que a extrema pobreza implica no difícil acesso ao gás, tornando o carvão vegetal uma das únicas opções da maioria dos haitianos.

A presente Tese de Doutorado intitulada “*As Mobilizações Comunitárias Locais como Alavanca no Reflorestamento do/no Haiti: uma proposta de Educação Ambiental*”. Tem como finalidade proporcionar os (des)caminhos, rumos e alternativas através de uma análise construída após uma longa caminhada durante quatro anos de pesquisa a respeito da problemática ambiental do Haiti realizada no PPGA-FURG/ Programa de Pós- Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande junto à Linha de Pesquisa: Educação Ambiental Não Formal (EANF).

Dessa forma, percebemos que os cenários antagônicos e as contradições acerca do desmatamento no país nunca foram evocados para uma compreensão real e verdadeira. A subjetividade do camponês haitiano foi negada, este foi historicamente tachado como o verdadeiro culpado pelo mal que aflige o país, omitindo a grande luta

¹ Em maio de 1986, depois de duas semanas de sua posse como Ministro da economia e da fazenda no Haiti, o falecido *Lesly Délatour* se encontrou com a coordenação da Agência Internacional para o Desenvolvimento (USAID) para planejar a privatização das empresas públicas e a liberalização do comércio exterior. Para mais informação, pode-se consultar: DESHOMMES Fritz. **Haiti: La Nationécartelée**. Port-au-Prince: Éditions Cahiers Universitaires, 2006.

dessa classe trabalhadora que, em parte, sustenta o Haiti através de produção de gêneros alimentícios.

1. Nesse sentido, as perguntas a serem feitas nesta tese são as seguintes: será que o povo Haitiano tem a confiança suficiente em si mesmo, em sua capacidade, em sua vontade coletiva para rever os fundamentos da nação haitiana como a primeira república negra do mundo?
2. Os haitianos estão dispostos a fazer os mesmos sacrifícios coletivos que são necessários, sem recorrer ao diletantismo para confrontar os verdadeiros problemas estruturais, aqueles que obstruem o caminho para o desenvolvimento social, econômico, político e ecologicamente viável?

Entendemos e aceitamos essas perguntas como a base da problemática da pesquisa. Mas, acreditamos que é possível realizar essas tarefas acima questionadas, traçando caminhos concretos de superação da pobreza aliada a sustentabilidade, em conjunto com as Mobilizações Comunitárias Locais como o tripé “Vodu - o Kombit e a cooperativa”, na luta contra o desmatamento e a propreza do país. Assim, no decorrer dos capítulos encontraremos mais respostas para cada uma delas.

Cabe aqui frisar o pensamento existencialista do filósofo francês Jean Paul Sartre que disse: *l'homme n'est rien d'autre que cequ'il se fait*, (o homem é nada mais do que ele se faz). Essa vontade que diferencia o existencialismo das demais correntes filosóficas. É um ingrediente necessário na realização de qualquer trabalho humano, tanto de forma individual como de forma coletiva. Mas é importante dizer que essa vontade, por si só, não é suficiente, precisa-se de paciência, de reflexão e a preocupação de *savoir-faire*. Assim, pode ser o primeiro passo para começarmos a fazer essa reflexão acerca deste estudo.

Com isso, tendo a consciência das limitações que podem apresentar no desenrolar da pesquisa, peço licença ao leitor para usar a primeira pessoa do singular para falar de mim, minha trajetória, com intuito de desvelar o que há por trás da escolha na temática da presente pesquisa. Assim, após ter concluído o mestrado no mesmo Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, cujo título foi: “*A Educação Ambiental em tempo de crise: desafios e propostas depois da catástrofe haitiana*”, senti a necessidade de dar continuidade à pesquisa, com intuito de

complementar, para poder compreender/entender a realidade identificada bem como apontar caminhos para seu enfrentamento.

Penso que existe uma série de fatores inerentes à comunidade que devem ser investigados/desvendados, os quais fazem parte das subjetividades do ser haitiano, da história da comunidade e de sua relação com o meio ambiente, e que são dificilmente mensuráveis em variáveis quantitativas de pesquisa.

A escolha do tema da presente tese apontou-me questões mais abrangentes e desafiadoras. O que me comoveu ou me manteve em movimento nestas empreitadas foram: dúvidas, anseios, indignações, desejos, esperanças e utopias² que hoje me constituem como pessoa.

Percebi que vivenciei vários mundos. Assim, dei-me conta do meu vínculo com a área da Educação. Talvez, por ter nascido em um país no qual ter acesso à Educação não é um privilégio para todos, sempre fui fascinado e interessado pelo mundo da Educação, pela luta da preservação da natureza, pela luta dos camponeses, pela importância da mobilização das Comunidades Locais e principalmente pelo futebol.

Nasci de uma família grande de sete irmãos. Meu pai era agricultor e minha mãe era comerciante. Minha ligação com o campo e com a natureza veio desde muito cedo. Meu pai, através de sua filosofia de vida, sempre nos explicou a importância da mãe terra na nossa vida, e o quanto devemos cuidar e venerá-la porque sem a sua benevolência não teríamos o que comer. Minha mãe, por outro lado, através dos seus fundamentos do Vodou, sempre nos ensinou a importância desta religião na nossa cultura e na nossa vida. É importante ressaltar aqui, que realizei meu Ensino Fundamental e Médio no Haiti e foi uma experiência muito boa, tive oportunidade de compartilhar bons momentos com meus amigos de infância.

Assim, em 2004 cheguei ao Brasil para iniciar meus estudos superiores, ingressei no Curso de Filosofia na Universidade Católica de Pelotas-RS. Quando iniciei o curso de Filosofia meus interesses iniciais foram obter conhecimentos acerca das questões mais pertinentes sobre o homem com o meio em que ele se encontra inserido.

²O conceito “utopia” neste trabalho pode ser entendido no sentido freireano no qual “A desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da História, de sonho, da utopia, da esperança. E que, na inteligência mecanicista, portanto determinista da História, futuro é já sabido. A luta por um futuro assim “a priori” conhecido prescinde da esperança” (FREIRE, 2006, p. 73).

A formação que tive foi de forma integrada; por isso, permitiu-me uma verdadeira mudança de pensamento que me levou a acreditar ingenuamente que a educação deveria ser a solução dos problemas do mundo. De fato, deveria ser a solução, mas sabemos que não é tão simples assim.

Por sua vez, quem poderia acreditar na possibilidade de que um ex-jogador de futebol³, depois de uma rápida passagem na vida religiosa na qual aprendi muito sobre as principais grandes religiões do mundo com os Frades Franciscanos, tendo descoberto muito cedo que não tinha vocação para o sacerdócio, acabaria por se apaixonar pela antagônica filosofia? Logo, iniciei uma pós-graduação em educação em nível de especialização na UFPel e no ano de 2009, fiz a seleção para o Mestrado em Educação Ambiental no PPGEA-FURG e em Educação na FaE/UFPel. Em 2011, realizei a seleção no PPGEA-FURG para o ingresso do nível de doutorado, dentro do qual realizei a presente Tese.

As leituras realizadas durante a escrita desta tese proporcionaram-me entendimento suficiente para perceber a dupla função ideológica da Educação Ambiental (EA).

- 1) Uma função que pode estar a serviço do “*estus quo*” do sistema vigente;
- 2) E outra que pode estar a serviço da transformação social (EA transformadora), a qual pode também desempenhar papel bem abstruso do que frequentemente disseminado que não se restringe às questões ambientais, abrangendo as questões sociais.

Ao compreender que a EA tem este papel fundamental, que é a função social e seus pressupostos, que vão ao encontro das minhas inquietações e desejos, acabei direcionando meu olhar para as questões ambientais, não só no Haiti, mas no planeta, mediante a crise ambiental em que vivemos. O aprofundamento contínuo deste trabalho é uma possibilidade de mudança real após o aprofundamento do diagnóstico comunitário compartilhado, já que este também é nosso compromisso enquanto educador ambiental, pesquisador ético e professor.

Portanto, temos o dever de ajudar as comunidades que estão fora dos muros acadêmicos a encontrar alternativas para solucionar seus problemas, em particular, o problema ambiental do/no Haiti, objeto de estudo desta tese.

³ Trata-se de um sonho de infância, o qual cheguei a realizá-lo, jogando em Terrier Rouge no time JBC (Jeune Buteur de Calvaire) da terceira divisão nacional do país.

De acordo com Dias (2004), existem “n” variáveis que podem agravar os problemas ambientais de um país:

- 1) A fome, a grandes disparidades entre as populações humanas quanto à qualidade de sua existência, a deterioração dos ecossistemas e das paisagens, a desertificação, a escassez crescente dos recursos naturais, as múltiplas causas de contaminação e a degradação da qualidade de vida têm justificado amplamente o alarma surgido nos últimos trinta anos;
- 2) A miséria agrava a vulnerabilidade dos países;
- 3) Nos países em desenvolvimento, as estratégias de crescimento econômico buscam um aumento máximo dos benefícios e baseiam-se em planejamentos fragmentados que a curto prazo não garantem a conservação dos ecossistemas;
- 4) A satisfação das diversas necessidades humanas, associada a um consumo excessivo de recursos e um rápido crescimento demográfico, tem exercido uma pressão crescente sobre o meio ambiente, quer seja diretamente, pelo excesso de exploração das riquezas naturais, ou indiretamente, ao produzir quantidades excessivas de detritos em relação à capacidade de absorção e depuração do meio ambiente;
- 5) De modo frequente, tem-se confundido o crescimento com o desenvolvimento;
- 6) [...] promover um desenvolvimento que respeite a capacidade de assimilação da biosfera (DIAS, 2004, p.209-10)

Conforme a citação acima, podemos até nos arriscar a afirmar que há um grande equívoco do projeto da modernidade, em relação ao crescimento econômico, desenvolvimento econômico e desenvolvimento sustentável. Não é possível acreditar em um crescimento econômico infinito, se os recursos do planeta terra são finitos. Assim, podemos compreender o porquê dessa grande disparidade entre as nações, enquanto a sua qualidade de vida. E sabemos que essa disparidade entre as nações, aproveita e se beneficia de quem as cria.

Dessa forma, a questão da fome, da miséria e da pobreza sempre serão grandes pautas na conjuntura nacional e internacional, assim, o alimento tende a vir ser fonte de poder, tanto quanto o conhecimento.

A natureza, nas palavras de Jonas (1995), parece ser um novo objeto de responsabilidade, como mostram as situações sem precedentes, resultantes de ações cumulativas e ações irreversíveis, denunciadas pela ecologia e não abrangidas pelo enquadramento tradicional da ética. Este apelo (mudo) da natureza não é só um sentimento, porquanto é sancionado pela maneira de ser das coisas, dado que a tecnologia, por si só, trata a natureza como meio sem lhe atribuir à

dignidade de finalidade. Assim, tem de existir um poder que a modere atendendo à "sacralidade" da natureza.

Este pensamento vai ao encontro de Berner (1996), quando diz que somos interpelados e convocados, enquanto professores, a dar uma resposta ética às tarefas com as quais nos confrontamos no mundo moderno e, principalmente, na pesquisa. Esta responsabilidade é, em primeiro lugar, uma responsabilidade humana e antes de falar de qualquer responsabilidade do filósofo, de cientista e pesquisador, é preciso sustentar a responsabilidade do ser humano. Acreditamos que esta responsabilidade pode ser concebida como um modo de "resposta" à natureza.

Na verdade, os enfoques teóricos contemporâneos direcionam a questão sócio ambiental, integrando as questões referentes à EA (Educação Ambiental) - enfoques que procuram superar a dicotomia: os saberes tradicionais e o científico.

A necessidade de entender uma sociedade e/ou comunidade, mostra que é indispensável envolver todos os atores e interesses envolvidos, principalmente, aqueles das comunidades dos camponeses que dependem exclusivamente dos recursos locais (DIEGUES, 1996). Sendo assim, as pesquisas no campo da EA são decisivas e, ao mesmo tempo, desafiadoras, visto que as preocupações ambientais são cada vez maiores nas sociedades de consumo.

Inclusive as notícias, as informações do/no mundo inteiro são dramáticas e os prognósticos são cada vez mais preocupantes. Estiagem, desmatamento, retração dos gelos polares, elevação do nível dos oceanos são, entre outros, sinais evidentes das conseqüências das ações dos seres humanos. Neste caso, o papel da EA revela-se fundamental na busca constante por caminhos ensejadores de alternativas na construção de uma sociedade diversa, participativa e justa.

A educação ambiental deve impulsionar processos orientados na construção de uma nova racionalidade social (Leff, 1998). Processos de reflexão crítica, de questionamentos da racionalidade econômica e homogeneizadora dominante que possibilite as diversas comunidades legitimar seus saberes frente aos hegemônicos, colocando-os em conjunto, produzir e apropriar-se de saberes para participar, autogestionar e decidir de forma autônoma. Em consequência referenciamos a uma educação ambiental politicamente comprometida (GARCIA, 2009, p.11).

Essa "educação ambiental politicamente comprometida" como salienta a autora na citação acima, deve ser a base na teoria da responsabilidade com o

fundamento racional da obrigação, enquanto princípio válido por detrás do dever. Ou seja, é como a galáxia do psíquico que movimenta a vontade e que determina o andamento da ação.

A ética, neste caso, mostra-se indispensável e aparece sob dois sentidos: um objetivo, de razão e outro subjetivo, da emoção. Portanto, são dois aspectos complementares. Por isso, as manifestações de direitos teoricamente perfeitos não nos movem a agir por si sós, se não tivermos responsabilidade. Para Jonas, 1995, podemos ser “bem intencionados, ter boa vontade ou bom coração com os apelos da lei. Mas os imperativos da razão só movem se acionados por a sensibilidade” (JONAS, 1995, p.08).

Dessa forma, a educação ambiental nesta pesquisa se propõe a fazer uma inclinação integradora das discussões acerca dos problemas socioambientais, em particular, a problemática ambiental do/no Haiti. A discussão em torno da EA que procura desenvolver o relacionamento dos saberes existentes, tanto no espaço comunitário, como acadêmico. Porém, o campo da EA possui diversas orientações-metodológicas, e está sendo usado neste trabalho o campo da EA crítica transformadora.

Entendemos por EA, aquela que procura auxiliar uma leitura de um mundo difícil e instrumentalizado para uma intervenção que possa contribuir no processo de transformação da realidade sócio-ambiental. Por sua vez, é uma abordagem que critica as relações de poder, as quais são importantes na construção de significados, na organização do espaço e tempo em suas múltiplas decisões.

Nessa ótica, buscamos desvelar as lutas, entendermos a complexidade da realidade. Porém, apenas desvelar não resulta essencialmente numa diferenciação. Para este autor, é indispensável “uma práxis em que a reflexão subsidie uma prática criativa e essa prática dê elementos para uma reflexão e construção de uma nova compreensão do mundo” (GUIMARÃES, 2004, p.15?).

O autor critica uma EA pouco articulada à ação coletiva e à mudança da realidade vivida (GUIMARÃES, 2004). Sem dúvida, a autonomia e a participação são pressupostos fundamentais destas abordagens de EA. A participação tem que buscar como base a partilha do poder e o respeito pelo outro; deve ter como intuito a garantia da igualdade nos momentos de tomada de decisões. Para ele, a

participação significa exercer a autonomia com responsabilidade (LOUREIRO, 2004).

Reconhecemos que a responsabilidade é uma liberdade humana. Dessa forma, é necessário que cada indivíduo, de uma sociedade assuma a sua parcela de responsabilidade. Se cada um fizer sua parte, pensando no caso ambiental haitiano os problemas serão amenizados. Trata-se de dever de cada haitiano, estando em seu país ou fora dele. Dessa forma, é interessante abordarmos esse grande desafio, embora o problema do Haiti não seja única e exclusivamente ambiental.

Mas, com a problemática ambiental desse país, de acordo os últimos relatos do Ministério do Meio Ambiente do país, constata-se que:

“dois anos após os acontecimentos de 12 de janeiro de 2010, o Haiti vive uma dramática deterioração do meio ambiente, e desde os anos 60, a cobertura florestal hoje é inferior a 2%. Neste contexto, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) apóia os esforços do Ministério do Meio Ambiente com o roteiro que pretende aumentar a cobertura florestal até 5% dentro de cinco anos 3,5 % de acordo com o Primeiro-Ministro, Dr. Garry Conille” (Le Nouvelliste⁴, p. 06, 2010).

Trata-se de um grande desafio que engloba os problemas políticos, sociais, culturais e econômicos, sem dúvida, de problemas éticos. Todas essas constatações motivaram o desenvolvimento da pesquisa.

Situando a Educação Ambiental na Pesquisa

Primeiramente pensamos em trazer alguns termos ou adjetivações que estão presentes e complementam o termo “Educação Ambiental”: educação ambiental conservacionista, socioambiental, crítica, emancipatória, transformadora, popular, política, comunitária, formal, não formal, para o desenvolvimento sustentável, alfabetização ecológica, pedagógica, entre outras. Neste mosaico de denominações é possível perceber identidades, diversidades, convergências e contradições. (SORRENTINO (2002), SAUVÉ (2002), GAUDIANO (2001; 2002). Existem, ainda, outros enfoques que a educação ambiental é abordada. Citamos educação ambiental tradicional, crítica, educação ambiental no licenciamento e na hermenêutica.

⁴ É jornal mais antigo em circulação no Haiti, fundou-se em 1898.

O modo como se realizam a educação e as diferentes compreensões da relação sociedade-natureza inerentes a esta, requalificadas com a publicização das questões postas pelo ambientalismo não nos permite, ao nos referirmos à educação ambiental, apontá-la de forma única e monolítica. Esta deve ser vista como sendo uma miríade complexa constituída por sujeitos ecológicos com visões paradigmáticas de natureza e sociedade, numa rede de interesses e interpretações em permanente abstruso conflito e diálogo (CARVALHO, 2003, p.89).

O conceito de Educação Ambiental já é adjetivado. Trata-se da qualidade ambiental aplicada à educação. Por que tantos adjetivos? O que significa o fato de haver tantas denominações quando se fala em Educação Ambiental? O que isto transparece no que se refere à produção teórico-conceitual nesta área? Acreditamos que a educação ambiental clama por um aprofundamento teórico que sustente suas bases, permitindo um avanço na práxis significativo e perene.

As adjetivações, por si só, não representam um problema. A educação ambiental “geral”, ela própria, não se constitui como campo sólido do conhecimento, não apresenta uma conceituação clara, permitindo inclusive divergências e contradições?

No Congresso de Belgrado (1975), a Educação Ambiental foi definida como sendo um processo que visa:

“(...) formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e com os problemas que lhe dizem respeito, uma população que tenha os conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o sentido de participação e engajamento que lhe permita trabalhar individualmente e coletivamente para resolver os problemas atuais e impedir que se repitam (...)”

No Capítulo 36 da Agenda 21, a Educação Ambiental é definida como o processo que busca:

“(...) desenvolver uma população que seja consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhes são associados. Uma população que tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar, individual e coletivamente, na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos (...)”

Segundo Reigota, a educação ambiental é uma educação política, devendo ser enfrentado na América Latina o desafio de mudar as idéias de modelo de

desenvolvimento econômico, baseado na acumulação do capital e econômica, no autoritarismo político, no saque aos recursos naturais, no desprezo às culturas de grupos minoritários e aos direitos fundamentais do homem (2002, p.61).

Para Gaudiano (1998), é importante notar que educação ambiental é um conceito em construção, apresentando por isso diferenças de visão. Desse modo, o termo é usado com significados distintos e, muitas vezes, contraditórios.

Independente das adjetivações e conceituações aplicadas à educação ambiental, basicamente poderíamos dividir a educação ambiental em dois grupos.

Um convencional, centrado no indivíduo, comportamentalista, com abordagens tecnicistas que se preocupam com os efeitos aparentes dos problemas ambientais e desprezam suas causas mais profundas e históricas.

É possível hoje, mais do que nunca, ocultar sob a fachada de um saber técnico uma decisão na verdade política. Da mesma forma, o universo da locução técnica serve para reproduzir e legitimar o *status quo* e repelir outras alternativas que porventura se coloquem contra ele (BRÜGGER, 1994. p.80).

Para Lima (2003), as análises cujas interpretações privilegiam os efeitos dos impactos ambientais, em razão de suas raízes primeiras, também realizam um reducionismo ao abordar os problemas que não podem ser transcendidos pela simples erradicação dos sintomas aparentes. Ou seja, a eliminação dos sintomas sem a supressão de suas causas formadoras traz uma ilusão de mudança, mas não transforma a realidade do problema que nos atinge.

Percebe-se uma visão unilateral da questão ambiental que fragmenta a realidade ao explicar o todo através das partes. Constata-se, desta forma, uma sequência de explicações que separam: a explicação técnica da política; a visão ecológica da social; a abordagem individualista da coletiva; a percepção dos efeitos das causas e a esfera do consumo da esfera da produção - todas, expressões reducionistas que não respondem à complexidade do problema. (LIMA, 1999)

Harvey (1974) reforça que a totalidade pode ser concebida como um agregado de elementos, uma simples soma de partes que se combinam sem ser moldados por nenhuma relação pré-existente dentro da totalidade. De outra forma, pode-se conceber a totalidade como algo “emergente” com uma existência independente de suas partes enquanto que também domina e modela as partes que

contém. Mas a concepção relacional e não aristotélica de Marx o permite uma terceira concepção da totalidade, na qual o que se considera fundamental não são as partes nem o conjunto, senão as relações dentro da totalidade.

Nesse sentido, a incorporação superficial, a partir de um acoplamento direto de conceitos que se encaixam em certos modelos prévios e idealizados de realidade, “sem a confrontação de argumentos e o diálogo epistemológico, banaliza o embate ambiental e não pode ser vista como um caminhar no sentido da integração de saberes” (LOUREIRO, 2009, p. 36).

Guattari, também, considera que:

Não haverá resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais (GUATTARI, 1999, p.9).

Loureiro refere que:

Nesse tipo de pragmatismo exterioriza-se a realidade e coloca-se a solução exclusivamente no domínio tecnológico e na vontade de querer fazer e resolver, reduzindo a complexidade e a radicalidade paradigmática introduzida pelo ambientalismo (...) essa abordagem é reducionista, teoricamente inconsistente e politicamente inconsequente (LOUREIRO, 2009, p.43-44).

Para compreender estas diversas relações é necessário abordar os estudos ambientais desde uma perspectiva sistêmica, através da qual é possível reconhecer componentes, inter-relações e particularidades.

De acordo com Sato, Gauthier e Parigipe (2005), na tentativa de buscar novas alternativas e proposições democráticas surgiu, na década de noventa, o famoso “Programa Cone Sul Sustentável”, uma iniciativa dos países como Brasil, Uruguai, Chile e Argentina, que procuram propostas para os modelos de desenvolvimento da América Latina (LARRAÍN, LEROY, NANSEN, 2002).

Ao criar o “Pacto de Ação ecológica da América Latina/PAEAL”, realizado através do seminário, cujo nome foi, “Nosso Futuro em Comum”, já se percebe essa iniciativa, que é de suma importância na região, mas cabe ressaltar, como fica a situação dos países do Caribe que não estão incluídos? No Brasil, esse movimento foi conhecido como “Brasil Sustentável e Democrático”, consolidou-se como um forte movimento social de extensa participação popular. Neste pacto, os países membros consideram que não é possível discutirmos a dimensão do

Conceito da sustentabilidade sem nos posicionarmos frente a dívida externa, maior causadora da degradação social e ambiental dos países da América Latina.

Por isso, é fundamental entender que na esfera da Educação Ambiental, o consumo sustentável deve ser compreendido desta forma:

A educação ambiental para o consumo sustentável preocupa-se, sobretudo em proporcionar a informação sobre os produtos (os modos de produção, os possíveis impactos ambientais, os custos de publicidade, etc.) e em desenvolver nos consumidores capacidades de escolha entre diferentes opções (...). No entanto, se descuida muito seguidamente de levar em conta as disparidades econômicas, a pobreza e a obrigação de satisfazer as necessidades fundamentais (...) A educação ambiental para o consumo sustentável deve adotar estratégias diferenciadas para cada grupo e segmento de população. Por exemplo, necessita-se de estratégias apropriadas para populações vulneráveis, analfabetas ou privadas de informação e de serviços, as quais têm um fraco poder de compra: trata-se de ajudá-las a vencerem sua vulnerabilidade econômica e legal mediante processos educativos específicos que levem a “eliminar a pobreza e reforçar a democracia por meio de processos participativos e pela valorização de produtos culturais” (CI/CEAAL, 1996, p.7). A educação ambiental para o consumo sustentável deve considerar os processos atuais ligados aos fenômenos de globalização (por exemplo, o ataque à identidade e fragmentação dos grupos sociais). A identidade social está cada vez mais ligada ao consumo de certos produtos (vestuário, música, alimentação, etc.). As práticas comerciais criaram condições tais que chega a ser inconveniente, por exemplo, criticar os jovens que se identificam mais com a música *rock* do que as canções folclóricas. Sua identidade foi configurada desta maneira; eles agem conforme uma concepção de si mesmo e dos outros, que difere da de seus pais. Isto deve ser considerado nas intervenções educativas. A identidade não está mais simplesmente ligada ao território nacional e à cultura regional; as dimensões materiais e simbólicas foram efetuadas pela globalização (...) A educação dos consumidores confronta diretamente os interesses corporativos de grandes produtores e distribuidores, que, em muitos casos, atuaram com impunidade. Mas uma verdadeira cidadania não pode existir sem uma participação mais inteligente na defesa dos interesses e aspirações da população (...) para a valorização das pessoas, além da valorização da riqueza. (GAUDIANO, 1990. *Apud.* SATO et all, 2005, p.38-9)

Na citação acima os autores vêm destacando a importância da Educação Ambiental, na divulgação do perigo que pode estar camuflado por trás do termo desenvolvimento sustentável. É dessa maneira que as sociedades devem encarar e compreender o conceito desenvolvimento sustentável/DS.

Para eles, a educação para o consumo sustentável chega a ser uma estratégia importante para transformação dos modos de consumo e de produção, procedimentos de embasamento da economia das nações, das sociedades. Sem dúvida alguma, a proposta do autor oferece uma ampla visão e exemplo de integração de preocupações econômicas, sociais e ambientais numa perspectiva de sustentabilidade (GAUDIANO, 2005).

Neste mesmo viés, Dias (2004) reforça que a educação ambiental deverá desempenhar um papel fundamental e crucial para promover e estimular a aderência das pessoas e das sociedades, como um todo, a esse novo paradigma. Dessa forma, este não seria o papel exclusivo da Educação Ambiental, mas da Educação como um todo.

Assim, a Educação Ambiental deverá estar apta a catalisar o desencadeamento de atuações que permitam preparar os sujeitos e a sociedade para o paradigma do desenvolvimento sustentável/DS, exemplo estrategicamente adequado para responder aos desafios dessa nova clivagem mundial (DIAS, 2004).

É na contraposição das análises reducionistas, fragmentadas, simplificadas, baseadas em linearidade e binarismos, que pesamos proposição de intervenções educativas condizentes com o pensamento complexo. Em um processo educativo pontuado por princípios de incerteza, de autoridade ou alteridade de democracia e justiça, só poderia buscar a construção de conhecimentos, numa perspectiva de compreensão sistêmica, rizomática, da realidade e da construção do conhecimento.

Na visão do Leff, neste sentido:

“a crise ambiental nos leva a interrogar o conhecimento do mundo, a questionar esse projeto epistemológico que buscou a unidade, a uniformidade e a homogeneidade, esse projeto anuncia um futuro comum, negando o limite, a história, a diferença, a diversidade, a outricidade”. (2003, p 20).

Como nos disseram Adorno e Horkheimer (1975), o modo tradicional de se ver a teoria e de construí-la sob princípios de escolas filosóficas, como o positivismo e o pragmatismo, enfatiza-se apenas em seu significado isolado. Essa representação fragmentária abstrai a teoria em sua função na ciência e em seu significado para a existência humana. Induz alguns educadores a enxergá-la como algo que não ajuda a resolver os problemas postos e a separar aquele que pensa

daquele que faz, reproduzindo a divisão hierarquizada e desigual do modo de produção capitalista.

Uma ciência que em sua autonomia imaginária se satisfaz em considerar a práxis, à qual serve e na qual está inserida, como o seu além, e se contenta com a separação entre pensamento e ação, já renunciou à humanidade. Determinar o conteúdo e a finalidade de suas próprias realizações, e não apenas nas partes isoladas, mas em sua totalidade, é a característica marcante da atividade intelectual (...) o conformismo do pensamento, a insistência em que isto constitua uma atividade fixa, um reino à parte dentro da totalidade social, faz com que o pensamento abandone a sua própria essência (ADORNO & HORKHEIMER, 1975, p.162).

Em relação aos elementos que constituem a teoria-prática, Chauí (1980) afirma que:

(...) a teoria nega a prática enquanto prática imediata, isto é, nega a prática como um fato dado para revelá-la em suas mediações e como práxis social, ou seja, como atividade socialmente produzida e produtora da existência social. A teoria nega a prática como comportamento e ação dados, mostrando que se trata de processos históricos determinados pela ação dos homens que, depois, passam a determinar suas ações. A prática, por sua vez, nega a teoria como um saber separado e autônomo, como puro movimento de ideias se produzindo uma às outras na cabeça dos teóricos. Nega a teoria como um saber acabado que guiaria e comandaria de fora a ação dos homens. E negando a teoria enquanto saber separado do real que pretende governar esse real, a prática faz com que a teoria se descubra como conhecimento das condições reais da prática existente, de sua alienação e de sua transformação. (CHAUÍ, 1980, p.81-82).

Esta abordagem conservadora da educação ambiental direciona-se ao exposto por Morin (1982) quando refere que “a ética do gênero humano está no desenvolvimento conjunto da consciência individual para além da individualidade, da participação comunitária e do sentimento de pertencimento a uma espécie, num todo indivisível entre indivíduo/sociedade/espécie”. (p.98)

A outra abordagem da educação ambiental que se contrapõe à primeira é a educação ambiental emancipatória. Poderíamos incluir outras denominações como sinônimas ou concepções similares: crítica, popular ou transformadora. Esta abordagem surge a partir de uma matriz histórico-crítica que vê a educação como elemento de transformação social, em que as atividades humanas relacionadas ao

fazer educativo, provocam metamorfoses individuais e coletivas, locais e globais, bem como econômicas e culturais. Busca mostrar o significado e o sentido da revolução para que se concretize com base numa transformação integral do ser humano e das condições objetivas de existência (LOUREIRO, 2004, p.90).

Para este autor, a educação ambiental transformadora busca redefinir a relação entre os homens com os demais seres do planeta; tem na participação e no exercício cidadão, princípios para a definição da democracia e de relações mais adequadas, com relação à vida planetária, enfocando o educar para transformar no sentido de romper com as práticas contrárias ao bem estar público, à equidade e a solidariedade, estando articulada necessariamente às mudanças éticas que se fazem pertinentes.

Ao encontro deste pensar, Dentz (2006) coloca que a ação que tem em vista a questão ambiental não pode se desvincular de uma reflexão ampliada em torno das origens que, ao longo da história, possibilitaram a produção de uma cultura de domínio sobre a natureza. Tal reflexão deve ser crítica em relação às epistemologias que propagam a cisão entre homem e natureza.

Dessa forma, a Educação Ambiental emerge como um questionamento às vertentes positivistas fundadoras da racionalidade instrumental e à ciência moderna. Assim, a Educação Ambiental direciona-se para uma mudança de mentalidade e ruptura epistemológica como pode ser entendido na visão de Bachelard (1988), uma transformação do conhecimento e das práticas educativas na visão de Leff (2000) e um aprender a conhecer a partir de um repensar o já pensado de acordo com Heidegger (1975), para se construir um conhecimento novo baseado em uma abordagem que integre os potenciais da natureza, os valores humanos e as identidades culturais em práticas produtivas sustentáveis (Leff, 2000).

Compete lembrar também, que o Haiti assumiu o compromisso em criar sua Agenda 21 como as demais nações, no qual se chama *Capacité 21*. Neste caso, o Ministério de Meio Ambiente do País em parcerias com outras instituições internacionais como a USAID, o Banco Mundial criaram o *Plan d'Action de l'Evennement (PAE)*[Plano de Ação Ambiental].

Esse Plano foi publicado depois um longo procedimento de vários setores locais no final de 1999. É um Plano estratégico para o ano (2000-2015), que postula

a integração das políticas ambientais nas políticas setoriais. Ele é elaborado em dez Programas cuja enumeração fará perceber a importância das questões energéticas na questão da sustentabilidade. Aqui estão sem nenhuma ordem de prioridade:

- 1) Aumentar a capacidade da gestão ambiental
- 2) Energia para o ecodesenvolvimento
- 3) Educação Ambiental para o ecodesenvolvimento
- 4) Conversação e utilização viável da biodiversidade
- 5) Gestão de bacias hidrográficas estrategicamente
- 6) Gestão integrada das zonas costeiras e marinhas
- 7) Saneamento básico e ambiental
- 8) Gestão das catástrofes e de desastres naturais
- 9) Apoiar atividades relacionadas ao ecodesenvolvimento
- 10) Apoiar a exploração de mineração e pedreira (VICTOR, 2005/2006, p.9).

Como podemos observar de acordo com o PAE (Plano de Ação Ambiental) seus programas são muito eficientes, no qual o governo do Haiti através do Ministério de Meio Ambiente para proteger o ecossistema do país. Mas na aplicabilidade deixa muito a desejar, porque se o plano foi elaborado de forma estratégica de 2000 para 2015, dado que estamos no ano de 2015 certamente poderíamos esperar alguns resultados concretos e satisfatórios. Entretanto, o que se observa nos últimos anos, de acordo com as fontes do Ministério de Agricultura do país, é um aumento de preocupação em relação aos dez programas acima mencionados.

Com certeza, podemos até antecipar nossas conclusões em relação a esse assunto, dado que o governo local está dando outras prioridades às outras áreas e deixa a questão ambiental, que é vital para o desenvolvimento do país, em segundo plano. Por isso, os referidos planos citados acima estão em perfeita harmonia com problemática da pesquisa. As Mobilizações Comunitárias Locais (MCL), o Vodou, o Kombit e a Cooperativa CTR⁵ têm plenas condições de alavancar esses planos, mais adiante mostraremos como serão feitos.

É importante frisar que na visão de JUNGES (2004), apenas uma atitude moral do governo local, e de cada indivíduo, configurado em atitudes de sensibilidades ambiental e reforçado por uma cultura ética correspondente, terá força suficiente para confrontar esse grande desafio frente ao incentivo de uma

⁵Cooperativa de Terror- Rouge localizada no Nordeste do Haiti a visitei durante minha missão de estudo no país em 2011.

cultura do consumismo, do desperdício, da indiferença diante do meio ambiente. As normas e programas que criamos, por mais que sejam frutos de consensos, não conseguem motivar e nem ir adiante se não estão sustentadas por atitudes éticas interiorizadas veiculadas por um *ethos* cultural.

Procedimento Metodológico da Pesquisa

Reflexões sobre questões metodológicas, sobretudo pesquisa bibliográfica, vêm sendo cada vez mais necessárias e presentes no contexto acadêmico, indicando um movimento de (re)significação da prática de investigação em Ciências Humanas e Sociais.

Nesse cenário, a perspectiva sócio-histórico-filosófica constitui-se como um enfoque teórico-metodológico profícuo para a área da Educação e em especial para a Educação Ambiental, possibilitando a discussão e a análise das dimensões epistemológicas, apontando para a construção de teorias fundamentadas que possam ser aplicadas, posteriormente, na prática educacional, evidenciando resultados mais efetivos e em maior escala, já que a complexidade do meio ambiente requer pesquisas que apontem para um horizonte de totalidade.

Neste sentido, a teoria sustenta a prática, fundamentando-a com concepções de mundo, de ética, de comprometimento, de instituição, uma vez que somos representantes de uma universidade pública que tem compromisso com a comunidade. Sentimos eticamente comprometida e responsável pelas questões socioambientais no que diz respeito ao Haiti, caracterizando, na nossa concepção, a inseparabilidade da teoria-prática, para a resolução, de forma efetiva, das inquietações que nos surgem.

O sentido da produção e da apropriação do conhecimento está situado no lugar do compartilhamento, isto é, do diálogo e da tolerância, pois é uma prática social e política de conhecimento, configurando a possibilidade de um projeto educativo emancipatório⁶ e de uma epistemologia qualitativa⁷.

⁶Expressão utilizada por Boaventura de Souza Santos (1996, p.17) no artigo Para uma pedagogia do conflito. Projeto educativo emancipatório que é produto da iniciativa humana, o qual implica recuperar a capacidade de espanto e de indignação e a produção de subjetividades inconformistas e rebeldes, além de ser um projeto de memória e denúncia, de comunicação e cumplicidade.

O debate epistemológico é necessário na Educação Ambiental. Para saber que tipo de conhecimento estamos produzindo, se o adaptativo ou o que adquire significado de totalidade; qual a sua natureza, se alienadora ou emancipatória; se reproduzimos a repetição ou mudamos e transformamos a realidade social. Quais são as teorias que os constituem, qual a ideia de homem e mulher que defendemos? E de que natureza? O ser humano e o meio ambiente são encarados como aspectos constitutivos ou instrumentais da realidade? São considerados ou banalizados neste processo? No que se refere à educação, já que há uma linha tênue que liga a educação, a filosofia e a sociedade a qual desenvolvemos o trabalho enquanto educador. De que maneira este trabalho contribuirá para a área educacional? Social? O que se apresenta como possibilidade de horizonte para área ambiental nesta pesquisa? É viável?

Podemos pensar diferente e propor algo inovador em termos alternativas educacionais-ambientais no/do Haiti? Trata-se de questionamentos desafiadores, as respostas desses questionamentos exigem uma investigação profunda sob a natureza da sociedade haitiana. Tal investigação só foi possível levando em conta os acúmulos do passado do Haiti e suas estreitas ramificações do presente.

Do ponto de vista inicial desta tese, pretendíamos conduzi-la a partir das abordagens bibliográficas estudo de campo e algumas atividades de micro intervenções em parceria com a Cooperativa de *Terrier-Rouge* (CTR) no Haiti. Tendo em vista as nossas limitações econômicas impostas pelo alto custo das passagens Brasil-Haiti (ida e volta). Assim realizamos uma única viagem no qual PPGA colaborou de forma significativa para que essas intervenções pudessem ser concretizadas. cremos também que alguns indicadores desta tese podem ser identificados nos vários pontos em que se toca e que são deixados para suscitar novos questionamentos.

De fato, parte dos nossos compromissos é tocar naqueles pontos que foram relatados nos objetivos e principalmente na problemática da pesquisa, é aprofundá-los mesmo que seja de forma superficial. Porém, sabemos quanto à academia é exigente em termo de temporalidade, não nos ofereceram toda a latitude necessária

⁷ Este conceito é desenvolvido por Fernando González Rey (1997) no livro *Epistemología cualitativa y subjetividad*. Significa que o qualitativo caracteriza o processo de conhecimento, portanto não se define pelo uso exclusivo de métodos qualitativos.

para fazê-lo. Mas, apesar da ousadia da problemática da pesquisa, foi investigada normalmente durante os quatro anos de estudos.

Deste modo, optemos por estabelecer já no primeiro capítulo dos quatro desta tese, no qual apresentará o Haiti historicamente, bem como alguns indicadores demográficos do país, tentemos situar o Haiti na Pesquisa e a implicação do Pesquisador nela mesma, e, por fim, o Vodou no universo simbólico do ser haitiano e suas relações com o meio ambiente.

O segundo capítulo procurará desvendar as raízes da desumanização no contexto social, político e econômico do/no Haiti com intuito de reconstituir o processo de análise e investigar as condições pelas quais têm se operado o deslizamento do tamanho da degradação e desumanização das quais o país se encontra hoje e principalmente com a proliferação das ONGs nos últimos anos, as quais afundam o país cada vez mais na desesperada precariedade.

O terceiro capítulo debruça-se sobre uma longa história de depredação ambiental durante sua existência, no qual mostraremos como o desmatamento acelerado pode levar o Haiti na direção de uma catástrofe ecológica. Para ser completo, este capítulo procura os modos alternativos ao desmatamento vigente no país, com a invenção de carvão ecológico ou como é chamado no Haiti *Briquet écologique* feito pelos próprios haitianos.

Nesta altura, no último capítulo da presente tese, optaremos por privilegiar concretamente algumas alternativas educativo-ambientais para diminuir gradativamente o desmatamento no ecossistema do Haiti. São praticamente quatro anos, nos quais estivemos longe geograficamente do local da pesquisa, mas presente espiritualmente. Diante disso é possível que fatos relevantes, que precisariam amplo tratamento no decorrer da pesquisa, não tenham nos chamado a devida atenção. Neste caso, possíveis lacunas podem aparecer ou surgir, de modo que somente num possível retorno e remergulhando no sul da nossa pátria teríamos condições necessárias de corrigi-las.

*Pelo Haiti em nome dos ancestrais
Devemos capinar devemos plantar
É na terra que está toda nossa força
É nela que nos dá o que comer
Trabalhemos a terra, trabalhemos a terra
Com o coração feliz, é preciso que a terra frutifique
Capinem, águem, mulheres e homens
Para vivermos com a força dos nossos braços.
(Hino Nacional Haitiano)*

1. O HAITI: aspectos históricos, geográficos, culturais, religiosos e ambientais

1.1 Haiti o que é?

Iniciamos o presente capítulo com as seguintes indagações: o que é o Haiti? De qual Haiti estamos falando? Por que o Haiti é o país mais pobre da América na atualidade? Por acaso, o país nasceu pobre? Ele foi empobrecido pelas demais potências coloniais nos séculos passados e nos dias de hoje continua, com a extração de seus recursos naturais? Ou será pela exportação de mão de obra barata dos haitianos para os EUA, Canadá, República Dominicana e as demais Antilhas do Caribe que possa ser a justificativa da pobreza?

Do ponto de vista histórico sabe-se que, o Haiti já foi a colônia da França mais próspera do século XVII a XIX. Podemos levantar várias perguntas: para onde foram todas essas riquezas? Quem as exploraram? Poderíamos continuar a levantar uma infinidade de indagações acerca do tema em questão, mas resolvemos parar por aqui. Mas, essas questões não muito simples, o objetivo delas é de despertar a curiosidade do leitor acerca do mito da pobreza do país.

O Haiti sempre foi estigmatizado como o país mais pobre do Continente Americano pelos veículos de comunicações, em particular, a mídia internacional e também por vários pesquisadores, e isso de certa forma acaba se tornando uma verdade. Mas, na realidade a história é outra, ou seja, é uma inverdade. Obviamente, depende de quem quiser contar essa história ou, melhor dizendo, de qual verdadeiro interesse há por trás dela. Neste texto, queremos deixar bem explícito que não estamos defendendo o Haiti nas suas diversas estruturas como um

país. E sim, queremos mostrar o que a história que é ensinada nas escolas das nossas regiões sempre ocultou sobre a verdadeira história do País.

Assim, na tentativa de trilhar o caminho do surgimento do Haiti como país, vale a pena lembrar que, no ano de 1492 d.C, Cristóvão Colombo durante uma viagem em um transatlântico desembarcou na ilha chamada, *Hispaniola*, porém, a ilha era habitada por nativos. *Tayinos, Ciboneys e Awaraks*⁸ eram grupos de indígenas que viviam da agricultura e pesca, eles eram organizados em cinco jurisdições, chefias ou Caciques, estimava-se uma população entre meio milhão a dois milhões naquela época. No início, C. Colombo achou uma população pacífica e amistosa, até que os seus espanhóis começaram a maltratá-los. (DIAMOND, 2007)

Antes da chegada de Christophe Colomb e seus companheiros espanhóis, em 5 de dezembro de 1492, o Haiti foi uma civilização ameríndia, representada por cinco chefias ou reinos: Marien, o Maguana, o Xaraguah, o Higuey e a Magua. Em breve, o espanhol reduziu os aborígenes do Haiti em escravidão. Forçados a trabalhos forçados, os índios morreram em grande número. Sua rápida dizimação resultou na importação de negros da África: Ouloffs, Peulh, Bambara e do Mandinka do Senegal; Bouriquis e miserável da Côte-des-sementes e Costa do Marfim. Havia também os Aradas ou Dahomeans, originário da costa - de - ouro e República Democrática do Congo. (DESCARDRES, 1999, p.9)

Dessa forma, é importante dizer que a ilha tinha muitos recursos naturais, em particular por muito ouro, razão pela qual, os conquistadores ou invasores a almejavam. Entretanto, eles não pretendiam fazer o trabalho intenso de garimpar por conta própria. Assim, eles começaram a colocar a população nativa a fazer o trabalho escravo, acidentalmente, os infectaram com doenças eurásianas trazidas por eles e os mataram.

Em 1519, 27 anos depois da chegada de Colombo, a população original de meio milhão de tainos foi reduzida para cerca de 11 mil, a maioria dos quais morreu de varíola naquele ano, levando a população a menos de três mil – e estes sobreviventes morreram gradualmente ou foram assimilados nas décadas seguintes. Isso forçou os espanhóis a procurarem escravos em outra parte. (DIAMOND, 2007, p. 402)

Nesse sentido, pode-se perceber o resquício desta aniquilação. Estamos diante de crime contra a humanidade, tendo os invasores espanhóis exterminado

⁸Nome dos habitantes da ilha (Haiti) antes da chegada de Cristóvão Colombo.

toda a população nativa, de modo que hoje não há presença do povo original naquela ilha, e talvez muito mais, não há em todo o Caribe. Para muitos, a chegada dos colonizadores era sinônimo de progresso, de civilização, muitos até hoje sustentam essa tese. Se analisarmos toda a conjuntura daquela época, podemos chegar à conclusão de que esses invasores tinham seus objetivos bem determinados, que não passaram de serem bons saqueadores.

Dessa forma, os colonizadores descobriram que a ilha (Hispaniola) era muito adequada para a agricultura, em especial, a cana de açúcar e começaram a transportar os negros do continente africano para as plantações de canas. Assim, com a mão de obra barata e rentável dos negros vinda da África, as plantações de cana transformaram a ilha na colônia mais rica na maior parte do século XVI. A economia do Atlântico é o que antes de tudo apoiava ao tráfico de escravos negros africanos para as grandes plantações na ilha, o que solidificava boa parte da riqueza dos países colonizadores.

Assim, a colônia francesa de *Saint-Domingue*, como era chamada, transformou-se na colônia europeia mais próspera do *Novo Mundo* e contribuía com um quarto da riqueza da França (JOAQUIM, 1979).

Portanto, entre 1791 e 1801, diante de uma rebelião escrava interrompida na ilha, a França enviou uma força armada que foi derrotada pelos escravos negros e, em seguida, os escravos mudaram o nome do país para Haiti (nome que os nativos davam à sua ilha antes do período da escravidão), destruindo toda sua infraestrutura das plantações de modo a tornar-se impossível o sistema da escravidão na ilha.

Na noite de 22 para 23 de agosto de 1791, 50 mil escravos se rebelaram no Haiti. Dois anos depois, *Sonthonax*, o enviado pela República, enfrentando uma ameaça de invasão anglo-espanhola apoiada pelos revoltosos, foi obrigado a reconhecer sua emancipação de fato. Enquanto aparecia, na pessoa de *Toussaint Louverture*, o *Espártaco* negro anunciado pelo abade Raynal, a revolução haitiana universalizava os princípios da declaração dos direitos do homem, que, quando de sua adoção, tratava absolutamente dos escravos, pobres bens móveis cuja sorte, desde 1685, era regida pelo Código negro, sem dúvida um dos textos jurídicos mais assustadores de todos os tempos. Mas se essa pressão das circunstâncias tornou heroica a revolta dos escravos haitianos, ela em nada prejudicou a vontade declarada pelos membros da Convenção, em 16 de pluvioso⁹, de abolir duas

⁹ O novo calendário revolucionário francês instituído em 1789.

instituições tão lucrativas quanto abomináveis: o tráfico e a escravidão (RIBBE, 2008, p. 33-34).

Assim, é importante dizer que, desde o século XVIII havia clamores que se opunham contra o sistema da escravidão. Não se pode negar o caráter genocida da escravidão. A privação, a liberdade e os trabalhos forçados se conectavam, com intuito de evitar quaisquer tipo de revoltas. Dessa forma, todas as condições de exploração concentrada faziam do tráfico negreiro um verdadeiro sistema de extermínio. No entanto, a exploração e o extermínio não eram absolutamente incompatíveis. Pode-se afirmar que é possível executar um genocídio e ao mesmo tempo enriquecer com o sistema imposto.

Contudo, a França depois de um século de dominação perdeu a mais bela colônia do mundo. Pela primeira vez na história da humanidade, de uma revolta de escravos negros, iniciada quase com as mãos nuas em 1791, levou-se à independência de uma nação; mas, sim, uma grande Metrópole (França) colonialista e escravista experimentara sua primeira derrota.

Entretanto, como a batalha de *Vertières*¹⁰ era negada pela historiografia francesa, por ser uma derrota humilhante, nenhuma lição foi aproveitada para o futuro. A revolução haitiana, a preço de seu sangue, tornou os princípios universais que todos os homens e mulheres, ainda que nasçam de pele negra permanecem livres e iguais em seus direitos (RIBBE, 2008).

No entanto, a tropa de Napoleão Bonaparte conheceu ali sua primeira derrota, talvez a mais humilhante de todas. Ele foi vencido por “negros”, escravos e dos 60 mil homens expedidos a *Sant-Domingue* pelo tirano racista, somente algumas centenas voltaram, após oito anos de cativo, imagina-se em que estado!

Assim sendo, os generais do exército indígena da parte oriental da ilha, reunidos em *Gonaïves*¹¹ em 1º de janeiro de 1804, juraram “renunciar à França para

¹⁰ A batalha de Vertières ocorreu em Vertières, perto de Cap-franceses no norte da antiga colônia francesa de Saint-Domingue (Haiti agora), 18 de novembro de 1803. É contra as tropas comandadas pelo general Rochambeau e General Jean-Jacques Dessalines, líder independentista, nascido escravo. Esta foi a última batalha da expedição de Saint-Domingue. A surpreendente força das tropas rebeldes liderados por Dessalines e a contribuição da 9ª Brigada comandada pelo François Capois à vitória final, forçando Rochambeau a capitular.

¹¹ A Cidade na qual foi proclamada a Independência do Haiti em 1º de janeiro de 1804, situa-se no Norte do país.

sempre e morrer antes de aceitar viver sob seu domínio”, desde então o Haiti tornou-se independente, a primeira República Negra do mundo. (RIBBE, 2008)

A revolução haitiana levou à criação de um *Estado-Nação*. O Ocidente ainda não foi capaz de dar uma resposta positiva a este acontecimento. E a velha pergunta continua despercebida: porque a *Primeira República Negra* do mundo encontra-se nessa situação que está hoje?

Se o Haiti é considerado um “Estado Nacional”, de acordo com sua própria constituição, para Aníbal Quijano (2005) há uma certa ambiguidade quanto ao termo “Estado nação”; para ele, trata-se de uma sociedade nacionalizada. Então, deve ser:

[...] politicamente organizada como um Estado-nação. Implica as instituições modernas de cidadania e democracia política. Ou seja, implica uma certa democracia, dado que cada processo conhecido de nacionalização da sociedade nos tempos modernos ocorreu somente através de uma relativa (ou seja, dentro dos limites do capitalismo) mas importante e real democratização do controle do trabalho, dos recursos produtivos e do controle da geração e gestão das instituições políticas. Deste modo, a cidadania pode chegar a servir como igualdade legal, civil e política para pessoas socialmente desiguais (QUIJANO, 2005, p.18).

Analisando a citação acima de A. Quijano, a respeito do Estado/Nação, ele não chega a situar o Haiti neste patamar e o considera como uma “sociedade nacionalizada”. Entretanto, a Educadora Maria Eduarda V. M. dos Santos (2005) vai além da reflexão de Quijano, e mostra como as novas escalas de tempo e de espaço e a crescente perda de poder do Estado-Nação dificultam a definição de uma nova cidadania. Com isso, ela destaca:

Múltiplos riscos em nível global (ambientais e políticos) e a incapacidade crescente dos Estados para manterem problemas globais e locais, problematizam a relação estrita cidadania/Estado e avolumam a incapacidade crescente dos Estados para tratarem os problemas locais e globais. “O Estado-nação, ao definir o domínio, os procedimentos e o objeto da cidadania, perdeu boa parte do seu poder, abalado pela dinâmica dos fluxos globais e pelas redes de riqueza, informação e poder transorganizacionais”. (CASTELLS, *et al*, dos SANTOS, 2005, p.49)

De outro modo, ele salienta que um Estado-nação é uma espécie de sociedade individualizada entre as demais; por isso, entre seus membros, pode ser sentida uma identidade. Tal conceito leva-nos a pensar se realmente o Haiti chegou a construir um “Estado Nacional”, propriamente dito. Como explica Quijano, deve

haver “a democracia política”, e não nepotismo político, “real democratização do controle do trabalho, dos recursos produtivos e do controle da geração e gestão da instituições políticas” (QUIJANO,2005) .

De acordo com Quijano:

toda sociedade é uma estrutura de poder. É o poder aquilo que articula formas de existência social dispersas e diversas numa totalidade única, uma sociedade. Toda estrutura de poder é sempre, parcial ou totalmente, a imposição de alguns, frequentemente certo grupo, sobre os demais. Conseqüentemente, todo Estado-nação possível é uma estrutura de poder, do mesmo modo que é produto do poder (QUIJANO, 2005, p.19).

Dessa forma, parecemos no caso do Haiti, ser essa estrutura do poder de fato a dominação de um pequeno grupo sobre os demais. Sem cair no exagero, a questão do nepotismo é muito presente na política haitiana; e sabemos: onde há nepotismo, é difícil haver, concomitantemente, justiça (PROSPERE, 2011, p.29-30).

Porém, as potências ocidentais tiveram um papel fundamental na desestruturação, no desequilíbrio, e no declínio do Haiti. O fato histórico da vitória dos ex-escravos em relação à metrópole francesa foi negado e caiu no esquecimento por várias potências ocidentais. As conseqüências práticas desta atitude mental foram: o racismo político e a violência simbólica que atinge ao país em todas suas dimensões. Durante muito tempo, o Ocidente se comprometeu a isolar o país. E essa proibição teve apoio da própria elite haitiana, que monopolizou os benefícios da revolução em seu próprio interesse, tentando reproduzir o sistema colonial.

É o que Frantz Fanon descreve muito bem na sua monumental obra, intitulada “Pele negra, máscaras brancas (1952)”, em que o negro quer ser o branco. O preto não é. Não mais que o branco. Nesta obra, o autor fez uma interpretação psicanalítica do problema do negro ao examinar a negação do racismo contra os negros na França naquela época. Mas hoje, o que importa depois de vasculhar as obras de Frantz Fanon é reconhecer a nossa identidade e/ou a nossa Negritude, ou seja, é ser capaz de compreender que hoje, o negro não é mais um objeto antropológico, e sim, um sujeito antropológico.

Contudo, pode-se dizer que o Haiti tem uma história fascinante no mundo, um poder inventivo, que nunca deixa de surpreender, é a bela arte da rebelião frente à

escravidão, que nunca tinha ocorrido em nenhuma outra parte do mundo. Mas de qual Haiti estamos falando? A seguir veremos alguns indicadores demográficos que ajudaram a compreender o país ao qual estamos nos referindo.

1.1.1 Alguns Indicadores Demográficos do Haiti

Aqui se apresenta o mapa da República do Haiti. É um país relativamente pequeno, porém de extrema complexidade pela sua posição geográfica. Para compreendermos a história desse pequeno país que divide a ilha caribenha com a República Dominicana, é necessário abordar vários aspectos, tais como: as questões culturais, econômicas, sócio-políticas, educacionais, ambientais, dentre outras.



Fig-1. O mapa geográfico do Haiti

Fonte: IHSI, 2009

A República do Haiti tem, atualmente, aproximadamente 10.188.175 habitantes que ocupam uma superfície de 27.700 km², segundo os dados preliminares do censo de 2009. A população está repartida em dez (10) departamentos geográficos: Norte, Nordeste¹², Noroeste, *l'Artibonite*¹³, Centro, Oeste, Sul, a *Grand'Anse*¹⁴, *les Nippes*¹⁵ e Sudoeste. O Haiti representa a região

¹² Departamento ou região no qual realizei a pesquisa de campo.

¹³ Nome do departamento no Haiti

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

da América Latina e do Caribe que tem a maior densidade demográfica de 318, 47 hab/ km². A taxa de crescimento anual da população entre 2005 a 2010 é de 1.64 % com uma variação relativa a 8,5 no setores de moradias fixas, e a taxa de crescimento urbano por exemplo é quase o dobro da média nacional que é 3,2 com uma variação relativa quase a 20 % daquela época. (IHSI, 2009).

A República do Haiti, que ocupa menos que metade (36,3%) de uma modesta ilha situada a frente do golfo do México, à Oeste do Cuba, ao Sudoeste da Jamaica, ao Este do Porto Rico e Trindade e Tobago ao Sul, o conjunto dessas ilhas, composta por Bahamas, îls *Turques* formam o que se chama as Grandes Antilhas (LATORTUE, 1998, p.17).

Observa-se, nas tabelas que ilustram os dados importantes e significativos sobre o Haiti, uma compreensão da explosão demográfica e do crescimento populacional do país:

Tab.1 Repartição da População por sexo, superfície e densidade (2009-2010)

Ano	Total	Sexo		Superfície. p/ Km ²	Dens. hab p/Km ²
		Masculino	Feminino		
2009	9.923.243	4.912.515	5.010.728	27 065,3	367
2010	10.085.214	4.993.731	5.091.483		373

Fonte : Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique (IHSI), 2010.

Tab.2 Repartição da população por idade (2009-2010)

Grupo de Idades	2009		2010	
	Efetivo	%	Efetivo	%
0-14 anos	3.600.697	36,3	3.617.279	35,8
15-64 anos	5.894.095	59,4	6.028.527	59,8
65 e mais	428.451	4,3	439.458	4,4
Total	9.923.243	100,0	10.085.214	100,0

Fonte : Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique (IHSI), 2009.

Tab.3 Repartição da População por Departamento em 2009
Pesquisa feita em base de residencia fixa, superfície e densidade

Departamento	Total	Rural	Urbana	Superfície	Densidade
Oest	3.664.620	2.791.058	873.562	4.982,6	735
Sudest	575.293	79.251	496.042	2.034,1	283
Nord	970.495	442.700	527.795	2.115,2	459
Nordest	358.277	156.851	201.426	1.622,9	221
Artibonite	1.571.020	607.757	963.263	4.886,9	321
Centre	678.626	124.455	554.171	3.487,4	195
Sud	704.760	144.992	559.768	2.653,6	266
Grand Anse	425.878	90.773	335.105	1.911,9	223
Nord'ouest	662.777	167.227	495.550	2.102,9	315
Nippes	311.497	51.111	260.386	1.267,8	246
Total	9.923.243	4.656.175	5.267.068	27.065,3	367

Fonte : Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique (IHSI), 2009.

Tab.4 Repartição da População por Departamento em 2010
Pesquisa feita em base de residencia fixa, superfície e densidade

Departamento	Total	Urbana	Rural	Sperficie	Densidade
Oest	3.724.441	2.887.875	836.566	4.982,6	747
Sudest	584.681	81.989	502.692	2.034,1	287
Nord	986.334	458.057	528.277	2.115,2	466
Nordest	364.123	162.290	201.833	1.622,9	224
Artibonite	1.596.659	628.839	967.820	4.886,9	327
Centre	689.709	128.769	560.936	3.487,4	198
Sud	716.269	150.013	566.256	2.653,6	270
Grand Anse	432.826	93.916	338.910	1911,9	226
NordOest	673.599	173.038	500.561	2.102,9	320
Nippes	316.577	52.880	263.697	1.267,8	250
Total	10.085.214	4.817.666	5.267.548	27.065,3	373

Fonte : Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique (IHSI), 2009.

De acordo com as últimas leis que entraram em vigor, a República do Haiti é dividida administrativamente em dez (10) *Departements* (Departamentos) como mencionamos acima, quarenta e dois (42) *Arrondissements* (Distritos), cento e quarenta (140) *Communes* (Comunes), sessenta e quatro (64) *Quartiers* (Bairros) e quinhentos e setenta (570) *Sections Communales* (Seções Comuns).

Em 2009, a população do Haiti foi estimada em 9.923.243 habitantes. A população feminina com um efetivo de 5.010.730 e a masculina com 4.912.513. O Haiti é um país forte e concentrado demograficamente, a densidade de sua população no mesmo período subiu para 367 hab./km². No nível dos departamentos, no que tange a distribuição da população, nota-se um grande desequilíbrio ou disparidade.

O departamento de Oeste, cuja capital é *Port-au-Prince* (Porto Príncipe) absorve 37,0% da população total, em seguida, vem o departamento *Artibonite* cuja capital é *Gonaïves* com 16,0% e o departamento do Norte que reúne 10,0%. Pode-se observar que os três departamentos reúnem mais de 60,0% da população total. Porém, em 2010, teve um leve crescimento populacional, estimada população em 10.085.214 de habitantes. (IHSI, 2009)

A população haitiana é relativamente jovem de acordo com os dados ilustrados nas tabelas acima. Estima-se que 50% da população total tem menos que 20 anos. E ainda pode se constatar que uma parcela significativa da população mora na zona rural, um elemento crucial para esta pesquisa, cuja centralidade é ver como “as comunidades locais podem servir de alavanca no reflorestamento do país” (IHSI, 2009, p.56).

Conforme o IHSI (2009), a taxa de urbanização do conjunto do país é de 47%. Na escala de departamento, o Oeste é a zona mais urbanizada com 60% que representa um terço da população total.

Dessa forma, se o crescimento médio anual da população entre 2005 e 2010 é de 1,64%, com uma variação relativa a 8,5% de nível de setores por moradias, a taxa de crescimento da zona urbana, por exemplo, é quase o dobro da média nacional (3,2%) considerando uma variação relativa daquele período.

De fato pode-se constatar que os problemas do país, nos pontos de vista demográficos e urbanísticos, vêm aumentando e os esforços dos responsáveis

parecem não estar à altura desse grande desafio. Neste contexto, a situação é preocupante. Assim, múltiplas interrogações e inquietações podem surgir. Por exemplo: as autoridades locais têm mecanismos necessários para enfrentar os problemas sociais que abalam o país, mais particularmente: a fome, o desemprego, a segurança, o saneamento básico, dentre outros? É importante encontrar medidas estratégicas a serem usadas para minimizar essa situação social do país.

Assim, essa síntese da situação global do país, através de alguns indicadores demográficos e informações relativas acerca da distribuição e o ritmo de crescimento da população são fundamentais para a compreensão dessa pesquisa. Conhecer os direitos e os deveres, reconhecer as reais necessidades é uma obrigatoriedade para que cada um de nós (haitianos) deve se submeter para uma tarefa ideal, de construir uma real participação na sociedade para consolidar continuamente bases de assegurar o progresso.

Dessa forma, lembremo-nos do desenvolvimento sócio econômico, no início do século XXI, que buscava solucionar alguns problemas, tais como: o saneamento básico e a educação dentre outros. A fome e a pobreza extrema permanecem como um desafio mundial para esse milênio e em particular, para o Haiti.

1.1.2 Situar o Haiti na Pesquisa e a implicação do Pesquisador na mesma

Situar o Haiti na pesquisa é de suma importância, o país é um marco na história latino-americana. Então, ele foi o primeiro país a obter, por meio de uma revolução de escravos negros, a independência frente à metrópole europeia: a França, em 1804. Mas o que significa isso? Ao longo do século XVIII, tornou-se a mais próspera colônia da França na América com uma imensa produção açucareira.

Por isso, podemos dizer que o Haiti não nasceu como uma “nação pobre”, mas sim, ele foi empobrecido pelas potências coloniais ocidentais com as diversas formas de exploração e lutas constantes. É importante ressaltar que o Haiti sofreu vários processos de colonizações e de (re)colonizações.

Portanto, a invasão dos colonizadores em 1492 na ilha *Hispañola*, é data que marca exatamente a gênese do desenvolvimento capitalista no mundo. É justamente com a colonização do Haiti que fizeram uma das primeiras experiências desse processo. Suas consequências foram chocantes: em apenas três décadas

exterminaram com aproximadamente quatro milhões de indígenas naquela ilha, sobrando apenas algumas centenas representantes dessa população em 1530¹⁶. Assim, para substituir as mãos de obra dos indígenas, os espanhóis foram buscar no continente africano os negros, trazendo-os a força para o Haiti na condição de escravos (SEGUY, 2010).

Vale lembrar que em 1697, um tratado foi firmado entre a França e Espanha no qual resultou a separação da ilha como uma “pizza” em duas partes, que são conhecidas, nos dias de hoje, como a República Dominicana situada a leste e a República do Haiti a oeste. A colonização francesa ficou com a República do Haiti, e foi a mais feroz para governar aquela parte da ilha. Durante o século XVIII, os colonizadores franceses destruíram 45% do meio ambiente no Haiti (JOACHIM, 1979).

Para concretizar seus objetivos de acumulação de capital, os latifundiários franceses traziam a mão de obra mais barata, constituída por negros africanos arrancados à força para a colônia francesa. O trabalho forçado e a violência à qual foi submetido o negro foram tão cruéis que a expectativa de vida de um trabalhador negro daquela época era de sete anos. Foi nessa condição e neste contexto de acumulação e produção feroz do capital que o Haiti recebeu o nome de “Pérola das Antilhas”.

Assim, um historiador haitiano resumiu de forma sucinta as consequências da colonização haitiana:

“Enquanto a exploração da terra e dos homens na colônia de *Saint-Domingue* [atual República do Haiti] contribuiu fortemente para

¹⁶ “Os estudos que Cook e Borah efetuaram sobre a população indígena de Hispaniola confirmam a generalidade da catástrofe demográfica do século XVI. As estimativas contemporâneas sobre a população indígena, quando Cristóvão Colombo chegou na ilha variam tremendamente, desde três a quatro milhões por Las Casas, até a menor, meio milhão, elaborada por Nicolaus Federman, que esteve em Hispaniola em 1529. Uma contagem feita em 1496, para um repatriamento a um total de 1.130.000. entretanto, há dúvidas sobre se a contagem se referia à população total ou, como usual, à população tributável de 14 anos e mais (que em geral, correspondia a 14 ou 15% da população total). Ademais, não se sabe se a contagem cobria toda a Hispaniola ou somente o território controlado pelos espanhóis. Em qualquer hipótese, a débâcle foi violenta, uma vez que duas contagens feitas em 1509 arrolam, 33. 528 e 40.000 indígenas, respectivamente, e outra, em 1510, produziu uma cifra de 46.000. Entre 1516 3 1520, houve várias estimativas e contagens, que oscilam entre 10 mil e 15-16 mil, muito menos, portanto, do que as estimativas de 1509-10 e tremendamente menos do que as estimativas da população pré-colombiana, mesmo das mais modestas. Esses dados indicam uma queda demográfica incrível em poucos anos [...]. em 1530, a população original já tinha sido virtualmente eliminada, restando cerca de 100 índios” (SOARES, G.A.D. A questão agrária na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, p.20-12. Apud. SEGUY.F. (entrevista). Seis Séculos de Veias Abertas. PUCVIVA 37-Janeiro/Abril, 2010.)

enriquecer a burguesia francesa e acelerou a desenvolvimento do capitalismo na metrópole, em contrapartida o povo que sucedeu aos escravos, cujo duro labor havia permitido essa acumulação do capital em metrópole, não herdou nada mais que solos usados, superfícies em grande parte calcinadas, restos por último” (JOACHIM, 1979, p.87)

No entanto, com as mudanças políticas que ocorriam pela revolução francesa na década de 1789 a 1799 e a desorganização da metrópole francesa, os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade se propagaram na colônia, desencadeando uma revolta dos escravos que culminou, após 12 anos de lutas, na independência haitiana em novembro de 1803, e essa independência foi proclamada no dia primeiro de janeiro de 1804.

A famosa e mal entendida chamada “dívida de independência”, levou o Haiti a tomar medidas extremas que resultou hoje na miséria que se encontra, embora não sendo a única causa. Após a independência, e durante todo o século XIX, o Haiti aumentou a exploração de suas riquezas e reservas naturais do país, entretanto esse procedimento lhe causou uma grande dívida externa. Trata-se de um embargo internacional que, em 1825, impôs ao Haiti na obrigação irrecusável de pagar 150 milhões de franco-ouros à França para que fosse reconhecida a Independência¹⁷.

O valor foi estimado em quatro vezes o orçamento público da França naquela época, o mesmo valor foi avaliado em 2003 em vinte e um bilhões de dólares. Dessa forma, resta a perguntar de onde o governo haitiano conseguiu esse capital ou esse valor para esta dívida? Não resta dúvida também que é da exploração dos camponeses, força motriz da economia local e da devastação ou destruição sistemática do que tinha sobrado como o meio ambiente (sobretudo o desflorestamento) do Haiti (SEGUY, 2010).

É justamente, o que nos leva a pesquisar e procurar entender o porquê o desflorestamento no Haiti. Trilhando esse caminho do desmatamento do Haiti, é

¹⁷A chegada do Haiti, no "concerto das nações" é problemático. "A razão é que de fato sua libertação foi arrancado do seu colonizador". A França, assim, opor-se à emancipação da sua antiga " Pérola das Antilhas" por quase um quarto de século em que "o país foi listado entre todas as nações ocidentais escravagistas. Por último, não há emancipação que depende da vontade do escravo, o máximo que poderia acontecer é desejá-la ou merecê-la". No momento das "negociações" e rivalidades interestaduais e de alguns estados como Nova Inglaterra ou os Estados Unidos da América têm apoiado de uma forma ou de outra a guerra de independência do Haiti. Eles não têm apoiado porque queriam ver a ilha independente, mas contra a França através das vantagens comerciais e coloniais que poderiam aproveitar. (JOACHIM, 1979). **Tradução do autor**

necessário levar em conta três perspectivas: social, econômico e ambiental. Somente a partir do entendimento dessas dimensões, podemos buscar alternativas através do resultado desta pesquisa que possa contribuir a minimizar os impactos que assolam o País.

De acordo com Joachim, são fatos registrados na história do Haiti ao destacar:

“O desenvolvimento sem precedentes das explorações florestais no Haiti durante o século XIX foi sublinhado por todos os testemunhos. As madeiras de tinturas e de construção [...] impuseram-se pelo seu volume e crescente à exploração. Todos os navios que deixam os portos haitianos levaram, *pau-campeche* (madeira vermelha) [...] A variedade de madeira de salino, cujas qualidades tintoriais foram postas em valor por uma longa imersão de três semanas a dois meses antes de chegar ao porto de embarque, ia principalmente a *Le Havre* (Sul da França) enquanto a ‘madeira de cidade’ de importância menor foi utilizado na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos” .(Ibid.,p. 202-3)

Essa dependência cresceu até o momento em que os EUA, sob a justificativa do não cumprimento dos contratos, invadiram o Haiti em 1915 e o transformaram mais uma vez em uma colônia até o ano de 1934.

O endividamento do Haiti serviu de pretexto para os EUA justificarem a primeira invasão do país (1915-1934). Os ianques, como primeiro ato, esvaziavam abertamente o Banco Central da República, levando a sua reserva de ouro para Washington DC. Igualmente eles roubaram ferozmente os camponeses das suas parcelas de terra. Esses camponeses “foram embarcados”, como na época de escravização, para as plantações de cana de açúcar estadunidenses em Cuba e na República Dominicana. Porque, decretou o ocupante “A mão de obra negra é mais rentável e menos dispendiosa”. Nas terras roubadas implantaram companhias de produção de açúcar, banana e borracha. Assim, por exemplo, a *Haytian America Sugar Company* (HASCO) roubou 7.532 hectares; a *Haytian Products Company*, 3.166 hectares; *HADC*, 4.410 hectares; a *Société Haïtienne de Développement Agricole* apoderou-se 12.403 hectares. Boa parte dessas terras foram transformadas em deserto, é caso de *Savann Dezole* [encontra-se no departamento de *Artibonite*, cuja capital chama-se Gonaives, onde morreram três mil pessoas, em 2004, no momento da passagem do furacão *Jeanne* (SEGUY, 2010, p.11).

Dessa forma, após a citação acima começa-se a entender o porquê do Haiti se tornar o país mais pobre da América, e a questionar por que é dessa forma, na maioria das vezes, que a academia e a mídia mostram a imagem do país para o mundo: “O mais pobre das Américas”. Podemos observar também, que o suposto

embargo econômico internacional isolou o Haiti no cenário internacional. O pagamento para o reconhecimento de sua independência lhe causou um abismo econômico, social e ambiental, sendo que podemos até arriscar dizer que conseguiram arrancar a natureza do Haiti e do ser haitiano ao desafiar a Metrópole francesa na conquista de sua liberdade como a primeira República Negra do mundo.

De fato, os países colonizadores calaram-se por completo diante a revolução haitiana de 1804¹⁸, o maior evento revolucionário do século XIX. O Haiti, pela primeira vez na história da humanidade, teve uma revolução feita e conduzida inteiramente por trabalhadores escravizados, derrubou o sistema escravagista e estabeleceu a base para o desenvolvimento de trabalho livre na ex-colônia. Sem querermos cair no exagero, em um onde as massas negras triunfaram sobre seus opressores arianos, tendo saído vitoriosas, se deflagrou a primeira revolução popular das Américas. O Haiti foi o exemplo revolucionário que os campeões da “solidariedade internacional” decidiram ignorar e esquecer por completo. (MOORE, 2010)

É verdade que os Estados Unidos da América haviam conquistados antes sua independência, mas existiam mais de meio milhão de escravos submetidos a trabalhos penosos nas plantações de algodão e de tabaco.

Como destacou Eduardo Galeano no seu ensaio:

A bandeira dos homens livres levantou-se sobre as ruínas. A terra haitiana foi devastada pela monocultura do açúcar e arrasada pelas calamidades da guerra contra a França, e um terço da população havia caído no combate. Então começou o bloqueio. A nação recém nascida foi condenada a solidão. Ninguém lhe comprava, ninguém lhe vendia, ninguém a reconhecia. O Haiti fora a pérola da coroa, a colônia mais rica da França: uma grande plantação de cana de açúcar, com mão-de-obra escrava custo zero. No espírito das leis, Montesquieu havia explicado sem papas na língua: O açúcar seria demasiado caro se os escravos não trabalhassem na sua própria produção. Os referidos escravos eram os negros (GALEANO, 2010, p.02)

¹⁸A independência não foi direcionada apenas aos cidadãos deste país, para se governar por suas próprias leis, mas também para criar esta civilização em terra pródiga e fertilizada pela liberdade. Foi lá o pensamento desses homens generosos e valentes que vieram para lutar em verdadeiros heróis para criar esta pátria. O sentimento profundo que tinha dignidade humana, feito de uma magnanimidade sublime, que os seus adversários têm admirado no meio da luta. Tinham como objetivo derramar seu sangue em campos de batalha, para levantar a altura de uma raça um monumento nas Antilhas. Este monumento foi para ser visto em tudo o que dizem, em tudo o que se fez, a civilização de uma nação por seus próprios esforços. Eles queriam provar por fatos, depois da vitória, que a liberdade é mil vezes mais fecundo do que a violência. **Tradução do autor.**

Certamente, a citação de Eduardo Galeano é de extrema importância. Ninguém pode negar que o Haiti foi esquecido no cenário internacional durante quase dois séculos. Muitos historiadores, políticos e outros intelectuais foram equivocados ao falar sobre o Haiti, rotulando como um país pobre e sem recursos. Somente em janeiro de 2010, depois que o país foi assolado por um terremoto que matou mais de 300 mil pessoas, o Haiti renasceu ou ressurgiu no cenário mundial, e o mundo voltou a olhar para aquele pequeno país.

Mas, como resgatar a identidade de um povo massacrado por diversas crises sócio-político-econômicas e fenômenos naturais? Assim, neste trecho, descreve-se como seria minha implicação nesta pesquisa. Acredito nela, pois é necessário esclarecer minhas posições e minhas escolhas, como pesquisador e como qualquer outro cidadão que se engaje na luta e que sonhe com outro Haiti, como um País livre, soberano e autônomo de ponto de vista político, econômico, alimentar e ecologicamente seguro.

Para que isso se torne uma realidade, é necessário iniciar uma política cultural audaciosa e generosa que seja capaz de irrigar todos os campos de intervenção pública do Haiti, o interior de uma arquitetura institucional bem destinada. Uma política na sua verdadeira essência que visa a conduzir o povo haitiano a resgatar suas tradições, seus costumes e sua religião popular dando espaço para uma nova janela que é o valor solidário.

O próximo item terá, como objetivo principal, apresentar a religião do Vodou, suas características e suas contribuições à cultura local haitiana, e também sua estreita ligação com o meio ambiente. Dessa forma, queremos evitar o risco de apresentar somente os aspectos ritualísticos desta religião, e sim tudo que ela significou e como continua a desenvolver um papel fundamental no cotidiano do povo haitiano. Por isso, falar do ser haitiano implica necessariamente se falar de Vodou.

1.2 O Vodou no Universo Simbólico haitiano

O exercício humano, de aprender a nossa inserção no mundo como povo, implica no grande desafio de tentar compreendê-lo com o passar do tempo. Mutações e dinâmicas sócio-culturais desarticulam idéias formadas. A realidade

posta ou percebida reconfigura-se a partir da intervenção de fatos já existentes e que, muitas vezes, passam por despercebidos ou ocultos. Muitas realidades são amplamente conhecidas, mas encobertas por repressões, por preconceitos, por falta de conhecimentos. “Não há nenhuma separação entre o sagrado e o temporal, entre o sagrado e o profano, entre o material e o espiritual” (DESCARDES, 1999, p.18).

De acordo com Appiah (1997) no capítulo “Velhos deuses, novos mundos” da sua monumental obra intitulada: *Na casa de meu pai*, mostra com todo rigor filosófico a importância quanto é crucial fazer algumas distinções no que diz respeito à crença religiosa de um povo. Para ele, é fundamental compreender o conteúdo das crenças subentendidas nos atos de um exercício religioso, assim, também, entender de que forma essas crenças se constituíram na cultura de outro. É necessário termos em mente pelo menos três dimensões, compreensões separadas:

- Compreender o ritual e as crenças que lhes subjacentes;
- Entender as Genesis históricas do ritual das crenças e
- Compreender o que os sustenta.

1.2.1. O Vodou: sua origem e seu contexto histórico

É importante ressaltar que o Vodou chegou ao Haiti com os negros vindo da África, nos séculos XV e XVI. Mas é principalmente sob a colonização francesa que surgiu a questão do vodou propriamente dita. Portanto, ele é formado através de múltiplos elementos que vêm aqui e ali das crenças de todos os povos que viviam no Haiti, é por isso, que podemos encontrar elementos indígenas, africanos e europeus.

O termo *Vodou* originou-se na tradição religiosa teísta-animista, com raízes primárias entre os primeiros povos *Fon-Ewe* da África Ocidental. Encontra-se na ortografia beninense, no país atualmente chamado Benin, antigamente Reino do *Daomé* de outras ortografias foneticamente equivalentes no crioulo haitiano *Vodou*. A história e a tradição sobre o conceito “vodou”. No Daomé e no Togo, principalmente entre as tribos pertencentes à família lingüística dos *Fon*, o Vodou significa um deus, um espírito, sua imagem, em suma. Os servidores das divindades são os *houngan* (em *Fonhû*, divindade e si, esposa); o sacerdote é o *houngan*, quer dizer, o “senhor do deus”.

O Vodou como ressalta Blanc¹⁹, “não é apenas uma religião, é também um sistema de cuidados de saúde, incluindo a saúde mental, que inclui práticas de cura, a promoção da saúde e prevenção de doenças e promoção do bem-estar coletivo e pessoal” (2010, p. 05). Também, representa a religião popular do povo haitiano, a religião sincrética, cujos principais componentes são baseados nas crenças antigas das tribos negras do continente africano, em particular do *Daomé*.

O Vodou consiste numa religião com estreita ligação com a natureza, não no sentido de que a natureza é adorada, mas sim, no sentido de que os crentes acreditam que o homem está profundamente inserido e é um microcosmo onde o mundo inteiro pode ser lido. Há uma hierarquia de forças e dos seres, em que tudo está incluído: os deuses, animais, plantas e minerais. Os praticantes da religião vodou acreditam profundamente na existência dos seres espirituais que vivem na natureza.

Os seguidores da religião vodou acreditam na existência de seres espirituais, vivendo em algum lugar do universo em estreita intimidade com os seres humanos e que esses seres guiam suas atividades. O vodou é baseado em uma visão global do mundo, é um sistema abrangente que molda a experiência humana de seus seguidores em sua busca espiritual e o desejo de cumprir sua missão na terra. (DESCARDES, 1999, p.16)

Conforme Laënnec Hurbon²⁰, o culto do Vodou na cultura haitiana está na base do desejo do haitiano, de reportar-se ao lugar em que os acontecimentos e o sentido das coisas têm explicação e não devem ser abalados no seu próprio universo simbólico. Assim, do ponto de vista hermenêutico, os haitianos estão sempre em busca de recompor na atualidade, a ruptura histórica com a África perdida de seus antepassados (HURBON, 1987).

[...] Para os adeptos do Vodou, as crenças constituem uma visão de mundo muito diferente da cultura ocidental. Os haitianos não percebem o mundo como "o filho de Abraão", na visão do Professor Michel Alliot. Elemento-chave da cultura haitiana, Vodou é o alicerce o da mentalidade haitiana. A este respeito, é interessante relatar a descoberta de um dos maiores psiquiatras haitianos: "parece que generalizar e realmente nos atrevemos a generalizar, forte, como nós somos da ideia de que há basicamente uma mentalidade haitiana

¹⁹Psicólogo francês prestou ajuda humanitária no Haiti após o terremoto em 2010.

²⁰ Laënnec Hurbon é um sociólogo haitiano nascido em Jacmel (Haiti). Ele é doutor em Teologia (Instituto Católico de Paris) e em Sociologia (Sorbonne) é diretor de pesquisa do CNRS e professor da Universidade de Quisqueya de Port-au-Prince (Haiti), é um dos membros fundadores desta instituição. Laënnec Hurbon é especialista em estudos como; religião, cultura e política. Ele é autor de vários livros sobre o vodou haitiano.

adquirida ao longo de muitas gerações e aprovada com alterações bastante superficiais (...) cada vez que o vento está soprando das grandes turbulências no cotidiano deve povo, cada haitiano, seja altamente educado ou analfabeto, estão sempre buscando respostas ou saídas através das fontes de crenças tradicionais" (DESCARDES, 1999, p.18).

Os aportes acerca do Vodou haitiano nesta pesquisa revelam-se de fundamental importância, porque tal crença para muitos representa um elemento crucial na formação cultural do povo haitiano, embora muitas vezes seja mal interpretado e discriminado, pelo fato de indivíduos não saberem e ou não compreenderem sua importância na formação do povo haitiano.

É com essa pretensão que almejamos fazer uma abordagem dialética²¹ acerca dessa crença. Por que uma abordagem dialética? Justificamos a tentativa de buscar um movimento de retorno acerca da história e da cultura haitiana em relação à Igreja Católica. Por que a Igreja Católica? Pelo aspecto sincrético que faz parte do cotidiano do povo haitiano. O sincretismo não é exclusivo ao catolicismo, se pode encontrá-lo nas outras religiões e seitas religiosas no país.

Para tanto, não se pode falar do Vodou haitiano sem referir-se à Igreja Católica Apostólica Romana. É importante lembrar de que o Cristianismo decretou, na década de 40, uma campanha chamada anti-supersticiosa contra o Vodou, mas foi um fracasso, porque o Vodou voltou com tudo seu fervor pós-campanha em todo o território nacional. Portanto, é importante ressaltar que a campanha anti-supersticiosa não desapareceu por completo nem no espírito da pequena elite haitiana, nem no conjunto do clero da Igreja Católica.

“Por outro lado, se a religião católica se apresenta como a religião da civilização, religião da “sociabilidade”, o praticante do vodou sente-se reduzido a um ser primitivo, supersticioso, seguidor de Satã. Rejeitar essas práticas *avitas* passa a ser então algo até honroso para ele. Eilo imitando a civilização, a sociedade, o estrangeiro, o “branco”, o burguês”. (HURBON, 1986, p. 26)

²¹A origem da palavra é o grego *dialegein*, “argumentar” ou “conversar”; em Aristóteles e outros autores, esta palavra tem sentido de “argumentar para uma conclusão” “estabelecer por meio de argumento”. Após século XII, a dialética esteve cada vez mais associada às disputas formalizadas, praticadas nas universidades. Lembrando que Kant na *Crítica da Razão Pura – Dialética transcendental*, e Marx na obra *O capital*, empregou o método dialético do Hegel para gerar uma crítica interna da teoria e prática do capitalismo. (DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE, 2006)

É importante lembrar mesmo após a independência do Haiti, a religião Vodou continua sendo combatida pelo sistema político do país. Trazendo Bourdieu (1976) nessa reflexão que nos faz compreender que, as fronteiras religiosas só podem ser extintas por meio de uma revolução simbólica correspondente a uma profunda transformação política.

O que se pode observar é que a missão civilizatória do Cristianismo alocou o povo haitiano num mar de contradições. A sua religião popular foi violentada de tal maneira que se transformou numa crença alimentada por uma população mergulhada na contradição, a qual ao mesmo tempo insiste na busca da sua existência ao praticar essa religião, carregada de vergonha e estigma postas pela ideologia dominante colonizadora.

Sabemos que uma boa parte da África foi dividida e transplantada para o Novo Mundo, de tal maneira que há várias etnias africanas presentes no continente americano. O registro da continuação da África nas três Américas está longe de ser extenuante. Notamos que os laços culturais africanos conseguiram afastar-se das etnias e sobreviver fora delas. No entanto, muitos africanos puderam ao mesmo tempo viver na aparência, conseguiram adaptar-se às civilizações escravagistas como a portuguesa, a espanhola, a anglo-saxã e a francesa, as quais chegaram a impor sua predominância na suas colônias (HURBON, 1987).

[...] de qualquer modo, a África está tão presente na América que já se pode falar na existência de três Américas: a branca, a índia e a negra. Na América do Norte, por exemplo, pode-se encontrar nas ilhas Gullah e da Virgínia a predominância das culturas *Fanti-Ashanti*; em Nova Orleães predomina a cultura do *Daomé* e *Bantu*; na América Central, a Cultura loruba; no Haiti e norte do Brasil, a do *Daomé (Fon)*; na Jamaica, nas ilhas Barbados e em Santa Lúcia encontra-se a cultura dos *Kromonti* da Costa do Ouro; nas Guianas holandesa e francesa, *Fanti-Ashanti* (HURBON, 1987,p.65).

O reconhecimento dos traços culturais africanos é tão forte nas três Américas, que resultou na contribuição dos negros de origem africana no desenvolvimento econômico, social, político e tecnológico no continente americano. Dessa forma, é fundamental promover políticas públicas ou afirmativas que possam ajudar a reduzir a desigualdade entre as etnias. Por isso, reconhecemos no caso do Brasil a importância de os governantes promoverem políticas afirmativas, embora haja

opiniões antagônicas a respeito das mesmas; porém, neste estudo, não pretendemos discutir essas políticas. E neste capítulo, como relatamos anteriormente é uma reflexão acerca do Vodou que pretende delinear sobre aspecto cultural, religioso e, principalmente, sua relação com a natureza.

É importante salientarmos que o processo da escravidão está definitivamente marcado na memória dos negros das Américas. Esse artifício significa, para muitos negros, ruptura, abalo e, às vezes, transforma-se numa espécie de pesadelo na consciência dos afro-americanos. Um dos objetivos do processo de escravidão era fazer com que os negros esquecessem sua origem; então, proibiam os cultos africanos e os escravos eram forçados a aceitar a religião do colonizador, que era o Cristianismo, através do batismo. Diante desse acontecimento, o Vodou haitiano teve um papel decisivo, contestador e resistente à ordem estabelecida que fosse o sistema escravagista daquela época.

[...] Essa resistência se fez justamente sobre a base das crenças antepassadas. Desde os navios negreiros, pelo suicídio, pela greve de fome, pela recusa de medicamentos, o vento da revolta começou a soprar: os negros deixavam os corpos aos brancos e iam reunir-se no mundo de seus avôs. Não vamos levantar o número das rebeliões registradas desde o início do tráfico. Nosso objetivo agora é simplesmente recordar como o vodou foi à primeira forma de resistência contra a escravidão. Os historiadores costumam designar pelo termo *Marronage* (os Quilombos brasileiros) a fuga dos escravos, das plantações de cana e oficinas, para lugares inacessíveis onde reconstituíam a solidariedade étnica, recriavam suas tradições antepassadas e redescobriam a unidade espiritual para melhor afrontar os senhores branco. É aí, nessas comunidades de resistências, que se constrói a consciência da autonomia política e cultural dos escravos. Nessa época, o vodou é a religião que realiza a coesão dos escravos, impelindo-os à luta contra o domínio dos brancos (HURBON, 1987, p.67).

Conforme a citação acima, podemos afirmar que o Vodou apresenta-se como uma resposta à exploração do cativo, em relação ao poder imperialista, social, cultural e econômico dos brancos daquela época, ou seja, uma forma de resistência dos escravos em relação aos seus senhores. Na realidade, a prática do Vodou nas colônias significava, desde cedo, uma linguagem própria, a consciência da diferença que existia entre o mundo dos oprimidos (escravos) e dos opressores (senhores).

Não se pode expor a importância do Vodou na luta antiescravagista no Haiti sem se referir a *François Mackandal* ou *Makandal*²², escravo originário da Guiné. Ele que, em 1757, assumiu o comando de um bando fugitivo, utilizou a crença do Vodou como compromisso e incutiu, em seus seguidores, que para sair da escravidão era necessário esse engajamento através um pacto de confiança absoluta e ética, que é o Vodou. Até hoje, a figura do *Makandal* é venerada, como profeta no Haiti.

[...] 1791: uma cerimônia do Vodou, célebre na história do país, representou o engajamento definitivo dos negros na luta pela independência. Nessa ocasião, foi selado pacto de sangue pelo qual os escravos comprometiam-se a exterminar os brancos e a criar uma comunidade autônoma (HURBON, 1987, p.69).

É importante lembrar que em 1793 as autoridades coloniais se sentiram ameaçadas, devido às intensas rebeliões feitas pelos escravos na colônia, ao pedir o fim da escravidão. Entretanto, sabe-se que os escravos não queriam só a liberdade, exigiam autonomia absoluta, queriam a retirada total dos exploradores e colonizadores na ilha. Porém, mesmo todas essas rebeliões muitas vezes foram marcadas por derrotas, não eram motivo para que eles deixassem de lutar, sempre acreditando no pacto da liberdade que foi feito através do Vodou. Por isso, “O caráter político do Vodou tornou-se tão evidente que tudo se fez para impedir qualquer manifestação religiosa dos negros” (HURBON, 1987, P. 66).

*Dutty Boukman*²³ - nome importante na historia do Haiti - foi quem organizou essa cerimônia de Vodou junto com um grande número de escravos na noite de 14 de agosto de 1791. Um corpo foi sacrificado e os assistentes beberam o sangue para se tornar invulneráveis, na noite de 22 de agosto de 1791, quando os escravos começaram a queimar as plantações e massacraram os colonizadores.

Durante dez dias, a planície do norte estava em chamas. Cerca de 160 usinas de açúcar e centenas de plantações de café foram queimadas. Essa cerimônia

²²(Em crioulo haitiano : *Franswa Makandal*), morreu em Cabo Francês (agora Cap-Haitien ou Cabo Haitiano) em 20 de Janeiro de 1758, era um escravo fugitivo, que liderou várias rebeliões no noroeste da ilha de Santo Domingo. Foi um "bossale" (um escravo nativo Africano), às vezes descrito como um sacerdote do vodou ou *houngan*. Acusado de “sedução, profanação e envenenamento” pelas autoridades coloniais da França, ele foi condenado à morte por sentença de 20 de Janeiro de 1758. Seu personagem, que continua a espalhar muitos mistérios, deu origem a lendas. Hoje em dia Mackandal é muitas vezes considerado um símbolo do sistema anti-escravidão, e é considerado uns dos precursores da Revolução Haitiana de 1791.

²³ Foi um *houngan* (sacerdote do Vodou haitiano) que conduziu a cerimônia considerada catalisadora da revolta de escravos que marcou o começo da Revolução Haitiana.

chama-se “*Ceremoniedu Bois-Caïman*”. Na história do Haiti, ela é considerada o ato fundador da revolução e da guerra pela independência. Foi a primeira grande revolta dos escravos contra o sistema da escravidão daquela época, como havíamos mencionado anteriormente.

1.2.2 O Vodou, como a sinopse cultural

É importante lembrar que a palavra “cultura” apareceu no final do século XI, e designava terra cultivável para produzir alimentos, também era sinônimo de agricultura, falava-se de monocultura e de policultura. Permaneceu com esse sentido único até a metade do século XVI, quando os humanistas da era do Renascimento lhe atribuíam sentido figurado, sinônimo de *espírito*. No século XVIII, os iluministas lhe atribuíam outros sentidos, tais como a educação, os costumes.

Na mesma época, a palavra cultura começou a ser usada como sinônimo de Civilização, ligada ao sentido de progresso e evolução. No século XIX, a palavra cultura instalou-se definitivamente no ramo da antropologia. Esta disciplina buscará colocar em evidência essa síntese. A cultura é entendida como uma totalidade, e o sentido primordial dessa síntese é buscar o fundamental sentido que dissolve sua unidade e sua totalidade (DESCARDES, 1999).

Nota-se que uma cultura é, antes de tudo, uma visão de mundo. Mais do que uma religião, na cultura haitiana o Vodou é sem dúvida o centro do universo simbólico do ser. Ele é o sistema interligado de princípios que rege a conduta dos seus seguidores. E para encerrar nossa abordagem sobre o conceito de cultura, ela pode ser compreendida como todas as formas adquiridas de conduta que um grupo de pessoas unidas por uma tradição comum transmitir, de geração em geração (...). Este termo significa, portanto, não apenas costume, mas também a tradição de uma determinada sociedade artística, científica, religiosa e filosófica, e ainda suas próprias técnicas, suas recordações políticas e os diversos estilos que caracterizam a vida cotidiana.

É por isso que o Vodou não pode ser compreendido como uma coisa excêntrica, que causa somente admiração ao exotismo do lado turístico:

Se o Vodou representa um modo de adaptação original dos negros, mesmo assim é preciso vê-lo dentro do impulso geral de restauração de todo o sistema africano em função das condições novas que os

negros encontrarão em seu novo país. No nível linguístico, por exemplo, o encontro das línguas africanas com as línguas européias produzirá o crioulo, que é hoje a língua nacional no Haiti. Aí se encontra o vocabulário francês: o angevino, o de Poitou, o normando, etc. Todos do século XVII. Há também elementos índios, espanhóis, ingleses. Mas é preciso lembrar a dispersão dos grupos étnicos nas plantações obrigava os escravos a utilizar o vocabulário francês corrente; onde há pobreza do vocabulário africano em crioulo. Em compensação, no domínio do sagrado, encontra-se importante vocabulário pertencente à família linguística dos fon: vodu=espírito, deus=*ûsiem* fon: *û* ou divindade, *si* = esposa; *govi* = cântaro; *asõ*= brinquedo sagrado; *ûtc*= tambor; e os próprios nomes dos *Loas*²⁴ etc. Graças às pesquisas sobre as línguas africanas feitas nos últimos anos, reconhece-se no crioulo base gramatical específica que lhe confere coesão e estatuto de língua (HURBON, 1987, p.72-3).

Assim, é importante ressaltar que o vodu representa, de um lado, a expressão de relação de classes no Haiti: como religião e cultura por excelência das camadas populares, ele é visto e taxado por alguns de superstição primitiva ao mesmo tempo seus adeptos muitas vezes são explorados pelas classes dominantes; de outro lado, o Vodou representa aquilo que Bastide²⁵ (1968) compreendia como a “dialetização do social” no sentido em que o Vodou é linguagem que reflete as situações locais e da diáspora.

Assim, todas as camadas exploradas da população haitiana tentarão descobrir um lugar de invulnerabilidade em relação a seus exploradores, por isso, o Vodou pode ser considerado como um elemento crucial na formação da população haitiana, principalmente, na luta contra a pobreza e a miséria. Vale a pena ressaltar que no Vodou pode-se encontrar uma experiência religiosa autêntica, uma linguagem cultural válida como outra, na qual seus adeptos estão sempre neste contínuo movimento, de compreender e dar sentido ao mundo e à existência da vida (HURBON, 1987).

²⁴ (Lwa): espíritos do culto do vodu. Em certas religiões são vistos também como anjos e santos (Idem, p.215).

²⁵Bastide, Roger, Prefácio a *Reforme ET révolution dans lês sociétés traditionnelles*, Pereira de Queiroz, Antropos, Paris, 1968.

1.2.3 O Vodou e sua relação com outros elementos da cultura local

Falando de outros elementos da cultura haitiana, devemos nos remeter imediatamente a um alicerce fundamental que é idioma *Kreyòl*²⁶ (Crioulo), a língua mãe que é falada por todos os haitianos, seja ele rico ou pobre, seja intelectual ou analfabeto. Ele é um elemento essencial para entender esse processo que contribuiu e continua contribuindo na formação da cultura deste povo. Embora o *Kreyòl* já fosse muito discriminado no passado do Haiti, principalmente, pela elite haitiana, ele não deixa de ser um marco histórico, um símbolo importante dessa cultura.

De acordo com Descardes (1999), até 1987, antes da nova constituição haitiana, o francês era a única língua oficial do país. A língua materna (*Kreyòl*) era desprezada pela elite dominante e pela classe abastecida. No entanto, o *Kreyòl*, continua a ser um atributo poderoso e de autenticidade. "Perguntar a um haitiano que ele pensa de vodou, do crioulo, é trazê-lo para revelar suas posições de classe, mas também a sua visão política, sua concepção de luta política e sua visão para o futuro da sociedade haitiana" (p.19).

Por isso, no Haiti falar somente *Kreyòl*, é sinal de pertencimento de uma classe social "inferior", mas também, se fala Francês é sinônimo de pertencente de status social "Superior", e portanto mais acessível para um cargo de alto escalão do governo local e com uma remuneração alta. Porém, a língua *Kreyòl*, é o elemento chave que mantém a tradição do povo viva até hoje, cultivando os saberes ancestrais naquela cultura.

Para muitos pesquisadores, o *Kreyòl* percorreu o mesmo caminho que o Vodou, desempenhando o mesmo papel. Veículo da herança ancestral, transmitida por múltiplas vozes, nosso idioma agora é parte integrante do nosso patrimônio cultural, e nada pode impedir que continue a desempenhar o seu papel histórico como instrumento de coesão e de unidade nacional.

²⁶O crioulo haitiano (*kreyòlayisyen*), também conhecido como *créole*, é um idioma falado por quase toda a população do Haiti, várias línguas influenciaram o Crioulo haitiano, dentre dos quais o taino (nativo da ilha) as algumas línguas do oeste da África (ioruba, Fon, ewé) e o Francês língua dos colonizadores. Desde 1961, por esforços de Félix Morisseau-Leroy e outros, o crioulo haitiano foi reconhecido com língua oficial ao lado do francês, que fora até então único como idioma literário desde a independência dessa nação em 1804. Desde o escritor Morriseau-Leroy, seu uso literário vem crescendo embora ainda seja pequeno. Desde a década de 1980, ativistas, dentre os quais educadores e escritores, vêm enfatizando o orgulho da literatura crioula, havendo neste século XXI muitos jornais, programas de televisão e de rádio no idioma. **Fonte:** http://pt.wikipedia.org/wiki/Crioulo_haitiano acessado em jan. de 2014.

Jean Price Mars (1956), teórico da escola Indigenista mediu o lugar do Kreyòl na cultura haitiana da seguinte maneira:

[...] nosso crioulo é uma criação coletiva, emanada da necessidade que tinha uma vez mestres e escravos para comunicar seu pensamento, é graças ao crioulo nossas tradições orais existentes, perpetuam e transformam, e é através dele que podemos esperar um dia preencher a diferença de um povo aparentemente distintas e muitas vezes antagônicas (p.79).

Sabemos da importância da cultura na formação de um povo. Do ponto de vista antropológico, o que distingue realmente um povo em relação a outro são os traços culturais; por isso, antes falar de um povo, de uma população, de uma sociedade, é importante saber quais são os laços culturais que caracterizam esse povo.

A partir daí, podemos encontrar premissas ou fundamentos necessários para fazer críticas ou não a esse povo. Desse modo, analisando o conceito de cultura, consideramos extremamente difícil falar de uma cultura repleta de significados, de símbolos, sem ter uma base hermenêutica capaz de dar suporte às formas de interpretações que possam surgir. De acordo com isso, o sociólogo e antropólogo Laënnec Hurbon (1987) ressalta que o filósofo francês hermeneuta *Paul Ricoeur*, entende que:

O projeto da hermenêutica comporta um triplo pressuposto: inicialmente, o interpretante mantém-se sempre no terreno de uma tradição particular e não fala de parte alguma; em seguida, partindo desse terreno, ele procura suprimir a distância que o separa do objeto a ser interpretado; enfim, esse objeto a interpretar é um discurso significativo que, como tal, já veicula uma primeira interpretação. Ele conclui que toda interpretação consiste em iniciar um movimento através do qual se procura não apenas compreender o objeto a ser interpretado, mas também compreender a si mesmo. A hermenêutica não passa por cima de uma linguagem, mas se apóia sobre múltiplas expressões significantes que se lhe oferecem (HURBON, 1987.p.50, Apud. PROSPERE, 2011, p. 92-93).

Esse projeto tridimensional da hermenêutica, que *Paul Ricoeur* destaca na citação acima, não deixa de ser um projeto arquitetônico do sentido e pode ser entendido e ser nomeado de duplo ou múltiplo sentido. Ou seja, é a semântica das demonstrações que constituem a camada simbólica sobre a qual a hermenêutica deve se sustentar para descobrir o sentido camuflado por trás do sentido ilusório. Dessa forma, é possível nos apropriarmos da importância dos saberes ancestrais na

cultura haitiana, que são repassados de geração para geração, repletos de sentidos e significados simbólicos, dentro da cultura local. (PROSPERE, 2011)

Assim, o valor simbólico dentro da cultura local é tão importante quanto a gênese da própria linguagem (oral) e de toda vida comunitária e social. É fundamental sabermos que toda cultura deve ser entendida como um conjunto de traços simbólicos.

Portanto, a cultura haitiana herdada dos escravos originários da África continua sendo transmitida pelos mais velhos ou pode ser chamada de “enciclopédia antiga”, ou seja, aqueles que são responsáveis por contar a genealogia da família, a tradição, os costumes etc., para os mais novos. Entretanto, por incrível que pareça, a invasão da cultura norte-americana, devido ao grande êxodo de migração haitiana para os Estados Unidos da América, acaba colocando a cultura local em risco.

Dessa forma, é fundamental resgatarmos a cultura local da república livre do Novo Mundo, para que esta deixe de ser vista como um elemento e/ou fenômeno antigo, de pouco valor, embora o que importa para muitos, neste novo século, é a novidade, é o mundo que gira em torno do projeto capitalista insustentável. Apesar disso, acreditamos que os ensinamentos que são repassados de gerações para gerações são de extrema importância para a sustentação dessa cultura. A cultura não deixa espaço para penetrar a famosa teoria utilitarista em relação aos mais velhos, é por isso que as pessoas com idade avançada têm seu lugar na sociedade e não são descartáveis. (PROSPERE, 2011)



Fig. (2) A imagem da matriarca na cultura haitiana

Fonte: <http://t1.gstatic.com/images>

A figura da matriarca tem uma importância fundamental na cultura haitiana. É a principal responsável para a transmissão dos ensinamentos orais sobre a trajetória da família, da cultura local. Também ensina as boas maneiras. Há décadas, essa figura é onipresente na formação do caráter ou da personalidade das crianças. Apesar de a figura paterna ter seu lugar nessa formação, a tradição cultural sempre reconhece a figura da matriarca como um elemento indispensável, o que acontece não somente no seio familiar, mas também de forma coletiva.

Por isso, na cultura haitiana as pessoas com idade avançada, chamadas de anciãos, são consideradas como velhas enciclopédias, tratadas com muito respeito, e não é bem visto, quando elas chegam a uma certa idade, levá-las a um asilo. Dessa forma, a hermenêutica tem um papel fundamental na ajuda da interpretação desses signos e símbolos culturais que continuam presentes em alguns países como, por exemplo, o Haiti. (PROSPERE, 2011)

Nesse contexto, o grande desafio hermenêutico deve levar em conta de que forma a evolução do tempo e os grandes avanços tecnológicos vão ao encontro de um diálogo com a cultura local, sem perder sua própria inserção na linguagem histórica e sem suprimir a heterogeneidade daquela cultura, colocando sempre a hermenêutica como lugar por excelência do diálogo, entendimento e de

reconhecimento. Assim, faça-se necessária a valorização da cultura local em todos seus aspectos, ou seja, os laços que mantêm unidas a cultura local (PROSPERE, 2011).

1.30 vodu como espaço religioso

1.3.1 Religião: tomando as definições em mão

A definição deste conceito deu origem a várias contestações que, mesmo sendo polêmicas, há séculos pontuam a história da humanidade. Vale lembrar que nenhuma definição da religião até hoje é aceita por unanimidade segundo (DESCARDES, 1999):

☞ Para Descartes (1999) vários teóricos tentam definir o conceito "Religião":

☞ Para Cícero (106-43 a J.C.), político e orador latino, "a religião é o respeito que sente o indivíduo para as profundezas do seu ser na frente de todo o ser que é digno do divino em particular. Respeito manifesta-se pelo cuidado que é participar de ritos e outros gestos tradicionais da sociedade".

☞ Segundo Lucrèce (98-55 a J.C.), "a religião é um sistema de ameaças e promessas que cultiva e desenvolve o temível fundo da natureza humana, que esmaga o homem, contra a qual, se é nobre e corajoso, revolta-se e ele triunfou através do conhecimento científico e sabedoria filosófica".

☞ Na visão de Max Müller, "a religião é um esforço para conceber o inconcebível, para expressar o inexplicável, uma aspiração ao infinito".

☞ Conforme M. Réville, "religião é a determinação da vida humana pelo sentido de uma ligação entre a mente humana ao espírito misterioso que reconhece o domínio sobre o mundo e a mesmo e que ele gosta de se sentir Unidos."

☞ Para Emile Durkheim (1994), "uma religião é um sistema de solidariedade de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, que é separado, proibido, crenças e práticas que se unem em uma única comunidade moral, chamada Igreja, todos aqueles que aderem."

Enfim, na antropologia procura-se ser mais claro. Em vez de parar em uma problemática definição do fenômeno, os antropólogos irão descrever as crenças e práticas religiosas como eles observam-nos em comunidades que estão vivendo. A religião contribui para a unidade de um povo na partilha de experiência e uma explicação da vida comum. Ela fornece um modelo de comportamento, muitas vezes uma resposta para as vicissitudes da vida. Assim, uma religião é principalmente uma concepção do mundo, de sua criação e sua operação (p.15).

Dessa forma, trazendo a religião Vodou neste estudo, é importante recordar como a Igreja Católica Apostólica Romana confundiu muito cedo sua particularidade com a universalidade; fez-se de porta-voz de várias culturas, no caso da cultura ocidental, tentou impor aos negros descendentes africanos o Deus dos brancos e até uma alma branca.

Em vez de libertar, acabou alienando. E não se deu conta de que estava mergulhando em várias contradições com sua mensagem. A Igreja de certa forma perdeu-se em seus equívocos ideológicos, e cometeu violência abominável contra o povo haitiano ao tentar desenraizar as suas crenças e impor aos dominados a religião dos dominantes (HURBON, 1987).

“Os comunicados triunfantes das missões informam, na realidade, sobre a importância dos fermentos de alienação introduzidos no seio do povo colonizado. Falo da religião cristã e ninguém tem o direito de se espantar. A Igreja nas colônias é uma Igreja de brancos, uma igreja de estrangeiros. Não chama o homem colonizado para a via de Deus mas, para a via de brancos, a via do portão, a via de opressor. E como sabemos, neste negócio são muitos os chamados e poucos os escolhidos” (FANON, 1968, p.31. Apud.HURBON,1987, p.15).

A contribuição deste item está inserida na tentativa de abordagem estrutural que abre caminhos para uma nova compreensão, uma nova hermenêutica ou interpretação. Assim, nos permite enxergar os elementos do culto do Vodou, como um sistema coerente de relações e que corresponde ao universo do ser haitiano.

Mas, queremos deixar bem claro que pretendemos mostrar neste item somente a relação de perseguição exercida pela Igreja Católica, sofrida pelos negros haitianos ao querer impor um deus branco aos negros daquela ilha. Desejamos mostrar como o Vodou, no universo simbólico deste povo é visto e reconhecido como uma religião popular como qualquer outra, embora haja seu aspecto do sincretismo que está no meio, mas isso não tira a essência desta religião.

De acordo com Hurbon (1987), o Vodou, a religião popular do povo haitiano, está cercada por todos seus lados: pelo Estado, que usa o Vodou para consolidar seu poder e seu regime, pela Igreja Católica, que mantém uma postura de superioridade sobre o Vodou, pelo protestantismo americano que busca permanentemente o controle das camadas mais pobres da sociedade, pela elite e a burguesia local nas

quais dominadas pelas ideologias ocidentais, todos eles vêem a religião do popular do povo haitiano como um elemento primitivo, atrasado, condenado, ultrapassado no contexto moderno.

O Vodou pode ser entendido de outra forma para quem o pratica, mas para muitos adeptos ele é uma resposta para seus problemas, que estão além de qualquer compreensão aleia. Está no nível de uma luta política a ser travada pelas camadas exploradas do Haiti. No decorrer dessa batalha, apareceram novas formas de expressões populares, novas linhas ação, surgirá nova cultura, sempre tendo como denominadores comuns as potencialidades existentes (HURBON, 1987).

Mas o vodou não é redutível a uma alienação puramente social e política. A meu ver, o processo revolucionário de resolução da alienação do povo haitiano, fará aparecer os níveis de profundidade do universo do vodou que não foram percebidos até agora em razão do seu complexo jogo de problemas sociais e políticos. É por aí que procuraremos elaborar mais adiante uma hermenêutica não redutiva do vodou. E não poderemos partir para isso, a não ser olhando o vodou como mundo simbólico por excelência; é nessa pesquisa que o seu sentido se manifesta. No interior dessa pesquisa está presente o problema religioso, como também o problema de sua finitude histórica. Também os aspectos estéticos do vodou, bem como seus princípios de classificação, de ordenamento dos domínios naturais e culturais não devem ser considerados puro folclore, podendo subsistir separadamente, já que as alienações econômicas, sociais e políticas podem ser resolvidas. Elas expressam uma experiência profunda da condição humana em sua finitude de ultrapassá-la (HURBON, 1987, p.101).

O Vodou como um espaço por excelência precisa desmitificar todo e qualquer tipo de preconceito que lhe coloca como algo puramente exótico que desperta a curiosidade dos turistas. Como espaço religioso, pode ser entendido como culto individual, familiar e coletivo. Ele é o lugar no qual os adeptos se esforçam constantemente para reencontrar a identidade arrancada e perdida com a mãe África.

O esforço de reencontrar a mãe África manifesta-se através dessa religião. É óbvio que percebe-se uma ruptura com a África, sendo o apelo a essa terra mãe justamente o grito abafado de diversas formas de protestos contra a opressão política, econômica e principalmente a miséria que assola a maioria da população haitiana.

1.3.2O Vodou e sua ligação com a Natureza

Cabe ressaltar que o Vodou está ligado ao meio ambiente, no qual tudo se integra num processo contínuo, na procura eterna de um equilíbrio harmonioso das forças existentes na natureza e da própria vida humana. Neste caso, os elementos da natureza como: a água, o ar, o fogo, a terra, o vento, os trovões, os raios e as matas são elementos que fazem parte do ambiente, e são necessários para o funcionamento e o equilíbrio da natureza, também, estão intimamente ligados com a própria religião Vodou.

Embora para muitos turistas a cerimônia da prática do Vodou pareça ser uma peça de teatro ou uma dança semicômica, para os adeptos o culto significa a celebração continuada da unidade com a mãe natureza. É uma oportunidade para recarregar sua vitalidade. Sabemos que tudo que compõe a natureza é energia. É importante salientar que o Vodou haitiano está profundamente ligado à natureza.

Importa ainda, mencionar outro elemento de recordação da herança africana no Vodou haitiano:

[...] É o trabalho comunitário chamado *Kombit*, que é continuação do *Dokpwe* de Daomé. Ele pode assumir diversas formas (ronda, associação, corbéia) Mas o *Kombit*, propriamente dito, consiste numa associação de camponeses que decidem trabalhar coletivamente num campo em benefício de um único proprietário, com refeição, danças e música. É um verdadeiro sistema de presente e contrapresente: ele obriga seus membros a trabalhar uns pelos outros. Se alguém adoecer, seu campo será cultivado. Mas o *Kombit* não tem só apenas a função econômica: é ocasião de manifestação de amizade, emulação, recreação, prazer. É, ao mesmo tempo, sociedade extremamente estruturada com chefes graduados, orquestra etc., uma série de coisas que despertam o entusiasmo e a alegria do camponês (HURBON, 1987, p.74).

Na cultura local haitiana o *Kombit* estimula a autossuficiência. Os agricultores muitas vezes trocam seus produtos, em vez de vendê-los e, geralmente, consomem o que está disponível na área. Este tipo de atividade econômica não incentiva a exportação. É fundamental para o sistema agroflorestal ter um país como o Haiti. O importante é incentivar os camponeses a permanecer no campo, e promover cada vez mais o sistema agroecológico militante e mostrar sua importância para o desenvolvimento social e econômico do país.

Sem dúvida, revela-se fundamental a prática do *Kombit* na cultura haitiana; contudo é importante ressaltarmos que não são todas as classes da sociedade

haitiana que usam essa prática. Na realidade, estamos em frente a dois mundos separados. É espantosa a coexistência dos dois mundos, um vivendo ao lado ou à custa do outro: a população urbana é minoritária e a rural majoritária. De um lado, o mundo urbano vive com os valores embasados na cultura europeia, e o mundo rural, formado pelos camponeses, com seu crioulo pertencente à cultura “mítica” da África. Estes são os principais fornecedores que abastecem as grandes cidades com seus produtos alimentícios (HURBON, 1987).

Cabe ainda salientarmos as “oferendas”: o hábito praticado pelos nossos ancestrais ao colocar os trabalhos sobre as folhas de bananeira ou mamona em forma de banquete. São todos produtos biodegradáveis, com fácil absorção pela natureza. Nessas oferendas, substituem o plástico, vidros como recipientes, já que esses materiais, além de agredir a natureza, podem causar sérios acidentes. Nesses casos, usam cabaças, bambu, cuia de coco, matérias biodegradáveis, e sua absorção pela natureza deverá ocorrer no menor espaço de tempo, propiciando um ambiente menos poluído.

A oferenda de alimentos ocupa um o lugar central nas cerimônias. O *manzè Lwa*, por exemplo, consiste em alimentar os *Lwa* os quais, uma vez fortalecidos, podem transmitir suas forças aos fiéis. Estes tornam-se bem próximos dos *Lwa* quando se alimentam junto com eles na mesma cerimônia. Seria difícil fazer aqui uma apresentação minuciosa dos diversos tipos de *serviços* encontrada no Vodou. Eles são muito diferentes, conforme as regiões, as confrarias, os ritos (HURBON, 1987, p.83).

Além disso, o praticante do Vodou sempre acreditou que as forças de suas divindades, chamadas *Lwa*, estão sempre presentes na natureza. Como forma de agradecimento é realizada oferendas, que selam a fidelidade, proteção e comunhão com os *Lwa* e a natureza que os representa. A prática do Vodou, na verdade, busca a perfeita harmonia com a natureza.

De acordo com o *Hurbon* (1987), é preciso distinguir vários aspectos dentro da cerimônia de Vodou. Por exemplo, o *manzèmarasa*, é uma espécie de banquete em homenagem aos gêmeos, *poudèfenyo* [para os defuntos], banquetes dos mortos – em homenagem aos mortos e *manzè Jam*, no qual se oferecem as primeiras colheitas. Na visão dele, são cerimônias cujos objetivos são homenagear os *Lwa*²⁷, a

²⁷ São divindades ou espíritos na religião do Vodou haitiana.

fim de obter proteção durante todo ano. Muitos adeptos consideram essa prática um dever da família.

O fator da sacralização da natureza como ensinaram os nossos ancestrais, mantendo sempre as áreas verdes, os rios, o mar, as praias, os lagos, os arroios devidamente limpos - essa consciência ecológica faz parte das práticas religiosa do Vodou; por isso, nenhum adepto gostaria de oferecer suas oferendas às entidades, ou celebrar seu culto em um lugar poluído, sujo e repleto de dejetos. Diante disso, os adeptos do Vodou têm sempre a consciência de que a natureza é sagrada; se é sagrado deve ser preservado e bem cuidado.

Assim, encerrando essa parte, é fundamental fazer uma releitura desses processos culturais que permanecem vivos e decodificam o mundo a sua maneira por meio de símbolos. Cabe lembrar a exploração e a violência vivida pelos negros originários da África no período de colonização no Haiti, vítimas de uma colonização violenta e bárbara. É importante dizer que eles não eram coisas, embora fossem coisificados, mas sim sujeitos capazes de organizar simbolicamente os novos elementos impostos pelo sistema escravocrata. E o Vodou era fundamental para superar todo aquele sofrimento posto pelo colonizador naquela época.

Para Hurbon (1987) o Vodou, “como religião e cultura por excelência das classes populares no país, ele é visto como alguma coisa de superstição primitiva ao mesmo tempo em que seus simpatizantes são oprimidos pelas classes dominantes” (p.75). É importante salientar que o Vodou, predominante nas comunidades rurais no Haiti, muitas vezes é taxado como a causa do atraso do país por aqueles que projetaram e desejam introjetar uma missão civilizadora nas veias dos moradores dessas comunidades, via catolicismo e protestantismo, de tal forma que defendiam que essas religiões eram a única maneira de tornar esse povo “desenvolvido”, abandonando totalmente a velha prática religiosa.

Assim sendo, todos os problemas sociais como pobreza, doença, infelicidade, entre outros são demonstração de que há uma ausência de Deus [Branco] e presença dos demônios na vida daqueles que enfrentam esse tipo de situação no Haiti. Será que o subdesenvolvimento do camponês não seria o resultado da exploração secular e da violência que é posto por parte das classes dominantes? Será que é simplesmente fruto de mentalidade supersticiosa? O que é mentalidade

supersticiosa? Será que o sistema capitalista de uma forma ou outra não é uma “espécie de mentalidade supersticiosa” que o mundo moderno acreditou e que não deu certo? São os ugã e os bòkò [Sacerdote do Vodou], os feiticeiros e os espíritos que fazem sofrer o camponês haitiano de verdade? Não são as grandes multinacionais estrangeiras, as grandes fábricas e empresas norte-americanas, os grandes proprietários, o Estado, os grandes senhores, os altos funcionários que são as verdadeiras causas desse atraso do Haiti?

Compete lembrar que o Vodou é uma religião completamente diferente do cristianismo e das demais religiões que se encontram no Haiti, bem como que não é justo que esteja sendo colocado como responsável por diversos problemas existentes no país e no cotidiano do povo haitiano, sob a crença e a justificativa de que seus adeptos ou praticantes estão longe dos caminhos de Deus [Branco] e, por isso, vivenciam tantas dificuldades e misérias. Pode-se chamar esse processo de alienação do povo frente às verdadeiras causas das contradições sociais, econômicas e política.

Assim, é muito fácil culpar o Vodou por um problema do qual ele não é o determinante, mas sim as relações de exploração e a colonização européia, a Norte Americana tanto no passado e como a suposta recolonização do país em nome de ajuda humanitária nos dias atuais. Qualquer problema com o qual o povo haitiano se depare, seja ele de ordem natural (o terremoto que devastou o país em 2010), social ou econômico, é sempre visto pelas demais religiões que se encontram no Haiti como um problema causado pelo Vodou. Também em outros países observa-se que diversos problemas vivenciados pelas pessoas são ligados às religiões de matriz africana, como por exemplo no Brasil, Cuba, República Dominicana, entre outros.

Para tanto, não seria contraditório afirmar que a religião Vodou continua viva até os dias de hoje na cultura haitiana, tendo sido o elemento crucial para a libertação do país, e ao mesmo tempo, dizer que esse novo poder composto por aqueles que fizeram parte da revolução repudiou após a independência a prática dessa crença religiosa, como também parte da população? Tinha uma explicação simples para compreender esse fato, a sociedade haitiana antes e depois da independência encontra-se diante um verdadeiro paradoxo.

O paradoxo seria a experiência de uma consciência da necessidade de libertação frente à violência colonial, o que Frantz Fanon explica muito bem na sua obra intitulada “Pele Negra Máscara Branca”, que reúne elementos ideológicos dela, aqueles que validam as práticas mais preconceituosas. Isso fez com que houvesse uma libertação física, mas não ideológica ou mental a que estavam jugulados, e que inferiorizava seus valores culturais em detrimento da super valorização da cultura ocidental como a certa, a moderna.

Assim, na visão do autor, a sociedade a que pertence o colonizado é uma sociedade sem valores e o mundo do colono é um mundo oposto, mas ao mesmo tempo, invejável. Esta é a verdadeira razão pela qual o sujeito colonizado sempre quer ocupar o lugar do colonizador: não para tornar-se um colonizador, mas para ao menos poder substituí-lo. Dessa forma, Fanon destaca que “a descolonização unifica esse mundo, retirando-lhe, por uma decisão radical, a sua heterogeneidade, unificando-o sobre a base da nação, algumas vezes da raça” (FANON, 2005, p.62).

Embora longe de encerrar por completo este item, com os aspectos que foram abordados ou mencionados a respeito do Haiti, do Vodou no universo simbólico da cultura deste povo, julgamos necessário não destacar todos os outros elementos ritualísticos que compõem a essência dessa religião, mas sim mostrar quanto ela faz parte do dia a dia do ser haitiano, sua vinculação com a natureza. Sem dúvida, qualquer transformação seja ela de ordem social, econômica, política e ambiental é condenada a passar pelo Vodou.

*Nós temos bandeira como todo povo
Devemos amá-la morrer por ela
Não é um presente dos brancos
É o sangue dos nossos ancestrais que foi derramado
Para levantarmos a bandeira bem alta para trabalharmos unidos
Para que todos os países a respeitem
Esta bandeira é a alma de todo Haitiano
(Hino Nacional Haitiano)*

2- AS RAÍZES DA DESUMANIZAÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO DO/NO HAITI

Neste capítulo pretendemos fazer uma releitura do/no Haiti no que diz respeito à busca de uma compreensão sobre a complexidade e a problemática destas três esferas acima mencionadas. Vale a pena rememorar que o Haiti completou mais de duzentos anos de Independência com seus múltiplos significados históricos. A formação do seu Estado, a independência colonial, o fim da escravidão, deram origem à Primeira República Negra na América, a qual não se conformava de que sua essência de liberdade e majestade fosse antropofagizada por vícios e interesses da raça branca, uma vez que os negros representavam mais de 85% da população.

Dessa forma, é importante lembrar que o Haiti suportou o pesado fardo do colonialismo dos ingleses, espanhóis e franceses por séculos, imperialismo saqueador que deixou várias sequelas na estrutura interna do país. Porém infelizmente a independência do país não conseguiu evitar e nem ir além dos limites impostos pela burguesia internacional. A memorável data do ano 1804 foi marcada na história deste povo sendo dia em que uma população de maioria negra foi esmagada pelo sistema de escravidão e se mostrou disposta a dirigir seu destino.

Este foi apenas o primeiro passo, ou melhor, o começo na consolidação da formação de um Estado Soberano. No entanto, no momento em que o país estava em busca de maturidade enquanto sociedade autônoma, foi estabelecida uma ditadura sanguinária de François Duvalier (1957-1971) conhecido mundialmente como “Papa Doc” e de seu filho Jean-Claude Duvalier “Baby Doc” (1971-1986).

Assim, são vinte e nove anos de injustiça social, de violência social contra a população.

2.1 A Esfera Social do Haiti e seus caminhos percorridos

Falar da questão social do/no Haiti implica, como pressuposto necessário, colocar o presente tema para a sua autodeterminação, ou seja, descrever suas metas de liberdade. Trata-se de evocar o tema da independência como imperativo categórico para entender a luta pela democracia como luta de libertação nacional, uma libertação no sentido fanoniano²⁸ do tema. Dessa forma, queremos dizer primeiramente que a questão social do Haiti é muito complexa, mais precisamente pela sequência de golpes e pela mudança forçada de vários governos durante seus mais de duzentos anos de história.

Destacamos a mais conhecida, que foi sem dúvida o longo reinado ditatorial (1957-1986) dos *Duvaliers* ou Regime do Duvalierismo. Lembramos que em fevereiro de 1986, com a queda de Baby *Duvalier*, começa a euforia, a festa popular e o alento de uma nova era democrática. O movimento popular²⁹ é a obra-prima em que o ator principal é o povo. À frente dos movimentos populares estavam os militares com seus velhos costumes oligárquicos exercendo o papel de repressores.

Os militares negociaram com o regime de *Duvalier* e se beneficiaram muito deste regime. Ao fundo, estavam os Estados Unidos da América como mandantes, como quem determina e supervisiona a transição entre os movimentos populares e os militares, garantindo que os confrontos sejam pacíficos. Naquela época, começou a *déchoukage*³⁰ apoiando o regime de *Duvalier*; em seguida, a meta de uma transição pacífica que enfrenta dificuldades. (SMART, 2008).

No dizer de Rosny Smart³¹:

O movimento social haitiano tentava revolucionar o campo político, teve que fazer um giro, precisava mudar a política, uma verdadeira

²⁸ A teoria da interculturalidade crítica também nasceu no terreno do pensamento inspirado em Marx, com o aporte fundamental da obra de Frantz Fanon (1952 e 1985). Significa que a luta pelas independências dos países colonizados, bem como a compreensão do íntimo dos complexos psíquicos gerados nos colonizados pelo racismo e pela dominação, foram determinantes. (GAUTHIER, 2012, p.18)d

²⁹ Usarei os termos movimento popular, movimento democrático ou, mais frequentemente, movimentos sociais como sinônimos.

³⁰ No crioulo haitiano, significa arrancar raízes.

³¹ Economista haitiano, Ex-Primeiro Ministro do Governo René Préval no período de (1996-2001).

revolução no sentido amplo da palavra, algo inédito. Mas quais foram os instrumentos, as ferramentas para atingir esse objetivo? Claramente, não tinham. O grande movimento social haitiano não tinha esquema, direção, estrutura nem organização, foi uma espécie de gelatina. O movimento tende à horizontalidade perfeita, rejeitando toda a hierarquia, toda a verticalidade. Neste contexto, surge a democracia como uma alternativa política global e regional. Na verdade, todos diziam que eram democratas sem saber realmente o que eles queriam dizer. (SMART, 2008, p.02)³²

Essa falta de clareza do movimento social no Haiti ocorre devido ao fato do mesmo ser formado, por pessoas vítimas de fome, de injustiça, de opressão e humilhação. Processos muitas vezes silenciados, negados pela pequena elite política da região, que várias vezes tentaram reduzir as questões conflitantes ao mero problema militar a ser resolvido via autoritária e repressiva.

Na visão de Sergio Tischler (2005), os movimentos sociais que quisessem se legitimar teriam que assumir uma postura radical, ou seja, promover seus interesses particulares sem mudar a ordem “universal” da democracia liberal. Em outro sentido, a revolução ligada à luta de classes desfavorecidas, subordinadas era expulsa do quadro conceitual da política compreendida como “a arte do possível”. A luta como o denominador comum do coletivo deve implicar necessariamente uma força de resistência que está na ligação entre oprimidos, explorados e dominados como a libertação do reprimido pela esfera do capital. Mas essa libertação só teria sentido se compreendida pela sua potencialidade do coletivo.

O autor ainda vai além ao destacar o seguinte: o que permite essa compreensão de parte do coletivo? O que faz com que esse coletivo surja como uma nova realidade em meio e contra a ordem existente?

Será a luta? Será a resistência? De imediato surge a pergunta sobre o conteúdo de tais conceitos e, ligada a ela, a indagação sobre o *quem*. Então é muito provável que nos encontremos com muitos “quens” e muitas lutas, nas quais o coletivo não representa uma abstração composta por um aglomerado de sujeitos que afirmam sua qualidade de indivíduos, e sim como uma forma real de existência que se produz como “instante” de negação/superação (na forma de coletivização) da cisão na qual se baseiam os particulares fechados e o domínio do capital (cisão sujeito/objeto, trabalho/Capital, Estado/sociedade etc). Nesse sentido, o coletivo é uma ação que transpassa e faz explodir a forma aparente da objetividade social, plasmada como um mundo separado e autônomo que submete os

³² Tradução minha.

seres humanos à sua lógica. (LEHER & SETÚBUL *apud*.TISCHLER, 2005, p.117)

Talvez esse coletivo ao qual o autor se refere não aparente um mero agregado de pessoas, de grupos ou de movimentos, sendo capaz de ter autoconhecimento da sua potencialidade, que aparece como uma espécie de luz que faz nascer um novo sujeito. Uma nova subjetividade que entenda a luta e resistência como umas das saídas rumo a uma democracia participativa. Eis uma das funções e desafios do educador ambiental. Essa nova subjetividade deve ser não só enunciada, convocada teoricamente, mas sim provocada nos dispositivos pedagógicos, sociais etc.

É possível pensar em movimentos e/ou lutas sociais fora desse contexto? Será que esses movimentos ou lutas sociais no/do Haiti estão passando por uma “reconceitualização”, ou até por uma redefinição frente a sua ausência e seu silêncio para não dizer seu sumiço? São estes alguns questionamentos que são fundamentais para compreender a conjuntura social e política do Haiti. É importante observar com atenção as relações entre movimentos sociais e sociedade civil no palco político haitiano, o que não é uma tarefa fácil pelo seu caráter problemático que se apresenta nas últimas décadas dentro do cenário político no Haiti.

É enfático ressaltar que os camponeses haitianos foram os principais atores da Independência do País, mas em seguida foram as principais vítimas das novas estruturas políticas ditadas pelo Estado pós revolução. A própria História do Haiti mostra que durante o século XIX e a primeira metade do século XX foi marcada por luta dos camponeses contra as classes dominantes: o Estado e a burguesia local.

Hodiernamente essas lutas, principalmente os Movimentos sociais, optaram pelo diálogo com outros setores como a indústria, empresários, ONGs, etc. Em suma, é estranho ver como os defensores tradicionais ou líderes desses movimentos dialogam com os exploradores. Este cenário, ao qual podemos chamar institucionalização, para alguns significa um enorme progresso ideológico, já para outros, é um forte indício para compreender a fraca simpatia dos movimentos sociais para com as lutas dos camponeses.

Sabe-se que qualquer mudança no nível sócio-político e econômico pode ser identificada com a democracia; portanto, a revolução com a qual o movimento social

no Haiti sonhava e se ilusionava era de ordem democrática. Falava-se de movimento democrático colocando todo mundo no mesmo “pacote” da democracia. A partir do quadro geral desta nova conjuntura, desse novo paradigma, surge a nova Constituição de 1987, a qual colocou um sistema político de democracia representativa, limitando o poder executivo, reforçando o poder legislativo e colocando um forte acento na descentralização do sistema político haitiano (SMART, 2008).

Em suma, pode-se dizer que, pelo grande movimento social, popular e democrático, a Constituição era muito à direita. Em geral, as aspirações de um mundo justo e equitativo não pareciam ter muito força. Queriam uma democracia verdadeira. Em contrapartida, para os militares e seus aliados que queriam recolocar o velho sistema autocrático era demasiado a esquerda. Da mesma forma, reduzindo o poder do executivo e especificamente, o poder do presidente da República não poderia obter o apoio da direita. De todas as formas, historicamente, este setor sempre aplica o ditado: “*Constitution se papye Bayonèt se fè*”³³. Portanto, pode-se dizer que a Constituição não responde aos desejos dos principais atores na esfera política. É certo que a Constituição votada massivamente em 29 de Março de 1987 o foi mais por omissão do que por convicção. De fato, pelo movimento social, uma vez que elaborou a Constituição, a melhor alternativa era votar nela, porque continha alguns itens que respondiam aos seus desejos, como excluía os ativos duvalieristas no cenário político por dez anos. (SMART, 2008, p. 04)

De acordo com *Rosny Smart*, o grande movimento social que derrubou o regime ditatorial *Duvalierista* desenvolveu-se de forma paralela aos partidos políticos e aos líderes políticos. Ou seja, os partidos e os líderes políticos coexistiram com o movimento social, mas não chegaram a impregná-lo. Visto que os partidos políticos são muito fracos, não têm muitas influências sobre a população, não têm praticamente um histórico devido à repressão que sofriam no período da ditadura (SMART, 2008).

Após milhares de pessoas serem torturadas, exiladas e desaparecidas durante os 29 anos (1957 – 1986) de ditadura, a queda dos *Duvaliers* simbolizou uma nova era: a libertação, a democracia e a liberdade de expressão. Alguns conceitos, como a “sociedade civil”, associações comunitárias etc, só ganharam espaço no cenário sóciopolítico haitiano de 1986 e em diante. Relembrando que de

³³ Quer dizer, “a Constituição é de papel as baionetas, de aço. “La Constitución es de papel, las bayonetas de acero”.

um lado haviam vários grupos clandestinos revolucionários, populares e organizações não governamentais, e de outro lado surgia claramente um grupo que buscava conquistar espaço na nova aventura causada pelo fim da ditadura, com o intuito de erguer o Estado Moderno.

Conforme Smart, os primeiros cinco anos pós-ditadura se caracterizaram pelas tentativas de reimplantar o velho sistema político por parte dos militares. O movimento social lutou fortemente contra essas tentativas dando lugar há cinco anos marcado pela grande instabilidade política, com três golpes de Estado e com eleições frustradas e ensanguentadas. O movimento social finalmente parece que ganha a batalha e chega ao poder com *Jean Bertrand Aristide*³⁴ nas primeiras eleições (1990) livres e democráticas do país.

[...] Mas, como afirmamos, o movimento popular em seu conjunto estava mais a esquerda do quadro definido pela Constituição [o instituinte]. Embora concordando com os grandes princípios do regime democrático: o respeito pelas liberdades fundamentais como a liberdade de expressão, liberdade de associação, direito à vida etc., queria reformas muito mais profundas. Queria, acima de tudo, acabar com as flagrantes desigualdades sociais e queria um sistema político "revolucionário" [o instituinte]. Para adaptar-se a nova situação política, ao novo paradigma definido pela Constituição, a melhor maneira era estabelecer uma entrada populista, nem revolucionária, nem democrática, algo intermediário [o instituído]. Aristide personificava essa nova direita populista. Tinha carisma dos grandes líderes populistas. Com suas palavras proféticas, poderia galvanizar a energia popular e preconizar a integração das massas populares na vida da nação. (SMART, 2008, p.06)

Assim, ao se falar desta figura de um líder populista no Haiti, um País marcado pela constante instabilidade sóciopolítica, se pode correr sério risco num primeiro momento de confundir o próprio conceito "populista" com a "democracia". Portanto, a transformação de uma figura autoritária clássica no caso do ex-presidente haitiano *Jean-Bertrand Aristide* pode desencadear um regime ditatorial.

Na visão de Hérold Jean François (2008), quando começou a era democrática depois do ano 1986 com a queda da ditadura dos *Duvaliers* no Haiti, a classe política haitiana recentemente organizada e com autorização para funcionar apresentou novas ideias, tomou iniciativas, protestou, rejeitou as teorias do poder dos ditadores, manifestou nas ruas e propôs uma nova visão da sociedade,

³⁴Ex-Sacerdote Salesiano, Ex-Presidente do Haiti deposto na África de Sul desde fevereiro de 2004.

incentivando um novo ritmo à vida cotidiana. Muitas vezes no passado e ainda hoje ouvimos as pessoas que justificam a repressão selvagem do poder, colocando tudo no mesmo saco: "Isto não vai com nossos costumes e tradições". Mas, que costumes e que tradições são essas? Quando nós haitianos, os que vivem no País e os da diáspora, tiramos isso na nossa mentalidade, certamente, aparecerão novos moldes para impor uma nova visão de ruptura (idem).

Ainda H. Jean-François insiste em dizer que:

A maior dificuldade de mudança democrática no Haiti vem da persistência de uma inflação visionária na governança do Estado. É mais fácil reproduzir o sistema que transpire diariamente para aplicar métodos de mudança. E ainda estamos fazendo o mesmo de sempre, improvisamos de acordo com nossa tradição de fazer as coisas erradas ou "esforçarmos dentro do mal", para citar Anténor Firmin³⁵. Isto significa que vamos continuar acumulando atraso em todos os campos, nossos líderes não assumem suas exigências de sua função, não se realizam intervenções públicas, o país espera respostas para os problemas e livrar-se deles, o povo busca uma maneira para sobreviver; o resultado está aí no corpo das nossas cidades. O abandono do Estado, a indiferença das elites, acumulações de governos corruptos e ineficientes traduzem em índices de subdesenvolvimento que colocam nosso país na parte inferior de todas as classificações. Outro problema não menos preocupante é a incapacidade dos partidos políticos de posicionar-se como uma opção viável de poder para tomar o comando e aplicar sua visão de modernização do estado (JEAN-FRANÇOIS, 2008, p. 04).

É comum ouvir essa frase de nove a cada dez haitianos, um velho ditado local "este país não muda mais" (o instituído), é uma elocução fatalista carregada de decepções das pessoas que já vivenciaram e continuam observando a realidade dos fatos que não mudam. As inúmeras tentativas, os fracassos constantes dos nossos dirigentes fazem com que a população em geral se junte com o coro dos pessimistas. É importante ressaltar que no Haiti existe uma camada da população que está a serviço da resistência contra a mudança social. Suas ações têm um único objetivo, complicar ou boicotar qualquer tentativa de mudança daqueles que acreditam que ainda é possível fazer alguma coisa em benefício da população.

³⁵Nascido em uma família modesta de Cabo Haitiano no Norte do Haiti, 18 de outubro de 1850. Em 1885 publicou a obra "Igualdade das raças humanas: Antropologia positiva", que é uma reabilitação de grandeza histórica da raça negra do Egito para o Haiti em resposta ao Gobineau a respeito do ensaio sobre a desigualdade das raças humanas (1854). Fonte: www.fr.wikipedia.org

Assim, quando se fala de Haiti no que diz respeito à questão social, devemos nos remeter imediatamente ao conceito de “justiça social”. Porque lá, a ideia de democracia está espalhada, hoje em dia, na consciência dos seus habitantes. Nesse sentido, a luta pela democracia se tornou a luta contra qualquer forma de exploração e de dominação. Sem dúvida, a luta deve continuar por uma ordem social tendo a justiça social e a igualdade social como denominadores comuns.

Sem perder o foco principal deste subcapítulo, que é a questão social do/no Haiti, é necessário trazer a visão da socióloga haitiana *Suzy Castor*³⁶ (2008), destacando os momentos de turbulências que atravessou a sociedade haitiana, e que marcaram a vida da mesma. As turbulências acarretadas pelo período da ditadura de certo modo afetam a vida política, a econômica, a social, a cultural e inclusive a psicológica no comportamento desse povo. Assim, a socióloga chegou assinalar quatro fases que marcaram a transição pós-ditadura no Haiti:

Primeira fase: Suzy Castor se refere à queda do regime dos *Duvalier* em 1986, até a eleição de *Jean Bertrand Aristide* em 1990. Os herdeiros do regime militar tentaram reconstituir uma *Duvalierismo* sem *Duvalier*. As lutas reivindicativas e a mobilização do povo e da sociedade civil em geral contra o *neoduvalierismo* criaram antagonismos crescentes. Os militares reprimiram, mas foram incapazes de dominar o movimento popular democrático que, nos combates difíceis marcados por avanços e retrocessos, conseguiu romper o empate nas eleições de 16 de dezembro de 1990, derrotando o exército e o setor *Duvalierista*. (CASTOR, 2008)

Segunda fase: na visão de Suzy Castor, inclui o governo de Aristide, de dezembro de 1990 a setembro de 1991, fruto do grande movimento social. Pela primeira vez desde a ocupação norte-americana, o exército haitiano já não é mais fonte de poder e o jogo de forças da classe política tradicional está deslocado. Os excluídos entram em cenário pelo caminho real: o sonho de participação na política se conquista com legitimidade popular e constitucional em eleições credíveis. A crise de hegemonia parece encontrar uma saída formal.

Durante esses sete meses, realizam-se alguns progressos do ponto de vista legal, mas foram muito pouco no que diz respeito à melhoria das condições de vida

³⁶Socióloga haitiana. Doctora em Historia de Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Directorad del Centro de Formación e Investigación económico-social para Desarrollo (CRESFED-Haití).

dos cidadãos. No entanto o sentimento (não a realidade), de acesso à cidadania e à soberania representam um potencial que poderia ter se tornado uma alavanca para avançar na construção de uma nação finalmente integrada.

A experiência logo se revelou uma ilusão para o violento golpe de Estado por um exército crescentemente gangsterizado. Apesar da brutal repressão, a resistência popular foi reforçada. No auge da guerra fria, o exército perdeu os seus tradicionais aliados. As Tropas dos EUA intervieram para recolocar no poder o presidente constitucional (CASTOR, 2008).

Terceira fase: para a autora, esta etapa corresponde exatamente à restauração do poder de *Jean Bertrand Aristide* e de *Fanmi Lavalas*³⁷ (Outubro de 1994 – Fevereiro de 2004). O retorno do "sacerdote dos pobres" trouxe novas esperanças e oportunidades, mas também incoerências e corrupções. A dissolução de fato do exército constitui um das alavancas significativas nesta fase. No entanto, o conteúdo do discurso populista presidencial e a ausência de projeto afetam a legitimidade do regime.

Na tentativa de colocar o aparato estatal a serviço de um homem, o governo praticou a reprodução de todos os velhos esquemas do passado: o abuso de poder, ocorrência de corrupção, clientelismo, autoritarismo, e reforçadas distorções econômicas e sociais do sistema. A desinstitucionalização quebrou todos os diques dentro da sociedade e do poder e a levou a um colapso social crescente, a uma situação socioeconômica cada vez mais deteriorada. Assiste-se à incapacidade de gestão do *Lavalas*, *Jean Bertrand Aristide*, *René Prével*, *Jean Bertrand Aristide* de novo, com um jogo de aliança cada vez mais limitado, uma diminuição crescente da capacidade de mobilização, uma perversão sistemática de grandes entusiastas dos setores de ontem. Isto teve graves consequências que se refletiram na desilusão e desespero entre os grandes segmentos da população. (CASTOR, 2008)

Quarta fase: inclui a saída da transição (março 2004–fevereiro 2011). Muitos se perguntam se o novo período aberto com a saída de *Jean Bertrand Aristide* do poder não poderia ser considerado como a última etapa da transição. O governo interino de *Alexandre Boniface* - *Gérard Latortue* tinha como objetivo colocar em marcha e fazer funcionar o aparelho de Estado completamente destruído, realizar as

³⁷ Partido Político fundado em 1990 por Jean Bertrand Aristide.

reformas necessárias para fortalecer a institucionalidade e combater também a insegurança, de forma que o próximo governo, com toda a legitimidade que lhes conferiram as eleições, pudesse encontrar um caminho para colocar o país nos trilhos da modernidade e da justiça social. Apesar de ter fracassado em sua missão e das irregularidades evidentes a serem lamentadas, nas eleições de fevereiro 2006 foram instalados, com toda legitimidade, o governo do Presidente *René Prével* e o Parlamento (CASTOR, 2008. p.3).

Desta forma, analisando as quatro fases acima apresentadas pela socióloga Castor revelaram-se claramente as enormes dificuldades que vêm enfrentando o povo haitiano e os movimentos sociais do país. Percebemos logo que, desde a caída do regime ditatorial dos *Duvaliers*, houve várias tentativas de repor o mesmo sistema. Com a aliança do ex-presidente *Jean B. Aristide- René Prével* surgiram novas esperanças, mas faltou o que pode ser chamado de um “planejamento estratégico” bem elaborado para suprir as necessidades básicas da população, esmagada por quase trinta anos de ditadura.

Embora houvesse forte repressão, a resistência do povo haitiano se manteve de várias formas nos anos posteriores. Mas isso não impediu que, com o retorno do J.B Aristide ao poder depois do exílio no EUA, o país voltasse a estar sob o comando das forças armadas estadunidenses. O que se observava era uma espécie de invasão dos Militares dos Estados Unidos em todo o território haitiano.

Sabe-se que Aristide, junto com as autoridades estadunidenses, firmou vários acordos de reajuste de liberação financeira e comerciais que favoreciam os interesses da burguesia imperialista. Não demorou para que as consequências desses acordos fossem terrivelmente visíveis para a população em geral, com a privatização das estatais, o aumento do desemprego, a aniquilação da agricultura local. Como resultado de tudo isso, se deu uma migração dos camponeses em direção as grandes cidades, em particular para a capital haitiana. Desde então, começou a criação de várias das zonas francas no país, elas são as verdadeiras minas de exploração de mão de obra barata na região.

Assim, vemos um Jean Bertrand Aristide, um líder que representava mudança acalentada pela população. Ele defendia um verdadeiro sistema democrático com estratégias bem definidas, como reforma agrária, direito e estrutura para a classe

dos trabalhadores, apoio aos camponeses, reajuste salariais, reflorestamento do país, investimento em infraestrutura etc. Após o seu exílio, transformou-se em um verdadeiro fantoche defendendo os interesses dos capitalistas norte-americanos, dizendo que sem os Norte Americanos os haitianos não podiam restaurar a democracia no país. Ele sem dúvida tornou-se um aríete ianque em seu próprio país.

Observa-se que Aristide, um líder de caráter populista, esteve caminhando na contra mão, desenvolvendo uma política antiprogressista, não trabalhadora e a favor do imperialismo americano. Com isso, essa política subordinada do líder entrou em choque com as necessidades básicas e as reivindicações da camada mais vulnerável e miserável do país. Como consequência a sua popularidade caiu em um ritmo acelerado.

A população política encrudeleceu-se. A direita, formada por adeptos do regime dos *Duvaliers*, organizou-se em armas, e assaltou algumas cidades, dominando delegacias. Mas, ao mesmo tempo, setores do movimento sindical e popular, mesmo com a ausência de uma direção unificadora clara, mesmo com a política colaboracionista de seus principais líderes, como Aristide e Préval, tinham disposição de lutar pela melhoria das condições de vida e de trabalho e de uma nova perspectiva para o país. No último período do terceiro mandato de Aristide, inúmeras ações populares contra o Estado e contra os quartéis de polícia ocorreram, e se desenhava uma rebelião que iria fugir ao controle das classes dominantes. Preocupado com a segurança dos negócios e a situação de instabilidade do país, Bush, em acordo com a França – o outro parceiro histórico na exploração – e o Canadá, ordenou uma nova invasão militar, em fevereiro de 2004³⁸. Como consequência da intervenção houve dezenas de assassinatos e feridos (MELANI, 2010, p.25).

A citação acima do Ricardo Melani apontou o caminho que se deve ressaltar. Com um olhar de filósofo, de educador ambiental que nasceu naquela pátria, é inadmissível observar essa violência social e simbólica que sofre meu povo. Não se trata de cair no exagero ou patriotismo cego, mas sim, de não ficar no silêncio olhando que os países imperialistas tentam tirar a qualquer custo a soberania da nossa pátria. Com isso, é necessário trazer este acontecimento recente e sinto-me

³⁸ Foi à terceira invasão militar norte americana no Haiti: 1915, 1994 e 2004, oficialmente chama-se de intervenção militar.

no dever de mostrar o verdadeiro papel das tropas estrangeiras chamadas “MINUSTAH³⁹” lideradas pelo Brasil no Haiti.

Dessa forma, acreditamos que somente uma descolonização da subjetividade do ser haitiano é capaz de levar ao país a uma verdadeira mudança social, econômica e política. E, em tese, qual seria o papel do Vodou que é um ícone desta cultura? E em que condição real a Educação Ambiental possa ajudar o Haiti a sair desta crise? Sem sombra de dúvida trata-se de tarefas e desafios para educadores.



Fig: (3) Tanque de guerra em plena circulação em Porto Príncipe

Fonte: Acervo do autor.

Voltemos a falar sobre a presença da MINUSTAH no Haiti, do ponto de vista geopolítico e estratégico. Percebemos que a presença do Brasil nesta missão não é por casualidade, mas completamente diferente e é conduzida pela mania de ampliar sua influência sobre outros países da região. O Brasil, com sua presença militar no Haiti, entrou em uma fase que podemos dizer imprudente, onde foi “inevitável” fazer as vítimas a fim de proteger seu status como potência regional. Não se pode negar que o Brasil nas últimas décadas controlou 40% por cento da economia sul-americana, ele é hegemônico.

Veja a crítica de uma organização em relação à presença do MINUSTAH no Haiti “A Plataforma Haitiana para a Ação e o Desenvolvimento Alternativo, (PAPDA)” expressa sua indignação com o Relatório do Secretário-Geral das Nações Unidas, *Ban Ki-moon*, sobre a situação política e institucional no Haiti, apresentado ao

³⁹A Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti ou MINUSTAH (sigla derivada do francês: *Mission des Nations Unies pour la stabilisation en Haïti*).

Conselho de Segurança em 11 de Setembro de 2014. O relatório mostra um total desrespeito para os problemas que nosso país enfrenta e apresenta e uma imagem idílica dos resultados da missão, recusando-se a reconhecer o seu fracasso e as inúmeras, contínuas e sistemáticas violações dos direitos fundamentais cometidas por *MINUSTAH* durante estes 10 anos de ocupação de nosso território.

Aqui está a crítica da PAPDA na íntegra:

"P - au - P, 17 Set. 2014 [*Alter Presse*] – A Plataforma de Defesa haitiana para um Desenvolvimento Alternativo (Papda) condena veementemente o relatório do secretário-geral das Nações Unidas, *Ban Ki-moon*, da missão de força de estabilização das Nações Unidas no Haiti (Minustah) como um sucesso.

O relatório foi apresentado ao Conselho de segurança em 11 de setembro. Ele recomenda uma redução das tropas para 2 mil soldados e uma extensão para um ano.

"O relatório mostra uma total desconhecimento dos problemas vividos pelo nosso país e apresenta uma imagem idílica dos resultados da Missão ao recusar-se de reconhecer seu fracasso e as inúmeras as violações constantes e sistemáticas dos direitos humanos cometidas pela Minustah durante esses 10 anos de ocupação do nosso território" veja o documento da Papda:

O balanço destes 10 anos reflete a presença da força da ONU agravou a crise política e institucional do país, permite-se compreender o Professor e coordenador da Papda *Camille Chalmers*, numa conferência de imprensa este 16 de setembro [do mesmo ano].

Como resultado, a Papda pediu o respeito das 2 resoluções do Senado da República e pediu também a saída imediata e incondicional das tropas da ONU no país.

"Qualquer renovação do próximo dia 15 de outubro constituirá um doloroso prolongamento de uma tutela ilegal e ilegítimo, que já fez muito mal para o país em agravar a crise sistêmica," disse o Professor Chalmers.

A Papda questionou a eficácia da Minustah, através de uma série de fatos que ocorreram no país, não apenas politicamente, mas também de ponto de vista dos direitos humanos.

Assim, ela critica o fato de que "esta missão da ONU apóia iniciativas indiscriminadamente antidemocráticas do Governo atual".

O atraso de 3 anos para realizações das eleições locais, a nomeação de oficiais de membros interinos na frente das prefeituras e a fuga espetacular da prisão de alta segurança de *Croix-des-Bouquets* testemunha uma pessoa próxima das forças da ONU no país.

"A Minustah não estabilizou coisa nenhuma, e deveria reconhecer que fracassou nesta missão", diz *Camille Chalmers*.

No entanto, "este ano, esta missão vai custar uma soma extravagante de 500 milhões de dólares entre julho 2014 a junho de 2015, é quase 20% do

orçamento da República. Então a missão tem gastado desde a sua chegada no país, em junho de 2004, mais de US \$ 6 bilhões de dólares", relata a Papda.

Além disso, o relatório não responsabilizou as Forças das Nações Unidas, por introduzir a cólera no país, e nenhuma tentativa de indenizar as vítimas.

Esta doença já matou quase 8 mil e 900 pessoas e infectou mais de 704 mil outros. [jepkftgpapr 17/09/2014 10:45] **Fonte:**
[http://www.alterpresse.org/spip.php? Article 17027#.VQnJVdLF-YH](http://www.alterpresse.org/spip.php?Article 17027#.VQnJVdLF-YH).

Segurança e estabilidade de quê? Apenas algumas pessoas com uma forte dose de cegueira e má fé podem se dar ao luxo de dizer que tem havido avanços significativos no domínio da segurança e da estabilidade desta missão para quem acompanha de perto a conjuntura política do Haiti. O país atualmente está em plena crise política, resultando em uma degradação institucional alarmante, que põe em causa os principais órgãos da República prejudicados no seu funcionamento e severamente longe de suas tarefas de acordo, com a linha definida por nossa arquitetura constitucional.

O relatório da Comissão Episcopal de Justiça e Paz (JILAP) de Bispo Honoré, sobre a violência e os assassinatos na região metropolitana (Porto Príncipe), diz que a Comunidade Internacional parece olhar o que está acontecendo em nosso país com óculos especiais. Mostra uma tendência cíclica, mas constante melhoria. O último relatório da ONU também é forçado a reconhecer um aumento de 24% no número de homicídios 2013-2014, e um aumento significativo no número de violações no país. Durante o período observado, todos testemunham uma guerra de vários meses entre gangues rivais na favela de *Bel Air, Cité Soleil e Delmas 2 (em Porto Príncipe-Capital)*. A população do centro de Porto Príncipe vive com medo constante nas ruas quase todos os dias.

É uma transformação lógica. Sabemos como tem surgido o sistema de qualquer império, é através de "sangue e suor" das nações dominadas por eles. Assim sendo, podemos afirmar que a dominação não tem coração; mesmo que algumas são mais ferozes que as outras, mas todas são baseadas na necessidade de dar cobertura para saquear as riquezas dos mais fracos, em benefício de suas classes dominantes. Sejam eles pequenos clãs ou castas.

A missão do Brasil no Haiti, em questão não-diplomática, [e desempenhada como o papel de um cão de guarda. Os dirigentes do Brasil estão abusando os laços

culturais, apertados e unindo os dois povos com intuito de implementar a política de conquista. Uma coisa que não se pode negar é que alguns progressistas haitianos contribuíam para a lógica de proximidade ideológica, com o partido no poder no Brasil em 2004 e continuam cooperando, mantendo um silêncio cúmplice de agressão imperial Brasileira contra o povo haitiano. Trata-se de um ato que deve ser considerado abominável e inadmissível, em pleno século 21, contra a Primeira República Negra do Mundo.

A ocupação do Haiti é assegurada pelo exército brasileiro, com centenas de soldados e algumas dezenas de policiais deliberadamente com apetite para matar e fortemente armados, com rifles de grosso calibre e tanques de guerra, para exterminar os pobres civis haitianos. É um comportamento que é digno de qualquer ocupante, assim, pode-se dizer que o estado brasileiro não é progressista. Pelo contrário, está agindo como um depredador e infelizmente executa as tarefas sujas do imperialismo.

Podemos dizer que a França e os Estados Unidos da América não escolheram o Brasil de forma aleatória para liderar essa missão. Eles sabiam as ambições imperiais do Brasil, sua obsessão declarada para fazer parte de Conselho de Segurança da ONU, eles tinham certeza absoluta que na época o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva não ia resistir a essa proposta.

Lembre-se que apontamos a natureza repressiva do Brasil em matéria de competência, ele jogou muito bem na escolha como o novo mestre do Haiti. Em um documento publicado em 2005 pela Anistia Internacional, no Brasil tem-se 52,2 homicídios para cada cem mil jovens, enquanto os Estados Unidos tinha 32,2 para cada cem mil jovens e a Itália 21 para cada cem mil jovens e no Haiti não chegam a 20 por cem mil. De acordo com esse documento, segundo as análises feitas, o Brasil é muito pior que o Haiti em termos de segurança pública; No entanto, o Brasil foi selecionado como chefe de missão para a estabilização no Haiti. Recentemente, durante a visita do Ministro da Justiça dos Estados Unidos no Haiti, Sr. *Eric Holder* que declarou que, os países como a Jamaica, Porto Rico e República Dominicana são os mais violentos na região do Caribe. Não é o Haiti!⁴⁰.

⁴⁰Alguns trechos do texto da Anistia Internacional publicado no Diário Haitiano; *Le Nouvelliste*, em 2005, analisado e traduzido pelo autor. *Le Nouvelliste* fundado em 1898 é o diário mais antigo em circulação no Haiti.

A posição de todos os compatriotas haitianos, sejam eles habitantes no país ou na diáspora, deve ser firme e sem rodeios, contra o comportamento agressivo das forças de ocupação no Haiti, sejam estas forças brasileiras, americanas, francesas, canadenses ou de qualquer outra nacionalidade, que atravessam as nossas fronteiras, com objetivo de nos manter subordinados. Nosso dever como povo consciente, soberano que conquistou a nossa liberdade, soberania e independência há mais de duzentos anos é de combatê-los até que eles se retirem do nosso território. Se eles decidirem estar no Haiti, devem ser considerados ocupantes no sentido estrito da palavra, dado que todos eles contribuem para humilhar o nosso país, nossa grandeza histórica e nossa cultura.

O Brasil respondeu a apelações dos norte-americanos, dos canadenses e dos franceses contra o povo haitiano, que resistem heroicamente à servidão. A insegurança não é a violência nas ruas de Porto Príncipe, a Capital haitiana, como acredita a maioria dos brasileiros, e outros povos do MERCOSUL. Ela é menor que a violência das metrópoles como a cidade de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador da Bahia. Pode-se dizer que a insegurança no Haiti reside principalmente na falta de alimentos, de sistema saúde eficaz, de saneamento básico, de uma agricultura autônoma, de uma economia sólida e de profissionais capazes para abastecer o mercado local.

2.2A esfera política do Haiti e suas ambiguidades

2.2.1 A Política, em busca de uma compreensão do conceito

O conceito da política deve possibilitar uma compreensão que dê sentido aos aspectos que pretendemos desenvolver neste trecho. Na hipótese, a política enquanto teoria e também enquanto conteúdo prática-processo e método de realizar-se. Tais aspectos, no sentido antissistema, necessitariam ser conectados à problematização do Estado, e em especial o “Estado Haitiano”, que queremos trazer neste estudo e frisar a própria gestão das políticas públicas das mesmas. Assim, buscar uma compreensão do conceito da política por diversos ramos de conhecimento pode ajudar significativamente a entender porque o Estado haitiano funciona de tal maneira.

No dicionário de conceito histórico, de acordo com Karina e Vanderlei (2005), o conceito “política” não pode ser compreendido de forma isolada da ideia do “poder”. Para eles, o poder às vezes é confundido com o Estado, aparato ou órgão normalizador da vida em sociedade. É importante observar que a política não se dá exclusivamente no Estado. Partindo desses pressupostos, para chegar uma definição e uma compreensão do termo política observaremos primeiro o que as ciências sociais e humanas entender por poder:

Os teóricos definem o poder como uma relação. Para Max Weber, o poder é uma relação assimétrica entre pelo menos dois atores, quando o primeiro tem a capacidade de forçar o segundo a fazer algo que este não faria voluntariamente e que só o faz conforme as sugestões e determinações do primeiro. A relação de poder, todavia, não gera necessariamente conflito, podendo haver negociações entre as partes. Essas relações de poder mostram-se em todo lugar, em todo o corpo social, segundo Michel Foucault. Há relação de poder entre pais e filhos, alunos e professor, governantes e governados, dirigentes de partidos e seus filhados, patrões e empregados, líderes de associações sindicais e seus membros, e assim por diante. A verdade é que tais relações são, no mais das vezes, sutis, móveis, dispersas e de difícil caracterização. (SILVA, 2005, p.335)

Analisando a citação, podemos afirmar que o poder consiste exclusivamente em repressão, mas também, é a persuasão que está sempre em busca de legitimidade. O estado tem esta dupla face, tanto de repressão como de persuasão, lembre-se que no nazismo o estado usou mecanismo de repressão e meios de propaganda para convencer o povo a aderir ao Estado forte.

Para Karina e Vanderlei (2005) o conceito “política” foi evidenciado na atividade social desenvolvida pelos cidadãos atenienses da *polis* grega. A vida dos cidadãos gregos estava assentada na atividade política. É por isso que Aristóteles, na antiga Grécia, tinha uma visão muito otimista da política. Para ele, a política é a ciência que estuda o *sumo bem*, tendo por finalidade o bem humano e que deveria alcançar todas as outras ciências. Esse alcance poderia ser atingido e preservado tanto para o cidadão como para o Estado mas, para ele, seria preferível alcançá-la pelo Estado como um todo, pois este regula e engloba todos os seus indivíduos.

Para Aristóteles, a prática da política e a virtude devem caminhar juntas. Na visão dele, um verdadeiro político gozava da reputação de haver estudado a virtude “acima de qualquer coisa”. Nesse contexto, ele entendeu a política como uma

atividade ética, que tinha função pedagógica de transformar os homens em verdadeiros cidadãos éticos.

Se na Grécia clássica a política era entendida como uma experiência que se refletia na vida pessoal harmonizada aos interesses coletivos, confundindo-se muitas vezes com o conceito de ética, hoje o sentido da política é bem diverso. A política entre os gregos, tinha o sentido de atividade pedagógica, a chamada *Paidéia*. Hoje, o caráter mais evidente do conceito atual da política diz respeito, por um lado, à gestão dos negócios públicos e, por outro, às ações da sociedade civil a fim de ter suas reivindicações atendidas. Política, desde Maquiavel (1513), considerado o fundador da Ciência Política, tem a ver com estratégias, ações racionais e objetivos a conquistar. Na época de Maquiavel, os objetivos descritos em *O príncipe* podem ser assim resumidos: como conquistar e manter o poder sobre os principados. O livro é um compêndio de estratégias políticas, de aconselhamentos aos soberanos (SILVA, 2005, p.336-7).

A política, na Grécia antiga ou clássica, era voltada a uma ação pedagógica, exigindo um grau de eticidade de quem a exercia, e voltava-se aos interesses coletivos e não individuais; talvez seja esta a característica que falta nas ações políticas na atualidade. Embora o texto de Maquiavel se direcionasse pela definição de uma política moderna no século XVIII, era muito ligado ao Estado, deixando de lado as classes sociais e ou sociedade civil e suas contradições. Somente a partir do século XIX Karl Marx (1818-1883) resolveu pensar o conceito da política a partir das necessidades das classes sociais e suas contradições.

Assim, podemos considerar que a política não é uma questão apenas teórica, que somente interessa aos cientistas da política em seus estudos, ou ao profissional da política ou mesmo os militantes partidários; ela vai além da prática, tendo a ver com a vida de todos e de cada um de nós, em cada momento da nossa vida (SOUZA, 2004).

É neste sentido que temos que entender a importância da *participação política*. A participação política não é, igualmente, restrita à política partidária, mas envolve todos os campos de atividade humana em sua convivência. Como ensinam Osvaldo Biz e Elizabeth Pedroso, “a participação política pode ser desenvolvida no local de moradia, criando-se Associações de Moradores com objetivos de identificar os problemas existentes no bairro, pensar as alternativas de solução, definir prioridades e encaminhá-las aos governantes (Prefeitos) ou aos nossos representantes mais próximos (Vereadores). E, após, acompanhar o desenrolar das decisões políticas relativas à solução destas questões, pressionando os

responsáveis para agilizar sua solução”⁴¹. Da mesma forma, a participação política pode ser desenvolvida em locais de trabalho, na escola, no meio empresarial, nos partidos, no âmbito da defesa dos direitos humanos, na defesa do meio ambiente, na defesa do consumidor, na defesa das minorias e minorias discriminadas, etc (SOUZA, 2004, p. 63-4).

Realmente a participação política, de acordo com a citação do autor, é muito mais ampla do que poderia imaginar. Atravessa vários campos das atividades humanas. É uma atividade de todos os cidadãos e cidadãs, de qualquer idade que tenham conhecimentos de seus deveres e direitos que devem ser respeitados pelo bom andamento de qualquer sociedade.

Para Dussel (2007), todo que chamamos de político, seja ele (princípios, instituições, ações, etc.) encontra-se num espaço próprio que denominaremos *campo*⁴² *político*. É relacionado a cada atividade (econômico, social, familiar, esportivo, etc.), há também seu respectivo campo, no qual se desempenham as ações, sistemas e instituições adequadas de cada uma destas atividades.

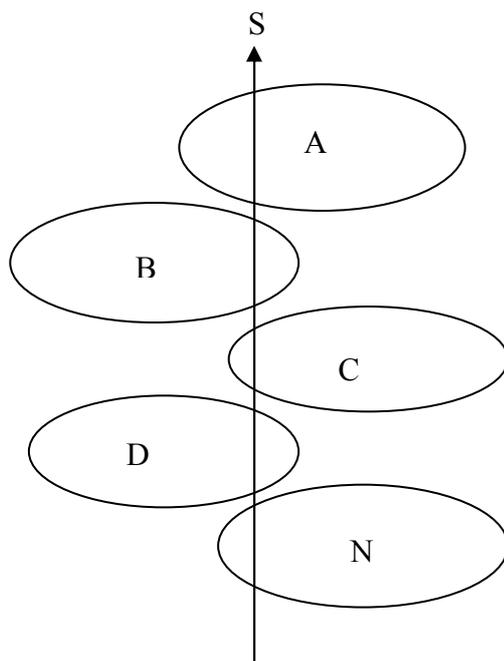
Na visão do Dussel:

Todo *campo político* é um âmbito atravessado por forças, por sujeitos singulares com vontade e com certo poder. Não são simples agregados de indivíduos, mas sim de sujeitos intersubjetivos, relacionados desde início em estruturas de poder ou instituições de maior ou menos permanência. Cada sujeito, como *ator*, é um *agente* que se define em relação aos outros. O mundo de cada um, ou o nosso, está composto por múltiplos *campos*. Cada campo, por sua vez, pode estar atravessado por outros; da mesma forma que o *campo*, por diversos *sistemas*. O sujeito *sabe* como se comportar em todos eles; tem mapas cerebrais para cada um deles, o que lhe tem valido como um longo aprendizado do poder *mover-se* sem cometer *enganos* práticos, do que *não tem sentido* a partir do horizonte hermenêutico que cada *campo* supõe (DUSSEL, 2007, p.18-9)

Esquema representativo dos diversos campos político.

⁴¹ BIZ, Osvaldo – PEDROSO, Elizabeth. Participação política- limites e avanços, Porto Alegre: Evangraf, 1999, p. 14.

⁴² O autor usa esse conceito num sentido semelhante ao Pierre Bourdieu. Ver Bourdieu (1984), *Questions de Sociologie*.



Elucidação do Esquema (x) A, B, C, D, N são diversos campos práticos (familiar, econômico, esportivo, político, etc.). O sujeito (S) atravessa-os, cumprindo em cada um deles funções diferenciadas. (DUSSEL, 2007, p.20)

Conforme Enrique Dussel temos o político (como conceito) e a política (como atividade); por isso, determo-nos na reflexão de seus andamentos essenciais. Para ele, em geral, “o indivíduo e o político por ‘profissão ou vocação’ não tiveram possibilidade de avaliar o significado de sua função e sua responsabilidade política” (2007, p.13).

Quando a política aparece como “profissão” ou como “vocação”:

Max Weber tem um curto trabalho sobre *A Política como profissão/vocação*. Nesse sentido, o ofício pode ser interpretado e vivido existencial e biograficamente pelo sujeito como uma “profissão” burocrática, em certos casos, muito lucrativa, ou como uma “vocação” motivada por idéias, valores, conteúdos normativos que mobilizam a subjetividade do político a uma responsabilidade em favor do outro, do povo. No começo do século XXI, os políticos (representantes eleitos para o exercício do poder institucionalizado, a postas) constituíram grupos elitistas que foram se corrompendo, depois do enorme desgaste das revoluções do século XX, do fracasso de muitos movimentos políticos inspirados por grandes idéias, da crise econômica, e do aumento de dificuldades na juventude para encontrar lugares de ocupação assalariada fixa (pelo desemprego crescente estrutural) (DUSSEL, 2007, p. 37).

Concordamos plenamente com o autor, em mostrar a importância de entender a “política como vocação”. Encontram-se uma série de valores, normas que devem ser respeitadas, e principalmente, a função e as responsabilidades sociais do político, sendo que nem sempre as exigências são respeitadas. Tal fenômeno se evidencia claramente no Haiti, onde a política muitas vezes parece ser um espaço lucrativo, como comenta o autor. Acreditamos que, se no cenário político haitiano houvesse clareza sobre o que se entende por política como profissão/vocação, se estaria diante de um grande passo para o bom andamento do País no futuro.

Na visão do Dussel, a política tem a ver primeiramente com o “social”. Em último caso, o fim da política é a exultação das exigências sociais “(passadas e já institucionalizadas em seu cumprimento, ou futuras e ainda não resolvidas, de onde procede a necessidade das transformações institucionais)” (p.58). Entretanto, o social é a esfera ou subcampo político abarcado pelos campos materiais, por exemplo: “ecológicos, econômico, cultural etc, postos em ação por novos movimentos sociais”, em que, quando os envolvidos tomam consciência de suas reclamações não aceitas, brota o que se chama de crise e, como consequência, aparece o “problema social” (DUSSEL, 2007, p.59).

Dessa forma, todas as reclamações, reivindicações sociais têm de ser postas, ouvidas, porque se a política tem a ver primeiramente com o social, como o mesmo autor salienta então aquela deve, sem dúvida, solucionar os problemas sociais.

O autor se refere à “sociedade civil (o Estado ampliado do Gramsci), e sociedade política (a sociedade no sentido restrito), para mostrar como o “estado civil” ou o “estado político” nas filosofias modernas até o século XVIII (desde Hobbes até Kant) apresentavam o mesmo significado e tendiam a constituir no domínio do estado (o Levaitã)”. (DUSSEL, 2007, p.60). Segundo Dussel ressalta:

[...] “O político”, em relação ao social e ao civil, é por uma parte, a própria sociedade civil (que para Gramsci significa um nível de grande importância política, incluindo a cultura e instituições em outras classificações “civis”, como universidades privadas, meios de comunicação, algumas comunidades religiosas, etc.). Neste caso, todo cidadão é um ator político. Mas, em sentido restrito, o político poderia ser reservado para o nível institucional mais alto da *potestas*, graças a cujas mediações os representantes eleitos podem exercer delegadamente o poder (a sociedade política ou o Estado, seu governo e suas burocracias) (DUSSEL, 2007, p.60).

Desde o nosso ponto de vista, evidencia-se como de extrema relevância a discussão em pauta sobre o político em relação “ao social e ao civil”, como a própria sociedade civil. Inclusive, ver o civil como político é fundamental.

Assim sendo, a política, de certa forma, consiste na criação de instituições sociais diversas, nas quais uma sociedade representa a si mesma. Deve auto espelhar-se, ou seja, a política não pode ser considerada só como a instituição social, mas sim, como a própria ação histórica, democracia direta, autogestão e dentre outras.

No entanto, se para Dussel existem dois sentidos do conceito da política, para Machado (2005) alguns povos, por exemplo “os anglo-saxões” diferenciam também a palavra “política” em: *polity* como teoria, concepções paradigmas etc, *policy*, é a política concreta e, por último, um terceiro *politics*, é quando precisa ser implementada, colocada em prática.

Assim, veja como o autor destaca os três conceitos acima citados de maneira muito interessante e pertinente:

A *polity* - poderia ser relacionada à concepção ou à utopia implícita nos documentos e em outras informações sobre as políticas de tal ou qual governo; já *policy* - se relacionaria mais às políticas concretas ou ao conteúdo das políticas de educação infantil, seus objetivos, metas, etc.; e a *politics* se relacionaria com as relações de poder, método ou processos de implementação das políticas. Em outras palavras, a utopia (identificada na primeira definição, se relaciona ao projeto de sociedade dos gestores, dos que definem a política) e se traduz na segunda (no conteúdo das políticas) e é implementada, se busca sua efetivação, através dos meios e recursos necessários e/ou utilizados para se garantir sua eficácia. Neste processo de implementação emergiriam o terceiro aspecto que se refere às relações entre Estado/gestores e comunidade/sociedade, portanto, relações de poder e produção da hegemonia e do consenso (MACHADO, UAB, 2007-2008; 2005 e 2006, MACHADO b, p. 06, 2009).

Deste modo, uma política equivale a *policy* quando é direcionada para o “bem comum” ou de “boa prática”, trabalhando com os interesses conflitantes existentes de uma sociedade. *Politics* só se concretiza quando o Estado ou as políticas do mesmo são desafiados em sua legitimidade como órgão que representa toda a sociedade (MACHADO, 2005).

Interessante observar os dois sentidos de um lado e três sentidos de outro lado da política, inclusos nas colocações dos teóricos acima citados. De certa forma,

são fundamentais para compreender o significado da palavra propriamente dita, embora os sentidos sejam distintos. No entanto, importam termos presentes esses diferentes sentidos, principalmente os três últimos apresentados por Machado para podermos reconhecer quando a palavra “política” não está sendo usado de maneira correta.

Para Dussel, dentro da visão da institucionalidade a política passa por três esferas:

1. A condizente à produção, reprodução e aumento da vida dos cidadãos. É o conteúdo de toda ação política e por isso, a denominaremos *material*⁴³. Neste caso, o campo político se cruza com os campos ecológico, econômico, cultural etc.
2. A esfera das instituições, que garantem a legitimidade de todas as ações e instituições restantes de todo sistema político. É a esfera formal ou procedimental normativa. Cruza-se com os campos do direito, dos sistemas militares, policiais, carcerários, etc.
3. A esfera da factibilidade política, onde as instituições permitem executar os conteúdos dentro dos marcos da legitimidade (em último termo é a administração do Estado, mas inclui muitas outras instituições da Sociedade civil e do social) (DUSSEL, 2007. p.62).

Se analisarmos a primeira esfera, na qual Dussel destaca que o campo político em certo momento deve cruzar com o da economia, isso pode nos levar a pensar que é possível o cruzamento entre o campo político haitiano e sua economia? O que observamos no cenário político interno haitiano durante as últimas três décadas é uma força política interna imersa em uma espécie de imediatismo que dificulta o cumprimento de seu verdadeiro função. Os partidos políticos são muitos fracos, mal estruturados, mal institucionalizados e são completamente incapazes de assumir as suas responsabilidades.

É extremamente necessário avançar em direção a uma consolidação de forças políticas democráticas. E que sejam para articular o poder, ajudar a definir e implementar programas e políticas públicas com base nos interesses da sociedade haitiana. Devemos lembrar que o Haiti é um dos países mais afetados pela fome,

⁴³No livro *Ética de la liberación* (Dussel, 1998, cap. 1e 4), o autor explicou amplamente esse conceito.

pela miséria no nosso hemisfério, mas o país não é o único responsável por este fato. Por esta razão, é necessária uma política que seja capaz de adaptar-se à altura dos desafios do país, e desmitificar que o Haiti é um país pobre, mas sim conforme sabemos, trata-se de um o país empobrecido pelas potências coloniais, e que continua sendo explorado até hoje.

Nestes últimos anos, venho fazendo uma observação interessante: há um acordo tácito entre todas as tendências políticas em nomear o Haiti como “o país mais pobre das Américas, um dos mais pobres do mundo”. Isso tem chamado minha atenção pelo fato de que as palavras para designamos nossa realidade. “Pobre” não é a melhor maneira de falar do Haiti. Seria mais conveniente falar empobrecido. Eu costumo utilizar o título do livro de Eduardo Galeano, quando me refiro ao Haiti, para dizer que a situação atual do país é “a construção de seis veias abertas”. Isto é, só estudando a história do Haiti é que é possível identificar as raízes do que ele é hoje. Exploração e Lutas são duas categorias que podem sintetizar essa história (SEGUY, 2010, p.9).

Infelizmente, essa inverdade de que o Haiti é um dos países mais pobres do mundo se sacralizou no mundo inteiro, sem que com ela fosse conhecida a proveniência e a causa desta pobreza alarmante, que aflige o país a mais de dois séculos. É muito fácil acreditar nesta inverdade para poder inserir no seio da sociedade haitiana a cultura da ONGização, que na maioria das vezes desenvolvem um trabalho de desumanização contra povo Haitiano.

Conforme Louis Juste (2007, p.22), as ONGs têm se implantado no Haiti em período de grandes dificuldades econômicas, seja após um desastre natural tal como a furação *Hazel*, seja no momento em que a crise estrutural provoca uma ruptura no equilíbrio dos recursos como em 1981, 1986 ou 1991⁴⁴. De fato, após o violento terremoto que devastou o Haiti em 2010, surgiu a propaganda enganosa em torno da reconstrução do Haiti. Apareceu com o novo cenário uma oportunidade de implantar mais indústrias no país, transformando-o em um novo paraíso das Organizações não governamentais nas últimas décadas.

Em fevereiro de 2010, um mês após o terremoto, o Primeiro Ministro Haitiano *Jean-Max Bellerive*, manifestou a seguinte preocupação acerca da proliferação das ONGs no Haiti:

⁴⁴ EXPERTS CONCEILS EN ÉCONOMIE, FINANCE, GESTION ET SOCIETE. Survol des grandes tendances et orientations des ONGs au cours des dix dernières années (1986-1996): Étude commendé para HELVETAS, Port-au-Prince, 1979, p.23.

São eles que permitem que as ONGs façam o que querem. São eles que não exigem que as ONGs prestem conta ao governo. Toda a forma das ONGs vem daqueles que as providenciam em dinheiro. Invés de brigar com 4000 ONGs, número que tem aumentado para 10 000 desde o terremoto, eu prefiro discutir com 10 financiadores principais que o oferecem dinheiro a um conjunto de ONGs que criam certo grau de bagunça (Jean Michel, 2010, Apud. SEGUY, 2014, p.27).

O relato do PM (Primeiro Ministro) haitiano, mostra com toda clareza a incapacidade dos dirigentes políticos de administrar seu próprio país. Dessa forma, não há como evitar a obrigação de questionar quais são as verdadeiras tarefas que desempenham as ONGs no Haiti desde o terremoto 2010, data a partir da qual se proliferam.

2.3 Uma mirada no Mapa das ONGs no Haiti

O esforço da reconstrução do Haiti indica que a caridade e boa vontade tornaram-se uma espécie de mercadoria. O processo de ajuda para aliviar a pobreza e a destruição foi transformado em negócios – os quais na sua maioria estão favorecendo seus principais doadores. Assim, parece que não há pessoas de lá que são de confiança, para ajudar.

Falar sobre a ineficiência estrutural de instituições de caridade e ONGs é difícil para a maioria, porque a crítica de caridade cria o equívoco problemático de que uma pessoa coloca-se contra a dor dos outros, ou contra a boa intenção de fazer do mundo um lugar melhor. Isso não é verdade.

Um grande problema para discutir as ONGs no Haiti - e em outros lugares, é que sua presença é sempre sistematicamente retratada como fenômeno apolítico. A realidade no Haiti, dois anos depois do terremoto, indica que é uma empresa muito mais complicada e muito mais egoísta. Temos assim muitas organizações no país, que é apresentado como um símbolo do fracasso fundamental do povo haitiano e sua cultura. A corrupção é acentuada várias vezes, como uma razão para que o governo haitiano não possa se engajar em qualquer colocação de reconstrução.

Quando os países imperialistas jogam a culpa no governo haitiano, afirmando que este está favor da presença de grande parte das ONGs estrangeiras no país, tem-se um calibre para o "desenvolvimento" no Haiti durante várias décadas.

Enquanto o governo foi considerado muito corrupto e ineficiente de confiança para o investimento estrangeiro.

Em particular, altas quantidades de investimento iriam para essas agências estrangeiras, sem que agissem com responsabilidade para com o povo haitiano, ao contrário de condições impostas através do ajustamento estrutural do governo haitiano - não há transparência ou qualquer acompanhamento do procedimento para mostrar onde ou como o dinheiro é gasto. Para a comunidade internacional, configura exemplo, no Haiti, do clássico de fazer como nós dizemos e não como nós fazemos.

Podemos observar que o modelo de desenvolvimento liderado pelas ONGs no Haiti é um *cavalo de Troia*, perfeito para a contenção da reestruturação econômica do neoliberal mais extremo documentado até agora. Os objetivos, a visão e o modelo econômico das ONGs transnacionais estão aumentando a dependência no Haiti, que se opõe diretamente aos objetivos do povo haitiano, que exige um modelo de desenvolvimento que provoca a autossuficiência e toma conta da autodeterminação.



Fig.4 Mapa da proliferação das ONGs no Haiti

Fonte: www.com/photo.php

Infelizmente, percebe-se que o Haiti tornou-se uma República das ONGs na era contemporânea. A fragilidade do Estado apareceu logo após o terremoto. As milhares de organizações não governamentais que vêm ao Haiti em nome de ajuda humanitária, já de olho na ajuda internacional para a reconstrução do Haiti,

construíram um poderoso Estado paralelo que não presta conta aos dirigentes haitianos, a não ser a seus contribuintes e patrões internacionais. E até hoje, o povo haitiano, na sua maioria se constitui por pobres, desempregados, desabrigados e abalados por essas ONGs, estando à espera da reconstrução tão prometida no cenário internacional até o dia de hoje.

O escritor *Lyonel Trouillot* (2010), um dos mais brilhantes do Haiti na atualidade, não escondeu e nem disfarçou sua justificada indignação, a qual não enfraquece sua grande generosidade, expressada com toda clareza. A sua observação a seguir acerta tão bem no alvo, que sem dúvida merece ser destacada:

Não há evidências de que, a proliferação de ONGs estrangeiras sejam mais eficazes⁴⁵ no serviço aos haitianos de que um suporte mais modesto em termos de empregos e visibilidade, para os projetos que teriam sido concebidos por haitianos, realizados por haitianos com mecanismos rigorosos de controle por parte dos doadores e parceiros, além de assistência técnica e intelectual estritamente relacionada às áreas em que faltam pessoal e savoir-faire. Ao contrário do governo, a sociedade civil haitiana não achou-se em falta de idéias nem de boa vontade à sequência do sismo, faltou-lhe principalmente recursos (SEGUY, 2014. p.33).

Dessas observações e tantas outras do tipo, temos que abrir os olhos em muitos pesquisadores e em particular em nós os haitianos, o interesse de analisar e compreender como o terremoto tem oferecido às ONGs, a MINUSTAH, a Comunidade Internacional uma oportunidade impar para se reconfigurar e reforçar sua hegemonia no país, a fim de programar e assegurar a administração, de ordem colonial, na qual o Haiti ainda se encontra submetido na atualidade.

A proliferação de atores, agências governamentais, ONGs e doadores, bem como a péssima qualidade dos dados recolhidos, tornam o sistema ainda mais difícil

⁴⁵Em se tratando do papel das ONGs no Haiti, o diplomata brasileiro Ricardo Seitenfus, Representante Especial do Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA) e Chefe do Escritório da mesma no Haiti, está na posição ideal para saber o que fazem as ONGs dentro do país. Numa entrevista ao jornal suíço *Le Temps*, em dezembro de 2010, ele resume a situação assim: "Desde o terremoto, o Haiti tornou-se uma encruzilhada incontornável. Para as ONGs transnacionais, o Haiti tem-se transformado em um lugar de passagem obrigatória. Eu diria ainda pior que isso: de formação profissional. A faixa etária dos cooperantes que chegaram depois do terremoto é muito baixa; eles desembarcam no Haiti sem nenhuma experiência. Enquanto isso, o Haiti, posso lhe garantir, não é propício aos amadores. Depois do 12 de janeiro, por causa do recrutamento maciço, a qualidade profissional tem diminuído muito. Existe uma relação maléfica ou perversa entre a força das ONGs e a fraqueza do Estado haitiano. Algumas ONGs existem somente por causa do infortúnio haitiano". (SEGUY, 2014, p.33).

de entender. Vale ressaltar que dados do governo são de má qualidade e que os doadores não obtêm informações sobre o que eles fazem e quanto gastam.

Quando nos deparamos com Estado sem soberania política, com sua deformação institucional através do financiamento externo e com estruturas internas às vezes antidemocráticas, temos dúvidas sobre seu papel como agente neutro, mesmo porque o Estado apoia o comportamento e a mentalidade de assistência para sobreviver ao longo das décadas de desorientação política.

Dessa forma, queremos relatar um acontecimento importante para ilustrar o quanto é nefasta a presença das tropas estrangeiras (MINUSTAH) no território haitiano. Foi anunciada oficialmente, no dia dezenove de outubro de 2010, a descoberta da bactéria que se chama “Cólera⁴⁶” que em pouco tempo, se espalhou no Haiti. Pesquisas revelaram que, depois de três anos, mais de oitocentas mil pessoas foram infetadas, das quais cerca de nove mil já perderam suas vidas.

Lembramos que entre os dias sete e vinte e cinco de novembro do mesmo ano, o epidemiologista francês *Renaud Piarroux* dirigiu um inquérito no Haiti, um mês depois da descoberta na cidade de *Mirebalais* (Centro), do primeiro caso de cólera encontrada pela Brigada medical cubana, em 14 de outubro. O especialista em cólera, professor *R. Piarroux*, chegou a conclusão de que a epidemia provém a partir da base nepalesa da Minustah, cujo batalhão de soldados havia chegado ao Haiti quatro dias antes.

Assim, mostrou o inquérito que o mesmo batalhão deixou *Katmandu* (capital do Nepal) duas semanas após a eclosão de uma epidemia de cólera no seu país. As

⁴⁶Kathie Klarreich e Linda Polman jornalistas do The Nation, em uma reportagem realizada sobre o Haiti, e publicada na edição de 19 de novembro de 2012, com o título The NGO Republic of Haiti (A República ONG do Haiti), observaram que em Porto Príncipe: “Água limpa sempre foi uma raridade nesse país, e essa raridade é justamente a razão pela qual a epidemia [de cólera] se espalhou tão rapidamente. Enquanto isso, dos 175 milhões [de dólares] requisitados pelas Nações Unidas para ajudar a reduzir a epidemia, menos da metade foi dada. Por sua parte, várias ONGs (entre elas a UNICEF, a Cruz Vermelha inglesa e a William J. Clinton Foundation) lutaram contra a epidemia com campanhas visando a informar o público sobre a importância da higiene – e em seguida realojaram haitianos em áreas que tinham nem banheiros nem pias para lavar as mãos. Em agosto de 2011, quase um ano depois da introdução da cólera, apenas 12% das tendas colocadas pelas ONGs tinham pias. E somente 7% dos acampamentos tinham acesso à água limpa de acordo com um censo das Nações Unidas, comparados a 48% em março do ano anterior [2010]. Das 12 000 latrinas necessárias, há apenas 4,579, ou seja, 30% que eram funcionais”. (Klarreich; Polman, 2012). Isto é, um ano depois do terremoto, a situação humanitária, longe de melhorar, havia piorado e muito.

conclusões⁴⁷ do estudo do especialista *Renaud Piarroux* foram conferidas por outras pesquisas e vários outros estudos posteriores que, até hoje, não foram postos em dúvida. (SEGUY, 2014)

Quem poderia acreditar no comportamento servil do governo haitiano perante um acontecimento monstruoso desse! Quando o Ministro das Relações Exterior compareceu perante a Câmara dos Deputados no Haiti e disse oficialmente que “o governo não vai processar a Organização das Nações Unidas por ter introduzido a epidemia no país⁴⁸”. Para indenizar os familiares das vítimas, de consequência da epidemia de cólera introduzida no território haitiano pelo batalhão nepalês enviado pela ONU. É importante lembrar que em 2010 o diplomata brasileiro Ricardo Seitenfus, representante das Organizações dos Estados Americanos (OEA) concedeu uma entrevista ao Jornal suíço *Le Temps*⁴⁹, no qual disse com toda clareza que o caso do Haiti é exemplo de fracasso da ajuda internacional.

Na tentativa de encerrarmos este item, que abrange um dos conceitos mais polêmicos na atualidade que é a “política”, teceremos os seguintes comentários. Em particular, a política interna e externa do/no Haiti que, depois de dois séculos de história, continua sendo conturbada sobre todos seus aspectos, uma política sem norte, sem estratégia bem delineada capaz de (re)direcionar o país rumo ao desenvolvimento.

Podemos mesmo até arriscar dizer que o Estado haitiano está quase em falência, sem soberania. Perante esta situação, o que fazer? Como fazer? Sabemos muito bem que é o próprio Estado que abriu suas portas para as ONGs, as forças invasoras, zonas francas, multinacionais que exploram a população e corrupção

⁴⁷Todas as conclusões da enquete do professor especialista Renaud Piarroux em Cólera estão disponíveis no site de Le Monde e podem ser acessadas pelo seguinte link: <http://www.monde-diplomatique.fr/carnet/2011-01-12-Haiti>. Acessado em abril de 2014.

⁴⁸É importante lembrar que o cólera foi introduzido no Haiti a partir de matérias fecais de banheiros químicos derramados na região de Artibonite dentro do rio do mesmo nome (um dos maiores do país) cuja água é usada pela população local para se lavar e se alimentar (beber e cozinhar). O doutor Daniele Lantagne, integrante do painel especializado da ONU para estudar o caso no Haiti em 2011, concluiu: “Podemos afirmar que a fonte maisprovável da introdução da cólera no Haiti era alguém infectado com a cepa de cólera do Nepal e associado com o batalhão das Nações Unidas em Mirebalais”. (Mark Doyle). **Fonte**, <http://www.bbc.co.uk/news/world-latin-america-20024400>. Acesso: em abril de 2013.

⁴⁹A entrevista do Ricardo Seitenfus pode ser encontrada em: Arnaud Robert. «Haïtiestpreuve de l'échec de l'aideinternationale». Disponível em: http://www.letemps.ch/Page/Uuid/2a1b8ad0-0bb8-11e0-91f4-4896afb502/Ha%C3%AFti_est_la_preuve_de_l%C3%A9chec_de_laide_internationale. Acesso em de março de 2013.

generalizada. É obvio que não podemos esperar que o Estado haitiano chegue à beira de falência sem tomar nenhuma medida para evitar o inesperado.

Um país no qual seus governantes e seus representantes políticos foram seduzidos pela política do assistencialismo, portanto contando sempre com a ajuda da Comunidade Internacional, somente poderia chegar à beira do colapso como chegou hoje em dia. Obviamente tudo tem um porquê. A pergunta a ser feita é seguinte: por que não promovermos em todas as escalas políticas, uma série sistemática de impugnações de mandatos, sobre os representantes do povo que se acham espertos ao não cumprir com suas obrigações? Dessa forma, seria um atentado contra a nossa própria existência não os fiscalizarmos, não exigirmos prestação de contas de um setor (política) de suma importância para qualquer sociedade.

Em nome de todos aqueles que sonham que um dia a política (interna e externa) do Haiti possa servir verdadeiramente à população haitiana, honrando os antepassados que lutaram para deixar essa pátria livre para todos os haitianos, para que possamos retomar nossa dignidade e nossa soberania como nação livre e sem a existência das ONGs que estão acabando com os valores de solidariedade e que colocam o individualismo acima de tudo, [e que estamos em busca de uma construção de alternativas que se objetivam nas seguintes metas:

- ✓ (Re)pensar e (re)ver o respeito ao ser haitiano de acordo com suas raízes culturais de bem-estar livre;
- ✓ Retomar o vínculo entre o setor público e setor privado, tendo por base a tradição da revolução haitiana, fazendo com que o legado da liberdade, igualdade e fraternidade seja o denominador comum da sociedade;
- ✓ Repensar a conexão entre a vida política, a vida econômica e a vida social do ser haitiano, lutando por seus devidos direitos na busca de uma recuperação da soberania perdida como nação;
- ✓ Proibir as atuações das ONGs no Haiti, que já gastaram mais do que US\$ 2 bilhões⁵⁰, sendo que, em todo o mundo e em todos os continentes, as doações em favor do Haiti nunca acabam, para não

⁵⁰Le Nouvellistedu 15 juillet de 2010.

mencionar as intermináveis reuniões internacionais sobre o Haiti, o governo haitiano só mais tarde encontrou 350 milhões para cobrir seu déficit orçamentário para o ano 2009-2010⁵¹ (BUTEAU, 2010);

- ✓ Elaborar um orçamento público que seja capaz de dar suporte aos próprios recursos do país e que se oriente conforme a necessidade da população;
- ✓ Reformar o sistema político, isto é, recuperar a soberania política nas relações internas e externas de modo que o país seja capaz de lutar contra a proliferação da cultura das ONGs;
- ✓ Rever a importância de um país bilíngue na região, no qual a língua *Kreyòl* falada por todos os haitianos, seja ele analfabeto ou não, penetre nas salas de aulas ao lado da filosofia dos ancestrais e tendo o Vodou como seu alicerce.
- ✓ Sanar essas dicotomias entre rico/pobre, negro/branco, *Kreyòl*/Francês, cristão/voduisante, urbano/rural, que impedem a destruição do laço fraternal que une o povo haitiano desde a África;
- ✓ Repensar um Estado forte, estável, capaz de proteger seus valores tradicionais, a soberania, a independência e a visão nacional;
- ✓ Sonhar com uma sociedade justa, economicamente livre e politicamente autônoma;
- ✓ Organizar uma agricultura familiar regenerativa, com base sustentável que seja capaz de trazer vantagens para os pequenos produtores;
- ✓ Repensar o meio ambiente baseando em uma ética de responsabilidade, isto é, uma ética que seja capaz de explorar as facetas da responsabilidade em relação ao presente ao futuro.

Dessa forma, estamos cientes de que trazemos um conceito (política) tão complexo e ao mesmo tempo tão necessário para esta pesquisa, a questão da política deve ser analisada com cuidado, em sua complexidade de significações. Somente assim podemos chegar ao entendimento de que tipo de política queremos para o melhor funcionamento das relações internas e externas do Haiti. Acreditamos, honestamente, que um sistema político só pode ser eficaz se aceitar a

⁵¹ Office of the Special Enjoy. "Key Facts as of July, 30.2010".

participação ampla da sociedade civil. Assim, pensamos que aqueles que exercem a nobre função da política devem preocupar-se em poder ter essa “honesta pretensão crítica política de justiça”.

2.4 A esfera econômica do/no Haiti: uma mentalidade de assistencialismo

Há diferentes maneiras de definir a “economia”, mas queremos deixar claro que neste item, não estamos buscando uma definição conceitual do tema em si. Porém, pretendemos procurar mostrar desde a época do mercantilismo como a economia teve um papel decisivo no destino dos países da periferia e os da semi-periferia. Em particular, a economia do Haiti será abordada de forma ampla neste item.

A economia de um país é o balizador e/ou denominador comum que regulariza as demais esferas de uma sociedade. É por isso que, quando ela vai bem, quando ela contém estrutura sólida, o país (casa) consegue se desenvolver e crescer em todos os sentidos. Mas não podemos esquecer que no passado recente a economia no sentido geral teve seu lado escuro. Trata-se da economia atlântica, que apoiava o tráfico de escravos vindos da África para as grandes plantações da América Latina e do Caribe, e que sustentava boa parte da economia da Europa, deixando sequelas até hoje em alguns países, como no caso do Haiti.

Segundo Grüner (2010), o domínio colonial teve um papel decisivo na economia mundial. Desde então, foi o que proporcionava o contexto mais condicionante das inter-relações de raça, classe, política e cultura com “base econômica” das nações. Mas a questão não é somente econômica mas também muito ampla e profundamente ideológico-cultural. Por isso, podemos perguntar até que ponto este fato ou acontecimento de barbárie foi perfeitamente compatível com o pensamento ocidental ao aceitar chamá-lo “modernidade⁵²”.

É relevante resgatar a inesquecível data de 5 de outubro de 1492, quando iniciou-se a primeira invasão dos colonizadores na América com a chegada de C.

⁵² Por modernidade é preciso entender o caráter peculiar de uma forma histórica de totalização civilizatória da vida humana. Por capitalismo, uma forma o modo de reprodução da vida econômica de ser humano: uma maneira de levar a cabo aquele conjunto de suas atividades que está dedicado direita e perfeitamente à produção, circulação e consumo dos bens produzidos. Entre modernidade e capitalismo existem as relações que são próprias entre uma totalização completa e independente e uma parte dela dependente da mesma, mas a condição de impor sua maneira particular de totalização (ECHEVERRÍA, 1999. *Apud*, GRÜNER, 2010, p. 240)

Colombo no Novo Mundo, em particular no Caribe com o início de processo de escravidão na região. Esta mesma data também marcou a gênese do desenvolvimento capitalista com o trabalho escravos. Podemos afirmar que é claramente com a colonização do Haiti que começaram as primeiras experiências.

A escravatura afroamericana em América Latina – e em particular na região das Antilhas no Caribe – cumpriu um papel histórico de primeira magnitude na formação do que Immanuel Wallerstein denominou de *economia-mundo*, ou (mais amplamente) *sistema-mundocapitalista* moderna. Neste sentido, tem sido um dos fatores centrais que possibilitou o surgimento do que costumava ser chamado de "Modernidade" Europa ocidental, claro desde um ponto de vista econômico-social (vinculado ao que Marx, no capítulo XXIV do Capital, denomina "acumulação originária") mas também *político-cultural*, já que – no sentido amplo da administração colonial por parte das metrópoles - contribuiu com a "racionalização" – sentido estritamente werberiano – dos grandes Estados Nacionais e sua organização legal-burocrática, assim como a construção de uma identidade cultural europeia definida em relação as uns e aos outros (GRÜNER, 2010, 33).

Dessa forma, pode parecer um pouco exagerada a nossa afirmação de que a sociedade capitalista moderna não teria sua consolidação sem a instrumentação da escravatura afro-americana, isto é, ela partiu de um projeto econômico e político universal do mesmo. Ocorre que a economia europeia teve seu ponto mais elevado na história das sociedades, graças ao processo de exploração de força de trabalho escravo nas Antilhas. Foi neste panorama de produção e acumulação feroz do capital para sustentar a economia da Metrópole Francesa que o Haiti no passado foi chamado a "Perola das Antilhas"⁵³.

Um dos mais brilhantes historiadores haitianos resume esta história da seguinte maneira:

Enquanto a exploração da terra e dos homens na colônia de Saint-Domingue contribuiu fortemente para enriquecer a burguesia francesa e acelerou o desenvolvimento do capitalismo na metrópole, em contrapartida o povo que sucedeu aos escravos, cujo duro labor havia permitido essa acumulação do capital em metrópole, não

⁵³ Recentemente há um acordo quase universal em todas as tendências ao insistir de chamar o Haiti "o País mais pobre do Continente Americano", ou ainda, um dos mais pobres do mundo. Isso é importante de observar de ponto de vista filosófico, onde as palavras pelas quais designamos nossa realidade expressam nitidamente a nossa atitude diante a realidade. "Haiti país mais pobre do nosso hemisfério", acreditamos que não é a melhor maneira de recordar ou falar do Haiti. Diríamos seria mais sutil de falar de um país que foi "empobrecido" pelas potencias coloniais nos séculos passados. Somente será compreensível para entender porque o Haiti se encontra na situação que ele está hoje só mergulhando na sua história.

herdou nada mais que solos usados, superfícies em grande parte calcinadas, resto por último (JOACHIN, 1979, p.87)

A citação do autor nos mostra, de maneira explícita, muitos indicadores que explicam a origem da pobreza do Haiti. Se no final do século XIX o Haiti era a colônia mais próspera das Américas, responsável por 2/3 do comércio exterior da França, a pergunta fundamental a ser feita, então, é esta: como é que um país sai da condição de colônia mais próspera das Américas para se tornar o país mais pobre do continente?

Entretanto, seria falta de seriedade com a pesquisa se não mencionássemos algumas raízes do subdesenvolvimento da economia Haitiana. Assim, é importante observar como na região algumas potências imperialistas muitas vezes não querem o crescimento dos outros países, para defender seus interesses particulares:

O endividamento do Haiti serviu de pretexto para os Estados Unidos justificarem a primeira invasão do país (1915-1934). Os invasores ianques [os Norte Americanos], como primeiro ato, esvaziaram abertamente o Banco Central da República, levando a sua reserva de ouro para o Washington DC. Igualmente, eles roubaram ferozmente os camponeses “foram embarcados”, como na época de escravização, para as plantações de cana-de-açúcar estadunidense, em Cuba e República Dominicana. Porque, decretou o ocupante: “A mão de obra negra é mais rentável e menos dispendiosa”. Nas terras roubadas, implantaram companhias de produção açucareira, de banana e de borracha. Assim, por exemplo, Haytian American Sugar Company (HASCO) roubou 7.532 hectares; a *Haytian Products Company*, 3.166 hectares; a HADC, 4.410 hectares, *Société Haitienne de Développement*
fonte:<http://www.alterpresse.org/spip.php?article17027#.VQnJVdLF-YHAgriole> apoderou-se de 12. 403 hectares (SEGUY, 2010).

Depois de décadas de uso dessas terras, boa parte delas transformaram-se em deserto ou savanas, sendo atualmente improdutivas. É mais um caso de justiça ambiental em relação ao Haiti que ninguém nunca fez questão de investigar nem sequer as autoridades locais atuais. Para se ter uma ideia, ainda sobre a decadência da economia haitiana, na década de 70 os Estados Unidos decidiram exterminar com o rebanho suíno no Haiti, visto que as empresas de fornecedores de carne suína precisavam se expandir e vislumbravam novos mercados.

Aquelas empresas montaram uma mega propaganda, dizendo que a carne suína haitiana tinha bactéria letal, perigosa, e seria capaz de exterminar com a vida

de toda a população. Com o medo que se espalhou rapidamente na época, muitos dos camponeses tiveram que sacrificar seus rebanhos. Podemos entender até que ponto chegou um ato criminoso de parte uma potência econômica mundial contra os camponeses haitianos. Sendo assim surgem várias indagações como: Qual o significado de uma existência tão daninha a sua própria espécie? Qual é o sentido de tanta ambição? De tanto sofrimento? De tanta miséria? De tanta injustiça?

O Haiti, que foi esquecido por um bom tempo pelo mundo, apesar de sua fascinante história de luta anti-escravagista, tornou-se a Primeira República Negra do Mundo e reapareceu nas principais manchetes ou notícias internacionais e em questões de horas após o terrível terremoto em janeiro de 2010. Mas o que defendemos é que a miséria que assola o Haiti não pode ser explicada como mero fruto de catástrofes naturais ou turbulências políticas. Fenômenos naturais e instabilidade política podem agravar, mas não criam a miséria.

A questão é mais complexa do que parece à primeira vista. Talvez seja o caso de descartar as explicações simplórias que não conseguem superar a superfície dos fatos e ir ao fundo da questão, de buscar a essência do problema, para depois voltar à superfície com os elementos adequados para decifrá-la.

Como o Rapper, Carlos Eduardo Taddeo (2012) destacou muito bem no seu livro:

O mundo tem riquezas suficientes para serem divididas entre todos seus habitantes. Para que a paz e a harmonia reinem, basta que os exemplares poderosos de tal espécie “pensante” cheguem a um consenso comum, onde todos admitam conquistar, armazenar e consumir somente aquilo que é suficiente para uma existência saudável e confortável. As armas serão abaixadas e as bandeiras brancas hasteadas, no dia em que as amebas capitalistas entenderem que não existe lógica em uma única pessoa possuir dez casas e vinte carros. No dia em que as amebas capitalistas entenderem, que quanto lado evolui demais, o outro progride menos. Quando um lado prospera demais através de tragédias alheias, os atingidos pelas tragédias as balas nos dentes e saem para adquirir reparação social (TADDEO, 2012, p.21).

Obviamente a colocação de Carlos Eduardo Taddeo acima mostra claramente porque existe tanta miséria e pobreza tanta desigualdade no mundo. Não pretendo explicar muito sobre aquela citação, nem sobre a questão de meritocracia. Porém, ela por si só explica quanto é necessário se repensar qual o mundo que queremos

viver? Se for um mundo solidário? Ou é um mundo que preza o individualismo? E nosso compromisso e responsabilidade com as gerações futuras?

Há muito tempo observa-se no Haiti uma enorme pobreza mantida por desigualdades significativas. Todas as medidas de pobreza são consistentes com esta questão, que se refere à abordagem monetária à pobreza humana ou abordagem subjetiva. Recapitulando, hoje em dia a população haitiana é estimada em quase dez milhões de habitantes, mais de cinco milhões vivem no meio rural.

Segundo as últimas pesquisas relacionadas à pobreza no país, mais da metade da população vive abaixo da linha da pobreza, ou seja, com menos de dois dólares por dia. A satisfação das necessidades alimentares é muito fraca no país. Mais da metade da população nem sequer chega a consumir 225 kg de caloria por ano de acordo com estimativa da FAO. É preciso que os dirigentes do país encontrem alternativas viáveis para evitar que o quadro se agrave nos próximos anos, no que diz respeito à segurança alimentar, que é necessidade básica, pois trata-se de mínimo que um governo responsável deve garantir ao seu povo.

O índice de pobreza de extremo é significativamente maior nas zonas rurais. Para a pobreza extrema, ela está quase três vezes maior nas regiões metropolitanas. A grande maioria dos pobres nos países (74%) vive em áreas rurais, cuja principal atividade é agricultura e os serviços básicos quase inexistentes. As atividades agrícolas empregam 69% dos ativos, onde 25% aparecem no setor terciário (comércio, serviços). Nas grandes cidades, os ativos ocupam principalmente o ramo de comércio e de serviços (DSNCRP, 2007, p. 35).

Realmente a questão de pobreza no Haiti é muito preocupante. Observa-se que a taxa de desemprego extremo (60%) é alarmante. Porém, podemos até dizer que na ausência de um sistema de seguridade social eficaz o quadro pode piorar nos próximos anos. É importante perguntar quais são os fatores que levam o Haiti a este quadro de extrema pobreza e desemprego extremo. Este quadro é imutável ou faltam políticas públicas de parte do governo local para reverter este quadro? Ou ainda, será que a Comunidade Internacional tem interesse em ver o Haiti como um país autônomo economicamente, que seja capaz de sair deste quadro sem a ajuda dos projetos de assistencialismos e de políticas minimalistas de ajuda humanitária que alimentam a pobreza e o desemprego no país?

Veja no quadro abaixo a questão de incidência de pobreza no Haiti feito por meio de residências:

Tab.5 Incidência da pobreza no Haiti feito por residências

Meio de Residência	Incidência da Pobreza extrema	Incidência da Pobreza geral	Contribuição à pobreza extrema	Profundidade da pobreza extrema
Região Metropolitana	23	45	9	0.10
Meio urbano	57	76	14	0.33
Meio rural	67	88	77	0.37
Total	56	77	100	0.31

Fonte: Profil de Pauvreté, FAFO, *apud*. DSNCRP, 2007, p. 35).

Analisando os dados da tabela acima, podemos dizer que é mais do que necessário para o Haiti uma economia autônoma, sólida voltada para o desenvolvimento do país, buscando-se a qualquer custo colocar um fim na exploração de mão de obra barata que abastece países como República Dominicana, Estados Unidos da América, Canadá, França e alguns países das Antilhas.

Mas isso só será possível e viável se o governo haitiano criar estruturas para qualificar a mão de obra interna e oferecer espaço e estrutura para que seja absorvido pelo mercado interno, contrapondo-se à realidade de um governo que maquila a miséria e que muitas vezes oferece para o mundo afora o país para novos investimentos, sem a mínima restrição ou normas que possam proteger os trabalhadores locais.

Observem na foto a seguir as condições a que são submetidos os trabalhadores haitianos em uma fábrica na proximidade da capital haitiana de Porto Príncipe:



Fig 5. Trabalhadores na fábrica de “One World Apparel”, em Porto Príncipe

Fonte: <http://www.ipsnoticias.net/fotos/>

Observa-se o pronunciamento de um chefe de Estado em um país à beira de um colapso ambiental, econômico e sem nenhum compromisso com os direitos dos seus trabalhadores. Encontra-se o apoio de uma elite⁵⁴ e uma burguesia local também sem nenhum compromisso moral e nem ético com o restante da população mais necessitada. Aceitaram que as *Maquilas* ou Fabricas subsidiadas pelos contribuintes americanos operassem no país livremente, sem as leis que as fiscalizem. “O Haiti está aberto para negócios”. Isso é o que o atual Presidente do Haiti, Michel Martelly “Sweet Micky” disse, em uma cerimônia em que ele e o ex-presidente dos EUA, Bill Clinton, colocaram a pedra angular em uma enorme zona industrial no Nordeste do país.

Sabe-se que a primeira empresa a aderir ao novo parque de maquiladoras foi a gigante Sul-Coreana têxtil/SAE-A, a qual, segundo a imprensa local, produz 1,4 milhões vestuários em um dia em suas 20 fábricas⁵⁵. SAE-A vende para o K-Mart, GAP Hanes, Kohl’s, Levi’s, Russell Athletic, Target, Walmart, e pela canadense Gildan Active Wear, entre outras grandes cadeias de vestuário dos EUA, e prometeu investir 78 milhões de dólares no Haiti (**Fonte:** <http://www.ipsnoticias.net/publicado> em 22 dez. 2011).

⁵⁴É importante lembrar que o Haiti é, historicamente, uma sociedade extremamente hierárquica, e uma elite política é formada rapidamente após a abolição da escravatura em 1804. A elite econômica é o produto de imperialistas que ocorreram ao longo das décadas e o protecionismo das potências mundiais que têm sofrido após a independência.

⁵⁵**Fonte:** as informações podem ser encontradas no site: <http://www.ayitikaleje.org/>

Como mostra o famoso discurso de *Kim Woong-ki*, Presidente da Fabrica de têxtil/SEA-A, em uma das zonas francas no Nordeste do Haiti:

"(Outros) investidores ainda não acreditam ou não entendem o valor e o potencial do Haiti, como nós," o Presidente da companhia, Kim Woong-ki, depois da cerimônia de abertura da construção do Parque Caracol mês passado disse à Agência AP. SAE-A e as empresas Dominicanas que operam no Haiti, o potencial é claro. A legislação dos EUA passou após o terremoto em janeiro de 2010 e conhecido como Ajudar (um acrônimo de programa dinamismo econômico haitiano) e permite que as empresas que operam no vestuário exportação país com isenção de direitos para os Estados Unidos até 2020. SAE-A será bem posicionado com uma nova fábrica de mega e mão de obra mais barata⁵⁶ no hemisfério: salário de cinco dólares ou menos (**Fonte:** <http://www.ipsnoticias.net/>).

É impressionante observar como os interesses dos países capitalistas exploram os países da periferia em pleno século XXI, como se fosse uma coisa normal. Outra coisa que não se discute nem nos meios de comunicação haitiana ou internacional é a instalação de novas fábricas e zonas francas no Haiti com salários tão baixos, subsidiadas pelos contribuintes americanos, provavelmente, vem causando demissões em países com melhores salários, como o próprio Estados Unidos, onde quase um milhão de empregos foram perdidos no setor têxtil desde a crise econômica de 2008, que abalou a economia do mundo.

⁵⁶ De junho a setembro de 2009, os soldados brasileiros reprimiram centenas de pessoas (estudantes e operários, sobre tudo) por ocasião das manifestações, em prol dos reajustes salariais. Invadiram várias vezes a universidade pública de Porto Príncipe (o que é proibido pelas leis haitianas), aspergiram gás até em um hospital. Num dia só prenderam 40 pessoas... Até que o Parlamento votasse exatamente no sentido que os patrões queriam, arrochando o salário mínimo. O que aconteceu um mês depois? Foram para o Haiti 12, empresários brasileiros para tratar de business [negócios] com Bill Clinton, pois o salário mínimo no Brasil era de R\$ 510,00, enquanto um operário haitiano recebe 110 reais por mês. Isto é, o valor que o empresário investe para explorar um operário no Brasil, pode ser usado para "chupar as veias" de quase 5 trabalhadores no Haiti (SEGUY, 2010, p.16-17).



Fig. 6: Trabalhadores reclamam seus direitos. No cartaz está escrito: **“Respeite
Direito dos trabalhadores”**

Fonte: <http://www.ipsnoticias.net/fotos/>

Ao analisar a exploração e a desumanização do trabalhador no Haiti, é de extrema importância encontrar mecanismos eficazes que possam levar os operários haitianos a encontrar uma saída viável. Uma saída que terá como uma de suas metas é voltar a valorizar e reforçar a produção local, acreditar que o assistencialismo de ajuda humanitário não impedirá e nem acabará com a pobreza, a miséria e nem o desemprego que a já atingiu mais que a metade da população, e somente o ser haitiano na sua essência de ser é capaz de reverter essa situação deplorável.

Dessa forma, é fundamental rever a importância do homem do campo, e introjetar em sua cultura a real importância da economia solidária tendo como base o sistema da agroflorestal, o uso de plantas medicinais, temas pelos quais abordaremos mais adiante e que podem fazer a grande diferença na redução da pobreza nas diferentes regiões do Haiti.

Assim, trata-se de uma boa campanha de motivação de norte a sul para resgatar a confiança dos camponeses em permanecer nas suas terras e lutando contra o marketing dos produtos de consumo importados, das grandes indústrias farmacêuticas se tem como finalidade o “lucro”. Isto é, voltar a valorizar a produção nacional, resgatar os valores que os nossos ancestrais deixaram há séculos como

herança nesta terra. Neste mundo consumista, é importante valorizar o que se produz localmente e evitar o consumo desenfreado dos produtos que vêm de fora e também, e combater a lógica de que o que é produzido de fora é sempre melhor do que aquilo que se produz localmente.

Dessa forma, acreditamos que uma das saídas mais viáveis para driblar a pobreza, a miséria e a falta de desemprego no Haiti é trazer no cotidiano do povo haitiano a importância do cooperativismo, da economia solidária e do desenvolvimento alternativo. Embora sejam conceitos diferentes, mas um pode fortalecer o outro para enfrentar a crise do capitalismo que vem assolando os países de Terceiro Mundo. E se sabe que uma das partes principais da economia solidária é o cooperativismo. É preciso abandonar a mentalidade de assistência e adotar uma nova maneira de (re)localizarmos no mundo.

Apontamos a Economia solidária como um caminho viável para amenizar a pobreza e a fome do/no Haiti, mas isso requer alguns compromissos tanto por parte dos governantes como também por parte da sociedade civil. As associações e as cooperativas locais sem dúvidas devem ser os pilares desta transformação. Sabe-se que existem vários tipos de cooperativismo na visão de Paul Singer que, ao longo de suas trajetórias vão se moldando conforme o tempo, sendo os mais destacados:

O Cooperativismo de Consumo (nasceu na Inglaterra), o Cooperativismo de crédito (nasceu na Europa), Cooperativa de compras e vendas (Nasceu nos Estados Unidos e na Dinamarca), Cooperativas de produção (nasceu na França) e a Corporação Cooperativa de Mondragón (nasceu na Espanha). (SINGER, 2002)

Assim, observando o perfil da economia haitiana, talvez se dissesse que as cooperativas de produção encaixariam-se muito bem na atual crise para superar a fome e pobreza que atravessa o Haiti. A partir da análise do Singer, a Economia Solidária só pode ser um movimento eficaz quando:

A solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada *igualmente* pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é a *associação* entre iguais em vez do contrato entre os desiguais. Na cooperativa de produção, protótipo de empresa solidária, todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, por decorrência, mesmo direito de voto em todas as decisões. Este é o seu princípio básico. Se a cooperativa precisa de diretores, estes são eleitos por todos os sócios e responsáveis perante eles. *Ninguém manda em ninguém*. E

não há competição entre os sócios: se a cooperativa progredir, acumular capital, todos ganham por igual (SINGER, 2002, p.09).

Cabe destacar que tais ideias de economia solidária e de cooperativismo visam não apenas uma alternativa para encontrar as condições de vida de várias pessoas em dificuldade extrema, mas também poder trazer de volta sua dignidade como seres sociais. É importante lembrar que milhões de seres humanos submetidos a constrangimentos são descartados como inúteis e incômodos. Isso não acontece apenas com idosos e desqualificados, mas também com jovens e profissionais habilitados. Seres humanos são empurrados para fora da convivência ativa.

"Não há vagas". Esse aviso não é apenas um sinal do crescente desemprego, é também símbolo de rejeição à humanidade. Para muitos seres humanos, "não há vagas", na sociedade. Podem perambular pelos espaços urbanos e campestres, mas não conseguem espaço para ser gente do dinamismo social. Mais que exclusão sociológica, estamos tendo uma exclusão antropológica por causa do capitalismo. Infelizmente, não queremos exagerar nesta afirmação, o que se observa na era capitalista e em diversas situações é que muitas pessoas são vistas como se não tivessem a identidade da espécie humana. O "ter" é o mais importante que o "ser". Estamos perdendo a noção e a importância da virtude da "solidariedade" nas sociedades modernas.

2.5 A ajuda Internacional e a diáspora haitiana na economia do País

De ponto de visto histórico, a ajuda internacional começou no mundo, depois da Segunda Guerra Mundial. Portanto, o único beneficiário no momento foi a Europa na época. De fato, o BIRD (Banco Internacional de desenvolvimento) foi criado para ajudar, através do plano Marshall, os países da Europa devastados pela guerra. Mas se o Haiti não foi o País que iniciou com este fenômeno, como o Haiti tornou-se tão dependente economicamente das ajudas vindas do exterior?

Segundo Michel Soukar (2010), o Haiti sempre foi dependente de recursos externos, porque os recursos internos sistematicamente exportados pelas elites e sem nenhum comprometimento real com o país não foram capazes de alavancar a

economia em termos de requisitos de crescimento. As transferências⁵⁷ não correspondidas desempenharam um papel cada vez mais importante no financiamento da economia nos países em desenvolvimento.

Cabe destacar aqui as transferências sem contrapartida que chegaram ao Haiti, vindo das comunidades haitianas que vivem nas Antilhas, na República Dominicana, na Guiana Francesa, nas Bahamas e sobre tudo na América do Norte (EUA e Canadá). Estima-se que mais de dois milhões de haitianos vivem no exterior (Diáspora) (SOUKAR, 2010).

Dessa forma, constata-se que as transferências representam a parte mais dinâmica da renda anual do país: de menos de \$400 em 1998, passou para 932 milhões de dólares em 2004, depois para 1369 milhões em 2008, além das exportações de bens e serviços (837 milhões de dólares), ajuda ao desenvolvimento (774 milhões de dólares) e os investimentos estrangeiros diretos (30 milhões de dólares) (SOUKAR, 2010, p. 311).

O autor continua mostrando que o Haiti é um país extremamente dependente, cujas transferências de dinheiro vindo do exterior representam 20% do seu PIB. O Haiti tornou-se, depois de um tempo, o novo receptor ou recebedor do mundo e o terceiro da América Latina e Caribe, depois de Honduras 25,6%, da Guiana com 24,3% vindo então o Haiti, antes da Jamaica, com 18% (SOUKAR, p.311).

Tab. 6 Países dos remetentes de Transferst (envio) de dinheiro no Haiti

Países Remetentes	Porcentagem
Estados Unidos da América	71%
Canadá	14%
França	8%
República Dominicana	2%
Bahamas	2%
Martinica	1%
Guiana	1%
Espanha	1%

Fonte: (SOUKA, 2011, p. 311)

⁵⁷ São as remessas de dinheiro vindas do exterior. Os principais responsáveis são CAM-Caribbean Air Mail em parceria com o BRH/Banco da República do Haiti, Western Union e Money Gram. Chama-se de *Maison de Transferts* (Casa, agência de transferências).

De acordo com Soukar, o crescimento das transferências tornou o Haiti um país de exportador de mão de obra barata no século XX com um fluxo migratório em direção a Cuba e Rep. Dominicana (1910-1950) e emigração “política” e econômica em direção à África e à América do Norte (1957-1970), e depois era vez dos *boatpeople*⁵⁸ no final dos anos 70. O Haiti faz parte dos 10 países da América Latina e Caribe cuja emigração é o mais forte e seu destino principal é em direção dos países da OCDE⁵⁹ (SOUKAR, 2010).

Assim, cabe aqui fazer um breve retrospecto sobre o Haiti, para entender porque a economia encontra-se em estado de regressão tão aguda. Antes de sua independência em 1804, o Haiti foi uma das colônias mais ricas da França, em decorrência de sua vocação agrícola. Porém, após sua independência em 1804, o país ainda permanecia um país agrícola. Mas o país nunca experimentou um momento de paz desde a sua independência. Fatos que podem ser observados na cronologia histórica do Haiti no capítulo primeiro da presente tese. Isso obviamente cria um clima de instabilidade, que coloca os investidores estrangeiros em dúvidas.

Observa-se que o *Gourdes* (o nome da moeda haitiana) caiu literalmente contra o dólar dos Estados Unidos, devido a uma grande circulação de moeda estrangeira, incorridos pelas autoridades locais. Costumamos dizer que ao invés de encontrar as verdadeiras causas do seu problema, as autoridades haitianas preferem colocar a culpa nos nortes americanos que, em nossa opinião, por um lado servem como bode expiatório, mas no fundo tem um pouco de veracidade. Em vista disso, acusam os americanos de intromissão em suas políticas internas.

Desde então, a situação econômica haitiana não tem melhorado, o Estado mostrou-se incapaz de gerenciar as empresas públicas. Também é impotente perante o fenômeno de (*sous-traitance*) subempreitada. O país mal produz a metade do que consome internamente. Então é preciso mencionar que nós devemos

⁵⁸ Trata-se de imigração clandestina. Os Haitianos costumam tentar a atravessar perigosamente a costa do Mar do Caribe até a costa do Estado da Flórida dos Estados Unidos em pequenos barcos. E recentemente o fluxo migratório haitiano está se direcionando a Brasil nos últimos 4 anos.

⁵⁹A sigla OCDE significa Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico. É uma organização internacional, composta por 34 países e com sede em Paris, França. A OCDE tem por objetivo promover políticas que visem o desenvolvimento econômico e o bem-estar social de pessoas por todo o mundo. O combate à corrupção e à evasão fiscal faz parte da agenda da OCDE tendo já conseguido resultados otimistas em alguns países.

importar a outra parte do lado de fora. Resumindo, o país claramente depende de ajuda do exterior.

Além disso, na década de 1970 o país abandonou grandes colheitas de algodão, café e açúcar, para impulsionar o setor industrial, que era uma grande fonte de renda. Dessa forma, se viu em um problema crônico que era a de falta de alimento de forma aguda. Assim, atualmente o Haiti está em uma situação de crise que pode ser chamada de "a crise dupla". De um lado "a crise de produção", do outro lado "crise financeira".

[...] Um estudo foi conduzido por um grupo de economistas haitianos e franceses, a este respeito. Durante este estudo constatou-se que países como a França e os Estados Unidos beneficiaram mais de 300%, em alguns casos, auxílio fornecido para países subdesenvolvidos, devido às condições que eles impõem sobre estes países quando a promessa de ajuda⁶⁰.

Assim sendo, como a pauta deste item é sobre a economia e em particular a economia haitiana, trazemos a colocação do economista haitiano Wilson Laleau (2008), que aponta alguns desafios para o futuro sobre a economia haitiana. Segundo ele, um desafio é um obstáculo a ser superado, neste contexto ele desencadeou vários desafios, nos quais os governantes precisam se superar, para uma possível reativação da economia haitiana. São eles:

- ✓ **Mental:** pensar com força e coragem que não existe fatalidade haitiana como não existiu para a Coréia do Sul faz apenas uns quarenta anos, ou para a Malásia mais recentemente. O elemento essencial aqui é a construção, de um consenso nacional sobre o desenvolvimento da nação. O desenvolvimento é um processo voluntário, não pode acontecer de maneira fria. Há que se fazer uma chamada à ética, a solidariedade e a responsabilidade nacionais. Há que ressuscitar a nação. O modelo de desenvolvimento haitiano deve acontecer, no Haiti e pelos haitianos e é necessário assumir que é preciso rechaçar as receitas que não são compatíveis com o desenvolvimento socioeconômico do país, não importa de onde venham. O livre mercado do capitalismo implica instabilidade macroeconômica e quebra a unidade nacional (demasiados indigentes)
- ✓ **Institucional:** origina-se em dois antecedentes. A nação tem necessidade de trocar o assento institucional para embarcar-se em esta aventura. O país está sub-administrado. Sobretudo, está mal administrado. Os resultados dos países no contexto da globalização provêm, no entanto, dos resultados de suas empresas como as administrações nacionais (H. Syriex). Este mau funcionamento encarece os custos, das transnacionais e interfere com os sistemas de estímulo da economia. O mau funcionamento é fonte de resíduos, corrupção e debilita a autoridade do Estado que dita uma norma e

⁶⁰ **Fonte:** Este estudo pode encontrado em: <http://alexisbernadel.tripod.com/levybui.html>

desenvolvimento ou incentivar práticas que não se aplica. Os modelos de crescimento endógeno mostram como um câmbio, de estímulo pode mudar de forma permanente os índices de crescimento da economia (Romer, Easterly).

- ✓ **Tecnológico:** os economistas do desenvolvimento como Nurkse e Rodan conceberam a idéia da vantagem de certos países. O custo de adoção de não verdades tecnológicas é fraco porque estes não têm que substituir as antigas. W. Easterly destaca que “a prosperidade não está enraizada até que todos os atores respondam aos estímulos saudáveis”. Essa se torna realidade quando o governo é incentivado a apoiar a adaptação tecnológica, a inversão produtiva e o investimento de uma educação de qualidade, e quando é possível substituir as políticas tomadas mediante pressões de grupos antagônicos. O Banco Mundial calcula ao redor de 236 e 331 milhões de dólares o montante necessário em cinco anos para alcançar a escolarização universal no ano 2011. Está é realmente fora do nosso alcance um esforço estritamente nacional? Outros países não muito mais ricos que nos como: Uganda e Tanzânia conseguiram.
- ✓ **Estratégico:** o problema reside em achar em que se usa e como se utiliza os recursos estratégicos do país. Nossos recursos são as paisagens, a juventude da população, nossa localização geográfica, nossa história, nossa cultura, nossa diáspora. Qual é a política nacional para cada um destes temas? Quem os define?
- ✓ **Técnico:** revisar as decisões tomadas no passado sobre as modalidades de financiamento da economia, sobre o modo de inserção no mercado ou comércio internacional etc. Este é o papel da diplomacia haitiana.
- ✓ **Ético:** considerar fora da lei a pobreza que condena as pessoas à mendicância (utópico, mas é realizável). Existem experiências ao respeito. Naturalmente as mudanças que isso exige na sociedade estão à altura dos sacrifícios aos que submeteram os libertadores da nossa pátria contra a escravidão. Em poucas palavras, será que somos capazes? A questão é colocada (LALEAU, 2008, p. 74 e 75).

Encerrando este capítulo, concordamos plenamente com tudo o que o economista haitiano Wilson Laleau apontou como desafio para erguer a economia haitiana. Queremos ainda destacar a importância de abordar os três pilares ou tripés que sustenta a vitalidade do Haiti como um País que são: a esfera social, a política e a econômica. Estamos cientes de que não teríamos como explorar mais do que apresentamos no presente estudo, visto que precisaríamos de mais um capítulo para poder aprofundar cada uma delas, o que não era objetivo deste capítulo. A ideia foi trazer as três esferas acima citadas, com intuito de mergulhar e compreender na essência por que depois de tanto tempo o Haiti permanece no estado de colapso, decadência, regressão, instabilidade que se encontra hoje.

Dessa forma, não é possível acreditar que no Haiti o setor industrial é o menor setor no país. Este setor representa cerca de 7% do PIB do país. Assim, é importante que os governantes haitianos saibam ou entendam, de uma vez por todas, que a assistência externa não pode substituir um mecanismo e/ou uma visão em longo prazo. Os dirigentes haitianos têm que entender que essa ajuda somente pode ser emitida por eles mesmos.

Talvez a ilustração abaixo mostre claramente que a economia haitiana está cada vez mais deteriorada. Para tanto, está mais que na hora de dizer que os dirigentes haitianos e a sociedade civil haitiana devem tomar algumas providências para evitar um colapso econômico total. Porque se em 1970 a taxa de câmbio foi de 5 Gourdes (Gdes) haitiano por US\$1,00 norte americano; em 2014, a taxa de câmbio local registra que é preciso 48 gdes para obter o mesmo US\$ 1 dólar norte americano.



Fig.7 Escala de deterioração gradativa da economia haitiana

Fonte: 7 Day History For XOF/HTG.com

O gráfico acima explica muito bem tanto a desaceleração ou desvalorização da moeda haitiana como também a diminuição do meio ambiente. Em 1970 restava 15% da cobertura florestal e hoje resta apenas 2%, como também neste mesmo ano precisaria 5 Gdes haitianos para comprar 1 dólar americano, e hoje se precisaria de 48 Gdes.

Por isso, finalizamos este capítulo dizendo e acreditando que um povo é o único arquiteto de seu próprio destino. Para tanto, devemos acabar com a mentalidade de assistências, o que pode ser colocado como um grande desafio para o povo haitiano e seu governo como um todo, e dizer à comunidade Internacional que o Haiti pede para ter uma chance, que pode ser através da educação, na tentativa de criar um Estado de espírito propício à mudança e com boa política construtiva. É importante fazer reinar no país a mentalidade uma cultura de responsabilidade nacional, a fim de produzir o que precisa ser consumido no país e criar investimento e emprego para sair da mentalidade de assistência.

Nas situações-limite, mais além das quais se encontra o inédito-viável, às vezes perceptível, às vezes não, se encontram razões de ser de ambas as posições, a esperançosa e a não esperançosa. Uma das tarefas do educador ou educadora progressista... é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança...

(Paulo Freire. **A pedagogia da esperança**, 1992, p.6)

3. HAITI: UMA LONGA HISTÓRIA DE DEPREDÇÃO AMBIENTAL

3.1 Haiti: uma longa história de depredação ambiental

A reflexão que queremos trazer em parte neste capítulo, é analisar a questão ambiental e, em especial a questão ambiental do/no Haiti. Portanto, voltemos no tempo e espaço. Devemos lembrar que a descoberta do continente americano foi importante e decisiva para a consolidação da hegemonia europeia no mundo. Isso a custo alto, ao preço de servidão, genocídio, e até mesmo genocídio de povos indígenas em alguns países, como exemplo em países caribenhos junto com a escravidão para fins de produção mercantil de negros vindos da África⁶¹, o que foi considerado normal naquela época. Assim, as consequências devastadoras permanecem até hoje em dia em algumas sociedades originárias e a exploração de seus recursos naturais, por todos os lados leva ao que podemos chamar ou entender de ecocídio⁶² (PORTO-GONÇALVES, 2010).

Segundo Porto-Gonçalves, foram levados muito ouro e prata da América Central e Andina pelos colonizadores, aproveitando-se do acesso ao conhecimento sofisticado científico de metalurgia da cultura dos astecas, incas e maias. Ademais,

⁶¹ É importante registrar que a escravidão já era praticada na África antes mesmo do período moderno-colonial sob hegemonia ibérica. É importante, todavia, acrescentar que não se tratava de escravidão para fins de produção mercantil, como se estabeleceu moderno-colonialmente desde os Açores e Ilha da Madeira e, depois, nas *plantations* na América Moderna-Colonial. Há um componente ainda mais cruel na escravidão com fins de produção mercantil em comparação a escravidão patriarcal, na medida em que o que se visa com a produção com fim mercantil é algo abstrato, algo que não tem limites – o dinheiro. Deste modo, a exploração de escravos e sob regime de escravidão para fins mercantis tende a não ter limites, o que nos ajuda a entender as altíssimas taxas de mortalidade destas populações no interior deste sistema moderno-colonial.

⁶² Conceito usado pelo Geógrafo e Ecologista Político Carlos Walter Porto-Gonçalves na obra intitulado “A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização (2010).

por causa das diversas plantações que logo em seguida desenvolveram “de cana, de café, de cacau, de algodão, de banana, entre outras”, a maior parte das florestas da América foi destruída ou dizimada, praticamente suas melhores terras para cultivo e as principais minas de ouro e de prata foram extenuados, com a ajuda de trabalho escravo, principalmente dos negros vindo da África, e quase sempre dos indígenas no trabalho servil (PORTO-GONÇALVES, 2010).

Assim, o autor insiste em dizer como os colonizadores se apropriaram de conhecimentos de diferentes culturas para o fim da exploração da mesma:

Registre-se que, para isso, houve a apropriação por parte dos europeus de conhecimentos de várias culturas. Assim, embora as maiores manufaturadas, conhecidas no mundo, nos séculos XVI e XVII, estivessem na América Latina e Caribe, e não na Europa – basta observar que o produto manufaturado de maior circulação à época era o açúcar, de que as Antilhas (Cuba e Haiti) e o Brasil eram os maiores produtores -, não foi aqui que se deu a Revolução Industrial. Não há como deixar de registrar que o estatuto colonial da modernidade distribui desigualmente os proveitos e os rejeitos do seu progresso (PORTO-GONÇALVES, 2010, p. 27).

Concordamos com Porto-Gonçalves ao destacar que os colonizadores no passado se apropriaram do cabedal sofisticado de conhecimentos dos povos originários da América Central e do Caribe para explorar suas riquezas e dizimar suas florestas em seu benefício próprio. Apesar de tudo, não se pode negar que a ciência europeia criou por um bom tempo uma espécie de “epistemicídio” em relação aos saberes e conhecimentos dos povos escravizados. Acabou caindo no esquecimento o fato de que “todo saber existe no contexto da instituição que o produziu e das relações de poder atuando nessa instituição. Assim, nenhum saber pode ser idealizado: com ele vêm sempre seus limites institucionais” (GAUTHIER, 2012, p.33).

Assim, consideramos essencial a ideia de descolonização de saberes dos povos originários, visto que eles sempre tiveram uma ligação estreita com a Natureza, e isso lhe obrigou a venerá-la. Dessa forma, eles parecem ser diferentes dos colonizadores europeus que só a exploravam. Por isso, os conhecimentos e saberes desses povos devem possuir os mesmos respeitos e títulos de nobreza que a da ciência eurocêntrica. Somente assim teremos a verdadeira noção de saber-

ciência-conhecimento de um projeto intercultural que seja capaz de respeitar os Direitos da Natureza.

Portanto, é de extrema importância trazer essa reflexão a luz da Educação Ambiental (EA) transformadora, do comprometimento das Mobilizações Comunitárias Locais (MCL) e do Vodou haitiano que são categorias centrais desta tese. Assim, estas categorias possibilitaram fazer uma releitura à altura desta pesquisa, para encontrar premissas para um bom entendimento dessa depredação ambiental do Haiti. As categorias mencionadas nos remeteram as três ecologias de FELIX Guattari (1930-1992).

Assim, podemos dizer que o axioma da *ecosofia* (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana), proposto pelo autor Francês sugere de certa forma uma tentativa de compreender o indivíduo através de suas múltiplas visões do mundo passando pela realidade que o produz e o atravessa, em suas múltiplas dimensões.

Assim sendo, o autor manifesta claramente sua indignação diante do mundo no qual os seres humanos tão gananciosos, que vem aniquilando-o lentamente. Na visão dele, somente uma articulação “ético-política” entre as três ecologias (a subjetividade humana, as relações sociais e o meio-ambiente) seria capaz de esclarecer tais indagações. O que está em jogo e que devemos nos perguntar é a forma de se viver sobre este planeta daqui para frente. Realmente, somente uma articulação em nome da *ecosofia* pode nos ajudar a escapar desta catástrofe planetária.

Assim fica evidente o enunciado do autor em dizer:

Se não se trata mais - como nos períodos anteriores de luta de classe ou de defesa da "pátria do socialismo" - de fazer funcionar uma ideologia de maneira unívoca, e concebível, em compensação que a nova referência *ecosófica* indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios. Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reinvenção da democracia - no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte etc. - trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir, no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero. Perspectiva que não exclui totalmente a definição de objetivos unificadores tais como a luta contra a fome no mundo, o fim do desflorestamento ou da proliferação cega das indústrias nucleares. Só que não mais tratar-

se-ia de palavras de ordem estereotipadas, reducionistas, expropriadoras de outras problemáticas mais singulares resultando na promoção de líderes carismáticos (GUATTARI, 1990, p.15).

É necessário compreender que está na hora do ser humano ter outra postura, uma visão mais crítica, e mais ainda mediante as atitudes de inter-relações. Por isso é necessário chamar para si uma “ética de responsabilidade” diante da falência moral da espécie humana, em que cada um deve estar consciente de sua responsabilidade em relação ao que o cerca.

A maneira de perceber o mundo e o lugar do homem nele deve ser mudada. Trata-se de um engajamento ético, de uma reestruturação dos paradigmas, de um comportamento com vistas à mutação da sensibilidade humana. Essas mudanças não devem excluir nenhum país do mundo, e precisam acontecer com urgência.

Caso contrário, segundo Guattari, estaremos caminhando ao extermínio coletivo:

“Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. Uma finalidade do trabalho social regulada de maneira unívoca por uma economia de lucro e por relações de poder só pode, no momento, levar a dramáticos impasses – o que fica manifesto no absurdo das tutelas econômicas que pesam sobre o Terceiro Mundo e conduzem algumas de suas regiões a uma pauperização absoluta e irreversível; fica igualmente evidente em países como a França, onde a proliferação de centrais nucleares faz pesar o risco das possíveis consequências de acidentes do tipo Chernobyl sobre uma grande parte Europa. Sem falar do caráter quase delirante da estocagem de milhares de ogivas nucleares que, à menos falha técnica ou humana, poderiam mecanicamente conduzir a um extermínio coletivo” (GUATTARI, 1999, p. 09-10).

Analisando a citação do autor, entendemos que os riscos ambientais não dependem simplesmente de uma solução “técnico-científica”, necessitam de uma resposta ética, uma mudança de paradigma tanto na vida pessoal como no convívio social: uma ética inspirada no respeito à vida em todos seus sentidos como defendeu o teólogo luterano e missionário na África Albert Schweitzer⁶³. Ele foi um

⁶³ A. Schweitzer nasceu na Alemanha (1875-1965) foi músico, filósofo, médico e missionário, trabalhou na África. Lambarene-Gabão no qual construiu um Hospital. Foi conhecido mundialmente

defensor da moral solidária e de simpatia de todas as formas de vida humana e não humana.

O princípio do respeito à vida se expressa da seguinte forma segundo autor:

Uma e outra vez, e sempre de um modo original, essa Ética absoluta toma no íntimo do homem, posição em face da realidade. Não lhe deve os conflitos, mas o obriga a decidir, em cada caso individual até que ponto ele poderá conservar-se na ética e a partir de onde deverá sujeitar-se à necessidade de destruir ou de prejudicar vidas alheias, incorrendo assim em culpa. Não será recebendo sugestões relativas a um acordo entre o 'ético' e o 'necessário' que homem progredirá na Moral, mas sim percebendo com crescente intensidade a voz da ética, sentindo-se mais e mais dominado pelo anseio de conservar e fomentar vidas alheias, e tornando-se cada vez mais pertinaz na resistência à necessidade de destruir ou de prejudicar a vida de outrem (SCHWEITZER, 1953, p.264).

Dessa forma, devemos entender que tudo aquilo em que há vida é moralmente e eticamente relevante e merece ser respeitado. Sabemos que não é fácil fazer nossas escolhas frente aos conflitos que podem surgir. Mas com um grau de eticidade elevado baseado na sacralidade e respeito à vida, é mais fácil se tomar uma decisão consciente frente a qualquer escolha.

Portanto, quando Guattari se refere aos países do “Terceiro Mundo”, que são excluídos, onde a miséria, a fome, a injustiça, a injustiça ambiental e os riscos ambientais imperam e muitas vezes causado pelos países ricos, países desenvolvidos, sem sombra de dúvida os problemas ambientais expõem questionamentos fundamentais para ética. Assim, trazemos os problemas ambientais do /no Haiti à luz desta análise.

As opiniões são quase “unâнимes” no sentido de que a proteção e a reabilitação da situação ambiental do Haiti exigem uma mesa redonda. Vários especialistas com olhar preocupante voltado para o Haiti, como é o caso do Ecologista haitiano *Valme Georges*⁶⁴ e os Ing. Agrônomos *Julien G. Fils e Eiril Joseph*, ajudaram a tornar possível a realização da Pesquisa de Campo no Haiti durante o período de doutoramento.

por sua famosa frase dogmática “*Ich bin Leben das leden will in mitem* - Eu sou vida que quer viver em meio à vida que quer viver”. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1952.

⁶⁴Ecologista haitiano, membro do movimento da luta contra o desmatamento no Haiti, uns dos idealizadores do carvão ecológico e forno melhorado inventado no Haiti.

Podemos afirmar que neste século XXI, a problemática ambiental torna-se cada vez mais preocupante em todo o mundo e no Haiti especialmente. Desmatamento e desflorestamento, a construção anárquica⁶⁵ e o mau funcionamento dos poderes responsáveis, a poluição e a perda de terras cultiváveis, desastres naturais, incluindo a ameaça de terremoto, entre outros, estão devastando o ecossistema haitiano. Enquanto isso, o espaço haitiano deteriora-se a cada dia. Nossas vidas estão cada vez mais ameaçadas e as medidas para conter este mal cada vez mais longe de serem realizadas.

Sabemos que as medidas para acabar com este mal existem, o Haiti sempre trabalhou com energias renováveis a mais de 400 anos como, por exemplo: solar, eólica, hídrica, etc., mas de forma muito precária ou tradicional. Certamente as leis existentes não são aplicadas por isso, acabamos entrando numa aceleração de degradação ambiental severa. As organizações estrangeiras acusam os haitianos da destruição das florestas no Haiti, quando a história relata fatos diferentes, de que a dívida da independência do País foi paga com os cortes das florestas locais sem mencionar a pirataria de alguns países, aproveitando-se da fraqueza da falta de união entre os haitianos para conter este mal.

Tratava-se de um embargo internacional que em, 1825, impôs ao Haiti a obrigação de pagar 150 milhões de francos-euros à França para que fosse reconhecida a Independência. Esse valor, que era quase quatro vezes o orçamento público da república francesa naquela época, foi avaliado em 2003 em 21 bilhões de dólares. De onde o governo haitiano conseguiu esse valor? Da exploração infra-humana do campesinato e da destruição sistemática do que tinha sobrado como meio ambiente (sobretudo do desflorestamento) do País (SEGUY, 2010, p.10. In. PUC viva. Ano 11-Nº 37).

Assim, depois de saber um dos principais motivos do desmatamento do /no Haiti, que era o pagamento da dívida do reconhecimento da independência do país passa-se a discutir, analisar e pensar sobre como proteger espécies ameaçadas e rever as estratégias de sensibilização para a preservação do sistema ecológico de Haiti. Esses devem ser os principais pontos a serem discutidos neste capítulo.

⁶⁵Anarquia como sinônimo de desordem só faz sentido na lógica capitalista; na realidade semântica, histórica e política é tudo o contrário do caos capitalista: significa uma outra ordem baseada na cooperação horizontal das pessoas, sem imposições verticalizadas por um poder concentrado na cúspide (seja econômica –FMI- , seja político – Estado neoliberal, partido político, liderança autoritária- seja religioso ou social – igrejas etc.)

É importante lembrar que com desembarque de Cristóvão Colombo na ilha *Hispaniola* a atual República Dominicana e a República do Haiti, a cobertura florestal do Haiti era de 99% naquela época. Com a perseguição à população nativa – os indígenas (Arawak, Tainos) pelos colonos, depois da exterminação total dessa população, começaram trazer os primeiros escravos africanos para o Haiti, daí iniciou a escravização dos negros na Ilha e, foi daí que iniciou o desmatamento no país propriamente dito.

Voltamos a falar sobre a ilha chamada *Hispaniola*, antigamente, a atual República Dominicana e o Haiti, separado por uma linha de fronteira terrestre de 193 km², e que ficou Sudeste da Flórida (E.U.A). Em diversos lugares da fronteira é cabível olhar de um lado a leste e se deparar com florestas de pinheiros, e a oeste nada se vê, além de campos quase despojados de árvores (DIAMOND, 2005).

Esse contraste visível, na fronteira exemplifica uma diferença entre os dois países como um tudo. Ambos os países perderam florestas, mas o Haiti perdeu muito mais, a ponto de agora possuir apenas sete trechos substancialmente arborizados, dos quais apenas dois são protegidos como parques florestais, ambos os sujeitos à atividade madeireira ilegal. Hoje, 28% da República Dominicana ainda são cobertas de florestas, contra apenas, 1% do Haiti. No Haiti e na República Dominicana, assim como em toda parte do mundo, as conseqüências de todo esse desmatamento incluíram falta de vigas de madeira e outros materiais de construção da floresta, erosão e perda da fertilidade do solo, assoreamento nos rios, perda de proteção das bacias hidrográficas e, portanto, de energia hidrelétrica potencial, e diminuição de chuvas. Todos esses problemas são mais graves no Haiti do que na República Dominicana. No Haiti, mais urgente do que uma dessas conseqüências é a carência de madeira para fazer carvão, principal combustível para cozinhar (DIAMOND, 2005, p. 397- 399).

Essa diferença florestal e ambiental entre os dois países se reflete em vários aspectos, tais como a economia e a agricultura, segurança alimentar dentre outros. Tanto a República Dominicana quanto o Haiti são países pobres que enfrentam situações difíceis, assim como a maioria dos países tropicais que passaram pelo processo de colonização⁶⁶ européia. Com governos desonestos e insensíveis

⁶⁶Os homens brancos, que no maior crime da história universal, invadiram terras habitadas por seus legítimos donos e mudaram os destinos de diversas maiorias do planeta, são colocados nos lugares de destaque nos livros didáticos. Aqueles que escravizaram e chacinaram quase toda a população africana e ameríndia, são descritos em letras garrafais como: descobridores, conquistadores, colonizadores, desbravadores, evangelizadores, imperadores, homens bons e reis. Nunca como: Saqueadores, estupradores, escravizadores, invasores, alienadores e genocidas. As suas operações

agravam-se os problemas nas áreas de saúde, educação, produção agrícola etc. Porém as dificuldades do Haiti relativas ao desmatamento são muito maiores do que as da Republica Dominicana.

Na visão do Jared Diamond:

Haiti é pequeno, formado por quatro parques nacionais, ameaçados por camponeses que derrubam árvores para fazer carvão. Em comparação, o sistema de reservas naturais da Republica Dominicana é relativamente o mais completo e o maior das Américas, compreendendo 32% da área do país com 74 parques de reservas, e incorpora todos os tipos importantes de habitat. É claro que o sistema também sofre com uma abundância de problemas e uma deficiência de fundos, mas ainda assim, é impressionante para um país pobre com outros problemas e prioridades. Por trás do sistema de reservas, há um vigoroso movimento nativo de preservação, com muitas organizações não-governamentais mantidas pelos próprios dominicanos, e não impostas ao país por conselheiros estrangeiros (DIAMOND, 2005, p. 400).

Na citação acima o autor está sendo explícito no que diz respeito à grande ameaça que existe em relação aos poucos parques nacionais que restam no Haiti. É importante destacar aqui todo efeito tem uma consequência. Os camponeses haitianos, não estão cortando as árvores ou desmatando o país porque eles querem! Seria muita ingenuidade de parte do responsável, desta pesquisa em fazer tal afirmação!

De acordo com os pesquisadores do blog *planet ayiti*, o uso de carvão vegetal no Haiti representa apenas 15% do corte de madeira no país para cozinhar e 8% do corte de madeira é usado na construção e fabricação de móveis. Os setores que consomem a maior parte de madeira no Haiti, e que representam 67% da madeira cortada, são as lavanderias e as padarias.

Sabe-se que existem outros meios ou alternativas capazes de substituir o uso de madeira como combustível para alimentar os fornos de pão, bem como vapores de maquinaria de padarias. Falta ainda uma tomada de consciência de parte dos proprietários de padarias e lavanderias, que são os principais consumidores de carvão vegetal no País. Somente assim, poderemos contar com uma diminuição ou queda do desmatamento no Haiti. Podemos afirmar aqui que nós haitianos conseguimos encontrar algumas alternativas que podem substituir muito bem o

desumanas são maquiadas e passas oitocentas horas por ano nos recintos estudantis, de forma enganosa e criminoso, para iludir as crianças [dos países] periféricas (TADEO, 2012, p.98).

carvão vegetal e que pode ser usadas sem nenhuma dificuldade, com os fornos tradicionais no Haiti. Mostraremos mais adiante quais são essas alternativas e como podem ser usadas, bem como se são biodegradáveis.

O corte em grande escala de madeira não é feito por acaso no Haiti. Sabemos da gravidade do problema, e também que o país sofre com a erosão todos os anos. Não podemos deixar de mencionar neste estudo a falta de responsabilidade, de compromisso, de políticas públicas por parte dos governantes, e dos dirigentes do país para reverter esse quadro de desmatamento que assola o Haiti. Imagine um país com quase 70% da população desempregada, precisando de alimentos e mandando seus filhos para as escolas, não lhe resta nada, senão se ver obrigada a devastar seu próprio habitat.

Este é um assunto que sempre me preocupou desde que ingressei no PPGEA/FURG. Eu sempre me envolvi em projetos de reflorestamento no Haiti, seja de forma direta ou indiretamente. Primeiramente, eu acredito que o Estado haitiano deve estabelecer uma política nacional de meio ambiente, de forma sólida, em busca de resultados sustentáveis, com a participação ou parceria dos setores públicos e privados.

Por isso, elenquei alternativas simples que podem ser elaboradas em forma de documento por escrito, ou folhetos, cartilhas e que sejam fáceis de distribuir, nas comunidades, nas igrejas e nas escolas e podem fazer parte integrante do currículo escolar. Elas são:

- a) Reflorestamento: identificar as áreas de emergência, restaurar as áreas devastadas por desmatamento, criar bosques; áreas de captação de água Potável;
- b) Prevenção: Construir muros de defesa nas colinas para combater a erosão e desmoronamento ou deslizamento de terra etc.;
- c) Educação: formação de engenheiros florestais e educadores ambientais ou ambientalistas em todo o território, com ênfase na organização das atividades de reflorestamento com escolas, associações de agricultores (concessão de terras, sementes e ferramentas), as associações da diáspora podem ajudar em fazendas publicidades e propagandas na rádio e nos lugares mais afastados, reuniões populares nas regiões afastadas

para fazer seminários e criar multiplicadores desta ideia de “reflorestar o Haiti é possível”, [...] Eu tenho plena consciência não sou um especialista em reflorestamento, mas como educador ambiental confesso que sonho em ver um Haiti verde com uma ecologia muito resiliente.

Se fizermos as contas em termos de desmatamento no Haiti, os dados são preocupantes. O Haiti com uma cobertura florestal de 1% é preocupante de ponto de vista ecológico, pode comprometer seriamente a sobrevivência da população.

Uma única árvore como uma mangueira deste pote (veja na figuras abaixo) pode produzir oxigênio suficiente para 10 pessoas por um ano. Entretanto. É importante dizer que ssas mangueiras eram abundantes no Haiti, e continuam sendo uma fonte necessária de alimento para o povo, porém elas estão desaparecendo a cada ano que passa por causa do corte acelerado de madeira no país.



Fig.8 Muda de uma mangueira e as mangueiras adultas
Fonte: GEORGES, 2013.

Pode-se afirmar que nesta situação em que se encontra o Haiti hoje em dia cortar uma mangueira de grande porte, pode comprometer a vida de 10 pessoas, se cortarem 100 podem comprometer uma aldeia e ou uma comunidade pequena. Agora cortar uma floresta pode se envolver em um genocídio contra toda a população local. Dessa forma, cortar a madeira e florestas e substituí-los com usinas

e pequenos *quartiers* (Bairros) que são comuns no Haiti, certamente não estão ajudando e nem estão ao serviço da humanidade do ser haitiano como fazem muitas empresas, fábricas e ONGs presentes no Haiti.

O que é crucial de frisar aqui é saber se as coberturas florestais fossem mais difundidas no Haiti, elas seriam capazes de distribuir uniformemente mais vapor de água na atmosfera? Além disso, elas atraíram a precipitação de chuva? Precipitação, onde as árvores crescem pouco às vezes, ser 30% mais abundante do que em áreas não arborizadas? Elas iriam proteger sim as bacias hidrográficas e fontes de montanha e em geral para manter o lençol freático. Onde elas não existem e portanto, não podem exercer as suas funções vitais, a terra pode virar um deserto, é o que todos os haitianos sejam aqueles que vivem no Haiti ou no exterior temem que possa acontecer num futuro muito próximo.

3.2 Desmatamento acelerado pode levar o Haiti na direção de uma catástrofe ecológica

Outra política de proteção ao meio ambiente deve ser reelaborada no Haiti. Percebe-se que há uma política ambiental no País, mas que sem dúvida não está funcionando, e é prejudicial não só para o país, mas para o governo também que não está se dando conta da gravidade do problema. Nos últimos anos, por falta de emprego, uma quantidade absurda de pessoas no Haiti, sentiu-se na obrigação de entrar na atividade de comercializar o carvão vegetal, a estimativa é de que quinhentos mil a um milhão de pessoas, hoje em dia, dependem desta atividade para garantir seu próprio sustento. Estima-se que é uma atividade que movimenta em torno duzentos milhões de dólares por ano (GEORGE, 2014).

O pior desta história é que o governo haitiano, não tem nenhum controle sobre esta indústria e nem tão pouco cobra um centavo de imposto sobre a mesma. Observa-se que o próprio Ministério de Meio Ambiente do país anda na contra mão. Não há nenhuma ação concreta e nem planejamento em busca de alternativas com intuito de reverter essa situação deplorável e preocupante de desmatamento no Haiti. Não há campanha de conscientização, e nem de fiscalização do mesmo.

Assim sendo, a realidade explica por si só que não há como cobrar taxas sobre essas atividades de corte de madeira ilegal. Existem apenas seis (6) artigos

na Constituição⁶⁷ Haitiana de 1987 que tratam a questão de proteção de Meio Ambiente. Isso mostra como o Estado haitiano e os governos não estão preocupados com o meio ambiente no Haiti... Imagina-se como será a situação das pessoas, uma vez que não há mais como extrair madeira, devido a pouca quantidade que resta? Sem nenhum planejamento, sem fundos e nem alternativas de longo e em curto prazo para evitar essa catástrofe? Sem dúvida, será um caos total. Infelizmente não é essa situação que esperamos, porque todos de uma forma ou outra vão sofrer e pagar pela mesma. Porém, não se pode negar que o país avançará em um único sentido. Que sentido? No sentido de um desastre ecológico irreversível.

Vejam algumas ilustrações de atividades madeireiras ilegais, que podem ajudar a entender nossa preocupação em relação ao desmatamento no/do Haiti:

⁶⁷ CHAPITRE II: Del'Environnement

Art. 253: *L'environnement étant le cadre naturel de vie de la population, les pratiques susceptibles de perturber l'équilibre écologique sont **formellement interdites**.*

Art. 254: *L'État organise la mise en valeur des sites naturels, en assure la protection et les rend accessibles à tous.*

Art. 255: *Pour protéger les réserves forestières et élargir la couverture végétale, l'État encourage le **développement** des formes d'énergie propre: solaire, éolienne et autres.*

Art. 256: *Dans le cadre de la protection de l'Environnement et de l'Éducation publique, l'État a pour obligation de procéder à la création et à l'entretien de jardins botaniques et zoologiques en certains points du Territoire.*

Art. 257: *La loi détermine les conditions de protection de la faune et de la flore. **Elle sanctionne les contrevenants**.*

Art. 258: *Nul ne peut introduire dans le Pays des déchets ou résidus de provenances étrangères de quelque nature que ce soit.*



Fig.9 Carregamento de carvão vegetal sendo transportado para Porto Príncipe

Fonte: idem, 2013.



Fig.10 O comércio de Carvão vegetal na estrada que liga o Haiti e a Rep. Dominicana

Fonte: Acervo Pessoal, 2011.

As ilustrações que estamos expondo mostram claramente que esta atividade de comercialização de carvão vegetal e corte de madeira se tornam cada vez normais no Haiti. E ainda, o pior de tudo isso, não há fiscalização e nem políticas públicas voltadas para suspender as mesmas.



Fig 11: Outros meios de transporte de carvão vegetal no Haiti

Fonte: GEORGES, 2013.

Enquanto o Ministro de Meio Ambiente faz seus lindos discursos e declarações nas Mídias locais e internacionais, isso que acontece na estrada que liga o Haiti e a Rep. Dominicana no Nordeste do país. Uma infinidade de sacos de carvão na estrada a espera para serem transportados na capital haitiana *Port-au-Prince*. Segundo os moradores da região isso, acontece diariamente.

A Península do Norte do país está em um processo de desmatamento acelerada e com uma velocidade muito rápida, e com a impunidade, por falta de fiscalização das vendas desses produtos. As perguntas a serem feitas neste momento são as seguintes: será que as autoridades haitianas estão interessadas em realizar fiscalizações para suspender ou regularizar essas atividades? Será que não há nenhuma alternativa para oferecer a essas pessoas que praticam essas atividades?

Na verdade, a luta contra o desmatamento no Haiti, não pode se resumir em se reunir nas grandes conferências nos hotéis luxuosos para impressionar os outros com belos discursos. É necessário e imprescindível encontrar alternativas para conter esse mal que assola o País. Quando se observa que no país inteiro com tantos dejetos agrícolas ou resíduos agrícolas que podem se transformar em *carvão ecológico* para toda a ilha, e criar milhares de empregos, nada é feito até o presente momento, é de se preocupar.

As promessas ao povo a cada período eleitoral que nunca foram cumpridas nos levam a perguntar por que as pessoas elegem esses dirigentes corruptos, que somente estão preocupados em enriquecer seus próprios bolsos e mantêm a população refém dessa pobreza extrema que arrasa o país?

E por isso, nós (os haitianos) desenvolvemos uma tecnologia para fabricar carvão ecológico com próprios resíduos agrícolas gerados pela população. Em seguida, mostraremos quais são os procedimentos ou o passo a passo desta tecnologia.

É importante deixar registrado aqui que as pessoas que praticam esta atividade no Haiti, não são desprovidas de conhecimento e da gravidade do problema que é o desmatamento. Não é porque elas querem. Afirmamos aqui, com toda propriedade que não, não são irresponsáveis, são conscientes da situação, mas elas cortam as árvores para sobreviver. O governo haitiano não cumpre com seus deveres e nem consegue suprir com a necessidade básica do povo que é um direito pela lei.

É também importante ressaltar que os pais de família, os camponeses, necessitam de meio de sobrevivência. Precisam de lenha ou carvão para cozinhar e para alimentar seus filhos (porque o gás é muito caro). O que falta é o bom senso dos dirigentes haitianos, em buscar alternativas para criar milhares de postos de trabalho, para que essas pessoas tenham condições de comprar um forno e um botijão de gás. Se os dirigentes cumprirem com suas devidas funções, com certeza nunca haverá esse tipo de situação no Haiti. Antes de falar e culpar aqueles que praticam essas atividades é imprescindível encontrar alternativas para reverter esse quadro preocupante e propor um modelo de vida sustentável à população haitiana.

Assim, chegamos à conclusão de que não adianta ficar somente lamentando esta catástrofe ecológica que está prestes a sucumbir o Haiti. Temos que buscar uma alternativa, uma maneira para ajudar, uma saída para frear essas atividades madeireiras e a venda de carvão vegetal que estão arruinando o ecossistema do país. Foi assim que um grupo de camponeses, ambientalistas, uma parcela da sociedade civil inclusive eu (filósofo e educador ambiental) encontramos uma genial e fantástica ideia de inventar ou criar o tão sonhado o “Carvão Ecológico”, que é chamado de *Briquet no Haiti* ou tijolo.

Os briquetes ou carvão ecológico vêm como uma alternativa para diminuir os danos ambientais no Haiti. Porém, sabemos que não é única solução para reverter este quadro de desmatamento no País, outras medidas devem ser tomadas. Foram encontradas três maneiras de fabricar ou produzir o Carvão Ecológico:

Tab. 7 três tipos de fabricação de Carvão Ecológico desenvolvido no Haiti

1-Fabricação Artesanal manual ou	2-Fabricação Semi-industrial	3-Fabricação Industrial
É necessário o uso de Prensas manuais que desenvolvem uma pressão de cerca de 40 a 60 kg/cm ³ que corresponde a um efeito de densificação da ordem de 300 kg/m ³ . As prensas manuais têm capacidade de produção estimada entre 60 e 80 kg/hora. Este processo permite que a briquetagem de resíduos de combustível pela compactação após o esmagamento e sua mistura no líquido (cola).	Semi-industrial: inclui o uso de uma ou várias prensas hidráulicas ou mecânicas, que muitas vezes são unidades móveis. A capacidade de produção da prensa é estimada entre 800 e 900 kg / dia de 8 horas por máquina.	E finalmente a produção industrial que consiste em uma máquina capaz de produzir toneladas de briquetes (tijolos), mas não está ao alcance da classe camponesa por seu custo elevado de centenas de milhares de dólares.

Fonte: Idem

É importante salientar aqui que a fabricação dos tijolos (briquetes) ou carvão ecológico de produção semi-industrial com unidades móveis é acessível à população

camponesa no Haiti. Essa alternativa pode ser aplicada em muitas áreas no país, basta saber aproveitar e valorizar os seus resíduos selecionados, como pedaços de madeira, casca de coco, casca de arroz, pó de carvão vegetal e bagaça de cana de açúcar e outros materiais. O mais interessante da recuperação com biomassa carvão e briquetes é que o procedimento é acessível a todos, podendo transformar também em uma fonte de renda. Assim, acreditamos que um país não se desenvolve unicamente pelo seu governo, mas também pelos interesses coletivos de seus concidadãos, por consciência social mais objetivo do mesmo.



Fig. 12 Produção semi-industrial de Carvão Ecológico no Haiti/Briquet

Fonte: GOERGES, 2014.

É importante a iniciativa de desenvolver essa alternativa, que é a fabricação de briquetes ou carvão ecológico (Tijolos) no Haiti, que faz parte da luta contra o desmatamento no País. Porém, os briquetes têm seus pontos fortes e fracos também. Para falar sobre pontos fracos do carvão ecológico: sendo um produto reciclável, os fabricantes de briquetes usam colas vegetais para permitir que a consistência seja parecida com o carvão vegetal, mas não é tão sólido quanto a ele carvão vegetal. Se usa a cola de mandioca, inhame, *L'arbre Véritable*, *Mazoumbel* e

todos os produtos são de fácil acesso e são biodegradáveis, podendo ser encontrados na natureza sem nenhum custo.



Fig.13 Preparação e armazenamento de cola vegetal para a produção de carvão ecológico

Fonte: GEORGES, 2014

Ainda assim, é absolutamente necessário usar fogões melhorados ou fornos de fogões feitos especialmente para que as panelas possam acomodar-se, tornando eficiente a queima dos tijolos ou briquetes. Também, é importante saber que os tijolos (Carvão ecológico) não podem ser molhados, e uma vez molhado não pode ser reutilizado.

O uso de fogões adaptados que são fabricados no Haiti também é crucial na luta contra o desmatamento, permitindo ao usuário fazer uma enorme economia no caso de uso de briquetes em vez de carvão vegetal. De acordo com algumas pesquisas feitas no Haiti por (IHSI, 2009), foi constatado que se 60% da população no país tivesse acesso aos fogões melhorados, o desmatamento no Haiti pode ser reduzido para 40% em menos de 30 anos.



Fig.14 Fabricação de fogões adaptados aos briquetes e seu funcionamento

Fonte: Idem, 2013

O que é fundamental salientar neste estudo é que a produção dos briquetes ou carvão ecológico no Haiti pode ajudar na reciclagem de resíduos urbanos e rurais, eles também se transformam em fonte de trabalho. Sabe-se que a maioria dos recursos pode ser encontrada no meio rural, bem como nas cidades, nos mercados que fornecem ou vendem carvão vegetal, o pó que fica depois da triagem do carvão pode se transformar em matéria prima na fabricação de carvão ecológico ou briquetes. Também, as cinzas de briquetes são fertilizantes, essas cinzas contém um pouco de nitrogênio, minerais que são encontrados a partir do pó de *l'Abre Véritable*, e de cloreto de potássio da cinza do carvão. Podem ser usados como fertilizante nas plantações ou nas lavouras.

Observa-se nas imagens abaixo, a produção de carvão ecológico em grande escala, que é uma realidade no Haiti.



Fig 15 Produção de carvão ecológico (tijolos) já é uma realidade

Fonte: Idem

Depois de constatar o quanto a atividade comercial de carvão vegetal no Haiti está em plena expansão, foi constatado que não há sequer um plano estratégico do governo para frear esta atividade, a não ser a boa vontade de alguns voluntários já conscientizados da gravidade do problema. Eles se esforçaram em encontrar uma

alternativa, como a invenção do carvão ecológico que é uma realidade no cotidiano do povo haitiano.

Se observa bem na imagem abaixo (fig.16) a grande diferença da problemática ambiental da República Dominicana e do Haiti que são os dois países que dividem a mesma ilha caribenha e principalmente porque a nossa preocupação em relação ao ecossistema haitiano. O desmatamento do lado haitiano é muito marcante e preocupante. Do lado esquerdo da imagem, nota-se uma paisagem quase sem presença de árvore e do lado direito nota-se uma cobertura vegetal muito mais densa. A velha pergunta a ser feita. Porque dois países de uma mesma ilha têm destinos tão diferentes? Porque as responsabilidades ambientais dos dois países são tão distintas? Porque um consegue manter dezenas de parques Nacionais em relação ao outro que resta algumas unidades e está a beira extinção?

Na tentativa de responder estas perguntas acima sobre as surpreendentes diferenças dos destinos dos dois países com os antecedentes históricos, as histórias políticas, econômicas e ecológicas desses dois povos que dividem a mesma ilha podem ajudar a encontrar as respostas.

Haiti de ponto de vista ambiental na visão de *Jared Diamond*:

Comparado à Rep. Dominicana, o Haiti é mais montanhoso, a área de terra plana boa parte a agricultura intensiva é muito menor, há muito terrenos de calcário, os solos são menos espessos e menos férteis e têm uma capacidade de recuperação menor. Percebam o paradoxo: o lado haitiano da ilha era menos dotado ambientalmente, mas desenvolveu uma rica economia agrícola antes de lado dominicana. A explicação para este paradoxo é que o surto de riqueza agrícola no Haiti veio à custa de seu capital ambiental de floresta e solo. Esta lição – uma grande conta bancária pode esconder um fluxo de caixa negativo (DIAMOND, 2007. p. 408).

É importante ressaltar aqui, outros fatores que condicionavam o desmatamento no Haiti não são uma prática de agora. Desde os tempos de escravidão, todos os navios ou embarcações que transportavam escravos para o Haiti voltavam cheias para a Europa com cargas de madeira preciosas. As consequências de tudo isso são que “as terras baixas de meia-encosta do Haiti foram amplamente desmatadas por volta da metade de século XIX” (idem).

Entretanto, vários fatores condicionam para a problemática ambiental do Haiti desde o princípio. Na verdade, não é só depois do recente terremoto que sacudiu o

país em janeiro de 2010 que começaram a aparecer os problemas ambientais do Haiti, existentes pelo mundo inteiro - eles existem há décadas. Porém, só depois daquela catástrofe, o mundo se deu conta da gravidade do mesmo. Entretanto, para chegar à visão mais ampla dessa problemática, é necessário passar pela esfera social, econômica e política do país, visto que são esferas interconectadas.

A primeira vista, parece ser algo impactante e ao mesmo tempo chocante e preocupante a imagem das montanhas entre os dois países. Ela mostra com toda propriedade a enorme diferença que existe entre os impactos ambientais de ambos os países. A ilustração abaixo mostra a gravidade do desmatamento no país incluindo as áreas planas.



Fig.16: Imagem de duas montanhas, o Haiti à esquerda e a República Dominicana à direita

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>

Assim, é fundamental compreender e preocupar-se quando um país vem perdendo sua cobertura vegetal de uma forma acelerada. No caso do lado da montanha do Haiti, pode causar danos irreparáveis a seu próprio habitat.

Veja o que acontece quando não há suficiente presença de árvores nas montanhas:

- ✓ A erosão, quando as montanhas não têm mais árvores para manter a terra, chuva lava solo.
- ✓ Declínio e menos água fresca estará disponível para os seres humanos e animais para o seu consumo e diminuição do fluxo dos rios.

- ✓ A diminuição da produtividade de alimentos em grande escala, e a sobrevivência da população local.
- ✓ Os manguezais, que servem como um berçário para os peixes menores que estão morrendo e tornam-se alvos fáceis para os predadores, reduzindo a produção de aquática para o consumo humano.
- ✓ Ocorre deslizamento de terra que podem causar a morte de milhares de pessoas.
- ✓ Em fim, a perda desta terra, isso levará séculos para a natureza volte a seu estado normal. Veja na imagem abaixo:



Fig. 17 Lágrimas ecológicas de um país que se vai, é a região Norte do Haiti visto pelo alto.

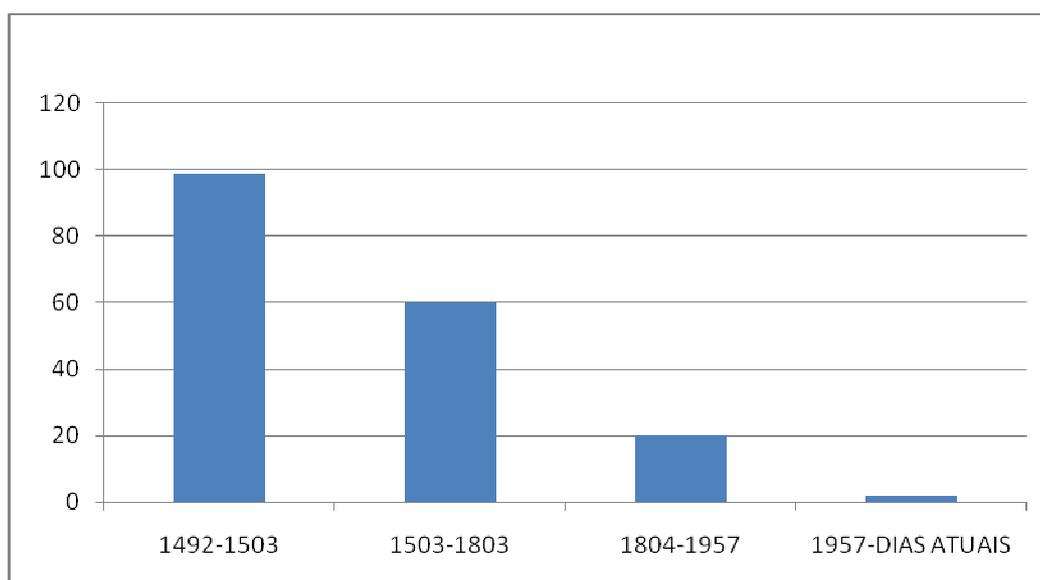
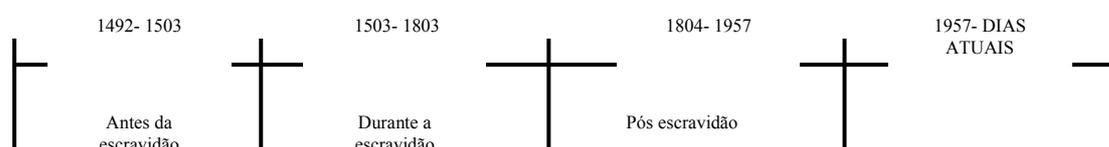
Fonte: GEORGES, 2013.

Dessa forma, sentimos a necessidade de fazer conhecer os outros problemas do Haiti que não são de ordem econômica, social e política, e sim de ordem ambiental e, em especial, o desmatamento sem freio, que acompanha o país durante várias décadas. Também, o Haiti representa um caso inédito no/do Caribe ou no mundo, por sua condição de miséria e pobreza, mais visível do que em os outros países caribenhos. É necessário conhecer melhor essa realidade, porém para tanto precisamos nos distanciar dela, para que possamos enxergá-la melhor, com uma postura crítica, sobretudo uma crítica construtiva. Diante isso, queremos ressaltar

que, se não houver medidas drásticas a serem tomadas para evitar o desmatamento nos próximos anos no Haiti, o país pode se transformar no primeiro deserto do continente americano.

Compete lembrar que no início do século XX, a floresta tropical haitiana, depois de ter sido em grande parte devastada para pagar a taxa financeira imposta pela França em troca de reconhecimento da independência haitiana, ainda ocupava mais do que a metade da superfície nacional, ou seja, 60% de todo território nacional. Na década de 50, chegou a menos de 20%. Hoje restam, infelizmente, mais ou menos 2% dela (dados extraído do Relatório da ONU, 2009).

Linha do tempo do ritmo de desmatamento do Haiti



Graf.1 A densidade da cobertura florestal do Haiti de 1492 – aos dias atuais

Fonte: Acervo do autor

Infelizmente, o ritmo de desmatamento acelerado continua no Haiti. Se observarmos de 1492 aos dias atuais, podemos afirmar de acordo com o gráfico acima que a situação de cobertura vegetal do país é muito preocupante. Assim, pode se esperar no futuro próximo o maior desastre ecológico no mundo, no qual o Haiti se transformará em um laboratório para os ambientalistas de todo o mundo, no

qual vão poder tocar com suas próprias mãos a exterminação de uma sociedade ou de uma nação. Parece ser um pouco exagerado, mas as observações que fizemos durante a pesquisa de campo no País nos leva a pensar nesta possibilidade. Se observarmos as ilustrações abaixo, não restam dúvidas de que a população haitiana está a beira de uma catástrofe ecológica.

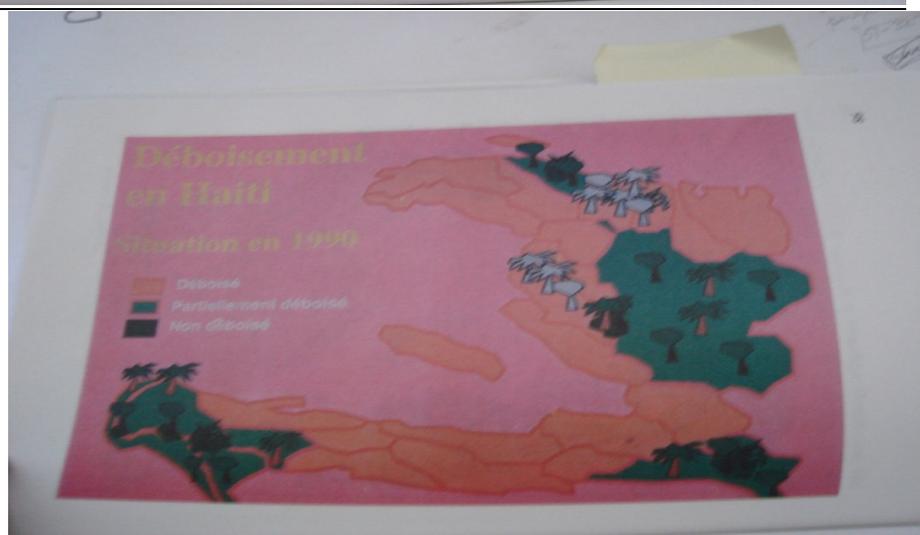
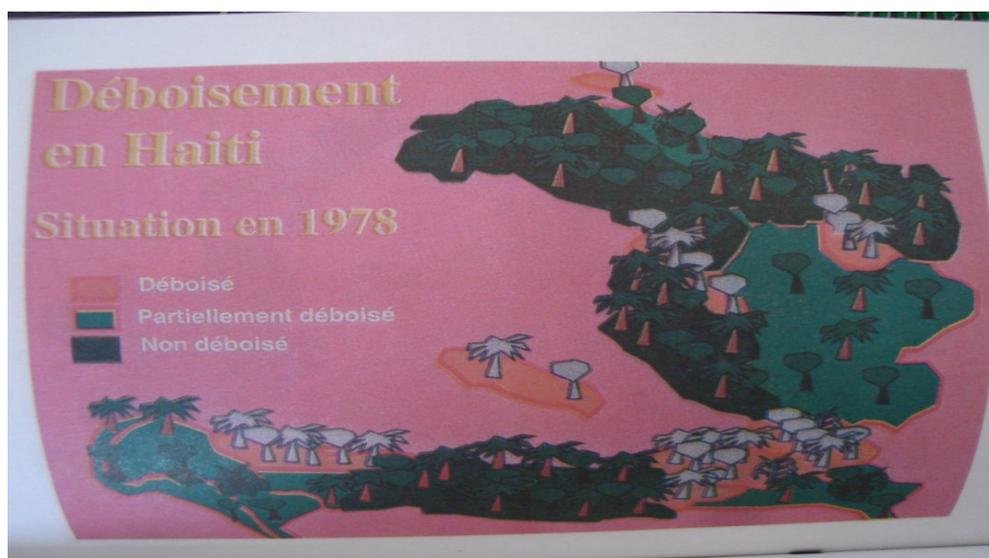


Fig.18 O ritmo de desmatamento no Haiti da década de 70 a 90

Fonte: LATORTUE, 1998, p.97-8.

Observando as duas figuras acima, e as cores dos quadros abaixo, tudo isso explica claramente o ritmo acelerado de desmatamento do país nas últimas quatro décadas.



É o resultado de 60 anos de irresponsabilidade e de má gestão ambiental no Haiti. Quem deve ser responsabilizado por esse desastre no Haiti? Como remediar este desastre? Sabe-se que um quarto da superfície do país era florestado em 1950. Em 1987, havia apenas 10%, em 1994, restava 4%, e em 2004 restava menos de 2%.

Em 2014 um levantamento foi feito pelos ambientalistas haitianos, sob a coordenação de Georges Valme (2014) constatou-se que resta mais ou menos de 1% da cobertura florestal. Essa redução drástica na cobertura vegetal tem e terá como consequência grave, como a intensificação de perda de solo. Ainda com uma precipitação de 1400 mm / ano ou 40 bilhões de m³ de água, 90% vão para o mar inundando as planícies, os vales e as cidades costeiras do País.

Sabe-se que qualquer leitor, ao deparar com este texto, pode levantar a seguinte pergunta: porque não faz o uso de Gás GLP no Haiti? Mas, a resposta é a seguinte! O uso de Gás GLP no Haiti é um mito. É verdade que o Haiti precisa do gás GLP a fim de ter uma energia limpa, é verdade que muitos defendem o uso deste gás no Haiti. Dizendo e pensando em tudo isto faz sentido, mas a realidade é outra e bem diferente.

Para falar de uso de Gás GLP no Haiti, é preciso levar em conta vários fatores: o preço do gás, o transporte, os detalhes de instalação, a concorrência com as fábricas de carvão vegetal, o hábito da população, o investimento para alguém criar um centro de distribuição, as agências de segurança dos dispositivos que não existem, as distâncias, infraestrutura de entrega, são os verdadeiros problemas a serem superados antes de pensar no uso de Gás GLP no Haiti. De acordo com o

(IHSI, 2009), Na maioria dos haitianos que usam o Gás GLP são de classe alta ou classe A, e por incrível parece, todos têm ou usam nas suas casas fogões que funcionam com carvão vegetal. Na verdade, a maioria dos haitianos não tem condições financeiras para comprar um botijão de Gás, e muito menos fogão a gás.

Então, é muito mais fácil para a maioria da população encontrar 25 ou 50 gourdes⁶⁸ que equivale a 2 dólares americanos para comprar carvão vegetal para cozinhar, mas infelizmente eles não podem comprar 25 ou 50 gourdes de Gás GLP, se sabe um botijão de gás no Haiti custa quase um salário mínimo no País. Isto é a pura verdade, ou melhor dizendo, isso é o mito que se esconde por trás do uso de Gás GLP no Haiti.

Assim, acreditamos que é muito importante elencar alguns conceitos à luz da problemática ambiental que são fundamentais para entender a fundo a problemática da pesquisa como por exemplo:

3.3 O que é uma floresta Tropical sua estrutura e suas relações simbióticas?

De acordo com as pesquisas encontradas acerca desse termo, os pesquisadores desta intuição (MONGAGAY, 2012) entendem que, uma floresta tropical é importante para o ecossistema global e para a existência humana. Ela é incomparável em termos de sua diversidade biológica, as florestas tropicais são uma reserva natural de diversidade genética que oferece uma rica fonte de plantas medicinais, alimentos de subsistência, e outros produtos florestais úteis. Ela é um habitat importante para animais migratórios e sustentam aproximadamente 50% das espécies na Terra. As florestas tropicais têm um papel fundamental na regulação global do clima além de manter a regularidade das chuvas, enquanto proteção contra inundações, secas e erosão. Elas armazenam vastas quantidades de carbono para produzir uma quantidade significativa de oxigênio para atmosfera.

A maioria das florestas tropicais é encontrada em quatro domínios biogeográficos: o Afrotropical (Continente África, Madagascar, dispersos e ilhas), a Austrália (Austrália, Nova Guiné e as Ilhas do Pacífico), o Indomalásio (Índia, Sri Lanka, continente asiático, E Sudeste da Ásia), e o Neotropical (América do Sul, América Central, e as ilhas do Caribe) (MONGAGAY, 2012).

⁶⁸ O nome da moeda haitiana. 1 U\$ dólar americano equivale a 45 gourdes haitiano hoje em dia.

As florestas tropicais no mundo todo são bastante diversificadas, mas várias dividem as mesmas características incluindo o clima, a precipitação, a estrutura, o complexo de relações simbióticas, e uma diversidade de espécies imensas. Às vezes, encontra-se uma floresta tropical que não necessariamente precisa estar em conformidade com estas características e a maioria dessas florestas tropicais úmidas não têm limites claros, mas podem se mesclar com adjacente manguezal florestal, floresta úmida, florestas montanhosas (MONGAGAY, 2012).

Deixamos bem claro que neste estudo não pretendemos nem podemos extrair tudo que tenha a ver com essa temática em somente em alguns parágrafos. É um tema bastante amplo e complexo. Visamos apenas deixar registrado o que entendemos de “floresta tropical” de maneira superficial. Assim, podemos afirmar que a ameaça humana ligada à globalização econômica como uma das principais causas de destruição dessas florestas. A destruição das florestas no Haiti é uma prova palpável disso.

3.3.1 Uma área degradada o que é?

De acordo com Tavares (2008), uma área degradada tem sido geralmente vinculada aos efeitos ambientais nocivos ou negativos causados principalmente pelas atividades ou intervenções de seres humanos. Embora seja muito difícil associar esse conceito às alterações de fenômenos naturais, o autor ressalta que o termo degradação pode variar conforme a atividade em que esses efeitos são gerados, bem como em função da área de conhecimento humano em que são coligados e avaliados. Conforme o uso atribuído ao terreno, a definição de área degradada pode ser variada, como se pode constatar:

- 1) De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), por meio de sua NBR 10703, a degradação do solo é apontada como sendo a “alteração adversa das características do solo em relação aos seus diversos usos possíveis, tanto os estabelecidos em planejamento, como os potenciais”. O conceito contempla entendimento do solo enquanto espaço geográfico, ou seja, extrapola o sentido de matéria ou componente predominante abiótico do ambiente. Além disso, ao citar a expressão “alteração adversa”, sugere a aproximação com o conceito de efeito ou impacto ambiental considerado negativo. Todavia, em outra norma, NBR 13030 (específica para mineração), define-se áreas degradadas como “áreas com diversos graus de alterações dos fatores bióticos e

abióticos, causados pelas atividades de mineração”, mantendo a noção de alteração, porém sem vinculação com o uso do solo.

2) Já no Manual de Recuperação de Áreas Degradadas pela Mineração do IBAMA, define que “*a degradação de uma área ocorre quando a vegetação nativa e a fauna forem destruídas, removidas ou expulsas; a camada fértil do solo for perdida, removida ou enterrada; e a qualidade e o regime de vazão do sistema hídrico forem alterados. A degradação ambiental ocorre quando há perda de adaptação às características físicas, químicas e biológicas e é inviabilizado o desenvolvimento sócio-econômico*”.

3) Nas áreas das ciências biológicas e no campo geomorfológico e de paisagismo, são considerados os conceitos de *perturbação* ou *distúrbio*. No caso da área biológica, esses conceitos estão mais ligados aos aspectos relacionados à evolução de ecossistemas, onde essas alterações são resultantes de atividades humanas e que não podem ser corrigidas rapidamente. Essas podem ser divididas em três situações influenciadas pelo caráter temporal: os distúrbios súbitos e inesperados, como os decorrentes de acidentes ou falhas de origem tecnológica em processos industriais; os distúrbios que ocorrem em período de tempo significativo, mesmo que tenham sido detectados apenas recentemente, como os derivados de descargas de efluentes industriais; e os distúrbios planejados, como os de mineração em superfície.

4) Fundamentados em observações de campo agrônomo, LAL *et al.*(1989), diferenciam processos e fatores de degradação do solo. Os primeiros correspondem às ações e interações químicas, físicas e biológicas que afetam a capacidade de autodepuração do solo e a sua produtividade. Os fatores compreendem os agentes e catalisadores naturais ou induzidos pelo homem, que colocam em movimento os processos e causam alterações nas propriedades do solo e nos seus atributos de sustentação da vida. Entre os processos de degradação induzidos pelo homem citam a compactação, a erosão acelerada, desertificação, salinização, lixiviação e acidificação. Entre os fatores, mencionam a agricultura, indústria e urbanização. Citam que as alterações produzidas pelos processos geram, entre outros aspectos, efeitos negativos sobre a qualidade ambiental, estabelecendo, então, a relação com o conceito de solo enquanto espaço geográfico (“*land*”) e, assim, o sentido amplo de degradação do solo (“*land degradation*”). Ainda no campo agrônomo, a degradação de terras agrícolas deve focar além dos processos de degradação citados acima, também os aspectos econômicos, uma vez que a perda de produtividade pode estar relacionada com degradação do solo (TAVARES *et al*, 2008, p.3-4).

O autor continua mostrando através do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUD), por meio de GLSOD (Global Assessment of Soil Degradation – Projeto de Avaliação Mundial da Degradação do Solo), que constatou que 15% das terras do planeta (aproximadamente 20 bilhões de ha) um espaço do tamanho dos Estados Unidos e Canadá junto, estão

consideradas como áreas degradadas devido às atividades humanas. Assim, pode-se observar que do conjunto ou total desta área degradada, 5% encontram-se na América do Norte, 12% na Oceania, 14% na América do Sul, 17% na África, 18% na Ásia, 21% na América Central e 13% na Europa. Ele destaca ainda que nas áreas inabitadas do mundo, o percentual de terras degradadas no planeta aumenta de 15% para 24% (OLDEMAN, 1994).

Para ele, o maior problema que reside nestas constatações é que a maioria destas terras degradadas ou em fase de degradação está nos países menos desenvolvidos e conseqüentemente as populações mais carentes. Chega-se a conclusão que 39% da população da Ásia (1,3 bilhão de pessoas) viva em áreas com tendências para desertificação, na África, 65% dos solos agrícolas estão degradados e na América Latina e no Caribe (TAVARES, 2008).

Como podemos observar conforme a citação acima, o termo de degradação é bastante relativo, isto é, varia de acordo com as atividades ambientais nocivas ou adversas geradas naquelas áreas. E de acordo com a constatação do autor, os efeitos negativos dessa degradação se repercutem ou atingem diretamente os países mais pobres.

3.3.2 Reflorestamento o que é?

De acordo com as últimas buscas que realizamos acerca desta temática, chegamos à seguinte afirmação: o processo de reflorestamento ou restauração florestal tem uma importância enorme para o meio ambiente. Este processo, por si só, é capaz, quando feito com eficiência, de recuperar áreas degradadas, áreas verdes com espécies nativas. Também, ele pode ser considerado como uma ação ambiental que visa repor ou repovoar áreas que tiveram sua vegetação removida pelas ações humanas quando se trata de exploração de madeira, para a expansão agrícola, queimadas e dentre do outras, pode acontecer pela própria força da natureza. É importante salientar que o processo de reflorestamento ou restauração florestal pode ser utilizado de diversas maneiras:

- 1) Para criar barreiras de árvores para proteger determinadas culturas da ação de fortes ventos;

- 2) É utilizado também em áreas de declives com o objetivo de impedir deslizamentos de terras. Nesta situação, ele também é eficaz no combate à erosão do solo. (caso muito comum no Haiti);
- 3) Para arborização de áreas específicas onde não havia vegetação nas últimas décadas. Neste processo, são criadas pequenas florestas, principalmente com espécies lenhosas. Este processo é voltado principalmente para criação de áreas de lazer ou para melhorar a qualidade do ar em áreas que sofrem com a poluição ou aquecimento do ar;
- 4) Para as indústrias de madeira e celulose que realizam esse procedimento, usando principalmente o eucalipto. Esta espécie é usada em função de seu crescimento rápido e pelo fato da madeira ter boa aceitação comercial. Usando o processo de reflorestamento, muitas empresas deixam de comprar madeira proveniente do corte ilegal, poupando a natureza. Às vezes nem sempre acontece dessa forma.

Na visão de Eugênio Arantes de Melo (2008), quando se trata de reflorestamento em uma área degradada é necessário fazer a recomposição da mata por etapas:

- Do começo deve aparecer às espécies pioneiras, mais rústicas, tolerantes ao sol pleno, de pequeno a médio porte, crescimento rápido e menos exigente;
- Depois de estabelecer o que se chama "mato", feito destas espécies e arbustos, que normalmente são as consideradas pragas da lavoura, começam a brotar as espécies intermediárias, que se aproveitam da sombra das primeiras;
- E em seguida vêm às chamadas "climax", e são árvores de grande porte de longevidade, que dominarão a mata, reduzindo as pioneiras a um percentual muito menor.

Para o autor, deve-se evitar o plantio de espécies climax em terreno aberto e limpo. Em grandes reflorestamentos é comum o plantio simultâneo de todas as

espécies, misturadas. Considera-se então que as pioneiras se desenvolverão mais rapidamente, fornecendo sombra para as climácicas. Ou então, se procura aproveitar a vegetação existente, e plantar as climácicas em seu meio. Nestes casos, é necessário dosar a proteção fornecida pelas pioneiras, devido ao risco de abafamento, fazendo limpezas seletivas de tempos em tempos. Existem espécies que se adaptam melhor a solo mais seco ou mais úmido, arenoso etc. Algumas espécies preferem climas frios, outras só produzem com muito calor. Algumas exigem altitudes mais baixas ou mais elevadas. Normalmente as espécies climácicas exigem um solo mais rico em adubação.

Vejam algumas espécies utilizadas em reflorestamento na região leste de Minas Gerais no Brasil, localidade com aspecto climático muito parecido com o do Haiti. É possível transportar com muito cuidado e experimentar esse modelo em algumas regiões do Haiti. Cuidado porque se sabe que algumas espécies podem ser incompatíveis por algumas regiões, com risco de proliferar pragas, então, em vez de ajudar, podem trazer mais preocupação no futuro.

É importante ressaltar que o Haiti tem um clima tropical com duas estações de chuvas, de abril a junho e agosto e a partir de meados de novembro. São períodos intercalados de secas com a polaridade nas condições climáticas e resultados de ambientes extremos que podem facilitar a erosão do solo pelo vento ou deficiência hídrica durante os períodos de intensa umidade em excesso.

Tab.8 As espécies arvores usados em reflorestamento

PIONEIRAS		INTERMEDIARIAS		CLIMAXES	
Embauba	Cecropia (diversas espécies)	Amendoim do mato	Pterogynenitens	Angico vermelho (mam. Porca)	Anadenantheram acrocarpa
Angico jacaré	Piptadeniagono acantha	Aroeira vermelha	Schinusterebint hifolius	Araribá	Centrolobiumrob ustus
Caja mirim	Spondiasmonbi n	Cabreúva, Balsamo	Myroxylonbalsa mum	Brauna preta	Melanoxylonbraú na
Fedegoso	Senna macranthera	Canafístula de fava	Cassia ferruginea	Cedro	Cedrelafissilis
Fedegoso gigante	Senna alata	Canela branca	Ocoteaspichian a	Copaiba	Copaiferalangsdor fii

Leiteira –	Tabernaemontana fushiaefolia	Caroba branca	Sparattosperma leucanthum	Garapa	Apulealeiocarpa
Pombeira	Cytharexylum rianthum	Catuaba branca	Eriothecacandolleana	Cutieira ou boleira	Joanesia princeps
Papagaio ou tamanqueira	Aegiphilaselowniana	Farinha seca	Albiziahaslerii	Inuiba	Lecythis lúrida
Capixingui	Crotonfloribundus	Guapuruvu	Schizolobiumparahyba	Ipê amarelo da mata	Tabebuia serratifolia
Sangra d'água	Crotonurucurana	Ingá	Ingaedulis	Jatobá	Hymeneaecourbaril
Marianeira	Acnistusarborescens	Ipê amarelo do cerrado	Tabebuia chrysotricha	Jequitibá rosa	Cariniana legalis
		Ipê roxo	Tabebuia avellaneda	Paratudo	Hortia arbórea
		Jacaranda da Bahia	Dalbergianigra	Pau Brasil	Caesalpiniaechinata
		Jenipapo	Genipa americana	Pau dalho	Gallesiaintergrifolia
		Mulungu	Erythrina verna	Pau ferro	Caesalpiniaférrea
				Pau rei	Pterygota brasiliensis
				Peroba do campo	Paratecoma peroba
				Sapucaia	Lecythispisonis
				Vinhatico	Plathymenia foliosa

Fonte: Eugênio Arantes de Melo, www.arvores.brasil.nom.br, 2008

Encerramos essa parte, com a certeza de que não podemos esgotar essa temática somente com aqueles que apresentamos neste item. Assim, alguns especialistas neste ramo afirmam que a prática de restauração exige “razões éticas

e espirituais para a necessidade de se recuperar ecossistemas, mas como o valor intrínseco da vida e da existência em si mesma” (CASTRO, 2012).

3.3.3 Agrofloresta: o que é e como se faz? Sua importância no combate à fome

Iniciamos essa temática lembrando que a declaração das Nações Unidas do Brasil/ONUBR destaca depois de vários estudos que, “Agrofloresta é vital para a segurança alimentar de milhões de pessoas, afirma FAO”:

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) pediu nesta terça-feira (5) aos países que impulsionem esforços para promover os sistemas agroflorestais, uma prática que envolve a combinação de árvores com a cultura agrícola ou a pecuária. Isso pode ajudar milhões de pessoas a sair da pobreza e evitar a degradação ambiental, tornando-se vital para garantir a segurança alimentar. “Em muitos países, o potencial de sistemas agroflorestais para enriquecer agricultores, comunidades e indústria ainda não foi totalmente explorado”, disse o Diretor da Divisão de Avaliação, Gestão e Conservação Florestal da FAO, o brasileiro Eduardo Mansur. Em um novo guia destinado a gestores, organizações não governamentais e a instituições governamentais, a FAO e parceiros mostram como sistemas agroflorestais podem ser integrados a estratégias nacionais e como as políticas podem ser adaptadas às condições específicas. O documento inclui dez tópicos para ação política, incluindo o esclarecimento de normas das políticas de uso de terra, além de exemplos de boas práticas e casos de sucesso. Na Costa Rica, por exemplo, onde mais de 10 mil contratos foram assinados para sistemas agroflorestais nos últimos oito anos, mais de 3,5 milhões de árvores foram plantadas em fazendas. (**Fonte:** <http://www.onu.org.br/noticiário> de 6 de fevereiro de 2013).

Cabe lembrar que se essas organizações (ONU, FAO) vêm se preocupando com a questão de segurança alimentar no mundo nos últimos tempos, é sinal de que o problema de fome no mundo, em particular nos países subdesenvolvidos, os países do terceiro e os da África está se agravando cada vez mais. Pretendemos abordar essas temáticas, fome, miséria, pobreza com muita cautela. Sabe-se que muitas vezes não é conveniente falar da miséria, da pobreza e da fome, se quem as produz é quem delas se aproveita.

Dessa forma, voltamos a falar da Agrofloresta: o que é e como se faz? De antemão, nos parece complexo definir o que é agrofloresta. Mas, apropriando-nos

de uma visão naturalista podemos tentar dizer de maneira simples que, a “agrofloresta” é mais do que um sistema de produção de alimentos no qual o homem e o ambiente estão em perfeita harmonia. Podemos dizer também que se trata de um princípio no qual se conservam os recursos naturais e se produz alimento saudável.

É importante também destacar que a agrofloresta é muito mais de que uma simples técnica. Se bem feita, bem aplicada, podemos entendê-la como uma visão diferente do mundo, é uma nova maneira de nós seres humanos nos relacionarmos com todos os seres vivos e não vivos, e com o planeta como um todo.

Na visão de Peneireiro (2002), as agroflorestas podem também ser chamadas de florestas de alimentos ou florestas de produção; procuram produzir alimentos e outras matérias-primas a partir de um tipo de sistema de produção que se assemelha a uma floresta biodiversa em função e estrutura. É fundamental entender o funcionamento da floresta e sua dinâmica, e a sucessão natural é a base que deve orientar a elaboração e as interferências no sistema.

Para começar a entender os princípios sucessionais observamos que uma área degradada, empobrecida pelo ser humano, e avaliada como improdutivo em termos agrícolas sofre modificações quando fica em repouso: a própria vegetação, fauna e microrganismos (os seres muitas vezes considerados, pelo ser humano como pragas, plantas daninhas, por falta de conhecimento) ajudam na recuperação da terra e então o(a) agricultor(a) pode voltar a produzir alimentos naquele local - ou seja, os seres vivos operam no sentido de aumentar os recursos para a vida no lugar.

Assim, ela afirma que o grande insumo da agricultura sustentável será sementes e o conhecimento da ecologia. Essas formas de produção, que utilizam os recursos locais, trazem autonomia aos agricultores, estimulam o resgate do conhecimento tradicional, apresentam custo reduzido e alia a produção à conservação dos recursos naturais.

De acordo com a tabela abaixo se pode verificar os princípios essenciais que deverão embasar na implantação e no manejo de agroflorestas sucessionais:

Tab. 9 Fundamentos para agroflorestas sucessionais, a partir das bases teóricas desenvolvidas por E. Götsch.

COMO É NA NATUREZA	ANALOGIA COM A AGROFLORESTA
<p>1. A teimosia da vida em predominar - numa área desmatada, a tendência é sempre a ocupação com mais e mais vida, de diferentes formas (plantas e animais), com grande variedade de espécies;</p>	<p>- Que nossas intervenções sejam no sentido de sempre aumentar a vida no local (em quantidade e qualidade)</p>
<p>2. adaptação das espécies ao local – as espécies recrutadas numa determinada área é função das condições principalmente de substrato. Tratando-se de um solo pobre em matéria orgânica e nutrientes, as espécies a se estabelecerem serão mais rústicas, menos exigentes.</p>	<p>- devemos escolher as espécies de acordo com as condições do local (solo, clima). Para isso, é importante conhecer as espécies da região e observar as plantas indicadoras;</p> <p>- o lugar (clima e relevo) e condições de solo (em solos degradados, com pouca matéria orgânica, utilizar plantas menos exigentes; em ambientes onde já houve bastante concentração, como as baixadas, por exemplo, as plantas mais exigentes se desenvolverão bem. Além disso, é importante observar se o solo encharca ou não, para que as espécies sejam escolhidas também em função da tolerância ao encharcamento);</p>
<p>3. sistema completo desde o início - as espécies de futuro (aquelas de vida mais longa) já estão presentes desde o início, junto com aquelas que não vão durar tanto quanto elas mas que são importantíssimas para prepararem as condições para as de futuro se desenvolverem (melhorando a terra e criando um ambiente de sombra satisfatório);</p>	<p>- devemos semear todas as espécies (de vida curta, media e longa) de uma só vez.</p>
<p>4. simultaneidade e adensamento dos consórcios - podemos observar diferentes combinações de espécies que dominam o sistema numa determinada fase. Esses consórcios, cujos componentes apresentam ciclo de vida semelhante, vão se sucedendo uns ao outros. Cada consórcio caracterizado pelo tempo de vida, ou período no qual chega a dominar no sistema é composto por diferentes espécies, que ocupam diferentes estratos. Cada espécie do consórcio aparece em alta densidade no estado juvenil, mesmo quando</p>	<p>- devemos semear todas as espécies em alta densidade e, depois, ir selecionando aquelas mais vigorosas.</p> <p>- as espécies deverão ter ciclos de vida curto, médio e longo. As de ciclo curto vão criar condições para as de ciclo médio e longo e as de ciclo médio para as suas sucessoras.</p> <p>- o espaço deve ser aproveitado da melhor maneira possível. Assim, além do plantio adensado, como foi explicado anteriormente, todos o estratos (alturas diferentes) devem ser ocupados. Para as plantas de</p>

<p>observamos que nem todos os indivíduos chegam a se estabelecer e frutificar quando adultas, pois vão sendo selecionadas e aquelas mais adaptadas ao micro-lugar. Porém, a ocupação do espaço por muitos indivíduos é imprescindível para que alguns indivíduos adultos possam chegar vigorosos a idade madura, e a presença de todos os indivíduos de todas as espécies de todos os consórcios é fundamental para o desenvolvimento de todo o sistema.</p>	<p>vida curta, podemos escolher as de porte alto médio e baixo, da mesma forma para as de vida média e longa. Dessa maneira o espaço vertical, tanto para aproveitamento da luz, quanto da terra, pelas raízes de diferentes tamanhos e formas, é bem aproveitado.</p>
<p>5. dinâmica - Constantemente no ecossistema natural podemos observar os agentes que dinamizam o sistema, como o vento, as pragas (formigas cortadeiras, lagartas, etc.), que transformam a matéria orgânica e rejuvenesce o sistema, melhorando o solo, criando condições de luz para o crescimento das outras plantas e revitalizando as plantas naturalmente “podadas”. Numa floresta, as pragas e doenças existem, mas de forma equilibrada, sem causar danos severos, pois sua função é importante como dinamizadora do sistema.</p>	<p>- devemos fazer papel do vento e das pragas, manejando o sistema através da capina seletiva e da poda. - as pragas e doenças deverão ser vistas como nossos professores, que nos mostram os pontos frágeis do sistema. A biodiversidade é um fator importante para manter esse equilíbrio, assim como a interação entre as espécies (que geram condições de iluminação, solo, etc). Se esses pontos forem observados, notaremos que não teremos danos severos nos sistemas agroflorestais sucessionais.</p>
<p>6. cooperação x competição - as plantas da floresta vivem muito bem, umas bem próximas às outras, mostrando que, desde que a combinação das plantas esteja adequada, não há problema com competição.</p>	<p>- ao escolher as espécies para comporem os consórcios, é importante considerar a estratificação e o ciclo de vida e, desde que não pertençam ao mesmo grupo, de mesmas características, pode-se efetuar o plantio como se fossem monocultivos sobrepostos, obedecendo aos espaçamentos convencionais (no caso das plantas de ciclo curto). No caso das árvores frutíferas, elas devem ser plantadas por sementes, em alta densidade, para depois então serem selecionadas as de maior vigor.</p>

Fonte: Peneireiro, 2002. IV CBSAF, Ilhéus/BA.

É importante salientar que a agrofloresta pode ser considerada como uma floresta de alimentos. Para isso, é necessário na sua formação inicial dar ênfase as plantas de espécies agrícolas de vida curta como, por exemplo: feijão, milho, batata, batata doce, abóbora, quiabo, melancia etc. Na sucessão quando aquelas de vida curta forem colhidas, podem usar abacaxi,

mandioca, manneira, cacau, banana, amendoim juntos com árvores de pequeno e grande porte que podem ser usadas no futuro como lenha e madeira.

Outro aspecto que merece ser destacado da importância da agrofloresta principalmente nos países tropicais é o de que quanto mais solo estiver coberto, mais a água da chuva terá facilidade infiltrar alimentando o lençol freático. Assim sendo, as nascentes, os rios e os córregos ficarão sempre com vida o ano todo. Esse aspecto é fundamental para minimizar a escassez de água, e isso é fundamental para combater a falta de água no Haiti. E hoje em dia, podemos constatar que certas regiões do Haiti estão passando por problemas sérios em relação à água. Talvez esse problema da água não se encontre somente no Haiti, e sim se torna, de acordo com as últimas pesquisas, uma preocupação mundial.

A soberania alimentar e a biodiversidade e a diversidade cultural pode nos oferecer pistas para discutir e entender essa problemática:

A soberania alimentar e a diversidade cultural ou etnodiversidade, dois temas que estão inter-relacionados com um terceiro, a biodiversidade, ou seja, a diversidade da vida no planeta não subsiste sozinha. O futuro da humanidade depende deles. São três temas que a Conferência da Terra e da Água vai debater e apontar para a sociedade caminhos para a resistência e superação da atual civilização do Brasil e do mundo. A humanidade depende da biodiversidade para obter alimentos, medicamentos, materiais para a elaboração de roupas e utensílios diversos, materiais para a construção, energia, fins ornamentais, tintas, cosméticos e outros. Não obstante essas principais qualidades, a biodiversidade gera toda uma série de funções ecossistêmicas que permitem manter a vida e as condições sobre as quais se desenvolvem os diferentes organismos vivos, inclusive a humanidade (GUTTERRES, 2006, p.53 -54).

Para isso, conforme a citação do Gutterres (2006) acima, a Via Campesina Internacional propõe os seguintes elementos em relação à Biodiversidade:

- 5 “Que a Biodiversidade deve ser a base para garantir a soberania alimentar, como um direito fundamental e básico – não negociável – dos povos. Direito que deve prevalecer sobre as diretrizes da OMC. Hoje, existem 800 milhões de pessoas com fome. Para resolver esse problema, devemos pensar em utilizar os alimentos locais com que nos brinda a diversidade, apoiar os mercados locais e regionais, aplicar a pesquisa, a tecnologia e a ciência com maior equidade”.
- 6 “Uma moratória na bioprospecção (exploração, coleção e recoleção, transporte e modificação genética) e a acesso recursos genéticos e aos conhecimentos que os camponeses e as comunidades [locais], indígenas possuem desses recursos, enquanto

não existirem mecanismos de proteção dos direitos de nossas comunidades para prevenir e controlar a biopirataria”.

- 7 “Proteger e promover os direitos dos agricultores sobre os recursos genéticos, o acesso à terra, à água, ao trabalho e à cultura. Isso deve passar por um amplo processo informativo e participativo dos sujeitos para a preservação da biodiversidade. Para isso, estabelecer um mecanismo de consulta e monitoramento permanente com as organizações de produtores, [locais], indígenas e comunidades” (GUTERRES, 2006, p. 54-55).

Compete lembrar que o ser humano passou a fazer a agricultura há mais de 10 mil anos, bem como que os camponeses sempre protegem e preservam o meio ambiente, e tiveram a sabedoria e conhecimento suficiente para selecionar as melhores sementes, as mais produtivas e melhorarem aquelas menos eficientes. Acreditamos que seria um dos vieses para o Haiti encontrar uma saída da dependência alimentar dos países vizinhos como os Estados Unidos da América e a República Dominicana. Se sabe que existem vários fatores e interesses econômicos externos para manter o Haiti sob essa dependência. O grande desafio para mim como Educador Ambiental, é fazer com que o camponês haitiano volte a acreditar no seu potencial do passado frente às grandes multinacionais tipo Monsanto, que é uma das principais destruidoras das sementes crioulas do Haiti. Não será uma tarefa fácil, mas também não é impossível.

Na visão de Priscila C. Braga e Rômulo M. da Silva (2013) a questão alimentar, suscitada pela transformação dos sistemas de produção de alimentos e respectivas mudanças nas relações socioambientais e culturais no campo, acusa o processo de distribuição desigual dos benefícios e malefícios da modernização da agricultura. Longe de estarem plenamente estabelecidas, as populações rurais vêm-se ainda ameaçadas pelo acirramento do projeto de modernização e crescimento, representado sobretudo pela intensificação das novidades oriundas da “Revolução Verde”⁶⁹.

Para encerrar essa temática que é de suma importância para este trabalho, sabemos que não podemos esgotar mais uma vez somente com aqueles que apresentamos acerca dela. Por isso, queremos trazer o quadro explicativo do Guterres mostrando e a grande diferença que existe entre “Agricultura Camponesa versus Agricultura Imperialista”:

⁶⁹“um programa de remoção dos obstáculos à entrada do capital no campo, de estímulo a modernização da agropecuária” (MARTINS, 1986 p.94);

Tab.10 Quadro comparativo entre dois (2) modelos de agricultura

Os dois modelos de produção:	Agricultura imperialista dos transgênicos	Agricultura popular, agroecológica
Quem beneficia nesse modelo?	As multinacionais e latifundiários – um modelo excludente e insustentável, no longo prazo.	Os pequenos e médios agricultores – um modelo de agricultura ecológica, com sementes crioulas, independentes e sustentável, em longo prazo.
Quem controla as sementes?	São patenteadas – os donos são as multinacionais como a Monsanto, que vão cobrar altos preços pela tecnologia gerada por eles – monopólio.	São dos agricultores que produzem dezenas e centenas de anos, melhorando e conservando-as.
Como controlar os insetos, pragas e doenças?	Usando pouco veneno no início mas depois surge novos insetos, novas pragas e novas doenças, mais resistentes que exigirão maior quantidade e novos venenos.	Equilibrando, nutrindo o solo, e o meio ambiente, com rotação de cultura, diversidade de plantas, uso de caldas, controle biológico e preservando os inimigos naturais.
Qual tipo de cultivo predominante?	Monocultura - no verão, só soja, ou só milho; no inverno só trigo.	Policultura – produção diversificada no inverno e no verão, consórcio de plantas, cultivos de árvores e produção de animais.
Qual a forma e tipo de adubação usado?	Aduba-se as plantas e não o solo – altas doses de fertilizantes químicos – NPK ⁷⁰ + adubação foliar	Aduba-se o solo e não as plantas – adubos orgânicos, plantas de adubação verde de inverno e de verão, biofertilizante, caldas.
Quem controla esse modelo?	Multinacionais da biotecnologia e da agroquímica. Antes da produção, Monsanto, Syngenta, Dow, Dupont; e, depois da produção, Bung, Cargil, Adm.	Os pequenos e médios agricultores com suas cooperativas e associações, grupos de base, e movimentos sociais, organizados

⁷⁰NPK: SIGNIFICA NITROGÊNIO, FÓSFORO E POTÁSSIO. Embora não sejam estes elementos N, P e K que venham individualizados nos adubos, eles vêm nas seguintes formas: N-P₂O₅-K₂O, divididos em percentagens. Por exemplo, 10-10-10 (equivalente a 10% de N, 10% de P₂O₅, 10% de K₂O), 4-14-8 (equivalente a 4% de N, 14% de P₂O₅, 8% de K₂O), etc. O agricultor ou jardineiro escolhe a composição N-P₂O₅-K₂O do fertilizante consoante as quantidades de nutrientes de que a sua planta precisa.

	ect.	para produzir, industrializar e comercializar.
E produtividade é maior?	Sua justificativa é "alta eficiência e produtividade". No entanto, se comparamos quantidades obtidas e emprego total; tem escassos níveis de produtividade.	Baixo custo de produção, pois não depende de insumos extremos, podese produzir tudo.
Qual é o custo de produção desse modelo?	Já ocorreu contaminação, mistura de sementes transgênicas nas variedades crioulas de milho no México; contaminação das lavouras vizinhas. Já existem mais de 2 mil processos da Monsanto contra agricultores nos EUA, que usam sementes transgênicas, muitas vezes sem saber. O aparecimento de novas pragas, doenças e novos inços.	Um meio ambiente equilibrado diminui a incidência de pragas e doenças. Com o tempo, os inços deixam de competir com as plantas. Reaparece e cresce a população de inimigos naturais das pragas e doenças, eliminando a necessidade de aplicar veneno.
O que ocorre nesse modelo com o meio ambiente?	Já ocorreu contaminação, mistura de sementes transgênicas nas variedades crioulas de milho no México; Contaminação das lavouras vizinhas. Já existem mais de 2 mil processos de Monsanto contra agricultores nos EUA, que usam sementes transgênicas, muitas vezes sem saber. O aparecimento de novas pragas, doenças e novos inços.	Um meio ambiente equilibrado diminui a incidência de pragas e doenças. Com o tempo, os inços deixam de competir com as plantas. Reaparece e cresce a população de inimigos naturais das pragas e doenças, eliminando a necessidade de aplicar veneno.

Fonte: (GUTERRES, 2006, p.73)

Observando-se a tabela acima, é fundamental querer discutir em que situação e em que realidades vivem os camponeses haitianos e quanto é importante mostrar a eles, a quem interessa, a agricultura baseada no monocultor, no latifúndio, sementes melhoradas, máquinas pesadas, uso de agrotóxico e agroquímico. Somente assim podemos formar cidadãos e cidadãs críticos e que sejam verdadeiros multiplicadores da ideia de voltar a valorizar a agricultura popular e/ou agroecológica. Assim, é importante buscar uma racionalidade mais ecológica e sustentável para a produção agrícola.

A agroecologia tem a finalidade de disponibilizar meios e princípios ecológicos básicos para delinear e manejar agroecossistemas que sejam produtivos e ao mesmo tempo apropriados para a conservação dos recursos naturais. Com as palavras de Miguel Altieri (2012) ao destacar que: “A Agroecologia vai mais além do uso de práticas alternativas e desenvolvimento de agroecossistemas com baixa dependência de agroquímicos e de aportes externos de energia” (ALTIERI, 2012, p. 105).

3.4 Uma boa experiência de trabalho de campo realizada na Propriedade ecológica Sr. Enio Nilo Schiavon

A propriedade do senhor Enio Nilo Schiavon situa-se na Colônia São Miguel – 8º Distrito de Pelotas-RS. São nove (9) hectares de terra, sendo que 3.4 são de mata nativa. Segundo o senhor Enio N. Schiavon, foi a primeira propriedade totalmente ecológica da região e está de acordo com todas as normas regidas pelos órgãos competentes para ser considerada uma propriedade dita ecológica.

No dia 22 de novembro de 2014, iniciei uma experiência de trabalho de campo na propriedade ecológica do Sr. Enio N. Schiavonn na qual aprendi muito, principalmente sobre o que é “agroecologia”, “agrofloresta” e como se faz a prática das mesmas. É importante destacar aqui que esta foi uma exigência e um pedido do meu orientador, desde no início da pesquisa, que insistiu que eu pudesse realizar uma experiência prática no campo, o que na visão dele é de suma importância para fazer com que as teorias e as práticas dialoguem. Dessa forma, para ele, somente assim, eu teria uma experiência suficiente para trabalhar com os camponeses e trabalhadores, as cooperativas no Haiti no futuro.

No início da pesquisa eu fiz vários contatos para realizar esta experiência de campo, os quais infelizmente não deram certo. Foi em 2014, através um amigo, que consegui o contato de seu Enio. N. Schiavon, e de imediato ele aceitou meu pedido de passar um tempo com ele na sua propriedade para fazer essa experiência prática inesquecível. Acredito que foi uma experiência ímpar, de grande valia. Tenho a certeza e a convicção de que apreendi muito, e que essa experiência prática eu levarei sem dúvida para compartilhar com os camponeses haitianos, sobretudo com os membros da CTR (Cooperativa de Terrier Rouge) na qual realizei minha pesquisa de campo no ano 2011 e 2013 no Haiti.

De acordo com relato do agricultor, ele nasceu de uma família de agricultores na qual seu pai praticava agricultura tradicional. É o único de seus irmãos, depois da morte de seus pais, que continua com esta atividade. Ele relatou que praticava uma agricultura que fazia o uso de agrotóxico, mas uns trinta anos para cá, por uma convicção pessoal, optou por transformar a propriedade da sua família em uma propriedade ecológica, uma opção e uma experiência que faz com que ele seja um dos agricultores mais reconhecido da região. Para ele, a percepção da riqueza dessa experiência levou muitas pessoas a visitá-lo e querer participar dela, sejam eles: estudantes técnicos, colaboradores e pesquisadores.

3.4.1 A agrofloresta na visão do agricultorecológico

Com disposição e boa vontade, de ensinar e aprender, alguns encontros com técnicos, pesquisadores, alunos e colaboradores geraram conhecimentos e frutos que deram início à criação da agrofloresta da sua propriedade. Assim, pretendo comentar cada momento da experiência de acordo com as ilustrações a seguir:



Fig 19 Sr. Enio Nilo Schiavon, dono da propriedade ecológica do 8º Distrito de Pelotas-RS

Fonte: Arquivo pessoal

O agricultor, na tentativa de explicar o que é “agroecologia” e agrofloresta, na visão dele: encontrei muita semelhança na sua explicação com a teoria de (Reinjtjes *et al.*, 1992. *Apud* . ALTIERI, 2012. p. 106) ao destacar que “a concepção de tais sistemas de baseia na aplicação dos princípios ecológicos”:

- Aumentar a ciclagem de biomassa e otimizar a disponibilidade e o fluxo equilibrado de nutrientes.
- Assegurar solo com condições favoráveis para o crescimento das plantas, particularmente por meio do manejo da matéria orgânica e do incremento de sua atividade biológica.
- Minimizar as perdas decorrentes dos fluxos de radiação solar, ar e água por meio do manejo de microclima, da captação de água e da cobertura do solo.
- Promover a diversificação interespécies no agroecossistema, no tempo e no espaço.
- Aumentar as interações biológicas e os sinergismos entre os componentes da biodiversidade promovendo processos e serviços ecológicos chave.



Fig. 20 Aprendendo sobre a agrofloresta na propriedade do seu Enio N.Schiavon

Fonte: arquivo pessoal

Segundo o Sr.Schiavon, a prática de agrofloresta é simples. Para ele, é um processo de produção de alimentos, é uma forma de praticar a agricultura. A

agricultura, entretanto é definida no dicionário⁷¹ de língua portuguesa como: “atividade que tem por objetivo a cultura do solo para produzir vegetais úteis ao homem e/ou para a criação de animais; lavoura”. O prefixo “agro” tem a origem latina *agru*, que significa “Terra Cultivável”, “Campo”. Porém, o objetivo principal da agrofloresta é aperfeiçoar os efeitos favoráveis da influência mútua entre os componentes agrícolas, arbóreos e animais a fim de ter uma produção semelhante àquela obtida com o monocultor, com mesmos recursos, as mesmas condições econômicas, sociais e ecológicas.



Fig.21 A agrofloresta da propriedade do Enio N. Schiavon em plena extensão



Fig. 22 A trilha ecológica dentro da propriedade do Enio N. Schiavon

Fonte: idem

É importante saber, de acordo com os especialistas deste ramo, que para ter uma unidade de agrofloresta, é necessário levar em conta vários fatores: os

⁷¹ Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0

mecanismos de uso do processo de sucessão ou das intervenções de manejo associadas a esta prática. Com arranjo definido no solo, sem a utilização de fogo.

Alguns especialistas na questão de agrofloresta destacam que:

Nas agroflorestas, há um manejo intensivo da vegetação, especialmente no plantio, na poda e na disposição do material podado no solo. Constantemente, são plantadas novas espécies, aproveitando-se nichos específicos; paralelamente, retiram-se galhos ou, por vezes, árvores inteiras, de espécies e indivíduos que contribuíram no processo de sucessão, mas que não devem mais fazer parte do sistema, por não estarem mais adaptados à nova etapa do processo sucessional. Todo o material podado é picado e disposto de forma a facilitar o processo de decomposição, garantir a cobertura do solo e reduzir a regeneração de espécies inadequadas, considerando-se a adaptação ou não delas aos diferentes estágios de sucessão da agrofloresta (STEENBOCK, *et al.*, 2012, p. 47-8)

Assim, podemos afirmar que o desafio de conservar e proteger as áreas de florestas e recuperar as áreas degradadas de uma região, levando em conta a harmonização da agricultura e a conservação dos recursos naturais, pode ser encontrado nos Sistemas Agroflorestais (SAFs) como uma alternativa viável e eficiente.

Dessa forma, Farrell (1984) e Gliessman (2001), afirmam que, as agroflorestas contemplam os princípios básicos e preenchem os requisitos da sustentabilidade, em função:

- a) Da inclusão de árvores no sistema de produção;
- b) Do uso de recursos endógenos;
- c) Do uso de práticas de manejo que otimizam a produção combinada;
- d) Da geração de numerosos serviços ambientais, além de possibilitar renda ao longo do ano, por meio de comercialização dos diferentes produtos obtidos escalonadamente neste agroecossistema.

Assim, a prática agroflorestal pode representar uma resposta ao desafio da conciliação entre a sustentabilidade na produção de alimentos e a sustentabilidade ambiental. (In: VEZZANI, 2013, p. 17-18).

3.4.2. A agroecologia na visão de um agricultor ecológico

Voltando ao que tange a outra categoria que é a “agroecologia”, durante meu período de prática de campo na propriedade do seu Enio N. Schiavon. É importante

ressaltar que a visão dele a respeito deste termo está intrinsecamente ligada com o que cientista Miguel Altieri (2012) entende de agroecologia, na qual abarcam a questão da diversificação, de agroecossistemas, princípios e planejamentos.

Dessa forma, pode-se dizer que o objetivo principal da prática e modelo agroecológico está na integração de todos os componentes, na busca da eficiência biológica e ecológica de uma maneira geral, contendo a preservação da biodiversidade e a manutenção da capacidade produtiva e autorregulatória do ambiente (ALTIERI, 2013).

Na visão do autor muitos buscam desenvolver uma agricultura sustentável em afirmar:

A Agroecologia disponibiliza o conhecimento e as metodologias necessárias para desenvolver uma agricultura que seja ambientalmente adequada, por um lado, e altamente produtiva, socialmente, equitativa e economicamente viável, por outro lado. Ao optar pela aplicação dos princípios agroecológicos, o desafio principal da agricultura sustentável de fazer um melhor uso dos recursos locais pode ser facilmente superado, minimizando o uso de insumos externos e, de preferência, gerando localmente os recursos de forma mais eficiente, por meio de estratégias de diversificação que aumentam o sinergismo entre os componentes chave do agroecossistema (ALTIERI, 2013, p.113-4).

A afirmação do autor na citação acima é muito importante para compreender o quanto é necessário o uso dos conhecimentos e as metodologias para desenvolver uma agricultura orgânica, sustentável e viável. Cumpre aqui ressaltar que a agricultura orgânica tem uma grande vantagem, ela favorece propriedades de pequeno porte, capazes de promover uma agricultura familiar local e economicamente rentável e viável.



Fig.23 A combinação de diferentes cultivos do Enio N. Schiavon



Fig.24 As estufas e suas importâncias no referido propriedade

Fonte: Idem

Na ilustração acima, pode-se observar a combinação de diferentes cultivos, e a utilização de estufas agrícolas para hortaliças. Essa combinação, na visão do agricultor, gera uma diversidade de microclima dentro da propriedade e também, diminui o risco de prejuízo para os agricultores, em caso de perda uma colheita inteira, principalmente aqueles que vivem nas áreas com condições climáticas de alta instabilidade.

De acordo Matt Liebman (2012) são vantagens em dar preferência a policultivo numa propriedade:

Uma das principais razões pela qual os agricultores em diversas regiões do mundo preferimos policultivos é que muito frequentemente é possível obter maiores produtividades numa área semeada em policultivo do que em uma área semeada com uma monocultura. Esse aumento da eficiência no uso da terra é particularmente importante em áreas cujas propriedades são pequenas devidos às condições socioeconômicas e onde a produção agrícola é limitada pela quantidade área de floresta que pode ser derrubada, preparada

e capinada (manualmente), num espaço de tempo limitado. (In: ALTIERI, 2012, p. 223)

É importante ressaltar aqui que o uso de policultivos deve prevalecer nas regiões tropicais e caribenhas onde as propriedades são pequenas e muitas vezes os agricultores não têm capital suficiente ou crédito para aquisição de fertilizantes sintéticos e máquinas pesadas. Portanto, será extremamente necessária a implantação de uma ampla reforma agrária que garanta aos pequenos agricultores vários acessos tais como: a água, as sementes e outros meios produtivos. É preciso também criar políticas agrícolas alimentares que sejam capazes de responder às necessidades dos consumidores e os agricultores, em especial os mais pobres.

Assim, ao encerrarmos este capítulo, faz-se necessário considerar que nos dois últimos itens, obviamente e sem sombra de dúvida, não se pretende aqui esgotar a síntese de informações acerca da prática agroflorestal e da agroecologia, visto que uma das constatações feitas durante a pesquisa e a prática de campo para este trabalho é que há muito ainda que precisa ser pesquisado nesta área.

Mas, no que diz respeito à questão de depredação ambiental do/no Haiti, podemos afirmar que é uma história de longa data, velha e ao mesmo tempo uma situação muito complexa. Complexidade no sentido de que é preciso de mecanismos, alternativas concretas e sérias para diminuir ou reverter este quadro de desmatamento no Haiti. A importância de políticas públicas, a participação do setor público, privado e sociedade civil, as forças das religiões e particular o Vodou serão necessárias para enfrentar este quadro que assola o ecossistema do Haiti.

4 - ALGUMAS ALTERNATIVAS EDUCATIVO-AMBIENTAIS PARA AJUDAR O HAITI A DIMINUIR O DESMATAMENTO: reflorestamento, carvão ecológico e fogão eficiente

4.1 As Alternativas educativo-ambientais para diminuir o desmatamento no Haiti

Um dos assuntos que abordamos ao longo desta tese foi a questão da degradação progressiva do ecossistema do Haiti, cujos efeitos são perceptíveis e às vezes irreversíveis, especialmente em termos de perda de solos e a diminuição da produtividade agrícola. Mesmo que se saiba que o problema desta degradação envolve múltiplos fatores, como pressão demográfica, falta de fiscalização, falta de leis severas para a proteção de meio ambiente e falta de emprego, tudo isso tem a ver com o mais agravante de todos, que é o consumo de lenha, ou literalmente conhecido como o consumo urbano de carvão vegetal, que é a chave do desmatamento do Haiti. Esta observação não é nova, foi feita repetidas vezes por mais de uma década, sem qualquer programa coerente e abrangente ter sido proposto e colocado para tentar reduzir essa crescente pressão exercida por esta atividade.

Apesar da degradação do meio ambiente do Haiti, que atinge quase sua fase extrema, não há evidência de recente inventário dos recursos florestais e biomassa. Mas uma análise quantitativa a olhos nus do processo de desmatamento do país mostra que é grave. Sabe-se que há falta de dados necessários sobre o estado do estoque de biomassa e seu crescimento anual, seguem as com as conclusões alarmantes, anunciando estar próximo o desaparecimento das últimas árvores no Haiti.

As verdades sobre o fornecimento de lenha e a evidência do processo de desmatamento no Haiti, ligadas ao aumento da demanda por parte dos consumidores de combustíveis de madeira - especialmente carvão vegetal pela população de *Port-au-Prince* (Capital haitiana), são também os principais vetores da questão do desmatamento no Haiti.

Nos capítulos anteriores mostramos uma série de dificuldades que o Haiti vem atravessando ao longo da sua história. Dificuldades no âmbito social, econômico, político e ambiental. Porém, chegamos a um momento que não

podemos somente enumerar, analisando e mostrando as dificuldades que o país enfrenta. Devemos mostrar quanto é necessária e fundamental uma nova consciência coletiva na sociedade haitiana, que deve lutar a favor de reflorestamento do país. Assim, a presença e o engajamento de todas as classes sociais serão necessários e imprescindíveis. Dessa forma, o presente capítulo apresentará algumas alternativas educativo-ambientais, feitas e aplicadas no Haiti no intuito de encontrar algumas saídas para diminuir o desmatamento no país.

Cabe salientar aqui que, na primeira parte, tentaremos mostrar como as atividades educativo-ambientais podem gerar benefícios em larga escala com as matérias primas encontrados no país, como se pode gerar renda para a comunidade, melhorando a qualidade de vida. Dessa forma, acreditamos que o reflorestamento da maior parte do Haiti dependerá exclusivamente de todos os haitianos.

Sabe-se que um dos fatores de risco socioeconômico e ambiental de inundação de uma área ocupada por uma população pode se agravar mais pela ausência de cobertura florestal da região. Inundação que o povo haitiano vive constantemente nas épocas furacões. Por isso, a ideia de reflorestar o Haiti é tão importante quanto qualquer outro projeto, para evitar o primeiro desastre ecológico acontece no continente Americano. Para evitar tudo isso, é fundamental o diálogo e a troca de saberes técnicos e tradicionais em busca de alternativas e soluções adequadas à realidade exposta.

A seguir, as ilustrações que serão apresentadas relevam e mostram algumas plantas⁷², árvores frutíferas que podem ser usadas tanto no reflorestamento do/no Haiti, como também podem gerar renda e ajudar na melhoria da saúde da população. Cabe ressaltar aqui, que essas plantas, ou árvores são fáceis de encontrar no País, de acordo com os pesquisadores. Mas muitas vezes a população não sabe o uso comercial e os benefícios medicinais nem sequer a importância para reflorestamento.

Consideramos as colocações a seguir de vital importância para a pesquisa, dado que ela também é fruto dos resultados encontrados depois de uma pesquisa minuciosa e cautelosa com resultados eficientes realizadas por um grupo de

⁷² Algumas plantas apresentadas não encontramos suas nomenclaturas em idioma português, por isso, os nomes estão escritos na língua francesa.

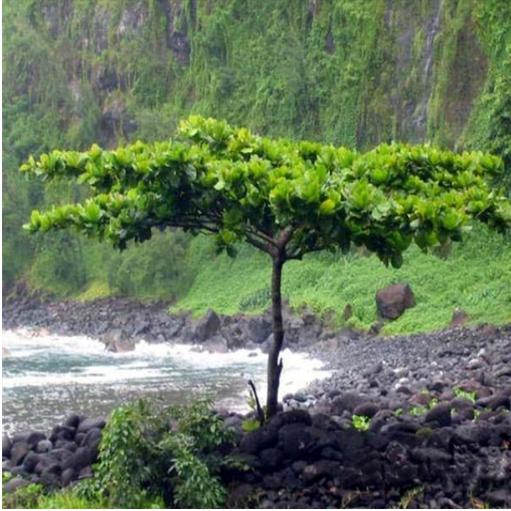
pesquisadores médicos, Sacerdotes de Vodou, ecologistas haitianos, de pesquisa de campo. Assim, são dados obtidos durante minha pesquisa de micro intervenções no Haiti nos anos 2011 e 2013. Encontramos algumas plantas que serão compatíveis com o clima e serão fundamentais para o reflorestamento do país.

Tab 11. As plantas e árvores que podem ser usadas para reflorestar o Haiti

Nomes (no Haiti) (Brasil) e nomes científicos	Plantas para o reflorestamento do Haiti	Benefício dessas plantas para a economia local	Benefício dessas para a saúde da população
Cirouelle= Siriguea/Spondias	X	X	X
	<p>A Cirouelle é fundamental para o reflorestamento, ela cria muito facilmente e rapidamente através dos cortes ramos plantados de forma vertical no solo. É uma das árvores mais comumente usadas para criar um "ceraintensas". Cresce muito lentamente se é semeadas. A árvore situa-se no estado natural em uma variedade de solos em toda a América Latina, como areia, cascalho, argila ou sedimentos calcários.</p>	<p>A árvore emite uma cera que foi usada na América Central como uma cola. A madeira é leve e macia, foi considerada adequada para o papel de celulose no Brasil. Às vezes é reduzida a cinzas, que são usadas na fabricação de sabão.</p>	<p>As frutas são comestíveis e são consideradas diuréticos. Uma infusão da fruta é usada para curar ferida bucal ou aftas. O xarope preparado com a fruta é bom para superar a diarreia crônica, úlceras, inchaço causado por gases intestinais em crianças. A seiva da casca é usada para tratar estomatite em lactantes. Uma infusão de folhas é avaliada para a</p>

<p>Fonte: http://planeteayitim.com/ e meus arquivos pessoais.</p>			<p>lavagem de cortes, feridas e queimaduras. Os pesquisadores descobriram que o extrato aquoso das folhas tem uma ação antibacteriana</p>
<p>Woucou = Bixa orelhana (Urucum)</p>	X	X	X
	<p>O Woucouou urucum no Haiti é nada mais e nada menos que o Achiote conhecido popularmente, seu estado natural é uma pequena árvore da região tropical das Américas. é muito usado para reflorestar regiões degradadas. Ele é mais conhecido como fonte de corante natural de <i>urucum</i>, produzido a partir das sementes. O arbusto tem flores cor de rosa e brilhantes frutas vermelhas espinhosas que contêm as sementes vermelhas. Quando a fruta é madura e</p>	<p>As sementes desta arvores têm um bom valor comercial principalmente nos Estados Unidos. O <i>Food and Drug Administration</i> considera os corantes de urucum isentos de quaisquer produtos químicos. É usado como um corante e condimento para preparar pratos tradicionais, exótico e também é usado para adicionar cor à manteiga, queijo, bebidas</p>	<p>Uma infusão das sementes podem ser usadas para combater: a sinusite, a asma, a constipação e distúrbios estomacais. Embora em grande parte apenas a semente ou óleo da semente possui propriedades antioxidantes. Uma efusão com as folhas são usadas também, para tratar problemas de pele, doença</p>

	<p>pronta para ser colhido é quando as cápsulas que contém sementes de cor marrom.</p>	<p>etc. Os países fornecedores são a Bolívia, o Brasil, a Colômbia, Equador, Índia, a Jamaica, o México, o Peru, Porto Rico e República Dominicana e o Haiti.</p>	<p>hepática. Elas também foram consideradas importantes para o sistema digestivo. O chá com as flores é utilizado como um laxante e pode servir para evitar o catarro em bebês recém-nascidos.</p>
	<p>X</p>	<p>X</p>	<p>X</p>
<p>Amêndoa Tropical = Terminalia Cataoaa</p>			

	<p>É uma árvore que cresce na maior parte em áreas arenosas. Cresce na floresta de praia nas dunas de areia e também, ajuda no controle de erosão. O sistema extensivo da raiz da árvore juntos vincula areias e solos pobres. O <i>Zanmann</i> é tolerante à seca e à maresia e é uma espécie promissora para o reflorestamento no Haiti.</p>	<p>O fruto da amêndoa Tropical é muito comercializado na América do Norte, ela contém amêndoa comestível muito rico em óleo. A amêndoa contém 51-63% fixo de óleo.</p>	<p>A casca e raiz desta planta são úteis para a febre, a diarreia, a afta e serve como remédio para as feridas e abscessos. Ela desempenha papel antiinflamatório, antiparasitário, antibacteriano, antifúngico, antimicrobiano, antioxidante em muitos dos casos, e serve para as pessoas diabéticas.</p>
	X	X	X
<p>Canique= Sapindus/Sapindaceae</p>			

	<p>Esta árvore encontra-se mais frequentemente localizada na cabeça das ravinas, colinas e nas margens das zonas florestais, as bordas dos campos ou em encostas rochosas. Sua capacidade de persistir em terrenos secos, ventosos, o valor potencial para o uso de reflorestamento no Haiti é fundamental, especialmente sobre o sombrio desencapado. O Canique é um componente comum do deserto e semi-deserto das pastagens tropicais e subtropicais.</p>	<p>Ela tem um valor comercial muito interessante no Caribe, visto que a madeira é dura, forte e resistente. A madeira é usada para a fabricação de cestas de algodão, caixas, selas animais. Em algumas áreas ainda é usado para a fabricação de carvão. As sementes do canique contêm cerca 37% de saponina. O esmagamento dos grãos serve para fabricar sabão e produtos de limpeza.</p>	<p>As sementes são um pouco tóxicas, as preparações feitas com elas têm sido usadas para tratar febres, problemas de reumatismo e os rins. O Canique tem sido muito utilizado nas regiões do Velho Mundo para tratar úlceras, dores nas articulações, epilepsia e asma crônica. A casca interna do Canique tem sido usada em vários remédios caseiros.</p>
<p>O Gayac= Guaiacum Officinale</p>	<p>X</p>	<p>X</p>	<p>X</p>

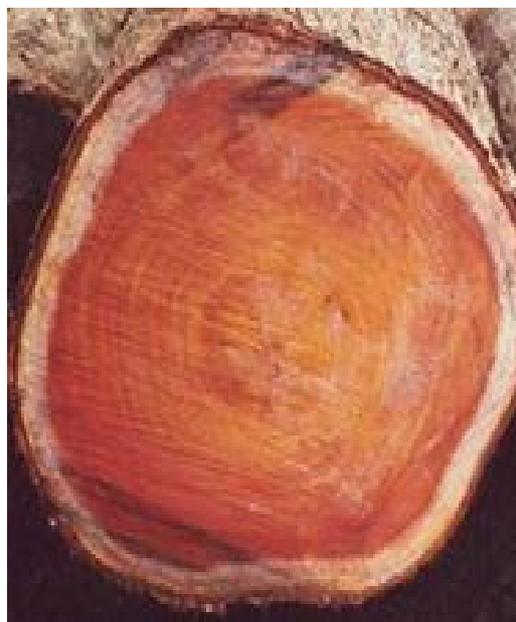
	<p>Infelizmente, o Gayac no Haiti tem sido uma das árvores que está na lista de ameaça de extinção por causa do excesso do uso para produzir carvão vegetal. Há cinco espécies de arbustos e são árvores de crescimento lento, pode atingir um tamanho de aproximadamente 20m, mas geralmente cresce até metade do seu tamanho. Podem ser plantadas as sementes do Gayac na primavera. É difícil germinar as sementes, porque têm uma tendência natural para permanecer inativas por um longo tempo. A germinação pode ser acelerada por imersão das sementes em uma solução de 0,1% de ácido giberélico.</p>	<p>Esta planta tem um valor comercial muito bom. Usa-se nas grandes construções por sua capacidade de resistir a umidade, secas etc. Pesquisadores afirmam que ela é considerada como uma das madeiras mais duras que existem e que é medida usando o teste de dureza, que exige uma força de 4.500 libras-força para poder perfurá-la quando atinge seu estado maduro.</p>	<p>O Gayac tem uma ação antioxidante, estimulante e muitas das vezes são utilizadas na angina. A resina é usada em forma de gotas para combater o reumatismo crônico. A madeira como um ingrediente na solução concentrada se transforma em um composto, antigamente muito utilizado para combater a sífilis.</p>
	X	X	X
<p>Le Quenepe=Melicoccus bijugatus</p>			

	<p>O <i>Quenepe</i> é uma árvore frutífera muito conhecida no Haiti. É muito utilizada para arborizar as grandes cidades pela sua característica resistente. E oferece muita sombra. Os especialistas em questão de reflorestamento no Haiti descobriram que o amido das sementes do Quenepe podem ser usado como cola para fabricar Briquetes ecológicos ou Carvão ecológico. Dessa forma, incentivando do plantio desta árvore para combater o desmatamento de certa forma.</p>	<p>As sementes desta planta têm um valor econômico muito expressivo na região do Caribe. Elas podem ser assadas e são comestíveis; Quando elas estiverem cozinhadas substituem muito facilmente a farinha de mandioca e contem mais propriedades nutricionais. Mas, infelizmente só recentemente os haitianos começaram a descobrir todas essas propriedades que tem as sementes do Quenepe.</p>	<p>A fruta do <i>Quenepe</i> é cheia de fibras ajuda a reduzir o colesterol e prevenir a constipação. Ela também, contem vitamina A, que estimula o sistema imunológico e previne a formação de cálculos urinários, vitamina C que é antioxidante; também, contem cálcio que mantém os dentes e ossos fortes e ajuda a prevenir o câncer, contem fósforo, que é importante para a digestão e regula os hormônios. Também, ela reduz a pressão arterial e ajuda a prevenir a asma, ajuda também, na prevenção de</p>
			
			

			doenças cardiovasculares.
Le Girofle(Cravo da Índia)	X	X	X
  	<p>O Cravo (da Índia) é uma espécie de árvore que pode ser utilizada muito bem no reflorestamento de uma área degradada. Ela pode atingir quase vinte metros de altura, mas geralmente é cultivada a partir 10 metros. Estudos revelam que existem aproximadamente cem espécies de árvores ou arbustos que pertencem à família de Cravo. É uma planta que pode sobreviver em até cem anos em climas tropicais. <i>Le Zodevan</i>, como é conhecido no Haiti, é nada mais do que uma das espécies de cravo que atinge não mais de 4 metros de altura e que só existe no Haiti</p>	<p>O que sabe, esta planta movimentou um mercado muito lucrativo. Em 2005 a Indonésia movimentou milhões de dólares, exportando somente cravo. Outros países também geram milhões na exportação de cravo. A pergunta a ser feita nesta hora, porque o Haiti também não aproveite deste mercado para investir, e no futuro pode gerar emprego e renda nesta área?</p>	<p>Esta planta é utilizada em bebidas alcoólicas, e serve como estimulante digestivo através de suas folhas secas e sua raiz. O óleo essencial do cravo foi o uso terapêutico na odontologia como anestésico local e anti-séptico para os dentes no passado. O Cravo também serve para reduzir o nível de açúcar no sangue em pessoas diabéticas, mas ainda são necessários estudos detalhados para estabelecer seus benefícios para a medicina tradicional. Ele</p>

			também, tem a função natural do anti-parasitas (vermes intestinais, que pode causar à morte).
O Ébène= Dyospiros crassiflora	X	X	X
 	<p>Falar de desmatamento no Haiti é voltar no passado para lembrar quanto a madeira preciosa desta planta foi o denominador comum desta atividade. O Ébène é uma madeira preciosa que foi objeto de um excessivo comércio no século XVIII no Haiti. Agora é muito raro, existem alguns exemplares desta árvore nas florestas do país. O Ébène atinge seu tamanho adulto, somente depois de 40 anos, assim seu tronco ocupa mais volume. As principais características do ébène são sua cor preta e sua alta densidade. Também</p>	<p>Foi Usado na Europa desde a idade média, encontrados em peças de mobiliário de séculos XVII e XVIII. Também foi importando do Haiti durante o período de escravatura. Seu uso atual é para os instrumentos musicais como: clarinete, oboé, fagote, etc. O Ébène merece seu status como madeira preciosa pela sua raridade e por suas qualidades físicas. Ela é uma madeira muito densa e muito dura de fato. Pode ser belamente</p>	<p>Não há registro de benefícios para a saúde propriamente dita. Mas, pode se dizer que os instrumentos fabricados a partir desta planta pode ter um papel fundamental no uso de terapia instrumental na vida de uma pessoa.</p>

	<p>pode-se encontrar amostras de ébène, mais ou menos escuro e duro.</p>	<p>reforçada pelo trabalho de polimento. Se Usa especialmente para fabricação de móveis escuros e resistentes, bem como esculturas. Certas variedades de ébène fornecem uma madeira uniformemente preta, por isso, ele tem um valor comercial muito alto na atualidade.</p>	
<p>O Acajou=Swietenia mahagoni</p>	<p>X</p>	<p>X</p>	<p>X</p>
	<p>Não tem como falar de reflorestar e desmatamento no Haiti sem fazer o uso da memória do passado. O quesabemos é que a dívida da independência do Haiti foi paga pela flora haitiana e é uma das principais razões do desflorestamento no/do Haiti. Claro não é a única razão, mas esta atividade já</p>	<p>No Haiti, uma grande parte da madeira, do ramo e dos troncos do Acajousão convertidos em carvão vegetal, em especial nas regiões de isolamento, em mercados urbanos e são transportados pelas estradas do país. O <i>mahagoni</i> é o</p>	<p>O acajou é uma planta medicinal em todo o Caribe. A casca é considerada um adstringente e é tomada via oral como infusão para diarreia, e também, è fonte de vitaminas e ferro. É considerado como medicamento</p>



começou a séculos no país. Oacajou é uma árvore de grande porte chega aproximadamente até 30m de altura, com uma circunferência em até 1m de diâmetro. A casca é cinza suave em árvores jovens, virando-se para avermelhado-escuro escamosa em árvores grandes ou adultas. Portanto, uma política voltada para o plantio desta árvore para combater o desmatamento no Haiti seria crucial. Baseando no fato do passado de que esta árvore foi fundo principal para pagar dívida do reconhecimento da independência haitiana. Agora, ela pode ser utilizada como símbolo de campanha para amenizar a dívida ecológica do país.

acajou original comercialmente e foi exportado de Hispaniola no século XVI. A madeira é altamente resistente à deterioração e ataque de insetos, um desempenho melhor do que todos os outros acajou no mercado mundial. Ele é conhecido por sua uniformidade e bom encolhimento e sua capacidade para tomar forma muito melhor do que outras madeiras de densidades semelhantes. Esta madeira é, portanto, a melhor escolha para fabricação de móveis, armários de alta qualidade, carpintaria, barcos, esculturas etc.

para reduzir o sangramento ou hemorragia. A infusão da casca com bebidas alcoólicas serve para limpar o sangue, aumenta o apetite e restaura a força em caso de tuberculose. Mas, tudo deve ser tomado na dose certa.

La Benzholives = Moringa oleifera	X	X	X
 	<p>A Benzolive selvagem é uma árvore muito reconhecido no Haiti, mas poucas pessoas sabem sua importância para reflorestamento de uma região. Ela produz milhares de vagens e as sementes secas são facilmente reproduzidas nas planícies e vales. É o ideal para reflorestar áreas desmatadas. Nos últimos anos foram criadas dezenas de postos distribuição de sementes são disponíveis à população de forma gratuita. Assim, podemos dizer que o importante é conhecer os benefícios desta árvore e pode se tornar o guardião do patrimônio ecológico do Haiti.</p>	<p>É viável economicamente uma atividade com a Benzholiva. Centenas de empregos serão criadas, a produção pode se estabelecer com extração de óleo de Benzholive, e também como fertilizante natural. O reflorestamento pode ser um negócio rentável no Haiti, basta informar e valorizar os produtos agrícolas criando trabalhos para população.</p>	<p>No que diz respeito sob a informação de benefício à saúde, nos não encontramos nenhum estudo a respeito.</p>
Le Soumis = Parecida com a Teca	X	X	X

	<p>Le Soumis como é conhecido no Haiti é muito parecido com a árvore que chama a teca, mas suas folhas elípticas são menores. Ela não excedam 25 cm contra 35 cm da teca. Ela é originária das regiões ou zonas úmidas de Sudeste da Ásia. É uma espécie de crescimento rápido. É menos exigente do que a teca e aceita condições ecológicas mais secas. A propagação desta árvore é fácil, isso pode ser feito por sementes (semeadura direta ou criados em viveiro as mudas), ramos e estacas raiz. As quantidades de sementes viáveis limpas varia de 700 a 1400 por kg por uma árvore. Seu poder de germinação é alto quando as sementes são frescas. E se espalha rapidamente depois de um ano.</p>	<p>Sua madeira é muito valorizada para fazer portas, janelas, painéis e mobiliários, especialmente para gavetas, armários, cozinha mobiliada e instrumentos de música devido à sua leveza, estabilidade e durabilidade. E outras características que a vocacionam para construção navio e também pela sua durabilidade. Tem um valor comercial muito bom na atualidade.</p>	<p>Foi observado que as frutas desta madeira são picantes, ácidos, amargos, adoçadas elas podem usadas como uma alternativa diurético, afrodisíaco, ajuda no crescimento de cabelo, é bom para a anemia, e a úlcera. A planta é recomendada em combinação com outros medicamentos para o tratamento de picadas de cobra e escorpião. A raiz e a casca desta planta são indicadas como: o laxante estomacal e vermífugo, é bom para abrir apetite, é útil para dores abdominais, sensações de</p>
			
			

	<p>Esta árvore tem sido utilizada em sistemas agroflorestais em vários países no mundo. No entanto, deve ser cauteloso pelo seu sistema radicular extenso e por causa da sombra densa. Assim, pode ser um aliado importante no reflorestamento do Haiti.</p>		<p>febres.</p>
La Granada = Punica Granatum	X	X	X
	<p>A Granada é uma pequena árvore que variam de 20 a 30 pés de altura, com muitos ramos e tem uma duração de até dois séculos e pode ajudar no reflorestamento das colinas no Haiti. Uma das características da Granada, é que ela resiste à seca, o que a torna ideal para reflorestar qualquer área degradada e ela se desenvolve e cresce facilmente a partir das sementes.</p>	<p>Um produto requisitado em todo o mundo, o Haiti com suas montanhas desmatadas e um povo sem trabalho, mas não produz nem sequer 1 tonelada deste produto para a exportação. É uma boa oportunidade para este povo de se apropriar desta atividade para reflorestar seu próprio habitat e gerar emprego e</p>	<p>O suco de romã é muito bom para a saúde, uma porção de 100 ml de suco de romã fornece cerca de 16% de vitamina C diariamente por um adulto. Ela também é uma boa fonte de vitamina B5, de potássio e fenóis naturais, tais como <i>ellagitannins</i> e flavonóides. A romã é considerada por seu alto teor de</p>

		<p>renda. Só para se ter uma ideia: a romã é importada para os Estados Unidos aos milhares de toneladas, e o litro de suco de romã, é vendido por cerca de \$10 US no supermercado, uma única fruta pode custar entre \$3 US ou \$4 US.</p>	<p>fibras em alguns diagramas de valor nutricional. Esta fibra, no entanto, está inteiramente contida dentro das sementes que são comestíveis, e também fornecem óleos insaturados.</p>
<p>Le Vodou (Haiti) = Vodou</p>	<p>X</p>	<p>X</p>	<p>X</p>
	<p>Muitos pesquisadores afirmam que o reflorestamento do/no Haiti é condenado a passar pelo poder do Vodou. Voltando no passado ou dois séculos atrás da mesma forma que o Vodou foi capaz de unir os escravos para transformar o Haiti em um país independente. Além disso, o Vodou tem sua estreita ligação com a mãe natureza. São dez milhões de crentes desta</p>	<p>O Vodou desempenha e continuará a desempenhar um papel importante no grande esquema de desenvolvimento socioeconômico, político e cultural do Haiti. Junto ao seu desenvolvimento e sucesso, vem a modernização de tradições ancestrais, enraizadas nas expressões</p>	<p>O Vodou se revela pela sua característica como um espaço de recurso curativo e como sistema de assistência médica à comunidade. Se observa que o Vodou penetra as práticas e os saberes terapêuticos que o integram.</p>

	<p>religião, basta operar suas forças a favor do reflorestamento como aconteceu a mais de dois séculos a favor da liberdade do ser haitiano. Sabe-se muito bem que o Vodou tem enorme potencial para reunir simpatizantes e incitar uma ação de qualquer natureza.</p>	<p>culturais de um povo rico.</p>	
<p>Le Kombit (Haiti)</p>	<p>X</p>	<p>X</p>	<p>X</p>
	<p>O <i>Kombit</i> estimula a autossuficiência. Os agricultores muitas vezes trocam seus produtos, em vez de vendê-los e, geralmente, consomem o que está disponível na área. Este tipo de atividade econômica não incentiva a exportação. É fundamental para o sistema agroflorestal de um país como o Haiti. O importante é incentivar os camponeses a permanecer no campo, e promover cada vez mais o sistema</p>	<p>O que é <i>Kombit</i>? <i>Kombit</i>, assim chama-se no Haiti, é um sistema de interação que é baseada na partilha e não no vender. No sistema de <i>Kombit</i>, não há nenhuma troca de dinheiro. A economia do Haiti, que é baseada na agricultura faz uso da comunidade para desempenhar as várias funções. Em um <i>Kombit</i>, a comunidade se</p>	<p>Mas o <i>Kombit</i> não tem apenas a função econômica, tem seu valor terapêutico, é uma ocasião de manifestação de amizade, emulação, recreação, prazer. É, ao mesmo tempo, sociedade extremamente estruturada com chefes graduados, orquestra etc., uma série de coisas que despertam o entusiasmo e a</p>

	<p>agroecológico militante e mostrar sua importância para o desenvolvimento social e econômico do país.</p>	<p>reúne para planejar a safra, colhê-la e para que o produto seja normalmente partilhado entre os membros da comunidade.</p>	<p>alegria do camponês (HURBON, 1987, p.74).</p>
---	---	---	--

Fonte: <http://planeteayitim.com/leblog/>: muitas dessas informações desta tabela são extraídas também deste blog.

Não teria como encerrar este item sem falar de um dos objetivos desta pesquisa, que é a realização de várias oficinas de construção de *fogões Eficientes a lenha*, baseado no projeto do francês *Atour Laurent*⁷³. Desde o nosso ponto de vista, é uma alternativa educativo-ambiental. Assim, essas oficinas serão realizadas na sede da CTR, e terão como objetivos conscientizar os cooperados sob a importância da utilização desse fogão no seu dia a dia, seus benefícios a para diminuir o desmatamento evitando uso demasiado de carvão vegetal.

Com isso, mostraremos como será importante na melhoria da saúde de cada família que vive no campo, como aumentará a renda da família, na diminuição do consumo a lenha, na redução de poluição do Co2 e em evitar o desmatamento excessivo que vem ameaçando o país há muito tempo. Sabemos muito bem que somente essa iniciativa aparentemente não é suficiente para o combate ao desmatamento no Haiti. Mas é necessário entendê-la como uma alternativa que pode contribuir para diminuir o desmatamento.

⁷³**Fonte:** <http://www.oeco.com.br>

Porém, isso só será possível com a ajuda das comunidades locais, que não sendo necessário esperar ajuda financeira externa ou da comunidade internacional para iniciar a campanha contra o desmatamento da sua região. No final, tentaremos disseminar essa ideia inovadora em todo o país, para que no futuro possamos esperar resultados positivos através destas oficinas.

➤ **Vejam os passos da construção do fogão eficiente:**

- 1) Materiais 100 % natural: Barro, Grama e fibra de coco;
- 2) Fabricação de tijolos;
- 3) Tubo de aço para a saída da fumaça;
- 4) Construir o fogão eficiente de preferência de três ou quatro bocas com 130 cm de comprimento, 65 cm altura e 50 cm de largura;
- 5) Os tamanhos devem ser mais ou menos iguais;
- 6) Coloque no fundo do fogão areia e cacos de vidros que refletem o calor e aumenta a temperatura;
- 7) Pesar as lenhas para ter o controle exato de custo e quantidade de lenha usada durante semana, fazer esse procedimento durante um mês;
- 8) Fazer um levantamento de quantidade de lenhas era usado antes da construção do fogão, e quantidade usada depois utilização do fogão;
- 9) Por fim, haverá um momento de conscientização e preservação, ressaltando a cada árvore derrubada a necessidade de plantar de 3 a 5 mudas no seu lugar.

É importante ressaltar que as vantagens do fogão eficiente no meio rural no Haiti podem ser inúmeras, pela facilidade de encontrar lenha no entorno, por cozinhar muito mais rápido do que cozinhar ao ar livre, por causar quase nada de fumaça, por reunir a família à noite, por ter um baixo custo de fabricação, talvez próximo a zero, por melhorar a saúde das pessoas que vivem no campo, evitando certas doenças como: asma, pneumonia, renite, bronquite, e outras doenças respiratórias.



Fig. 25 Modelo de fogão eficiente
Fonte: Acervo do Pesquisador

Para encerrar esta parte é importante ressaltar que as alternativas apresentadas têm exatamente o objetivo de transformar principalmente a vida a vida dos agricultores, camponeses enquanto eles reflorestam o país. Acreditamos que não basta somente dizer que o país precisa ser reflorestado se os que vivem no campo não têm uma forma de ganhar seu próprio sustento. Se eles sabem que através dessas plantas eles podem tirar seu próprio sustento com certeza não haverá necessidade de cortar árvores para transformar em carvão vegetal para poder vender. Basta utilizar outras formas de exploração, dado que podem comercializar seu resultado.

4-2 Haiti e suas riquezas naturais quase não exploradas por falta de informação ou conhecimento

Nos capítulos anteriores desta tese, abordamos alguns assuntos pertinentes acerca do Haiti, tais como: a miséria, a pobreza, o desmatamento etc. Mas sabemos que nenhum país nasce desprovido de riquezas e de recursos naturais, os quais são fonte de alimentos ou de trabalhos para o bem estar de sua população. Mas a pergunta ser feita é a seguinte: será que povo haitiano tem conhecimentos suficientes e condição necessária para explorar seus recursos naturais? Podemos afirmar que não. Mas há um discurso hegemônico que vai muitas das vezes contra a

categoria social e participação cidadã. Desse modo, a vontade ver mudanças reais deve exigir uma modificação profunda com um grau de ética de responsabilidade muito elevado, a fim de falar muito mais alto do que qualquer discurso vazio. Caso contrário, podemos correr o grande risco como afirma Gutiérrez (2002).

Em ecologia, em educação ambiental e, inclusive, no desenvolvimento sustentável, corremos o risco de montar projetos, organizar programas e promover processos à margem da pedagogia. Assim como na década de 80 a educação popular esteve centrada no discurso ideológico, da mesma forma o discurso ecológico poderia ser tomado como a doutrina que deve ser defendida e, conseqüentemente, aceita sem a mediação dos indispensáveis processos de apropriação da mesma (GUTIÉRREZ, 2002, p.49).

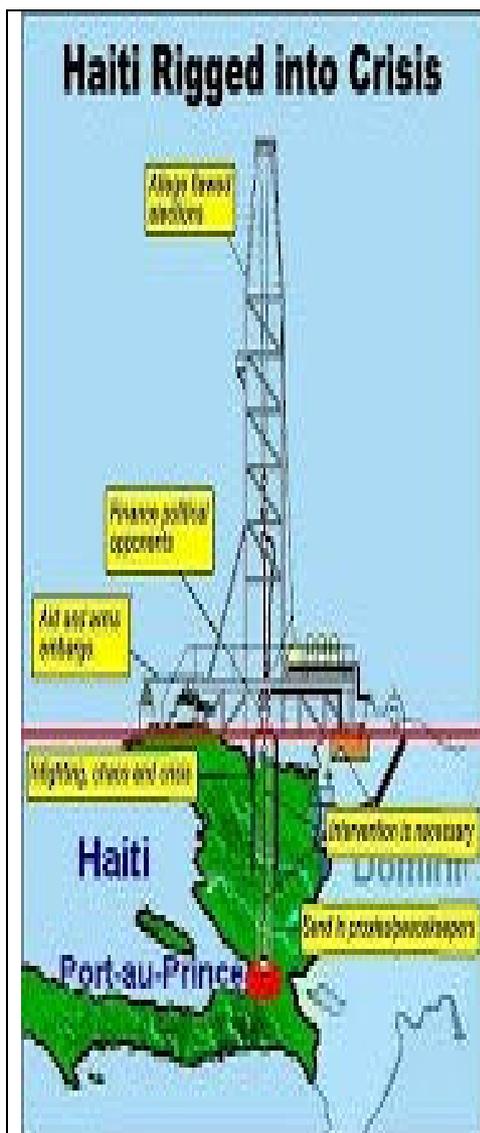
Sem dúvida, não pode haver defasagem no discurso hegemônico. É necessário um eixo articulador que leve em conta o cotidiano das pessoas, fazendo com que o povo haitiano que seja capaz de compreender as obrigações éticas, que nos faltam como sociedade ou nação, em relação aos recursos naturais numa perspectiva de desenvolvimento sustentável. Obrigações estas que devem passar por todos os grupos ou atores sociais, com suas responsabilidades diversas e críticas, em busca de um futuro ambientalmente sustentável.

O indivíduo deve recuperar o controle de sua vida no dia-a-dia e também seu destino econômico, social e ambiental. No momento em que os setores públicos e privados deixaram de serem capazes de garantir as necessidades básicas e fundamentais dos seus concidadãos, o indivíduo deve buscar formas de associação para constituir-se numa força própria e sólida, ou talvez transformar-se num terceiro setor que faça o contrapeso aos outros dois setores e que amortize os efeitos das forças impessoais do mercado globalizado (Gutiérrez, 2002).

Diante dessa realidade, o povo haitiano deve buscar uma nova força própria, sem esperar os setores públicos e privados para garantir seu destino econômico, social e ambiental. Mostraremos através das ilustrações dos recursos naturais que se encontram no país e que podem e devem ser explorados pela população. Acreditamos somente assim o Haiti pode sair ou escapar da insegurança alimentar, econômica e voltar a ter sua soberania perante o mundo:

Tab. 12 Alguns recursos naturais pouco ou não explorados no Haiti

O Petróleo	Haiti
	<p>Há vários anos, muitas pessoas têm dúvidas sobre a existência de grandes depósitos de petróleo no subsolo dos dois Estados que compartilham a ilha de Haiti e nas águas dos países vizinhos como a de Cuba.</p> <p>Em entrevista à rádio <i>Metropole</i> no Haiti no dia 12 de janeiro de 2008, dois cientistas Daniel e Ginette Mathurin afirmaram que o subsolo haitiano é rico em petróleo e combustíveis fósseis que foram listados por especialistas haitianos e estrangeiros. "Eles têm revelado em mais de 20 campos petrolíferos afirmando que cinco deles são considerados de grande importância". Para mostrar a importância destes campos petrolíferos haitianos, eles fazem a comparação com os da Venezuela, considerando que as reservas de petróleo do Haiti são mais importantes que este último: "Uma piscina olímpica, em comparação com um copo de água, que é a comparação" sabemos que a Venezuela é um dos maiores produtores de petróleo do mundo. De acordo com os cientistas o <i>Plateau Central</i>, incluindo a região de <i>Thomonde</i>, a planície de <i>Cul-de-Sac</i>, a região dos lagos, como cidades como <i>Thomazeau</i>, <i>Cornillon</i> e a <i>Baía de Port-au-Prince</i> contêm importantes campos e depósitos de petróleo.</p> <p>Várias pesquisas de governos anteriores ajudaram a confirmar a existência destes importantes campos de petróleo no país. Jean Claude Duvalier, pouco antes de sua queda, tinha verificado a existência de um importante campo de petróleo na Baía de Port-au-Prince; um documento do partido <i>Fanmi Lavalas</i> do Ex-presidente Jean-Bertrand Aristide em 2004, afirma também que há muitos campos de petróleo. A pergunta a ser feita é a seguinte: por que esses campos de petróleo não foram explorados? A especialista e Ginette Mathurin declarou que "estes depósitos foram declarados reservas estratégicas dos Estados Unidos da América" por quem? Deixo-vos a adivinhar! Ao se referir a sua incompreensão de tal situação, o cientista recorda que «as reservas do Caribe são consideradas como o quintal dos Estados Unidos.</p>



Assim, é interessante notar que todas essas descobertas foram cuidadosamente escondidas da opinião pública. E isso não é tudo! Desde 2004, sobre essas mesmas conclusões, outros testemunhos como os escritos de Georges Michel (jornalista, médico e intelectual), alertou as comunidades negras no cenário internacional. No seu relatório, ele explicou que já no início do século XX, o mapa geográfico e político, escrito em 1908 por senhores Alexandre Poujol e Henry Thomasset, relatou um importante campo de petróleo no Haiti na proximidade da fonte do Rio Todo El Mondo, hoje mais conhecido como o Rio de Thomonde.

Na verdade, por que esperar, esperar que eles pensem por nós! Se os cubanos não tinham feito grandes esforços por si para colocar seus campos de petróleos em exploração, ninguém teria feito para eles ou no lugar deles. Se não fossem os esforços do povo cubano, o petróleo cubano iria estar alojado nas entranhas da terra, como ainda está o petróleo haitiano. Eles desenvolveram uma tecnologia e savoir-faire, no qual podemos fazer uma espécie de troca, dar uma parte do mercado interno de petróleo produzido em troca de seus serviços e dar-lhes uma participação nos lucros. Não temos que esperar um OK do grande vizinho do Norte que afeta nossos interesses vitais. Mas infelizmente a verdade tem quer dita. Como é difícil de entender, os nossos líderes e nossos políticos que são capazes de aceitar quaisquer propostas em seus benefícios próprios, eles se juntaram ao FMI e o Banco Mundial para destruir a economia haitiana.

Diante deste absurdo, declarar nossos campos de petróleo são reservas estratégicas dos Estados Unidos! O que a "comunidade internacional" tenha dito ou feito a respeito! Nada, absolutamente nada. Ela passa uma imagem desonesta, desumana e fica babando perante as riquezas do subsolo dos países do Sul. Por exemplo: Sem plantações de cacau, a Bélgica é a terra do chocolate! Sem minas de diamantes, a França é o líder na venda da jóia em diamante, com menos de



10% de reserva de petróleo, os EUA têm a maior reserva de petróleo do mundo etc. Agora dá para entender por que a obsessão dos países ricos pelo Haiti após o terremoto no dia 10 janeiro de 2010, que deixou mais de 300 mil mortos. A promessa de 10 bilhões de dólares para a reconstrução do país é, para eles, um investimento de baixo risco, cujo retorno é asegurado, entre outros, pela riqueza, decorrentes de petróleo haitiano.

OBS: Nós haitianos sabemos muito bem que o colono, o explorador, o opressor, não tem amigo, apenas seu interesse tem preferência.

“Dessa forma, nos leva a perguntar, qual é o verdadeiro papel da tropa Brasileira que está no Haiti a mais de uma década diante de tantas injustiças?”

Fonte: Planète-box /<http://www.radiotelelakansyel.com/des-gisements-de-petrole/>

O Ouro

Haiti



Onde não há nenhuma rede de segurança social e estatal, acordos informais preenchem a lacuna. A falta de confiança da população para com o Estado haitiano e a fama de corrupção forçaram os mineiros ou garimpeiros de ouro do Haiti tomar outras disposições.

Ouro do Haiti vendido aos indivíduos vindos de outros países vizinhos movimenta dezenas de milhões de dólares, mas muitos entram e saem do país sob o pretexto de organização sem fins lucrativos comprando ilegalmente o ouro no Haiti.

A lei haitiana é clara: todos os direitos do subsolo pertencem ao governo haitiano, ouro extraído no Haiti deve ser vendido ao banco nacional do Haiti para a consolidação da reserva de ouro internacionalmente. Mas isso só está escrito no papel, visto que

	<p>não há na prática fiscalização nem controle de saída de ouro no território haitiano.</p> <p>Nenhum dos problemas do Haiti é impossível de resolver. Mas o país não pode avançar sem superar todos os artefatos, dado que paralisam o funcionamento do mesmo. São necessários o respeito às leis internas do país e o abandono à política de assistencialismo.</p> <p>Possivelmente o desvio, o roubo e o comércio ilegal são as principais despesas do patrimônio econômico nacional. A população nunca está a par da exploração dessas riquezas, portanto está na hora de impedir esta situação e deixar que a nação haitiana desfrute de suas riquezas naturais.</p>
Mármore	Haiti
	<p>Haiti produzido de mármore de alta qualidade. A parte ruim é que o Haiti produz todas aquelas pedras finas, mas nenhuma está disponível para venda no país ou para o uso da população. Se alguém no Haiti quer fazer cozinha em mármore ou decorar as partes da casa ou fazer seu revestimento de mármore, ele precisará comprar o mármore do Haiti vindo do exterior, porque no Haiti não se fabrica os produtos acabados e prontos para ser vendidos.</p> <p>Existe uma única comunidade em Port-au-Prince (Capital haitiana) que exporta mármore por bloco de 20 toneladas métricas (3,10 m x 1,60 m X 1,60 m) depois é vendido em todo o país.</p> <p>No Haiti, todos os direitos do subsolo pertencem ao governo haitiano; é permitida a propriedade privada das empresas, e a exploração mineral geralmente foi conduzida por empresas estrangeiras. A extração de minérios é autorizada, mas o metal deve ser vendido ao banco nacional do Haiti.</p> <p>Uma indústria de exploração de produtos de mármore e acabamento no Haiti irá criar centenas de empregos. Não só pode ser exportado, mas também disponibilizando produtos</p>

	<p>qualidade e de luxo que há nos mármorees haitianos, e pesquisa afirma e releva que o Haiti tem o mais raro de todos os mármorees, que é o mármore preto e dourado com uma faixa de ouro.</p> <p>Infelizmente, tanto o governo como a diáspora haitiana não investem nesta atividade. Mas, não se pode esquecer que um não se desenvolve somente com seu governo, mas com ingenuidade de seus concidadãos de savoir-faire através de uma consciência social.</p>
<p>LeMagnesiumSilacate</p>	<p>O Silicato de Magnésio</p>
	<p>O Silicato de magnésio é nada mais do que pó de talco ou o pó que é usado em bebês recém nascidos e as mulheres usam para a maquiagem. Ele existe no Haiti em grande quantidade, mas ninguém o explora por falta de conhecimento e informações.</p> <p>Ele também é conhecido no mundo industrial como o <i>Magnésio</i>, é usado em cozinhas. É diferente de qualquer outro purificador no mercado; usado em conjunto com um dispositivo de filtro e remove impurezas sólidas. O óleo fica fresco, claro. Ele também é usado na indústria de Biodiesel para purificar o diesel feito de óleo mamona.</p> <p>Existe uma diferença de silicatos de magnésio natural, que são silicatos de magnésio cristalina, e de silicatos magnésio sintéticos que são amorfos, os últimos são insolúveis em água ou álcool.</p> <p>Nas grandes superfícies ativas, fazem com que o silicato de magnésio sintético seja muito útil para uma grande variedade de aplicações como: a purificação adsorvente (óleos de animais e vegetais, cromatografia, limpeza a seco, resinas, odores). Também, é um agente antiaglomerante (sal); catalisador; suporte de catalisador; Meio filtrante.</p> <p>É um aplicativo comum de silicato de magnésio em forma de talco ou pó de talco. Esta substância é usada em pó de talco e giz em pó, é utilizado por atletas, como ginastas, para secar as mãos para melhor aderência e melhorar sua aderência.</p>

Aqüicultura	Haiti
 	<p>Desde 2008, a nível mundial, a aqüicultura excedeu significativamente a produção da pesca. Assim, vários países (especialmente os do Caribe incluindo Haiti) para proteger a pesca marinha e contribuir para a produção de proteínas de qualidade para sua população, são obrigados a usar todos os meios adequados para promover o desenvolvimento da aqüicultura.</p> <p>O Haiti tem um potencial significativo para o desenvolvimento da aqüicultura e de pesca continental (pesca no lago). Depois de Cuba, Haiti é o país do Caribe que tem a maioria dos recursos em águas interiores. A metade desses recursos consiste em lagos de água doce, cobrindo uma área total de 11.000 ha. A outra metade é lagos de água salgada, independente do mar, para uma área total equivalente.</p> <p>As Perspectivas neste setor segundo o MARNDR⁷⁴:</p> <p>Com as intervenções do MARNDR, os volumes de produção e as capturas serão aumentados de 600 toneladas para 10.000 toneladas métricas por ano e as receitas ou ganhos gerados por este sector irão aumentar de US \$ 3,6 milhões para 60 milhões de dólares anualmente nos próximos cinco anos.</p> <p>O aumento da exploração do potencial dos 23.000 hectares de água natural do país. Desenvolvimento de 76 lagos artificiais e 2.000 hectares de lagoas para reprodução. Desenvolvimento de uma rede nacional de produção de tilapia é composto por 4 grandes centros de incubação e 30 de pequenos centros de produção, pode passar de uma produção atual de 3,5 milhões por ano para 40 milhões de tilapia/ano.</p> <p>O melhoramento do sistema de conservação-transformação e comercialização dos produtos da pesca aqüicultura e no interior da instalação de centros privados de processamento de produtos podem gerar centenas de empregos diretos e indiretos.</p>

⁷⁴Le ministère de l'Agriculture, des Ressources naturelles et du Développement Rural.

	Fonte: www.marndr.ht/aquaculture
Le chadèque = a Toranja	Haiti
	<p>No Haiti, o chadeque=toranja (Pomelo em Espanhol) vem geralmente por temporada, se vende a 25 gds unidade a Port-au-Prince, poucas pessoas sabem importância desta fruta. Alguns utilizam a pele seca para queimar no fogão para matar os mosquitos durante a noite.</p> <p>Existe duas variedades: Branco e rosado.</p> <p>É uma fruta que o Haiti pode produzir em grande quantidade, pois seu suco é muito saudável. O Óleo essencial deste produto é muito demandado.</p> <p>Em 1980 uma descoberta foi feita por um jardineiro sobre uma compostagem das sementes da toranja. De fato, o jardineiro descobriu que as sementes não apodrecem para germinar. Este jardineiro é o Dr. Jacob Harich, doutor em física que já recebeu o premio Einstein e imunobiologista reside na Florida dos Estados Unidos.</p> <p>O fenômeno foi reproduzido em seu laboratório, onde ele percebeu rapidamente que as sementes da toranja tinham uma substância mais forte e menos prejudicial do que qualquer antibiótico já conhecido. A ação do extrato de semente da fruta estende-se a aproximadamente 800 cepas de bactérias e vírus e cerca de 100 variedades de fungos, bem como um grande número de parasitas unicelulares. É um resultado único.</p> <p>Os testes comparativos feitos em competição com 30 antibióticos poderosos e 18 antifúngicos foram estabelecidos por equipes de investigação internacionais. Em cada teste, toranja sementes óleo apresentaram efeito equivalente ou superior destas tensões. O produto é livre de toxicidade.</p> <p>O extrato de semente de toranja ajuda o sistema imunológico, considerando que os antibióticos convencionais inibem. Normalmente, este produto é o objeto de nenhuma reação alérgica.</p>

<p>Christopher Thompson</p> <p>LE PÉPIN DE PAMPLEMOUSSE</p> <p>160 applications pratiques</p>  <p>Un antibiotique naturel superpuissant</p> <p>Edouard Loutch</p>	<p>Óleo de semente de toranja é usado por vários anos, já nos Estados Unidos, nos países escandinavos e atualmente está localizado em todas as lojas de dietéticas suíças, onde ele alcançou grande sucesso.</p> <p>Ele é usado em doenças como:</p> <p>gastrointestinais; infestações por levedura; resfriados todos os tipos</p> <p>infecções ORL; infecções de fungos na pele e unhas; infecções urinário mesmo graves; deficiências imunológicas; fadiga crônica; diarreia; gripe; caspa; verrugas; excesso de suor; Eczema; gengivite; intoxicação alimentar; cólera; desinfecção de feridas; desinfecção da água potável.</p>
<p>L'arbre Véritable = l'arbre à pain = Artocarpusaltilis</p>	<p>Haiti</p>
	<p>L'arbre Véritable é planta que se encontra em grande quantidade no Haiti. Ela é rica em proteína e tem potencial para alimentar o mundo, é amplamente consumido nas ilhas do Pacífico. Os cientistas incentivam e recomendam o plantio desta árvores em países com problema de segurança alimentar como por exemplo o Haiti.</p> <p>Uma unidade pesa cerca três quilos (3 kg) fornece a porção de carboidratos de uma refeição para uma família de cinco pessoas. Pode ser moída em farinha e usada para fazer panquecas, crepes, pão etc.</p> <p>Na verdade, depois de vários estudos feitos com a fruta, pesquisadores descobrem que ela é rica em vitaminas e é uma fonte de carboidratos e proteínas. A proteína no fruto tem uma proporção maior de aminoácidos do que a soja. Uma porção de meia xícara cotem 121 calorias e é rica em fibras, potássio, fósforo, cálcio, cobre e outros nutrientes benéficos.</p> <p>É recomendada a utilização de farinha de pão desta frutas em combinação com outros ingredientes para substituir o glúten.</p>



Um efeito colateral positivo é que o uso de farinha sem glúten reduz o tempo de preparação, visto que não tem que esperar para a massa levedar.

Milhares de toneladas de frutos desta árvore apodrecem todos os anos em Jérémie, Porto de Paix, Grand'Anse. Se a cada ano esta perda se transformar em farinha, pode-se alimentar toda a população haitiana com um produto local não importado. Essas regiões acima mencionadas, em vez de produzir 4.000 sacos de carvão vegetal a cada semana que se destina a Port-au-Prince, agora elas têm um motivo viável produzir 4.000 sacos de farinha a cada semana, seja arma veritable, farinha de banana, farinha de mandioca etc. Com certeza essa iniciativa se vai ajudar muito no combate contra o desmatamento no País.

É possível fazer a verdadeira mudança acontecer no Haiti para o bem deste país. Observe-se bem essas imagens, a produção de farinha com l'armaveritable a Leogane numa zona rural do Haiti, uma pequena produção que acabou de começar, na verdade, ela é capaz de produzir de 200 a 300 quilos de farinha por dia. Tudo isso é possível graças a ajuda de pesquisadores haitianos locais e aqueles que se encontram fora do país, que se unem por uma mesma causa: ajudar no reflorestamento e na segurança alimentar do Haiti a curto e longo prazo.

É possível a criação de trabalho valorizando os produtos agrícolas desenvolvidos, com processamento e armazenamento de uma boa parte durante os períodos ensolarados, a fim de se preparar para as temporadas de furacões e fornecer ao resto do país um produto ecológico e saudável, bom para a saúde, a um preço imbatível. Isso será mais barato do que a importação e seremos capazes de exportá-lo também pelo mundo inteiro no futuro, porque não? Melhor ainda, esta mesma máquina é capaz de produzir farinha de mandioca, banana, café, finalmente tudo o que você deseja converter em farinha.

Les Coquilles d'Huitres = as conchas

Haiti



No Haiti, muito poucos de nós consomem os moluscos das conchas, pior ainda, não usam as conchas para fins produtivos. Nossos agrônomos sabem da importância deste escudo para agricultura, produção e benefícios. Por que não está em aplicação é um mistério. As conchas de moluscos são compostas principalmente de carbonato de cálcio (95%), o que significa que quando misturada no solo (especialmente quando esmagadas) fornece uma liberação lenta de cálcio que é acidificado - DE e ajuda a equilibrar o pH do solo. Pode ajudar a soltar as argilas e melhorar a drenagem. É exatamente isso que acontece quando está infiltrado no solo.



As conchas esmagadas podem ser usadas como material para construção de caminhos, terraços, pátios, calçadas e até quadra para jogar de bolas. Elas também podem ser vendidas como um suplemento de cálcio alimentar para criação de frangos. Se misturadas com farinha de milho, as galinhas terão o cálcio necessário para a produção de ovos. Outro benefício é de que as conchas ajudam a neutralizar a acidez do solo para o cultivo de tomates e legumes. A penetração delas no solo é fundamental drenar terrenos para cultivos.



Enfim, retomando a ideia de reflorestamento do Haiti, é necessário a criação de pequenas indústrias de fornecimento de conchas esmagadas ou pó de conchas nas costas litorâneas haitiana, tudo isso pode gerar milhares de empregos para a população jovem, usando os recursos locais.

A recuperação agrícola no Haiti é possível se nós educamos nossos irmãos agricultores e usando os recursos que estão à porta de nossas mãos e finalmente podemos reduzir insuficiência de comida.

**Le foret de Noix de Coco =
Floresta de Coco**

Haiti



Há centenas de milhares de pés de coco por todo o lado, principalmente na região de *Saint Jean du Sud*, uma riqueza concentrada e não exploradas anteriormente no Haiti. Nenhuma indústria faz o processamento de coco, contudo ele tem benefício e poderia ajudar na criação de milhares de empregos no Haiti. É importante dizer que o haiti possui uma variedade muito maior de coco do que a República Dominicana, bem como que contém muito mais polpas.

Veja os benefícios e as maneiras de utilizar óleo de coco para recuperar energia:

- Óleo de coco contém uma forma saturada única, ao contrário de outras gorduras do corpo humano, ele ajuda a queimar gorduras desnecessárias no organismo. Óleo de coco pode ser consumido como azeite de oliva sob forma de extrato.
- Misture uma colher de sopa de óleo de coco numa bebida de sua preferência para ingestão fazendo esporte. Pode tomá-lo como suplementos, é importante engolir as cápsulas 30 minutos antes de iniciar o exercício físico.
- Adicione 1 ou 2 colheres de sopa de coco em uma refeição, depois de praticar exercício físico. Isso ajudará a queimar gordura, mas também estabilizará o equilíbrio hormonal e ajudará aos músculos a se regenerar;
- Misture 1 ou 2 colheres de sopa de óleo numa batida de vitaminas - é rico em proteínas que pode beber entre as refeições em caso de fome, para manter um alto nível de energia. A combinação de proteína e óleo de coco age como um poderoso combustível para fortalecer os músculos e fazer você queimar gordura;
- O óleo de coco é altamente resistente ao calor, o ideal é fritar a carne, porque o óleo manterá, assim, sua composição química e não vai se transformar em gorduras trans de ácidos;
- Usar óleo de coco em suas sobremesas: sendo uma

	<p>gordura saudável, evita o rápido aumento da taxa de insulina e assim a formação de depósitos de gordura em seu corpo.</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Existem centenas de milhares dessas árvores no Haiti, uma fonte ilimitada para criar milhares de postos de trabalho, bem como para produzir o óleo vegetal de excelente qualidade e também para a aplicação de fim industrial. ○ Pode ser muito útil para o reflorestamento no Haiti, depois colocar as mudas no solo, coloque-se uma camada de palha de coco e isso pode ajudar na falta de água, porque ela absorve o sereno de manhã e pode fornecer ao pequeno arbusto água suficiente que dá tempo para crescer e pode fazer face à seca.
<p>La production dulaite = A produção de Leite</p>	<p style="text-align: center;">Haiti</p>
	<p>A produção de leite é um assunto muito pertinente na economia haitiana. O Haiti gasta até 50 milhões dólares por ano para a compra de produtos lácteos provenientes de países tão distantes como a Nova Zelândia. Depois de arroz, produtos lácteos são o segundo alimento principal importado. A produção leiteira local atende 30 a 45% do consumo das famílias no haiti, seguido por leite evaporado (30%) e leite em pó (20%). Um mercado dominado por leite em pó e enlatados importados.</p> <p>A maior parte desta produção haitiana vem de Cabo Haitiano (Norte), Les Cayes e Leogane (Sul) Enquanto uma parte muito baixa do leite produzido no mundo é vendida no mercado internacional, a "liberalização" do mercado leiteiro levou à dependência de todos os preços de mundo vis-à-vis de produtores.</p> <p>O preço é fortemente influenciado pelos baixos custos de produção de alguns exportadores como na Nova Zelândia e a Austrália, bem como o despejo de excedentes dos EUA e do mundo do mercado da União Europeia. É importante saber que</p>

	<p>a fixação do preço do leite é largamente determinada pelo preço do queijo na bolsa de Chicago, facilmente manipulado por algumas empresas nos países da América Central e do Caribe.</p> <p>As causas de insuficiência alimentar no Haiti são numerosas, tais como a falta de irrigação, falta de produção de rações para gados e vacas, tudo isso interfere na falta de produção leiteira no país. Pequenos esforços são feitos mas, sem canais de irrigação, se a distribuição de energia elétrica nas zonas rurais e implementação de câmaras frias para conservação o Haiti continuará sendo dependente da produção de leite vindo do exterior por um bom tempo.</p>																												
<p>L´avocar = Abacate</p>	<p>Haiti</p>																												
 	<p>O abacate era amplamente cultivado antes das invasões dos colonizadores na ilha Caribenha, mas só mereceu a atenção dos horticultores no século XIX. O abacate é o pseudofruto comestível do abacateiro - uma árvore da família da laureáceas hoje extensamente cultivada em regiões tropicais, como as do Caribe. Porém, a maioria da população haitiana não sabe o Valor Nutricional que contem os frutos.</p> <table border="1" data-bbox="735 1397 1390 1971"> <thead> <tr> <th colspan="4">Abacate cru (valor nutritivo por 100g)¹²</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>água: 73,23 g</td> <td>resíduos totais: 1,58 g</td> <td> fibras: 6,7 g</td> <td>valor energético: 160 kcal</td> </tr> <tr> <td>proteínas: 2,00 g</td> <td>lípidos: 14,66 g</td> <td>glícidos: 8,53 g</td> <td>açúcares simples: 0,66 g</td> </tr> <tr> <th colspan="4">oligoelementos</th> </tr> <tr> <td>potássio: 485 mg</td> <td>magnésio: 29 mg</td> <td>fósforo: 52 mg</td> <td>cálcio: 12 mg</td> </tr> <tr> <td>sódio: 7 mg</td> <td>zinco: 640 µg</td> <td>ferro: 550 µg</td> <td>cobre: 600 µg</td> </tr> <tr> <th colspan="4">vitaminas</th> </tr> </tbody> </table>	Abacate cru (valor nutritivo por 100g) ¹²				água: 73,23 g	resíduos totais: 1,58 g	fibras: 6,7 g	valor energético: 160 kcal	proteínas: 2,00 g	lípidos: 14,66 g	glícidos: 8,53 g	açúcares simples: 0,66 g	oligoelementos				potássio: 485 mg	magnésio: 29 mg	fósforo: 52 mg	cálcio: 12 mg	sódio: 7 mg	zinco: 640 µg	ferro: 550 µg	cobre: 600 µg	vitaminas			
Abacate cru (valor nutritivo por 100g) ¹²																													
água: 73,23 g	resíduos totais: 1,58 g	fibras: 6,7 g	valor energético: 160 kcal																										
proteínas: 2,00 g	lípidos: 14,66 g	glícidos: 8,53 g	açúcares simples: 0,66 g																										
oligoelementos																													
potássio: 485 mg	magnésio: 29 mg	fósforo: 52 mg	cálcio: 12 mg																										
sódio: 7 mg	zinco: 640 µg	ferro: 550 µg	cobre: 600 µg																										
vitaminas																													

	<table border="1"> <tr> <td>vitamina C: 10,0 mg</td> <td>vitamina B1: 67 µg</td> <td>vitamina B2: 130 µg</td> <td>vitamina B3: 1 738 µg</td> </tr> <tr> <td>vitamina B5: 1 389 µg</td> <td>vitamina B6: 257 µg</td> <td>vitamina B9: 0 µg</td> <td>vitamina B12: 0 µg</td> </tr> <tr> <td>vitamina A: 146 UI</td> <td>retinol: 0 µg</td> <td>vitamina E: 2,07 µg</td> <td>vitamina K: 20 µg</td> </tr> <tr> <td colspan="4" style="text-align: center;">ácidos graxos</td> </tr> <tr> <td>saturados: 2 126 mg</td> <td>monoinsaturados: 9 799 mg</td> <td>poliinsaturados: 1 816 mg</td> <td>colesterol: 0 mg</td> </tr> </table> <p>Fonte: Wikipédia. Valor nutricional dos alimentos (em Português) <i>Portal UOL</i>. Visitado em 24/09/2013.</p>	vitamina C: 10,0 mg	vitamina B1: 67 µg	vitamina B2: 130 µg	vitamina B3: 1 738 µg	vitamina B5: 1 389 µg	vitamina B6: 257 µg	vitamina B9: 0 µg	vitamina B12: 0 µg	vitamina A: 146 UI	retinol: 0 µg	vitamina E: 2,07 µg	vitamina K: 20 µg	ácidos graxos				saturados: 2 126 mg	monoinsaturados: 9 799 mg	poliinsaturados: 1 816 mg	colesterol: 0 mg
vitamina C: 10,0 mg	vitamina B1: 67 µg	vitamina B2: 130 µg	vitamina B3: 1 738 µg																		
vitamina B5: 1 389 µg	vitamina B6: 257 µg	vitamina B9: 0 µg	vitamina B12: 0 µg																		
vitamina A: 146 UI	retinol: 0 µg	vitamina E: 2,07 µg	vitamina K: 20 µg																		
ácidos graxos																					
saturados: 2 126 mg	monoinsaturados: 9 799 mg	poliinsaturados: 1 816 mg	colesterol: 0 mg																		
	<p>A sementes de abacate têm mais antioxidantes do que a maioria das frutas vendidas no mercado e das <i>polyphénols</i> como o chá verde, e estão mais cheias de fibra solúvel do que qualquer outro alimento. Elas também tem 70% de antioxidantes encontrados no seu conjunto, e o óleo de abacate também é rico em compostos antioxidantes, reduz o colesterol e ajuda a lutar contra a doença.</p> <p>Estudos mostram que a semente da fruta tem fibra mais solúvel do que a aveia. A semente de abacate ajuda a prevenir doenças cardiovasculares, e evitar o acidente vascular cerebral.</p> <p>A semente de abacate também é perfeita contra inflamação do tubo digestivo e diarreia. Na América do Sul é usada e outros problemas gastrointestinais. A semente da fruta tem muitos compostos fenólicos que ajudam a prevenir úlceras gástricas e prevenção de doenças bacterianas e virais.</p> <p>Tanto a fruta como a semente têm outras utilizações no ramo de produtos cosméticos como Shampoos, hidratantes etc.</p>																				
O Turismo	Haiti																				



O Haiti está entre os primeiros países do Caribe que provaram o benefício emergência do turismo internacional após a reconstrução da economia mundial destruída pela segunda guerra mundial. Este setor tornou-se vital para a economia nacional porque representava mais de 20% das exportações na década de 1970. As estimativas da época falam em mais de 60.000 empregos diretos e indiretos. Sua participação no PIB aumentava de 3,5 do PIB das receitas anualmente e atingiu 50 milhões dólares. Mas, com passar do tempo o país vem perdendo seu espaço cenário internacional em relação aos países como destinação turística devido as crises econômicas, políticas e sociais que o atravesse.

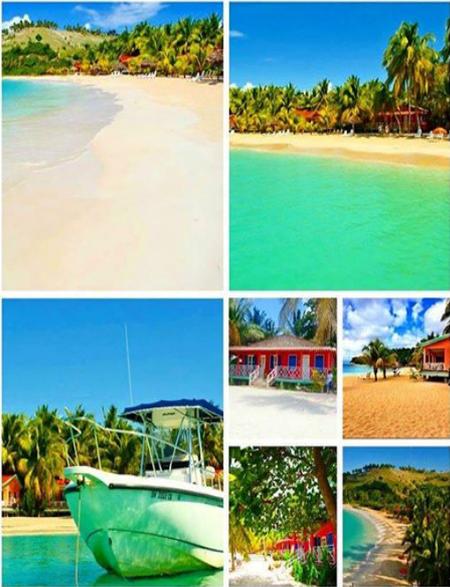
Dessa forma, está sendo erguido um plano ou um projeto do turístico, sob a denominação “Orientação estratégica”, que selecionou uma proposta dividida em quatro grandes áreas:

- 1) Os produtos turísticos;
- 2) desenvolvimento de áreas prioritárias;
- 3) os circuitos turísticos;
- 4) os recursos humanos.

um outro componente, “as modalidades de implementação”, porte à racionalização das escolhas orçamentais, a criação de um ministério de turismo. A implementação do quadro institucional e um plano de ação em curto prazo.

Em termos de distribuição espacial, a nova cara do turismo haitiano é desenvolvida em quatro departamentos: o Oeste, o Norte, o Sudeste e o Sul. Eles serviram como rampa de lançamento de atividade turística nacional. As Prioridades destes departamentos têm umas vantagens em comuns contribuir fortemente na economia local apesar de suas especificidades. Neste caso encontram-se os principais sítios turísticos do país tais como:

- Parque Nacional Histórico do Norte, representado pelo patrimônio mundial a Citadelles, Palácio Sans-Souci e os Remiers;
- A costa dos Arcadins ao norte oeste de Port-au-Prince, onde já existiu investimento de hotelaria nacional;
- No antigo Centro de Jacmel no Sul;
- A Port-Salut e a praia de Point-Sable.

	<p>Para que tudo isso se tornem realidade, é necessário um plano de político-estratégico que visa:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma promoção turística orientada as destinações locais; ▪ uma promoção de turismo visada nossas diásporas; ▪ uma promoção de turismo que se forma em função da oferta regional caribenha, americana, européia e asiática; ▪ uma dinâmica turística descentralizada dentro de uma lógica de coesão nacional; ▪ um quadro justo e legal respeitado neste setor. <p>Assim, com o potencial turístico que tem a ilha e com as praias paradisíacas as possuem sem sombra de dúvida, no futuro se pode gerar muitos empregos e ajudar a diminuir a pobreza do país⁷⁵.</p>
---	---

Fonte: <http://www.oeco.com>

4.3 O papel estratégico e educativo das Mobilizações Comunitárias Locais (MCL) nesta investigação

Proporemos uma definição aproximada das Mobilizações Comunitárias Locais (MCL), o que não é fácil por ser um termo novo e criado por nós no decorrer desta investigação. Podemos dizer que elas estão constituídas pelo o tripé Vodou-Kombit-CTR, que poderá servir de alavanca no reflorestamento no Haiti proposto nesta pesquisa, ou seja, são todas as forças transformadoras vivas e orgânicas presentes no cotidiano deste povo. Todas as alternativas propostas neste estudo devem necessariamente passar via MCL, somente assim teremos confiança em que elas serão realizadas, sempre tendo obviamente a EA como denominador comum.

O Haiti é um país em que grande parte população pratica agricultura. Com a deterioração da terra e a mudança de clima, a terra fornece cada vez menos e os agricultores ficam cada vez mais pobres. Sendo um pouco fracos economicamente, a grande maioria dos agricultores não tem como pagar pessoas para ajudar no

⁷⁵ Fonte: <http://www.oeco.com>.

*** Algumas das ilustrações apresentadas neste capítulo foram registradas durante o período da minha pesquisa de campo no Haiti em 2013. Outras são arquivos de um grupo de pesquisadores haitianos no qual me incluo, viemos fazer um trabalho de mapeamento sob a questão de desmatamento do Haiti, recursos naturais não explorados por falta de informações. As fontes da maior parte dessas imagens podem ser encontradas naquele endereço acima.

trabalho nos campos. Portanto, eles praticam um tipo de solidariedade espontânea que é chamado *Kombit* (combite).

O *Kombit* é uma forma de solidariedade entre um grupo de pessoas que decidem se reúnem para fazer o trabalho que nunca uma pessoa somente iria conseguir fazer, porém existem dois status possíveis: sócio ou trabalhador. O sócio e você estão lá para garantir que o seu pedaço de terra possa ser trabalhado por todos sem nenhum custo no futuro. No caso dos trabalhadores que participam do *Kombit*, eles não têm nenhuma terra para lavrar, são ajudantes que recebem o que o *kombit* oferece durante por o dia trabalhado.

Assim, um calendário é elaborado e cada um tem sua vez para receber o *Kombit*, em forma de rodízio, de reciprocidade comunitária. Todos trabalham para todos. A pessoa que recebe a ordem do dia do *Kombit* não necessariamente tem que trabalhar neste dia, mas tem que garantir que tudo está funcionando durante a jornada.

O *Kombit* é usado para fazer muitas coisas: cultivar e semear a terra, fazer colheitas, construir estradas, casas, apoiar aqueles que têm necessidade em casa, em caso de extrema urgência.

Para incentivar o trabalho, nós cantamos, dançamos. Um grupo de trabalhadores é transformado em grupo musical. Instrumentos como o tambor e Bambu são utilizados para incentivar o trabalho. Umas panelas grandes cheias de alimentos no fogo, sob o comando das algumas mulheres. De vez em quando, uma garrafa cheia de bebida energética em rodízio para o grupo. Por sua vez, cada um toma um gole de armar-se com coragem. Ao trabalhar juntos comem e bebem juntos. O que é melhor que sermos amigos e solidários? A capital haitiana conheceu momentos de *Kombit* até mesmo para limpar espaços após o terremoto de 12 de janeiro de 2010 (*Saint Jean Lhérissant, Haïti*⁷⁶).

⁷⁶ Fonte: um monde autrement vu.wordpress.com/2014/10/10/un-bel-exemple-de-solidarite-la-combite/



Fig.26 Prática de *Kombit* no Haiti

Fonte: Acervo do pesquisador

Com o *Kombit*, não só o trabalho é realizado em tempo recorde, mas também a dimensão comunitária aparece. Le “*faire emsemble*” (o fazer junto) e o espírito de solidariedade estão presentes. É uma maneira de apoiar uns aos outros, quando há muito pouco para viver e para obter o que precisa. Sem esta prática, a agricultura haitiana sofreria uma queda maior ainda, porque os agricultores não têm condições financeiras para pagar os trabalhadores e ao mesmo tempo comprar as suas sementes.

Isso é um belo exemplo de valor solidário que continua vivo no sistema tradicional do trabalho do Haiti. A solidariedade tem sido a base da economia quando ela é baseada na agricultura. No costume de *Kombit*, todas as comunidades locais trabalham nas plantações rurais com base nos princípios da igualdade e

reciprocidade. Estas são as mesmas comunidades que pelas noites se transformam em sociedades secretas de Vodou, vindo assim a articular a dimensão da produção de materiais com aquela do sagrado. Assim, pode-se afirmar que os praticantes do Vodou mantêm a sua relação simbiótica com a natureza.

A possibilidade de manipular o saber para transformar a realidade é fundamental na concepção do Vodou, que nada mais na visão de Descartes (1999) ele é “uma visão mística e complexa do mundo em que o invisível, a natureza e o homem estão inter-relacionados”.

Não obstante o povo haitiano ter resistido a sistema escravidão e conseguido amotinar-se contra a ordem política colonialista, esse processo não foi seguido por uma modificação da ideologia dominante, durante muito tempo imposta pelos brancos. Sendo assim, a maior parte do povo haitiano manteve vivente a prática do Vodou.

É importante dizer, que foi introjetado pelo povo um imaginário social no qual o Vodou era considerado inferior às demais religiões, e a cultura ocidental era o símbolo de progresso, desenvolvimento e civilidade.

Ademais, o Vodou não é somente um conjunto de elementos ou princípios espirituais, ele é um modo de vida, é uma filosofia de vida, um código de ética que regula o comportamento social dos seus adeptos. Se ele cumpre todas essas funções, temos certeza de que ele será um grande aliado no reflorestamento do/no Haiti.

A CTR⁷⁷ terá seu papel fundamental também tendo a estratégia de Educação Ambiental como elemento crucial na realização desta tarefa:

- ✓ Através de oficinas, formar multiplicadores para a campanha de sensibilização ou conscientização de desmatamento do país, como reflorestar uma área degradada baseada neste projeto para transformar uma área degradada e reflorestá-la. Para “Reflorestar o Haiti”, segundo Castro (2012), é necessário a elaboração de um planejamento sistemático a curto, médio e longo prazo levando em conta as seguintes perguntas à população:

⁷⁷ Como havíamos mencionado anteriormente é uma Cooperativa que é localizada na Cidade de Terrier-rouge no Nordeste do Haiti. Ela tem aproximadamente cem (100) membros, está ativa, ela vem desempenhando um papel importante no combate ao no Nordeste do País.

➤ **O que, onde e por que deverá ser realizado?**

Justificativa e objetivos claros, definindo a área e o conjunto de atividades e metas a serem atingidas;

➤ **Como será feito?**

Avaliando a operacionalização, o contexto ecossistêmico, os métodos e depois, os acessos à área, as capacitações e os equipamentos que serão necessários;

➤ **Quando?**

Definindo tempos e prazos das atividades e resultados;

➤ **Quem serão os responsáveis?**

Definindo tarefas e atribuições com e para cada integrante do grupo e entre os parceiros (CASTRO, 2012, p. 17).

O autor insiste em afirmar que o reflorestamento deve ter como meta fundamental a viabilização e a manutenção dos ecossistemas a curto, médio e longo prazo, colocando espécies similares as que ocorriam naturalmente na região. Assim, a aplicação técnicas e os saberes tradicionais para a recuperação de áreas degradadas é a fase inicial da reconstrução de comunidades ecologicamente viáveis (COSTA, 2012).

Essas questões acima serão fundamentais para trabalhar e colocar em práticas junto com as comunidades de base, os membros da cooperativa CTR, para dar início de como podemos reflorestar o Haiti.

- ✓ Distribuição de cartilhas informativas nas comunidades locais sobre o estado do desmatamento do país e importância de adotar a prática de agrofloresta bem como agroecologia na luta contra o desmatamento;
- ✓ Oficinas de fabricação de carvão ecológico, briquete e fogão adaptado;
- ✓ Oficina de fabricação de forno eficiente baseado no modelo do francês *Atour Laurent* já mencionado neste trabalho;
- ✓ Mutirão ou Kombit para plantio de mudas em épocas de chuvas.

Para encerrar este capítulo, queremos salientar que trilhados os caminhos para retirar o Haiti da situação proximidade de um colapso ecológico, é conveniente

encontrar alternativas para outros assuntos pertinentes, como a miséria e desemprego que vive a boa parte da população. Sabemos que não são as únicas alternativas apresentadas que podem ajudar o Haiti a sair desse colapso, há que averiguar também, assuntos de ordem, social, econômico e político, todos eles foram abordados nos capítulos anteriores.

A recuperação agrícola e do ecossistema no Haiti são possíveis, matérias-primas existem mesmo se eles não são suficientes, mas também há no país uma boa parte que é desmatada, espaço apropriado para a agricultura e que é capaz de aumentar cinco vezes a produção agrícola. Alternativa que pode ajudar o país a escapar da pobreza e parar de implorar o auxílio ou ajuda internacional - ajudas como essa que tornam o Haiti cada vez mais dependente, e dão a impressão de que os haitianos não capazes de realizar qualquer coisa para reerguer sua própria pátria.

Assim, para encerrar é importante desvendar o mito de desmatamento no Haiti, principalmente por causa da imagem dos camponeses haitianos de uma maneira muito simples. Nada mais infame de fazer as pessoas acreditarem numa inverdade, ou pior quando são pagos para dizer inverdades ou mentiras. Muitos escrevem artigos, tiram fotos, para expressar suas opiniões pessoais e até mesmo para produzir vídeos pagos pelos outros governos (República Dominicana), sem nunca questionar as verdadeiras causas e os verdadeiros culpados. Um camponês haitiano não é cortador de árvore. Todos os quase 12 milhões de haitianos são da religião de Vodou e tem ela na sua alma, mesmo aquele que parece o mais adepto de outra religião e que vai a igreja todos os dias - a religião de Vodou venera árvores e as protege.

O praticante de Vodou entende a ecologia como parte integrante de seu modo de vida. Para encurtar os quatro séculos de desmatamento no Haiti que começou com a chegada ilegal dos grandes barcos espanhóis, onde a ilha era 90% florestada, logo com a chegada dos franceses, o corte das árvores começou para abrir caminho para plantações, não há estatísticas exatas para saber quantos milhares de hectares foram derrubados no Haiti, nesta época a ilha foi chamada a pérola das Antilhas porque fornecia a França os recursos necessários para realizar suas conquistas no mundo inteiro, tudo isso a custo da escravidão.

Então veio independência, a partir da qual o Haiti sofreu o primeiro embargo global por pelo menos 25 anos, devido ao medo de que o país se tornasse o símbolo contra escravidão e pudesse levar a revolução antiescravagista no resto do mundo. Um resgate da dívida da compensação para os colonos reivindicada pela França precisou ser pago novamente com madeira preciosa da ilha.

Durante os anos da jovem nação haitiana muitos países, principalmente a Alemanha, enviaram os especuladores no Haiti a fim de comprar madeira de algumas pequenas ilhas, como: Le Cayemite, La Gonâve. Elas foram completamente desmatadas. Às vezes os barcos de guerra da Alemanha eram atracados nas grandes cidades haitianas, e isso muitas vezes causava o atrito diplomático entre ambos os países.

Em 1915 veio a ocupação americana com a construção da estrada de ferro no Haiti: 10 km em cada lado da ferrovia foram concedidos por nossos governantes “vendedores de país” para essas empresas, a fim de cortar árvores para suas necessidades. De *Leogane* até de *Cap Haitien*, um corredor de 20 km de largura ao longo de quase 250 km foi completamente cortado por empresas americanas. A maioria de madeira foi exportada para outros países.

Em 1940 veio a Segunda Guerra Mundial, na qual o Japão tinha invadido a Ásia e cortado a estrada da borracha para impedir a chegada dos Nortes Americanos. Um acordo entre o governo japonês e haitiano foi assinado, e o governo haitiano liberou milhares de hectares de terra a fim encontrar matérias primas para se manter durante a guerra. Centenas de milhares de hectares de terra no Haiti foram liberados e replantavam árvores da borracha, e no final da guerra, com a descoberta de que poderia fabricar pneus com óleo diesel, o fogo foi colocado deliberadamente para as plantações de borracha: mais de 300.000 hectares de terra foram destruídos com fogo.

A última grande venda de madeira proveniente de florestas foi sobre o governo de Jean Claude Duvalier, quando a maioria da floresta de pinheiros foi cortada e vendida em outros países. O golpe de misericórdia foi levantado durante o embargo de 1994, quando o Haiti não tinha nenhum recurso energético em exploração, a população sentia-se obrigada a cortar as árvores para a sua sobrevivência.

Convenhamos dos 30 milhões de árvores cortadas anualmente no país não causaria tanto danos ao ecossistema do Haiti, mas é um negócio que movimenta cerca de 5000 milhões de dólares no qual o governo haitiano não recolhe nenhum centavo de imposto. O tributo poderia ser recolhido e transformado em políticas públicas no combate ao desmatamento.

A única desvantagem é que o país está em estado de alerta diante de um desastre ecológico, de forma que cada porcentagem conta muito e a redução esses 15% será uma grande vitória. Os 15% das 30 milhões de árvores cortadas anualmente no Haiti é destinado à fabricação de móveis, de madeira para a construção, isso é aceitável em qualquer país. O pior é quando 70% das 30 milhões de árvores são cortadas, anualmente, e são destinadas às padarias, às lavanderias, às fabricas de bebidas alcoólicas e de óleos essenciais, e outras pequenas indústrias sem nenhuma campanha de reposição ou de reflorestamento no país. O grande erro de desmatamento do Haiti na atualidade encontra-se na falta desta campanha.

CONCLUSÃO

Com objetivo de trazer elementos para uma maior reflexão sobre o Haiti e seus agravantes problemas ambientais, resultou no que podemos chamar da fase conclusiva deste trabalho. Mas, qual conclusão queremos, se sabermos que não há conclusão definitiva para nada? Mas é necessário que concluamos no limite do espaço-temporal do desejo. Do desejo de acreditar que as coisas sejam diferentes no futuro.

Cabe aqui ressaltar que, segundo nossas investigações, tanto nos bancos de dados nacionais como internacionais não encontramos nenhuma pesquisa semelhante a esta, na qual se investigue a fundo os verdadeiros problemas ambientais do/no Haiti e suas principais causas na atualidade. Logo, percebemos o quanto este trabalho é relevante, tanto pela academia como também pela sociedade haitiana. Sem querermos ser exagerados, é possível afirmar que demos um grande salto para que este percurso chegasse à construção de uma tese de doutoramento, levando em conta as dificuldades, a escassez de materiais de pesquisa e bibliografias acerca da temática.

A crescente degradação da biodiversidade, dos ecossistemas, e o aumento das desigualdades de classe sociais no país levaram a acreditar que a força invisível das culturas tradicionais como: o Vodou, o *Kombit*, e Mobilizações Comunitárias devem ser compreendidos como uma cosmologia harmônica sempre atenta à preservação da natureza. E se eles são atentos a preservar os ecossistemas do país, então terão plenas condições para oferecer e contribuir com uma política de EA baseada nos seus ensinamentos, contribuir com a amenização da grande dicotomia entre a elite haitiana e os camponeses, a qual se dá pelo fato de que o país se compõe de uma elite que espelha e se encontra presa ainda nos hábitos da cultura francesa e não consegue compreender o mundo rural e cotidiano dos camponeses haitianos, rejeitando-os e colocando-os em situação de servidão e de escravidão.

Assim, esses esforços de preservação ambiental implicam, necessariamente, em uma sensibilização com o meio ambiente, transmissão de conhecimentos, ensinamento adequado à preservação, conscientização às condicionantes

socioeconômicas e culturais com diferentes grupos com os quais pretendem trabalhar.

Por isso, é de extrema importância entender que:

O cerne da educação ambiental é a problematização da realidade, de valores, atitudes e comportamentos em práticas dialógicas. Ou seja, para esta, conscientização só cabe no sentido posto por Paulo Freire de “conscientização”⁷⁸: de processo de mútua aprendizagem pelo diálogo, reflexão e ação no mundo. Movimento coletivo de ampliação do conhecimento das relações que constituem a realidade, de leitura do mundo, conhecendo-o para transformá-lo e, ao transformá-lo, conhecê-lo. (LOUREIRO, 2012, p. 80).

Desta maneira, a EA deve ser vista como a matriz que enxerga a conscientização como elemento transformador social inspirado no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos engajados, na compreensão da realidade na sua complexidade e na vida em sua totalidade. Portanto, ela deve facilitar a aquisição de saberes, seja ela tradicional e/ou técnico-científica.

Neste contexto, segundo Loureiro, a EA deve direcionar-se para a formação humana. Isto quer dizer que a esta cabe o saber (científico, ecológico e político-social) e a postura, mas para que isso se concretize, deve gerar:

- A participação ativa das pessoas e grupos na melhoria do ambiente;
- A autonomia dos grupos sociais na construção de alternativas sustentáveis;
- A mudança de atitudes;
- A aquisição de habilidades específicas;
- A problematização da realidade ambiental (LOUREIRO, 2012, p. 84);
- O estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da

⁷⁸ A conscientização, compreendida como processo de criticização das relações consciência-mundo, é condição para a assunção do comprometimento humano diante do contexto histórico-social. No processo de conhecimento, o homem ou a mulher tendem a se comprometer com a realidade, sendo esta uma possibilidade que está relacionada à *práxis humana*. É através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmo (SOUZA de FREITAS, 2008, p.99).

liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade (2009b, p. 22).

Neste contexto, percebe-se a necessidade de ir além de um simples ato de transmissão de conhecimentos como ato educativo. Mas sim, uma EA que converge em direção da *práxis* educativa, da indissociabilidade e da teoria-prática para a transformação do mundo, o que implica no engajamento de sujeitos éticos que são capazes de gerar novas relações que reconfiguram a sociedade.

Entretanto, é importante relatar que as mudanças podem acontecer para solucionar problemas ambientais com os objetivos da EA, mas são imprescindíveis as intervenções conscientes e intenções claras, otimistas das pessoas ou grupos. Até porque, a sociedade como sabemos não é uma demonstração de soma dos comportamentos individuais, mas sim, afinidades socialmente produzidas ao longo da história. Portanto, não basta cada um cumprir com suas obrigações e dar bons exemplos, embora isso seja uma postura ética de coerência pessoal.

Como destacou muito bem Loureiro na sua obra intitulada “Sustentabilidade e Educação: um olhar da ecologia política”:

Se desejamos uma educação ambiental que mude atitudes e comportamentos, devemos compreender como são os ambientes de vida, qual a posição social ocupada pelos diferentes grupos e classes, como estes produzem, organizem-se e geram cultura, bem como as implicações ambientais disso, para que uma mudança possa ser objetivada. Sem que as condições sejam alteradas ou, pelo menos, problematizadas no processo de adoção de novos comportamentos, é difícil que novas atitudes aconteçam (LOUREIRO, 2012, p. 86).

Dessa forma, a complexidade ambiental leva a pensar o mundo sob uma perspectiva não essencialista, não positivista, não objetiva, não racionalista e não relativista, senão para pensar a diferença, mas além da separação do objeto e do sujeito, desde a diferenciação do ser no mundo por via do saber. O pensamento da complexidade se separa do domínio ontológico e metodológico em direção a um terreno ético e político, de valores e sentidos diferenciados na apropriação da natureza. O saber ambiental se configura no horizonte da diversidade, emancipando-se do conhecimento saturado da relação de objetividade subjetiva entre eu e isso, entre o conceito e a coisa. “A racionalidade translada entre o tu e eu

até o diálogo de saberes no qual a complexidade ambiental emerge como problematizadora deste pensar” (LEFF, 2006, p.45).

Este problematizar nos conduz assim a um processo de emancipação até a construção de uma outra (não necessariamente nova) racionalidade social e novas formas de reaproximação com a natureza, a partir do (re)ligamento do cordão umbilical homem-natureza, do desencantamento da vida, do mundo e da existência.

Refletindo com Lenoble, quando refere que:

[...] “não tenhamos, pois, a vaidade de crer que vivemos uma época excepcional, que vemos nascerem às idéias sem igual na história e problemas novos. O homem continua a ser o homem perante as mesmas perguntas. A primeira de uma convenção internacional para limitar as armas perigosas data verossimilmente da idade distante em que tribos mais industriosas acabam de fabricar espadas de metal, quando até então se utilizavam apenas paus ferrados e macas! Se este pensamento não comporta nenhuma garantia encorajante para futuro, pelo menos avança o verdadeiro problema, que examinaremos rapidamente ao terminar” (LENOBLE, 2000, p. 315).

No conhecimento das coisas, as ciências positivas trazem-nos uma ajuda imensa e perigosa. Saibamos utilizá-las, mas não nos esqueçamos de que elas se limitam a arranhar a superfície da natureza. Sob a ciência, a partir do momento em que pensamos na própria natureza, da qual sempre teremos necessidade, descobriremos inevitavelmente os aspectos metafísicos de que não podemos prescindir. Reduzir a natureza à ciência é, antes de mais nada, ignorar a história, é ignorar o sentido da própria palavra.

Nunca o homem se contentou, e nunca se contentará, com as poucas informações parciais que ela nos fornece. Ele erguerá sempre os olhos para a natureza para penetrar o seu mistério, para conhecer o seu segredo e esse segredo não pode sair dos laboratórios. Santo Agostinho dizia que só uma alma eterna pode conhecer o tempo, porque escapa ao tempo. E, nesta esteira, conclui dizendo que o animal, uma vez que revolve na duração sem poder conceber o tempo, vive da multiplicidade das coisas sem avançar mais. Que o homem possa conceber a natureza como um todo é já um fato metafísico e uma afirmação da sua transcendência (LENOBLE, 2002).

Para refletir sobre a necessidade de enfrentamento/sublimação da problemática vivenciada, Leonardo Boff expressa:

Creio que a transcendência é talvez o desafio mais secreto e escondido do ser humano. Ele se recusa a aceitar a realidade na qual está mergulhado porque se sente maior do que tudo o que o cerca. Com seu pensamento, ele habita as estrelas e rompe todos os espaços (...). Numa palavra, eu diria que o ser humano é um projeto infinito (BOFF, 2000, contra capa).

Segundo Lenoble (p. 284), o “termo natureza, que durante tanto tempo cristalizava as aspirações, os sonhos, o amor e os termos religiosos da humanidade, vemo-lo explodir em fragmentos”. A natureza perdeu sua alma, a sua personalidade, dissolveu-se em fenômenos independentes, ligados unicamente por leis mecânicas e o estado depende, por sua vez, de múltiplas diligências distintas do pensamento. “Natureza, diz a *Encyclopédie*, termo vago, logo pouco interessante em si. E remete-nos para os artigos *Sistema do mundo, Causa, Essência, Ser* etc. a natureza em si já não é nada”. Vê-se, porém, que a desvalorização da natureza não era vista como negativa, uma vez que encontrava sua contrapartida na exaltação do homem.

O autor insiste em mostrar que em cada época forma-se uma visão de mundo determinada tanto pelas iniciativas da consciência como pelo estado da informação positiva de onde vão emergir as diferentes representações, seja ela científica, estética ou moral da Natureza. É esta unidade fundamental que nos é necessário recuperar (LENOBLE, 2000).

Ainda, o autor insiste em dizer que a natureza só será concebida como uma realidade por si mesma na medida em que a consciência tiver conquistado certa liberdade em relação aos seus próprios problemas. Até esta altura a natureza estará condenada a viver o drama humano (LENOBLE, 2000).

Retomando o objetivo deste trabalho diante do exposto, o que constatamos no Haiti hoje, desde o ponto de vista de mudança paradigmática, é que não se pode mudar o pensamento das pessoas sem mudar a realidade objetiva, a realidade social e a organização social, o que implica em sermos sujeitos capazes de reformular nossos compromissos em busca de uma ruptura com as relações sociais que definem e regulam o capitalismo que está aniquilando o País.

Foi neste cenário espaço-temporal denominado América, em particular o (Haiti) que se originou o racismo e a primeira experiência para o surgimento do

mundo capitalista, nos quais os invasores e colonizadores europeus usaram artifícios religiosos, filosóficos e tratamento subumano para legitimar a exploração trabalho braçal não pago de nativos (indígenas) e depois de negros para a acumulação de capital.

É com essa mentalidade capitalista, tornando povos vítimas de justiça ambiental racista que o Haiti foi obrigado a pagar uma indevida e mal entendida dívida de independência, num valor de cento e cinquenta milhões de franco-euros, equivalente a quatro vezes ao orçamento da França naquela época e quatro vezes o orçamento do Haiti⁷⁹ hoje em dia. Isso comprometeu e impediu, até hoje, qualquer possibilidade de desenvolvimento do país.

Como Franck Seguy destacou brilhantemente na sua tese:

[...] com o assassinato de Jean-Jacques Dessalines em 1806, o projeto dos soldados-cultivadores foi derrotado. A partir desde momento, perderam toda possibilidade de serem donos das terras que lavraram. Isso acabou colocando-os numa situação onde eles trabalham para o lucro de outrem – contrariando assim o seu objetivo principal que era de liberdade coletiva para poderem usufruir os frutos do seu labor. O conjunto desses fatores levou ao estabelecimento no país de uma prática conhecido como *demwatye* ou *deux-moitiés* (duas metades): o camponês recebe do latifundiário (o *grandon*) uma parcela de terra para trabalhar; ele investe sua força de trabalho e suas economias para cultivá-la, e na hora da colheita, ele chama o *grandon* que recebe metade da colheita. A insegurança do camponês em relação às terras que ele lavora acabou levando o país à prática de uma agricultura bastante desfavorável à proteção do meio ambiente – o camponês sendo forçado a cultivar apenas os gêneros mais fáceis e rápidos de brotar e render. É esse tipo de cultivo em terras montanhosas como o Haiti é demasiadamente propício à erosão das superfícies cultivadas (SEGUY, 2014, p.300).

Assim, podemos afirmar com total segurança que no Haiti, até hoje, nenhuma medida ou alternativa à altura dessa circunstância ou prática foi tomada. Tal afirmação é muito visível de no país, com a observação dos capitais transnacionais e multinacionais que continuam a explorar a força de trabalho do ser haitiano, sendo a mais barata vivente na atualidade.

⁷⁹Pequeno país do Caribe que venceu a escravidão e o colonialismo, o Haiti o sonho de liberdade e de igualdade hipotecado pelo racismo e pelo imperialismo. As intervenções militares e econômicas, as ditaduras, os embargos, a política de suas elites, as catástrofes conduziram o país ao empobrecimento e à tutela. Este processo foi acompanhado de forma de expressão artística e uma estética do cotidiano que fazem do Haiti um país singular. Face aos muros munidos de arames farpados, o imaginário religioso e artístico constituiu uma fonte de resistência à loucura e à morte social ou física (PARISE, 2014, p.55)

Podemos dizer que o revolucionário, o Fundador da Pátria Haitiana, Jean-Jacques Dessalines, tinha seus ideários bem definidos, de fazer com que a liberdade coletiva reinasse naquele país, e a concretização dela seria a felicidade plena. Desse nosso ponto de vista, a filosofia da liberdade anunciada pelo J. J. Dessalines, reside ou se fundamenta na livre individualidade de cada um(a) de uma jovem nação que acabou de surgir, de ser completamente diferente ou paralela da antiga da qual nasceu. Hoje no Haiti, no lugar da velha sociedade burguesa, da classe elitista antagônica em relação das demais classes sociais teria uma sociedade, na qual o livre desenvolvimento de cada indivíduo passaria a ser a condição necessária para livre desenvolvimento de todos.

Indígenas do Haiti [...] ao combater por *sua liberdade*, trabalhei à minha própria felicidade. Antes de reforçar essa liberdade por leis, aquelas que asseguram a sua livre individualidade, os comandantes que aqui reúno, junto comigo, devemos dar-lhe todas as provas da nossa abnegação [...]. E tu, povo miserável durante um tempo longo demais, testemunha do sermão que pronunciamos, lembreis que foi com a tua constância e a tua coragem que contei quando escolhi a carreira da liberdade para combater o despotismo e a tirania contra os quais tu estavas lutando há 14 anos; lembreis que sacrifiquei tudo para te defender: parentes, crianças, riqueza e que, agora, é sua liberdade a minha riqueza (DESSALINES, 2006. *Apud.* SEGUY, 2014, p. 302).

Figura simbólica e que marcará para sempre a história do Haiti, J. J. Dessalines foi o fundador da Pátria haitiana. Poderia ter tido um reconhecimento mundial, se não fosse o triunfo do ódio e do individualismo moderno cego sobre a livre individualidade e da (re)colonização moderna sobre as classes populares - com certeza teríamos um outro Haiti.

Assim, no decorrer desta pesquisa é importante que prestemos atenção sobre a questão histórica do/no Haiti passando pelo viés cultural que legitima o Vodun num primeiro momento.

Em um segundo momento, conseguimos mostrar ou desvendar as raízes da desumanização no contexto social, político e econômico do/no Haiti e as condições nas quais se desempenham as lutas de classe em particular dos camponeses neste país. Vergonhosamente, a burguesia local e seu governo fazem questão de tomar todas as medidas necessárias para que a exploração de mão de obra barata haitiana aconteça com toda naturalidade.

A presente pesquisa tem procurado mostrar uma longa história de depredação ambiental existente no Haiti. Ainda aponta a falta de planejamento e políticas públicas do governo haitiano com intuito de reverter este quadro. E sim, mostra claramente a preocupação e o engajamento de uma minoria da sociedade civil em busca de alternativas para diminuir o desmatamento vigente no país.

No final desta investigação, optamos por privilegiar ou mostrar concretamente algumas alternativas educativo-ambientais, que podem ser aplicadas a baixo custo e podem gerar renda para as comunidades carentes sem precisar preocupar em desmatar seu próprio habitat para sua sobrevivência. E claro, com único objetivo, o de diminuir gradativamente o desmatamento do Haiti, reflorestar o país e sonhar para que o Haiti possa sair da lista dos países que estão à beira de um colapso ecológico.

Entretanto, o Haiti que todos desejamos só será possível se realmente convenceremos da premência de incluir todos os haitianos, os que lá vivem e os que estão na diáspora⁸⁰ (no exterior), para o resgate desta nação. Colocar em marcha as lutas em prol de uma educação de qualidade para todos e todas, de empregos e reajustes salariais para todos, de investimento tecnológico para o desenvolvimento do país, de mudança a nível de administração Estatal corrompida e cobrança de atitudes éticas da mesma. Só assim, é possível sonhar com o Haiti autônomo, soberano, estável do ponto de vista socioeconômico e político e ambiental estável, econômico, social educativo e ambiental. Mas, para que isso se torne realidade, é imprescindível a não intervenção da Comunidade Internacional de amarras preconceituosas e interesses mesquinhos nos assuntos internos do/no Haiti. Lutar ainda para impedir que o capital estrangeiro, a proliferação das ONGs não continuem o processo de proletarização do país, sobretudo com a justificativa fracassada de reconstrução do Haiti após o terremoto de janeiro de 2010.

Enquanto intelectual, pesquisador, educador e filósofo engajado preocupado com os diversos problemas em particular a problemática ambiental do/no Haiti,

⁸⁰ Trata-se, é claro, de uma concepção fechada de “tribo”, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural neste sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, [diápor-, grifo nosos], cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história (HALL, 2009, p.29).

impulsiona-me a levar adiante este trabalho, as alternativas citadas, permitindo que esta pesquisa não se realize somente no plano da denúncia ou, quando muito, do anúncio, mas que se concretize arduamente para que chegue ao plano da ação. Só assim, será possível dizer que se conseguiu alcançar o objetivo proposto nesta investigação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *A atualidade da filosofia*. Tradução: Bruno Pucci & José Luis Arantegui Tamayo (Barcelona: Ediciones Paidós, 1975).

Agrofloresta é vital para a segurança alimentar de milhões de pessoas, afirma FAO. Disponível em: www.onu.org.br. Acessado em 2013.

ALTIERI, M. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3. Ed. Ver. Ampl. – São Paulo, Rio Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

APPIAH, K.A. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

AZEVEDO, J. M. Lins de. *A educação como política pública*. – Campinas, SP: Autores Associados, 1997. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; v; 56)

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBOSA, O. *Grande dicionário de sinônimos e antônimos*. – Rio de Janeiro: Editouto, 2004.

BARROS, A.B M. de. (Org). *Fios e traumas da Economia Solidária* – Porto Alegre: IPPOA – Instituto Popular Porto Alegre, 2005.

BHABHA, O.K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila. et all. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BERNER, E. K.; BERNER, R. A. *Global Environment*. New Jersey: Prentice Hall, 1996.

BOFF, L. *Experimenta Deus: a transparência de todas as coisas*. Verus Editora, 2002.

BRUGGER, P. *Educação ou adestramento ambiental*. Coleção teses. Letras contemporâneas. Ilha de Santa Catarina: 1994. 141p.

BUBER, M. *Eu e Tu*. Intr.e trad. Newton Aquiles Von Zuben. Ed Centauro, 2004.

BUTEAU, P. (Orgs). *Refonder Haiti?* Collection Assai: Mémoire d'encrier- Montréal, Québec, 2010.

CANTO-SPERBER, M. (Org.). *Dicionário de ética e filosofia moral* [v. I e II]. – EDITORA UNISINOS: São Leopoldo, RS, 2007.

CARVALHO, M. *O que é natureza*. Coleção primeiros passos, 243. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CARVALHO, I. C. M. de. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias de educação ambiental no Brasil*. – 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CASTOR, Suzy. *La Transición Haitiana: entre los peligros y la esperanza*. In Cuadernos de Pensamiento Crítico Latinoamericano, nº 7. Buenos Aires: CLACSO, Abril 2008.

CASTRO, D. (Orgs.). *Práticas para restauração da mata ciliar*. – Porto Alegre. Cartase – Coletivo de Comunicação, 2012.

CHAUI, M. *Cidadania cultural*. 1. Ed. São Paulo : Editora Perseu Abramo, 2006.

_____. *Convite à filosofia*. Ática, São Paulo, 1997.

Constitution de La République d’Haïti, 29 mars 1987: CEDH, 2002.

CORTINA, A. *Cidadãos do mundo: para uma teoria de cidadania*. (Trad. Silvana C. Leite). LOYOLA: São Paulo, 2005.

DENTZ, V. C. *Educação Ambiental, Epistemologia e o Problema dos Fundamentos*. Agathos (ASSEVIM), Brusque - SC, v. 2, n. 2006, p. 2, 2006.

De MELO, E. *Reflorestamento e recuperação de matas nativas*. Disponível em: <http://www.arvores.brasil.nom.br/textos/reflor.htm>. Revisado em 2008. Acessado em dezembro de 2012.

DESCARDES, J.R. *Dynamique vodou e droit de l’homme en Haïti*: 1999. Thèse (Doctorat) - Université de Paris I. (Pantheon-Sorbonne). 1999.

DESHOMMES, F. *Haiti uma nação esquartejada entre o plano americano e o projeto nacional*. Ed. Cahiers Universitaires, Port-au-Prince, 2006.

DIAS, D.G; BATTESTIN, C. *A Natureza da/na crise dos paradigmas no século XXI*. In: Sociedade, cultura e educação: Novas regulações. ANPEd, Caxambu-MG, 2009.

DIAS, G. F. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 9. Ed. – São Paulo : 2004.

DIAMOND J. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou sucesso*. Editora Record. Rio de Janeiro. São Paulo, 2005.

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA/dirigido por Robert Audi: (Trad. João P. Neto; Edwino A. Royer et al). São Paulo: Paulus, 2006.

DIEGUES, A.C.S. *Para uma aquicultura sustentável do Brasil*. São Paulo: Banco Mundial/FAO,2006.26. Disponível em: www.usp.br/nupaub/ acessado em 2010.

_____. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.

DOCUMENT ESTRATÉGIE NATIONAL POUR LA CROISSANCE ET LA RÉDUCTION DE LA PAUVRETÉ. DSNCRP (2008-2010). Novembro, 2007.

DUPRAS, G. *Ética e poder na sociedade da informação: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso*. 3ª ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2011.

DUSSEL, E. *20 Teses de política*. 1ª Ed. – Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.

EIDELWEIN, K. *Economia Solidária: a produção dos sujeitos (dês)necessários*. – Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

ETIENNE, S.P. *L'énigme haïtienne: échec de l'État modern en Haiti*. Memoir d'Encrier. Montreal - Québec, 2007.

FANON, F. *Peau Noire, Masques Blancs*. Paris: Editions du Seuil, 1952.

_____. *Les damnés de la terre*. Paris: Editions Gallimard, 1991.

_____. *Sociologie d'une révolution*. François Maspero. Paris, 1966.

FIRMIN, A. *De l'Égalité des races humaines: antropologie positive*. Mémoir d'encrier. Montréal, Québec, 2005.

Florestas Tropicais. Disponível em: <http://www.pt.mongabay.com/rainforests/>. Acessado em 2012.

FREIRE, P. *Cartas à Guiné Bissau: registros de uma experiência em processo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977a.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Pedagogia da esperança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FOLSCHEID, D. *Metodologia filosófica*. (Trad. Paulo Neves. 3ª ed.) São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GALEANO, E. *Haiti, racismo, civilização ocidental*. CMI Brasil, 2010.

GARCÍA, D.S. *Educación Ambiental: aportes políticos y pedagógicos en la construcción del campo de la educación ambiental*. 1º ed. Buenos aires, 2009.

GAUDIANO, E. *Revisitando la história de la educación ambiental*. In: Sauv , L.; Orellana, I. & Sato, M. (Orgs.) *Textos escolhidos em Educa o Ambiental: de uma América   outra*. Montreal: Publications ERE- UQAM, 2002, Tomo I.

_____. *Discursos ambientalistas y discursos pedagógicos*. In: Santos, J.E. & Sato, M. (Orgs.) *A contribui o da educa o ambiental   caixa de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001.

_____. *Centro y periferia de la educación ambiental: um enfoque antiesencialista*. México: Mundi Prensa, 1998.

GAUTHIER, J.O *coco do vento: metodologia da pesquisa sociopoetica e estudos transculturais*. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2012.

GIDDENS, A. *A política da mudança climática*. – Rio Janeiro: Zahar, 2010.

GORTE, A & BOUSQUEST, M. *Ha ti, terre d labr e: ecologie e dictature*. CRESPID: Port-au-Prince, 1989.

GOERGES, V. Fundador: <http://planeteayitim.com/leblog/2012>.

G TSCH, E. *Break-through in agriculture*. Rio de Janeiro: AS-PTA. 1995.

GRÜNER, E. *La oscuridad y las luces*. 1ª Ed. – Buenos Aires: Edhasa, 2010.

GUIMARÃES, M. *Educa o Ambiental Crítica*. In: *Identidades da educa o ambiental brasileira*. LAYRARGUES, P.P (Coord) Brasília: MMA, 2004.

_____. *Forma o de educador ambiental*. 5ª ed. São Paulo: Papirus, 2004.

_____. *Interven o Educacional*. In: FERRARO-JUNIOR, L. A. (Coord.). *Encontros e Caminhos: forma o de educadores(as) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educa o Ambiental, 2006.

GUATTARI, F & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Las Tres ecolog as*. (Trad. José V. Pérez y Umbelina Larraceleta). Pr -Texto, 1996.

_____. *As Três Ecologias/Félix Guattari*. Trad. Maria C.F. Bithencourt – Campinas, SP. Papirus, 1990.

GUETERRES, I. *Agroecologia militante*. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HAÏTI - *Environnement : 2 ans après, la reforestation est une priorité*: Disponível em: Haïti - Environnement : 2 ans après, la reforestation est une priorité. Acessado em fevereiro de 2012.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e meditações culturais*. (org). Liv Sovik; (Trad. Adelaine La Guardia Resende) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HARVEY, D. *Poblacion, recursos y La ideologia de la ciência*. Universidad Johns Hopkins, 1974.

_____. (2001). *The Condition of Postmodernity – An Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Cambridge MA: Blackwell (ed. original 1990).

HEIDEGGER, M. Que é isto – A filosofia? Trad. Ernildo Stein. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.21-40.

HIATT, S. (Org.) *O velho jogo do imperialismo: o mundo secreto dos assassinos econômicos e a rede global de corrupção*. Trad. Marta Rosas. – São Paulo: Cultrix, 2008.

HURBON, L. *El bárbaro imaginário*. Tradución de Jorge Padín Videla. Fondo de cultura econômico. México, 1993

_____. *O Deus da Resistência negra: o vodu haitiana*. Trad. Valdecy Tenório. São Paulo, Paulinas, 1987.

IBGE: *Mapa Mundi Interativo on line*. 2010. <http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>. Acessado em 2012.

INSTITUT HAITIEN DE ESTATISTIQUE E D'INFORMATIQUE (IHSI). Population total, population de 18 ans et plus, ménages e densité en 2009. Março, 2009.

JACOBI, P. *Educacao ambiental, cidadania e sustentabilidade*. Cadernos de Pesquisa. Sao Paulo, n.118, p. 189-205, marco, 2003.

JEAN-FRANÇOIS, H. “*Haití: cambio democrático y radiciones*” en OSAL (Buenos Aires: CLACSO) Año VIII, Nº 23, abril 2008.

JONAS, H. *El principio de responsabilidade: ensayo de una ética para la civilización tecnológica*. Barcelona, 1995.

_____. *(bio)ética e crítica à tecnologia*/ FONSÊCA Flaviano Oliveira. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

JUNGES, J.R. *(bio) Ética Ambiental*. – São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010.

LATORTU, F. *Le Peuple Haïtien ses droits et ses devoirs: ce que tout haitien doit savoir à la recherché des condition de progress*. Imprimeur, Port-au-Prince, 1998.

_____. *Ética Ambiental*. Vale do Rio dos Sinos: Editora Unisinos, 2004.

LAURENT, A. *Fogões eficientes no Peru*. Disponível em: <http://www.oeco.com.br>. Acessado em 2012.

LEFF, E. *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Blumenau: Ed. da FURB, 2000.

_____. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. "Pensar a complexidade ambiental". In: LEFF, E. (Org.). *A Complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003.

LEHER, R & SETÚBAL, M (Orgs). *Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis*. In: TISCHLER, S. *A forma classe e os movimentos sociais na América Latina*. São Paulo: Cortez, 2005.

LENOBLE, R. *História da idéia de natureza*. Colecao Perfil: História das idéias e do pensamento. Vol 1. Lisboa: ed 70, 2002.

LIMA, G. F. da C. "Questão ambiental e educação: contribuições para o debate". *Ambiente & Sociedade*, NEPAM/UNICAMP, Campinas, ano II, nº 5, 135-153, 1999.

_____. "O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação". *Ambiente & Sociedade*, NEPAM/UNICAMP, Campinas, vol. VI, nº 2, jul-dez, 2003.

LOUREIRO, C.F.B. *Sustentabilidade e Educação: um olhar da ecologia política*. – São Paulo: Cortez, 2012.

_____. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. (Orgs). *Educação Ambiental, Gestão Pública, Movimentos Sociais e Formação Humana – uma abordagem emancipatória*. São Carlos: RiMa Editora, 2009.

LOUIS-JUSTE, J. A. *Internacioal Comunitária: ONGs chamadas alternativas e Projeto de livre individualidade Crítica à parceria enquanto forma de solidariedade de espetáculo no Desenvolvimento de comunidade no Haiti*. 2007. 353 f. Tese (Doutorado em serviço social). Universidade Federal de Pernambuco. 2007.

LOWY, M. *Ideologias e ciências sociais*. Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *A teoria da revolução no jovem Marx*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LUTZENBERGER, J. *Garimpo ou gestão: crítica ecológica ao pensamento econômico*. Porto Alegre: Mais que nada na administração Cultural, 2009.

MACHADO, C. R.S et all (Orgs.). *A Cidade Sustentável – pesquisas e práticas*. Rio Grande: FURG, 2009.

MARINI, R. M. *Subdesarrollo y revolucion*. 5 edição. Siglo XXI Editores: México, 1974.

MARQUES, J.G. O Olhar (Des)Multiplicado. O Papel do Interdisciplinar e do Qualitativo na Pesquisa Etnobiologia e Etnoecologia. In: *Anais do I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudoeste*. UNESP/CNPq, 2001.

MENDEZ, J.M.M. *Educação intercultural e justiça cultural*. Trad. Antonio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO MC & Sanches. *Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?* *Caderno de Saúde Pública* 9(3):239-262. 1993.

MINC, C. *Ecologia e Cidadania*. – 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2005.

MOORE, C. O Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Freidrich Engel frente ao racismo e à escravidão.- Belo Horizonte: Nandyala; Uberlandia: Cenafro, 2010. (Coleção Repensando África, v. 5).

MORA, J.F. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

MORIN, E. (1996). *Ciência com consciência*. (M.D. Alexandre & M.A.S. Dória, Trads.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (Trabalho original publicado em 1982).

ODUM, E.P. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan. 2009

OLIVEIRA, A da R. *Por uma Educação-Filosofia/Filosofia-Educação*. In: DALBOSCO, Cláudio A., TROMBETTA, Gerson L., LONGHI, Solange M. (Orgs.). *Sobre filosofia e educação – Subjetividade – Intersubjetividade na fundamentação da práxis pedagógica*. Passo Fundo: UPF, 2004.

PALAVRA-CHAVE: *dicionário semibilíngue para brasileiro: francês / [organização Editora; traduzido por Andréa Stahel M. da Silva]*. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

PARISE, N (Coord). *Haiti: arte e resistência*. – Porte Alegre: Mundo Moinho, 2014.

PENEREIRO, F.M. *Fundamentos da agroflorestas sucessional*. Disponível em: <http://www.unigaia-brasil.org>. Acessado em novembro de 2012.

_____. *Sistemas Agrofloretais dirigidos pela sucessão natural: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. ESALQ/USP, Piracicaba. 1999.

POSEY, D. *Manejo da floresta secundária, capoeira, campos e cerrados (Kayapó)*. In: Suma Etnológica brasileira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes/FINEP. 1987

PORTO-GONÇALVES, C. W. *A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

PRICE-MARS, J. *Formation ethnique, folk-lore et culture du peuple haïtien*. Port-au-Prince, Haïti: Imprimerie N.A. Theodore, 1956, 2^e édition, 142

PROSPERE, R. *A Educação ambiental em Tempos de Crise: Desafios e propostas após a catástrofe haitiana*. 170 f. 2011. (Dissertação de Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental-FURG 2011.

_____. *et all. Para ler Paulo Freire por meio da estética da recepção, na condição de ambientalista*. In: Cardeno de Educação/Faculdade de Educação – UFPel. – Ano 18, n. 34 (set.-dez. 2009) – Ed. UFPel – Pelotas, RS.

_____. “O Haiti”- berço da negritude uma nação esquartejada. In.: PUC viva. Publicação acadêmica e informativa quadrimestral dos professores da PUC-SP. ISSN 1806–3667. Ano 11- nº 37. (Janeiro-abril 2010).

QUIJANO, A. *Colonialidad del Poder y Classificación Social*. *Journal of World-Systemas Resaerch*. VI, 2, Summer/Fall 2000, 342-386. (<http://jwsr.ucr.edu>), Acesso em de 2011.

REY, F.G. *Epistemología cualitativa y subjetividad.de subjetividad*. Editora PUC.SP. São Paulo. 1997

REIGOTA, M. *O que é Educação Ambiental*. 2. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 2009.

_____. *El estado del arte de la educacioón ambiental en Brasil. Tópicos en Educación Ambiental*. México, v. 4, n.11, p. 49-62, ago. 2002

RIBBE, C. *Os crimes de Napoleão*. Trad. S. Duartr. Editora RECORD: Rio de Janeiro. São Paulo, 2008.

RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação*. Lisboa-Portugal: Edições 70: 1976.

RIECHMANN, J. (Orgs). *Ética Ecológica*. Editorial Nordan-Comunidad. 2004.

RIVAS NETO, F. *Fundamentos herméticos de umbanda*. São Paulo: Ícone, 1996.

ROCHA, G. S. *Pense no Haiti, reze pelo Haiti*. São Paulo. Musa Editora, 1995.

ROSA, R. de Melo. *A construção da Desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais*. Disponível em: www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/.../article/.../297 -. acessado em Abril de 2009.

SALAS, A. R. *Ética intercultural: (re) leituras do pensamento latino-americano*. Trad. Dilneia T. do Couto e Jovino Pizzi. - São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

SANTOS, B. S. (Org). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. 3ª Ed. – Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SANTOS, M. E. V.M dos. *Que educação: para que cidadania? Em que escola?* [Tomo II]. 1 ed. – Edição: Santos-Edu, 2005.

_____.(Org.) *Epistemologia do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____.*Os processos da globalização*. In: SANTOS, B. S. (ORG.) *Globalização – fatalidade ou utopia?*Porto: Ed. Afrontamento, 2001.

SARTRE, J. P. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difel, 1963.

SAUVÉ,L. *La educación ambiental entre La modernidad y la post modernidad: em busca de un marco educativo integrador de referencia*. In: Sauv , L.; Orellana, I. & Sato, M. (Orgs.) *Textos escolhidos em Educa o Ambiental: de uma América   outra*. Montreal: Publications ERE-UQAM, Tomo I. 2002.

SATO, M. & CARVALHO, I.C.M. (Orgs). *Educa o Ambiental: pesquisa e desafios*.- Porto Alegre: Artmed, 2005.

SCHEINOWITZ, C. (Org.). *Haiti. 200 anos de distopias, di poras e utopias de uma na o americana*. Feira de Santa: UEFS, 2004.

SCHWEIRZER, A. *Cultura e  tica*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1953.

_____. *Filosofia de la Civilizaci n II. Civilizaci n y  tica*. Buenos Aires: Editorial SUR, 1962.

SEGUY, F. *A catástrofe de janeiro 2010, a “internacional Comunitária” e a recoloniza o de Haiti*. 2014. 399 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

SILVA, K. V. (Org.). *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

SINGER, P. *Introdu o   Economia Solidária*. 1ª. Ed. – São Paulo: Editora Funda o Perseu Abramo, 2002.

SORRENTINO, M. *De Tbilissi a Thessalonik: a educação ambiental no Brasil*. In: Quintas, J.S. (Org.) *Pensando e praticando a educação ambiental no Brasil*. Brasília: IBAMA, 2002.

SOUKAR, M. *La diasporat et le développement économique d’Haïti: défis et perspectives*. In.: BUTEAU. P. (Orgs). *Refonder Haïti? Collection Assai: Mémoire d’encrier- Montréal, Québec, 2010*.

SOUZA de FREITAS, A.L. *Conscientização. I: Dicionário Paulo Freire*. STRECK, D. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SOUZA, R.Timm de. *Ética como fundamento: uma introdução à ética contemporânea*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

STRECK, D. (org). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
_____. In. **Conscientização**. SOUZA de FREITAS, p. 99: Autêntica Editora, 2008.

TADDEO, C.E. *A Guerra não declarada na visão de um favelado*. 1ª Ed. São Paulo: C.E.T, 2012.

TEODORO, A. *Globalização e Educação: políticas educacionais e novos modos de governação*. São Paulo: Cortez, 2003.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 17.ed.- São Paulo: Cortez, 2009.

VEIGA, J. Eli de. *Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor*. – São Paulo: Editora Senac. SP, 2010.

VELASCO, S. L. *Introdução à Educação Ambiental ecomunitarista*. Ed FURG, 2008.

VICTOR, J.A. *Énergie et écodéveloppement de la République d’Haïti. Observatoire de la viabilité énergétique 2005/2006*. Disponível em: <http://www.helio-international.org/reports/index.cfm>. Acessado em 2012.

WARGNY, C. *Haïti/reconstrução: ainda muito longe da normalidade*. In: As razões da crise metropolitana: cidades à beira do colapso. Revista Le monde diplomatique-Brasil. Ano 2/n.13. Agosto de 2008.

ANEXOS



Eu à (direita) em 2011, durante a pesquisa de campo no Haiti em um encontro com os membros da cooperativa na cidade de Terrier - Rouge/CRT. São os futuros multiplicadores na campanha de reflorestamento na região Nordeste do Haiti.



Escutando os relatos de experiências dos cooperados, e eu explicando meu projeto de pesquisa.



Eu, no meio dos cultivos ou da produção dos cooperados.



Observando as produções.



A única fonte de fornecimento de água nas cisternas da cooperativa funciona somente quando há muito vento.



Em uma das cisternas ou reservatório que irrigam os cultivos, e tento explicar como pode se aproveitar também a água da chuva, para não faltar em momento de secas.

Tab.13 Espécies nativas precursoras para o reforestamento e sistemas agroflorestais no Haiti, família botânica e nomes populares no Haiti

<i>Cordia alliodora</i> (R & P.) Oken	Boraginaceae	Chêne caporao, guacimilla
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Cannabaceae	Le bois de soie
<i>Inga vera</i> Willd.	Fabaceae	Le sucrin ou poix doux
<i>Acacia macracantha</i> Hump. & Bonpl.ex Willd.	Fabaceae	L'acacia
<i>Acacia tortuosa</i> (L.) Willd.	Fabaceae	Bayahonde rouge
<i>Acacia scleroxyla</i> Tuss	Fabaceae	Candelon, dendracayo
<i>Samanea saman</i> (Jacq.) Merr.	Fabaceae	Saman ou gouannegoul
<i>Lonchocarpus latifolius</i> (Willd.) DC	Fabaceae	Battre à caïman
<i>Lonchocarpus domingensis</i> (Turp.)	Fabaceae	Bois caïman
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Malvaceae	Dois d'orme, guácima
<i>Ochroma pyramidale</i> (Cav. ex Lam.) Urban	Malvaceae	Balsa
<i>Cedrela odorata</i> L.	Meliaceae	Cèdre
<i>Trichilia hirta</i> L.	Meliaceae	Mombin bâtard
<i>Pinus accidentalis</i> Sw.	Pinaceae	Pin
<i>Phyllostylon brasiliense</i> Capan. ex Benth. & Hook. F.	Ulmaceae	Bois blanc

Fonte: Sugestão do parecer escrito do prof. Dr. Geraldo Ceni Coelho pós defesa.

LISTA DE ABREVIATURAS

MEC- Ministerio de Educação e Cultura
FURG- Universidade Federal do Rio Grande
PPGEA- Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
IE- Instituto de Educação
PROPESP- Pró-Retória de Pesquisa e Pós-Graduação
EA- Educação Ambiental
CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

LISTE DES ABREVIATIONS (Francês)

BAC: Bureau Agricole Communal
BCA: Banque de Crédit Agricole
BID: Banque Interaméricaine de Développement
BRH: Banque de La République d' Haïti
CNSA: Coordination National de La Sécurité Alimentaire
CUMA: Coopératives d'Utilisation de Matériels Agricoles
CTR: Cooperatif de Terrier-rouge
DDA: Direction Departementale Agricole
DSNCRP: Document de Stratégie National pour la Croissance et pour la réduction de La Pauvreté
FAO: Organisation des Nations Unies pour l'Agriculture et l'Alimentation
FMI: Fonds Monétaire International
GTA: Groupe de Travail sur l'Agriculture
IICA: Institut Interaméricain de Coopération en Agriculture
INARA: Institut National de La Réforme Agricole
MARNDR: Ministère de l'Agriculture des Ressources Nationales et du Développement Rural
MCI: Ministère Du Commerce et des Finances
MCL: Mobilisation Communautaire Local
MEF: Ministère de l'Économie et des Finances
MUNISTAH: Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti
ONG: Organisation Non Gouvernementale
OP: Organisation Paysanne
OPA: Organisation Professionnelle Agricole
PAM: Programmes Alimentaire Mondial
PIB: Produit Intérieur Brut
SAGE: Sécurité Alimentaire et Gestion durable de l'Environnement

Equivalence monétaire-Equivalência Monetária

1USD = 47, 50 Gourde (HTG) (ano 2014)